

*Você teria coragem de viver um novo amor
depois de passar por uma grande tragédia?*

Quando
dois corações
se encontram

CLARA BENICIO



QUANDO DOIS
CORAÇÕES SE
ENCONTRAM

Clara Benicio

QUANDO DOIS
CORACÕES SE
ENCONTRAM

Você Teria Coragem de Viver um
Novo Amor Depois de Passar
por uma Grande Tragédia?



Copyright © 2018 Clara Benicio.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2018.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Bárbara Parente

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Benicio, Clara

Quando dois corações se encontram / Clara Benicio. – São Paulo: Jangada, 2018.

ISBN: 978-85-5539-111-8

1. Ficção brasileira I. Título.

18-15575

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1ª Edição digital 2018

E-ISBN: 978-85-5539-111-8

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

• PRÓLOGO •

O CADERNO

*Eu corro, fujo desta sombra
Em sonho vejo este passado
E na parede do meu quarto
Ainda está o seu retrato.*

– Tim Maia e Edson Trindade,
“Gostava Tanto de Você”.

A vida não é fácil. Essa frase é até um clichê, de tanto que é dita. As pessoas a repetem para si mesmas durante toda a existência, convencidas de que a vida não é mesmo fácil, e ela de fato pode não ser. Então, a frase é verdadeira. Desanimadora, mas verdadeira, embora isso não diminua o desejo de viver.

Minha vida em particular tem uma dose extra de drama, o que a torna um pouco menos fácil ainda. Assim, para que se entendam essas minhas conjecturas desconexas, e até aqui ininteligíveis, vou dividir minha existência em duas partes.

A primeira parte diz respeito a um período de extrema felicidade, que culminou na minha morte. Calma! Não se trata de

morrer de verdade. Não morri de fato, fisicamente. Estou viva. Mas falo da morte interior, daquela ausência de tudo, da desesperança e total impossibilidade de dar sentido à existência, essa que é nosso maior presente de Deus.

E em seguida vem a outra parte, aquela em que precisei morrer para renascer. Mas antes preciso falar como cheguei aqui, como resolvi dizer o que senti depois do fim, para poder entender e aceitar que não é possível mudar vários acontecimentos da vida, que muita coisa está além da nossa vontade. Contudo é possível mudar o foco, entender a dor, senti-la até o limite das forças, até que não se tenha mais nada para sentir, nem lágrimas para chorar, para então, por fim, mudar – não os acontecimentos, mas internamente, alterando o rumo e partindo em direção a uma nova vida.

Dito isso, posso afirmar que minha mudança começou a partir deste ponto, quando ganhei de presente um caderno de minha irmã e ela me aconselhou a registrar nele meus sentimentos, sugerindo até que eu me apresentasse a ele. Achei ridículo, claro, falar com um caderno! Mas minha irmã, Melissa, que é psicóloga, fez um trato comigo: pediu que, antes de desistir de tudo, eu aceitasse a companhia dela, por tempo integral, pelo período de um mês, e que aceitasse o caderno também, como se ele fosse um novo amigo. Resolvi aceitar o trato; não tinha mais nada a perder.

– Oi, eu sou Yasmin. Tudo bem com você? – eu disse com um sorriso triste, rindo da situação, de estar falando com um caderno. Não era ruim, confesso, apenas estranho. Mesmo sorrindo, minhas lágrimas molhavam o papel e borravam de azul as letras da minha péssima caligrafia. – Bem, parece que vamos passar um tempinho juntos, então queria me apresentar. Mas vou logo dizendo que não sou uma boa companhia, pelo menos agora. Sou chorona, chata e atualmente não estou muito pra conversas. Mas vou tentar ser sincera com você, como estou sendo agora, e aceitar sua

companhia por esse tempo. Espero que sejamos bons amigos. Desculpa por ainda não conseguir parar de chorar, por encharcá-lo com minhas lágrimas toda vez que tento dizer algo sem conseguir; desculpa por ainda não ter desistido de desistir. Mas você sabe que a dor é muito profunda, e ela ainda está aqui dentro, inteira, consumindo minha vida.

Melissa disse que isso vai passar, falei a mim mesma. Acredito na minha irmã, nunca duvidei dela. Amanhã a gente vai viajar e a nossa primeira parada é o mar. Sempre gostei do mar, sempre gostei da calma que ele transmite quando se olha para a linha do horizonte, quando se fica observando seu balanço, suas ondas se quebrando na praia, o céu se encontrando com a água; não há como não sentir paz.

Espero sinceramente que o mar possa me trazer um pouco de paz, ela que anda tão ausente em mim. Espero que ele me ajude a enfrentar minha guerra particular. Sei que não é o bastante, mas estou fazendo o melhor que posso... para não sucumbir ao desespero.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prólogo. O caderno

Capítulo 1. Encontrei você

Capítulo 2. Impossível parar de pensar

Capítulo 3. Bodas de pérola

Capítulo 4. Perfeito

Capítulo 5. Eu e você

Capítulo 6. Marido e mulher

Capítulo 7. Nossa vida

Capítulo 8. Mudança

Capítulo 9. Silêncio

[Capítulo 10. Sem você aqui](#)

[Capítulo 11. Despedida](#)

[Capítulo 12. Tempestade](#)

[Capítulo 13. Pesadelo](#)

[Capítulo 14. Saudade de você](#)

[Capítulo 15. Diário de viagem](#)

[Capítulo 16. Pé na estrada](#)

[Capítulo 17. Velejando](#)

[Capítulo 18. Reencontro](#)

[Capítulo 19. Desconhecido](#)

[Capítulo 20. Caminho de volta](#)

[Capítulo 21. Decisão](#)

[Capítulo 22. De malas prontas](#)

[Capítulo 23. Um outro alguém](#)

[Capítulo 24. Sua presença](#)

[Capítulo 25. Mal-entendido](#)

[Capítulo 26. A melhor das intenções](#)

[Capítulo 27. Paixão à primeira vista](#)

[Capítulo 28. Medo de ser feliz](#)

Capítulo 29. Ainda vejo aquela moça triste

Capítulo 30. Acho que amo você

Capítulo 31. O tempo e a saudade

Capítulo 32. Adeus

Capítulo 33. Sou louca por você

Epílogo. Dois corações

Agradecimentos

• CAPÍTULO 1 •

ENCONTREI VOCÊ

*Foi então
Que da minha infinita tristeza
Aconteceu você
Encontrei em você a razão de viver
E de amar em paz*

– Vinicius de Moraes,
“O Amor em Paz”.

Sempre fui uma garota comum. Na escola nunca fui a melhor da sala, nem presidente de grêmio estudantil, nem rainha ou *miss*, nem bonita, nem feia. Nunca me destaquei em nada nem fui alguém popular. Mas não quero dizer que isso fosse algo ruim. Na verdade, eu jamais quis chamar a atenção, por isso ser meio invisível era perfeito, porque queria ser espectadora, talvez uma observadora da alma humana, e não dá para fazer algo assim quando todo mundo está olhando para você.

Libriana em todos os sentidos, sempre fui uma manteiga derretida, chorando por tudo, e tinha dúvidas, várias delas: sobre

escolhas, sentimentos, a vida.

Para se ter uma ideia, quando era criança, eu queria ser bailarina ou professora, mas acabei me tornando administradora e trabalhando em um banco. Não sei até hoje se escolhi a profissão certa, embora saiba que seria uma péssima bailarina, já que não levo o menor jeito para a dança; talvez eu tenha dois pés esquerdos, de tanto que tropeçam um no outro. Sempre foi assim, desde criança, e era Melissa quem cuidava de mim, quem me levantava quando eu caía, o que acontecia constantemente.

Pois é, Melissa e eu sempre fomos diferentes. Mel era mais resolvida, alegre, rodeada de amigos e disposta a ajudar as pessoas. Tinha força para si e ainda para oferecer a quem precisasse. Melissa não era só a irmã perfeita ou alguém que eu amava acima de tudo – era também um ser humano incrível, especial em cada detalhe. Era constituída de uma essência toda sua; não existem outras Melissas andando por aí. Então, só tinha que agradecer a presença dela em minha vida.

Apesar de ser diferente de minha irmã e, claro, de não ser nada especial como Mel, eu não tinha do que reclamar. Não era uma pessoa infeliz ou triste; era apenas diferente, um pouco mais reservada, mas feliz à minha maneira.

Também nunca me faltou um amigo, pois, além daqueles não muito próximos, eu tinha Talles, meu querido amigo de infância, o irmão que escolhi. O fato é que não gostava de fazer amizade com todo mundo, como Mel; eu era mesmo mais reservada com os relacionamentos e costumava escolher a dedo em quem podia confiar para entrar em minha vida. E, com certeza, podia confiar em Talles.

Isso, talvez, tenha dificultado minha situação nos piores momentos da vida, uma vez que se dedicar exclusivamente a uma pessoa deixa você sem opções quando ela não está mais por perto.

– E aí, pronta para a festa? – perguntou Melissa, entrando no quarto.

Ainda dormíamos juntas, dividíamos o mesmo quarto. Levávamos uma vida modesta, sem luxo mas confortável, e nunca achei que precisasse de mais do que isso para ser feliz. Eu adorava a vida que tinha, na verdade.

Eu estava quase terminando a faculdade e Mel já era formada naquela época. Tínhamos sete anos de diferença, mas não notávamos isso; nos entendíamos muito bem.

Logo Melissa sairia de casa, pois estava noiva de Jorge, com casamento marcado para dali a alguns meses. Então, tentávamos curtir ao máximo a companhia uma da outra. Mas sabíamos que, com a vida adulta, e agora com o casamento, acabaríamos nos afastando um pouco, era natural. Ela teria a casa dela, a família dela, e eu certamente ficaria um pouco mais sozinha. Mas era algo que já esperávamos e seria uma boa experiência. Apesar disso, continuávamos cuidando uma da outra, e isso nunca seria diferente.

– Sim, estou pronta. Papai e mamãe merecem essa festa de bodas. Sua ideia foi ótima, Mel. Tenho certeza de que vai ser lindo. E para a festa, já está tudo pronto? Com essa loucura de final de faculdade, não tenho tido muito tempo para ajudá-la com os preparativos.

– Está, sim, não se preocupe. Mas deixei algo para você fazer. Queria um toque especial seu também.

– O quê?

– As flores. Está marcado para hoje à tarde, às dezessete horas. A florista vai estar esperando, para você escolher as flores da cerimônia.

– Sério?! Você não devia ter feito isso. As flores são muito importantes e não sei se vou saber escolher a flor ideal para a ocasião. É muita responsabilidade, Mel!

– Tenho certeza de que vai saber, sim. E mamãe faz questão de que você escolha. Ela confia na sua sensibilidade. E então, vai poder ir?

– Está bem, eu vou.

Um pouco antes das dezessete horas, peguei o carro de papai e me dirigi à floricultura. O entardecer ainda ensolarado da minha bela cidade de Fortaleza certamente era uma ótima ocasião para escolher flores, pensei.

Cheguei um pouquinho atrasada ao endereço que minha irmã me passara, meio afastado do burburinho da idade, e percebi que não se tratava de uma loja comum. O lugar mais parecia um sítio sofisticado e de muito bom gosto. De acordo com o folheto explicativo à entrada, eles não só vendiam, mas cultivavam espécies também. E só atendiam com hora marcada. Por isso tive receio de não encontrar mais ninguém ali, devido ao meu atraso. Quando cheguei à porta, porém, vi que estava aberta. Entrei.

Ao correr os olhos pela recepção, notei uma pessoa no balcão e me aproximei.

– Boa tarde – cumprimentei o jovem atendente.

– Boa tarde. Você deve ser Melissa. Suzana me falou que viria – disse ele, muito atencioso.

– Não. Melissa é minha irmã. Eu sou Yasmin. Ela pediu que eu viesse no lugar dela para escolher as flores.

– Me desculpe. Ela só mencionou o nome Melissa. Bem, Yasmin, estou à disposição para ajudá-la, caso precise de alguma dica com as flores.

– Tudo bem, você não tinha como saber. E, com certeza, vou precisar de ajuda. Não sou muito boa nesse negócio de decoração para festas. Melissa é que é mais ligada nessas coisas – eu disse, lançando um sorriso meio tímido ao rapaz que me olhava com curiosidade, talvez por eu parecer sem jeito e deslocada naquele

ambiente repleto de flores. Eis algo que era bem comum em mim: me sentir deslocada. E, reparando agora, o rapaz era muito bonito, com um sorriso sincero.

– E por que você veio no lugar da sua irmã?

– Ela queria a minha participação, ainda que pequena, na festa de bodas de pérola dos nossos pais. Ela acha importante. E acha também que eu vou saber escolher as flores. – Sorri novamente para o rapaz, ajeitando os óculos no nariz. Ele retribuiu com um sorriso de canto de boca.

– E você não acha?

– Sim, acho. Mas fico preocupada de não dar conta do recado. Afinal, essa festa é muito importante. Nossos pais merecem essa comemoração. Eles se amam muito e esse amor nunca mudou. Acho que posso chamar o amor deles de amor eterno. Mas estou no último ano da faculdade e acabei ficando sem tempo para ajudar, deixando tudo por conta de Melissa.

– Mas me parece que Melissa tem razão quando disse que você vai saber escolher as flores – falou o rapaz, com toda a convicção, parecendo orgulhoso do que havia concluído.

– Por que você acha isso? – Fiquei curiosa, ao mesmo tempo em que achava muito estranho estar ali conversando com alguém que eu nem conhecia; aquilo era uma grande novidade para mim. Nunca fui muito de puxar conversa, mas ali, naquele lugar, estava me sentindo completamente à vontade com alguém que jamais tinha visto antes, embora ele parecesse entender – ou querer entender – meu jeito de ser. Ele também parecia à vontade e disposto a ouvir minha história sem graça. Ouvia-me com interesse, como se quisesse realmente saber, e não agindo só por educação ou obrigação. Não seria sincera se dissesse que não gostei do que vi ali.

– Porque uma pessoa que acredita em amor eterno tem a sensibilidade necessária para escolher as flores que vão celebrar

esse amor. Com certeza, você é a pessoa certa para fazer isso.

– Eu te agradeço, então.

– Pelo quê?

– Por me fazer acreditar nisso.

– Não há o que agradecer. Só fui sincero.

– Eu estava muito insegura, mas agora sinto que posso tentar sem errar feio – eu disse, mais confiante. Ele sorriu satisfeito, um lindo sorriso outra vez. – Mesmo assim, vou precisar da sua ajuda. Ainda não estou totalmente convencida de que não vou estragar tudo.

E rimos juntos da minha insegurança.

– Mas você não disse isso só porque é sua função, né? Convencer o cliente a levar as flores – eu disse, para em seguida me arrepender. O rapaz tinha sido tão simpático e eu estava sendo grosseira com ele.

– Com certeza, não. Na verdade, essa não é a minha função. Nem trabalho aqui. Só estou dando uma força à minha amiga, Suzana, que ficou resfriada. Ela ia fechar a loja hoje, mas me ofereci para ajudá-la. Suzana é muito gente boa e eu estava com tempo livre hoje.

– Nossa! Agora fiquei envergonhada. Me desculpe pela minha antipatia. Você foi tão gentil comigo e eu retribuí com desconfiança. Não foi legal. Por favor, me desculpe.

Vendo o quanto eu estava sem jeito, ele logo tratou de mudar de assunto.

– Está perdoada. Não gostaria de conhecer as flores agora?

– Conhecer? Você fala das flores como se fossem pessoas – eu disse, achando graça.

– Eu não diria “pessoas”, mas as flores têm personalidade. São seres vivos que alegam, perfumam, colorem e enchem de vida um ambiente.

– Bem, você pode até não ser vendedor de flores, mas com certeza é perfeito para isso – falei, admirada com o ardor das

palavras daquele rapaz, sem conseguir desviar o olhar dele. Era raro isso acontecer comigo, simpatizar de cara com alguém. De um modo inexplicável, eu já gostava dele, do magnetismo que ele emanava. Tentei desviar o olhar.

- Sentiu isso? - perguntou ele, e não entendi.

- O quê?

- Nada. Bobagem. Uma espécie de eletricidade no ar. Não sei, só uma sensação boa. - Ele parecia surpreso também. - Deixa pra lá. Vem cá que vou te apresentar as flores e aí você escolhe.

- E como faço isso? Não sei que flor combina com a ocasião.

- Não se preocupe, você vai saber. Elas vão escolher você. Confie, relaxe e se deixe encantar pelo momento da escolha. Assim saberá qual a flor certa. A quantidade nós definimos aqui, basta escolher.

- Está bem, vou confiar em você e nos meus instintos. Por onde começo?

- Pense primeiro no ambiente, no horário dos votos e na personalidade das pessoas mais próximas, nos sentimentos deles. - Ele falava enquanto andávamos pelo salão florido, até a parte dos fundos da loja. - Agora vou colocá-la diante das flores - disse, me mostrando um canteiro com várias espécies. Eu me sentia tomada por uma forte emoção só de estar ali diante daquele mar de flores.

- Feche os olhos. - Ele colocou as mãos em meus olhos, fechando-os, e, ao toque dele, senti certa eletricidade no ar, a mesma que ele havia mencionado há pouco, e estranhei. - Concentre-se no que falei e sinta também o aroma das flores. Pense naquilo que seus pais gostariam e que você gostaria para eles na celebração. Está pronta?

- Sim. - Ele tirou as mãos dos meus olhos, mas não os abri. Fiquei um tempo concentrada na tarefa. Ele mantinha silêncio, embora eu soubesse que estava ao meu lado. Eu sentia, mesmo sem entender direito, o calor de sua presença.

Nesse momento, abandonei todos os pensamentos e me deixei encantar pelo fato de estar ali, cercada de flores. Era um ambiente de muita paz aquele. O aroma era delicioso, e comecei a pensar em meus pais, em minha mãe, principalmente, pois sabia que para ela aquela celebração era a coroação de uma vida de amor e felicidade.

Minha mãe era romântica, por isso a comemoração era sem dúvida mais especial para ela, que se dedicara por completo à vida de casada, à criação das filhas, aos cuidados com o marido que amava. Desde o casamento, ela sempre fora dedicada ao lar; nunca havia trabalhado, mas sempre dizia que cuidar da família era seu ofício e que gostava de fazê-lo bem-feito.

Portanto, eu precisava pensar nela primeiro, naquilo que gostaria de ver presente naquele momento tão especial. Lembrei que ela amava rosas, de preferência aquelas de tom mais escuro, quase vinho. Pela primeira vez parei para pensar no meu gosto também, se eu gostava de algum tipo de flor, e lembrei que as gérberas sempre me chamavam a atenção, pelo colorido, frescor, alegria e beleza. Abri os olhos.

– E então, o que você sentiu? – perguntou o rapaz, como sempre sorrindo, agora parecendo ansioso para saber o que eu havia sentido.

– Você não prefere saber qual flor eu escolhi? Não seria essa a pergunta?

– Pensando de modo objetivo, sim, mas gostaria antes de saber como foi a experiência. Seu rosto é enigmático – disse, como se percebesse que eu não gostava de deixar transparecer minhas emoções.

– Amor. Senti amor ao fechar os olhos e me lembrar de minha mãe, do seu doce semblante e de sua dedicação à família. E me senti bem, em paz, não sei explicar. Mas o contato com as flores, o aroma delicioso e sua beleza, ao abrir os olhos... – Eu olhava direto

nos olhos dele, que parecia maravilhado com o que eu falava –, tudo isso me passou muita tranquilidade. Foi incrível. Obrigada!

– Eu é que agradeço. Sabe, foi muito gratificante para mim também poder mostrar a estufa a você. As pessoas geralmente entram aqui agitadas com o mundo lá fora e não se deixam encantar por este lugar tão bonito. Mas você agiu diferente, se deixou levar pelo encantamento, e eu gostei muito... de você. Quer dizer, da situação... – Ele tentou se corrigir e eu sorri diante do jeito atrapalhado dele, mas nada comentei.

– Acho que agora já posso escolher as flores.

– Claro, claro! – disse ele, voltando a se concentrar no trabalho. – No que você pensou? Alguma flor em especial?

– Bem, minha mãe gosta muito de rosas, são as preferidas dela, e num tom vermelho-escuro, quase vinho.

– Certo. São muito bonitas mesmo. Me deixe mostrar o que temos aqui. – E ele me levou a outra parte da loja, onde havia muitas rosas de tons variados. – O que acha destas? – Olhei para as lindas rosas graúdas, úmidas pelo sereno, pois já era quase noite. “Que lindas!”, pensei.

– Adorei – respondi. – Mas preciso de muitas e aqui não tem uma grande quantidade.

– Eu sei. Estas rosas são da reserva particular da minha amiga. As que vão para o casamento não são estas; são as do cultivo, que vêm da serra. Mas não se preocupe, são lindas e no mesmo tom das que você escolheu aqui.

– Está bem, então.

– Serão só rosas? Você não quer conhecer outras flores, alguma do seu gosto, para complementar?

– Gosto de gérberas. Acho as gérberas alegres.

– As gérberas simbolizam o amor e a amizade, e, se a cerimônia for ao ar livre, acho que vão ser perfeitas para acompanhar as rosas.

– Sim, será ao ar livre, numa casa de praia onde faremos uma celebração à beira-mar. Meu pai sempre gostou de velejar e resolvemos dar esse presente a ele: um casamento à beira-mar.

– Ah, o casamento na praia é o dos seus pais?

– Sim, mas por que a pergunta? Você fala como se soubesse...

– É que nós vamos servir.

– Nós?

– O serviço de bufê da minha família. Não sabia que seria o casamento dos seus pais; sabia apenas que nossa empresa tinha uma cerimônia na praia este fim de semana.

– Parece que vamos nos ver novamente... – eu disse, me sentindo inexplicavelmente feliz, embora ridícula também, por me sentir assim por causa de um desconhecido.

– É possível. – Ele me olhou sorrindo, como se percebesse meu contentamento, mas foi cavalheiro e nada comentou. – Vou fazer até o impossível para estar lá – disse, mas sem se estender. Ainda assim, parecia que estávamos flertando, algo bastante inusitado vindo de mim, mas gostei. Eu queria aquilo. Ele ficou em silêncio por alguns segundos e depois complementou, já mudando de assunto: – A ideia foi muito boa, da cerimônia na praia, quero dizer. Vai ser um evento inesquecível, tenho certeza.

– Tomara. Eles merecem. – Também resolvi mudar de assunto. – Posso saber o seu nome? A gente está aqui conversando e eu nem sequer sei o seu nome.

– Samuel. Mas pode me chamar de Sam.

– Está bem. Então, Sam, você não gostaria de me apresentar mais algumas flores? – Sorrimos juntos.

– Claro! – concordou ele, já me conduzindo para uma outra parte do canteiro, um lugar onde havia plantas mais campestres, não ornamentais. Eu adorei, pois era o que eu mais queria ver.

– Esta parte do canteiro é perfeita! – falei, maravilhada.

- Eu sei. Também gosto muito daqui - disse ele, me olhando com cumplicidade, mas desviei o olhar, voltando a me concentrar nas flores. Fiquei assim, observando as lindas plantas campestres, e ele apenas me seguiu. Parei diante de algumas flores brancas, pequenas e perfumadas, e as toquei, me aproximando. Depois aspirei seu perfume, encantada.

- Eu gosto destas.

- As minhas preferidas. Jasmim-bogari. - Arregalei os olhos, surpresa com o nome da flor, que era o mesmo que o meu. - Delicadas, reservadas, de beleza natural, além de perfumadas - falou, olhando para mim; sabíamos que ele não falava apenas da flor. - E podem ser usadas também na confecção do buquê da noiva. Acho que sua mãe iria gostar de levar um buquê com flores que têm o nome da filha dela.

- Acho que sim. E acredito que eu já tenha concluído a tarefa aqui. Serão estas, então: rosas, gérberas e jasmims, que, se você puder, gostaria sim que fossem usadas num buquê para minha mãe.

- Claro que sim.

- Obrigada, Sam. Você foi muito paciente e gostei muito de conhecê-lo. Em geral não sou assim; sou fechada, não tenho muitos amigos, mas foi legal você ter me deixado tão à vontade, ter transformado essa tarefa, que considerava estressante, em algo tão agradável. Achei que não fosse dar conta do recado... Sabe, fiquei curiosa sobre um detalhe.

Nesse momento, parei de falar, me dirigindo ao lugar por onde tínhamos entrado. Eu já estava de saída, pois tinha outro compromisso. Precisava ir, mesmo querendo ficar mais e desejando conhecer melhor aquele rapaz que havia sido tão simpático e educado comigo. Com certeza, ficaríamos amigos se pudéssemos nos encontrar de novo.

- Você precisa ir - concluiu ele, vendo que eu me encaminhava para a saída.

- Sim, tenho um compromisso na faculdade.

- Você ficou curiosa sobre o quê? - Ele se lembrou da minha pergunta.

- Como você pode entender tanto assim de flores, se falou que não trabalhava aqui, mas tinha um serviço de bufê? É no mínimo curioso...

- Sou agrônomo - disse ele, me interrompendo; depois continuou: - Amo as plantas e, sempre que posso, dou uma força aqui para minha amiga Suzana. Assim, posso ajudá-la e ter mais contato com a natureza também. Trabalho em um projeto na faculdade, mas nada se compara a isto. - Ele falava com paixão do seu amor pelas plantas e aquele entusiasmo me tocou. Queria perguntar mais, mas já estávamos na porta e eu precisava realmente ir embora.

- Seu amor pelas plantas é contagiante. Gostaria de poder saber mais, mas preciso ir, Sam.

- Eu sei. E também gostaria de ver você outra vez - disse, captando o que eu havia falado segundos antes, de forma diferente. - Nos vemos no casamento, então?

- Sim. É só isso? Não tenho que fazer mais nada, assinar nenhum papel, passar o cartão de crédito? - Ele riu do meu jeito de tentar tornar natural aquele momento de despedida. Não sabíamos se nos veríamos de novo; queríamos, mas não tínhamos certeza, e nunca desejei tanto na vida conhecer alguém como queria conhecer aquele rapaz.

- É só isso, sim. O resto é com a gente. Você só precisava escolher. Sua irmã, Melissa, já deixou um pacote pago e ficou de passar só para escolher as flores. Mas que bom que ela não veio e pude conhecer você.

Ficamos em silêncio por um segundo, depois trocamos um aperto de mão, despedindo-nos daquele instante mágico nas nossas vidas. Misteriosamente, já senti saudade, mas uma saudade boa, porque tinha a impressão de que nos veríamos de novo, mesmo não tendo certeza disso. Aquele encontro não poderia ser um acaso.

- Também gostei muito de conhecer você, Sam - confirmei, olhando ternamente dentro dos olhos dele. - Nos vemos no casamento. - Sorrimos um para o outro. Soltei a mão dele, acenando em seguida, e parti.

• CAPÍTULO 2 •

IMPOSSÍVEL PARAR DE PENSAR

*Depois que nos encontramos
eu esqueço todo tempo
que fiquei sem te ver
Fora tanto que eu me perco
fora tudo mais que eu penso
eu só penso em você.*

– Kid Abelha, George Israel e Paula Toller,
“Eu Só Penso em Você”.

Sem entender por que, eu estava muito feliz. Segui para a faculdade com um sorriso nos lábios, sem conseguir parar de pensar no rapaz da floricultura.

Aquele ano de 2003 estava sendo para mim muito corrido. Estava me formando e começando a trabalhar também, pois já havia fechado contrato com o banco da cidade; logo seria uma bancária.

Também era o ano de comemoração de trinta anos de casamento dos meus pais, e tudo estava uma loucura, sem que eu tivesse tempo para nada. Por isso, encontrar Sam me fez parar um pouco,

acalmou meu coração e me deixou em paz. Não sabia se o veria novamente, mas torcia para que ele estivesse presente na festa das bodas, como prometera, dizendo que faria até o impossível para estar presente. Intenso. Sam definitivamente era intenso, e isso me agradava.

Corri pelos corredores da faculdade, apressada. Queria chegar em casa e contar a novidade para Mel e Talles. Eles eram as duas únicas pessoas no mundo para quem eu contaria que estava interessada em alguém.

Eu e Talles estudávamos na mesma faculdade e nos divertíamos muito durante o tempo em que estávamos ali. Com certeza, sentiria saudade, mas uma saudade boa. Ele estava se formando em Artes Plásticas, e eu, em Administração – cursos bem diferentes, e poderia dizer também que éramos pessoas bem diferentes. Mas a amizade é assim mesmo: o amor mais puro, que existe em completa harmonia mesmo nas diferenças, entre pessoas com propósitos de vida distintos, porém semelhantes na alma e no coração.

Talles sempre foi uma pessoa de bom coração. Meu melhor amigo era aquele tipo de ser humano em completa harmonia com o Universo, meio zen, sem religião específica, mas um estudioso de todas elas, muito espiritualizado. Curtia música alternativa, era vegetariano e tinha uma banda, formada por amigos que gostavam das mesmas coisas que ele. E, se não fosse nossa afinidade de alma, eu seria uma estranha no mundo dele, já que vivíamos em universos opostos. Porém, não ocorria isso com a gente: quando estava com ele, eu me sentia também em casa. Talles sempre fez com que me sentisse assim, em equilíbrio entre nossos dois mundos.

Depois da formatura, Talles se mudaria para outra cidade. “Vou morrer de saudade, claro”, pensava comigo mesma. Mas ele estava tão feliz com a bolsa de Mestrado que conseguira na Universidade

de São Paulo, para estudar História da Arte! Eu tinha que estar feliz por ele, mesmo que ficássemos distantes, porque sabia que Talles estaria bem, e isso era o mais importante.

Quando estava quase saindo da faculdade, resolvi ligar para meu amigo, pois tinha achado que o encontraria, mas ele não apareceu. E fui logo falando, antes mesmo de ele dizer qualquer coisa ao atender o celular:

- Por que você não veio para o fechamento da colação de grau, Talles?

- Desculpe, mas não deu, Yasmin. Conversei hoje com a faculdade, em São Paulo, e vou ter que ir imediatamente. É provável que eu cole grau antecipado.

- Sério?! Então não vamos estar juntos no dia da formatura?

- Acho que não. Mas ainda não tenho certeza. Não falei nada antes porque acabei de saber, mas já ia ligar pra você.

- Tudo bem, meu amigo, não tem problema. Fico feliz por você. Mas vai estar na praia no fim de semana, não vai?

- Claro. Vou ainda no sábado. E, se sua mãe permitir, quero cantar para ela. A banda toda vai, Yasmin.

- É claro que pode, Talles. Minha mãe adora você, e tenho certeza de que esse vai ser um momento especial da festa. Obrigada, querido.

- De nada. Nos vemos na festa, então.

- Está bem. Encontro você lá. Beijo.

- Beijo.

Cheguei em casa cansada e Mel ainda não havia voltado da clínica de psicologia. Tomei um banho e fiquei lendo um pouco. Depois de um tempinho, adormeci, mas fui acordada depois por Mel, me perguntando como havia sido na floricultura, se estava tudo certo para a festa no fim de semana.

- Oi, Mel. Que horas são? Acabei pegando no sono - disse, sonolenta.

– Nove e meia. E aí, me conta: como foi na floricultura? Gostou da Suzana? Ela é bem legal, né? Disse que eu podia ficar tranquila, que ela ia ajudar na escolha das flores. – Mel estava ansiosa.

– Foi ótimo, deu tudo certo. Mas não conheci a Suzana.

– Como assim, não conheceu? Ela disse que cuidaria de tudo. Confiei nela.

– Calma, Mel! Ela não estava lá porque estava doente, mas deixou um amigo para substituí-la. Não quis desmarcar com você.

– E como foi com essa pessoa, ela ajudou você? Espero que não tenha escolhido girassóis para a cerimônia dos nossos pais – falou, já se deitando ao meu lado na cama.

– Não, não escolhi girassóis. Mas, a propósito, o que você tem contra os girassóis? São flores lindas, alegres...

– Não me enrole, Yasmin. O que você escolheu? Não tenho nada contra girassóis, são bonitos, mas não são românticos, e tudo precisa estar muito romântico.

– Escolhi rosas, não botões, rosas graúdas e de cor vinho. Sei que mamãe adora rosas, e Sam me falou que ficaria muito bom esse tipo de flor para a ocasião. Ah, também escolhi gérberas e jasmims brancos.

– Nossa, Yasmin! Que escolha linda e delicada! Você se saiu muito bem, minha irmã. Tenho certeza de que mamãe vai adorar.

– Que bom que gostou, Mel, fico feliz. E mamãe também gostou; já contei pra ela, e ela aprovou a escolha. Ficou feliz e emocionada.

– Perfeito! Vai ser tudo perfeito! – disse Mel, envolvidíssima que estava com a situação. Com certeza, não pensava só em mamãe, pois estava de casamento marcado também e logo seria a vez dela. Era uma espécie de treinamento para o seu casamento, e isso a deixava entusiasmada. – Espere aí. Quem é Sam? Você falou de um jeito, Yasmin. Perdi alguma coisa? – perguntou ela, surpresa, lembrando as minhas palavras. Sorri, um pouco sem jeito.

- Sam foi o rapaz que me atendeu lá na floricultura, amigo de Suzana. Ela estava doente, por isso pediu ao Sam que me recebesse. Quer dizer, que recebesse você na verdade. Ele achava que eu fosse você.

- E o que tem esse Sam? Você fala como se já o conhecesse. Você o conhecia, Yasmin?

- Não, mas tivemos essa impressão.

- Tivemos? O que está acontecendo aqui? Amor à primeira vista?
- ela perguntou sorrindo.

- Não. Calma! Sam é só um rapaz legal, que gostei de conhecer. Ele também faz parte do cerimonial, então é bem provável que a gente se encontre novamente.

- Sério? Me conta tudo! Quero saber cada detalhe do que aconteceu na floricultura. Por favor, Yasmin, não me esconda nada.

- Está bem, Mel, vou contar, desde o comecinho.

Mel e eu ficamos conversando por horas. Ela estava curiosa sobre o rapaz da floricultura e também esperançosa de que eu pudesse encontrar uma boa pessoa com quem me relacionar, alguém que fosse parecido comigo. Ela sabia que eu não me interessava por ninguém; era como se os rapazes fossem invisíveis. Só me preocupava com os estudos e me sentia bem assim. Talles e meu pai representavam a figura masculina em minha vida, e eu jamais havia olhado para ninguém com interesse. Por isso Mel estava tão animada - aquela não era uma situação comum. Ela achava que algo havia acontecido e que talvez eu pudesse ter acordado para o amor.

Eu podia dizer que era tudo bobagem, que não havia acontecido nada, mas sabia que não era verdade. Não parava de pensar em Sam, e também notei que ele tinha me olhado de forma diferente. Não sabia nada dele, se tinha namorada ou se gostava de alguém. Eu não deveria criar expectativas, embora tivesse quase certeza de que Sam havia sentido por mim o mesmo que eu por ele: uma

forte conexão. Esse era um sentimento novo para mim, mais que afinidade – uma paixão, talvez, que poderia se transformar em algo maior e especial. Não podia negar, portanto, que fosse amor à primeira vista, porque tinha sido isso o que senti logo que olhei nos olhos dele: amor.

– Para, Mel! Nem sei se vamos nos encontrar novamente. Talvez eu nunca mais veja aquele rapaz e tudo não passe de uma doce ilusão.

– Se for paixão à primeira vista, isso é raro, Yasmin. Se fosse você, não deixaria esse Sam escapar; procuraria por ele, mesmo que ele não aparecesse na festa – instigou Mel.

– Não sou assim, você sabe disso. Eu espero a hora certa para tudo. Se tiver que ser ele, será. acredite.

– Está bem, então. Mas me fala do Sam: como ele é?

– Sam é um doce. Gentil, preocupado. Nem me conhecia e já quis saber se eu estava bem, se estava à vontade com a situação – falei, eufórica, sempre com um sorriso bobo nos lábios. – Educado, trabalhador, respeitador, um bom amigo, pois estava ali para ajudar sua amiga – continuei falando, e Mel apenas me olhava, imóvel. – Alegre. Sam é muito alegre, parece que traz uma paz no coração que não sei explicar, mas é possível sentir. O sorriso dele irradia uma alegria que, em conjunto com as flores, deixa o ambiente em perfeito equilíbrio; eu me senti em perfeito equilíbrio – disse e parei de falar, para só depois fixar Mel.

– Yasmin Fontes, você está apaixonada – ela falou e continuou, sem me dar tempo para responder ao comentário: – Como pode uma coisa dessas? Você só viu o rapaz uma única vez e sentiu tudo isso por ele. Minha nossa, isso é mesmo raro! – constatou, perplexa, e eu pisquei os olhos algumas vezes, como se acordasse de um transe. – Tinha perguntado como era a aparência dele – Mel falou sorrindo, querendo brincar comigo, enquanto me esclarecia

quanto aos meus próprios sentimentos. Também sorri, abraçando-a em seguida.

– Ai, meu Deus, será? – disse, e rimos juntas da situação.

– Mas você ainda não me disse como ele é. Deve ser muito lindo, com tantas qualidades assim! Me fala?

– Não, lindo, não. Ele não tem aquela beleza entediante. Mas é muito bonito, sobretudo o sorriso, que é sincero demais. É praticamente impossível duvidar dele com aquele sorriso. Bem, me deixe pensar... – Comecei a me lembrar de Sam. – Ele é um pouco mais alto do que eu, de estatura média. Mas nunca me chamou atenção homem muito alto, então, diria que é perfeito – eu disse, sorrindo, e Mel estava adorando. – Cabelos pretos e lisos, olhos pretos. Deve ter não mais que 24 anos. Lindas mãos. Observei quando me mostrava as flores. – Rimos de novo. – Estava com uma blusa social de cor azul, com as mangas dobradas, e calça jeans. Ai, Mel, acho que gostei de tudo nele – falei, o coração aos pulos.

– Ele é mesmo um bonito rapaz, minha querida. E parece que combina com você. Estou feliz que tenha encontrado alguém especial. Sei que é cedo para afirmar isso, mas sinto que há algo diferente nessa história. Poderia dizer para ir com calma, para não criar tantas expectativas, mas não vou dizer isso. Viva, Yasmin, tente construir essa história. Se não der certo, vai ter valido a pena viver esse amor. Muitos passam pela vida sem conhecer esse sentimento tão sublime. Então, ame. Mesmo que seja passageiro, um amor à primeira vista; mesmo que não seja o grande amor da sua vida, pois pode ser também. Você nunca saberá sem tê-lo vivido. Então, viva e seja simplesmente feliz, sem pensar no depois; viva o agora – concluiu, e trocamos um abraço apertado.

– Obrigada, minha irmã. Eu amo você, sabia?

– Sabia, sim, linda... E eu também te amo.

Ainda conversamos por muito tempo, entrando pela madrugada. Adorava conversar com minha irmã. Mel tinha as palavras certas

na hora certa, e eu costumava ouvi-la, confiava muito nela. Não era à toa que Mel era psicóloga; ela entendia a essência humana.

Eu tinha 22 anos. Jovem, mas não tanto assim. Para os tempos atuais, os jovens com essa idade já haviam namorado muito, curtido muito, beijado bastante na boca, sofrido por amor. Mas eu não. Não que não quisesse, apenas não havia acontecido ainda; não tinha aparecido a pessoa certa para mim, alguém com quem dividir e somar o meu viver. Para beijar, abraçar, namorar, transar, levar para casa e apresentar aos pais. Simplesmente não acontecera. E eu podia dizer que estava encalhada – ri de mim mesma, das minhas conclusões –, por ser totalmente solteira e com tão pouca vivência aos 22 anos de idade. Mas não estava preocupada com isso; eu me sentia feliz com a vida que tinha. Era como se eu esperasse por alguém, como se existisse uma pessoa especial para mim. Podia ser uma bobagem? Podia. Mas eu era uma boba mesmo e não me importava; só queria ser feliz. Sim, não havia aparecido ninguém para mim... até conhecer Sam.

Estava muito pensativa naquela noite, com o coração cheio de novos sentimentos. Dormi pouco, acordando já apressada e pensando nas várias coisas que teria de fazer nos próximos dias. A semana corria e já estávamos todos prontos para a festa. Só faltava a última prova do vestido, que seria na sexta-feira, e Mel estava enlouquecida. Preocupava-se e empenhava-se, na verdade, para que tudo fosse perfeito, principalmente porque ensaiava para seu casamento também.

E havia mesmo muito com que se preocupar: a cerimônia, a recepção, as flores – eu me lembrei de Sam mais uma vez e sorri –, os convites, a atenção a cada convidado, a chegada dos presentes, os agradecimentos, um detalhe pessoal em cada coisinha feita. Então, pensava que aquilo com certeza não era para mim, mas estava muito feliz em poder vivenciar o momento especial de minha mãe e minha irmã.

Na sexta-feira, no ateliê de costura, eu e Mel admirávamos nossa mãe.

- A senhora está linda, mamãe! - disse Melissa, emocionada, ao vê-la diante de nós em um lindo vestido coberto de pérolas e rendas. Beijou-a ternamente na face, e dona Rosa sorriu feliz.

- Obrigada, minhas filhas queridas - disse mamãe, emocionada e com lágrimas nos olhos. - Vocês também estão lindas e são meus grandes tesouros nesta caminhada com seu pai, os principais motivos dessa comemoração, frutos do nosso amor - concluiu, abraçando-nos.

No sábado, acordamos todos bem cedo e começamos os preparativos para a ida à casa de praia. Depois que despachamos tudo, seguimos eu, Melissa, papai, mamãe e o noivo de Melissa, Jorge, rumo a Águas Belas, uma linda praia do litoral cearense, que seria o palco da celebração de amor de Rosa e Lino, meus amados pais.

Na estrada, olhava pela janela do carro, distante em pensamentos, ansiosa para que chegasse logo o domingo e eu pudesse ver Sam de novo.

• CAPÍTULO 3 •

BODAS DE PÉROLA

*Eu tenho tanto pra lhe falar
Mas com palavras não sei dizer
Como é grande o meu amor por você*

– Roberto Carlos,
“Como é Grande o Meu Amor por Você”.

Chegamos à casa de praia por volta do horário do almoço. A residência havia sido cedida a meu pai por um amigo seu de longa data, o senhor Nelson, que estava ausente do Brasil a negócios.

Eu já conhecia bem aquela casa, pois meu pai sempre nos reunia ali para suas pescarias com o amigo, de quem tanto gostava. Imensa, ficava à beira-mar, tendo bastante espaço para uma festa como aquela.

Olhei sua ampla e bela fachada, com cadeiras e guarda-sóis no jardim, gramado em toda a extensão, e me lembrei de minha infância. Já fazia algum tempo que não passávamos temporadas naquele local, principalmente depois que eu e Melissa crescemos e a vida tomou novos rumos. Mas era bom estar ali, poder recordar

os momentos especiais e pensar que aquela seria mais uma ocasião feliz a ser vivenciada naquele lugar.

Postada na frente da casa, me lembrei dos convidados, que logo começariam a chegar. Precisava ajudar mamãe e Melissa na preparação das acomodações, pois, mesmo sendo o casamento no dia seguinte, algumas pessoas mais próximas já ficariam hospedadas e outras continuariam ali até depois da cerimônia.

Melissa e eu resolvemos ceder os quartos da casa principal para familiares e alguns amigos, e nos acomodarmos na edícula que ficava na lateral da residência. Era confortável o suficiente para aqueles poucos dias de hospedagem. Talles, que chegou ainda no sábado, também se juntou a nós.

Também ficaria hospedada na casa a equipe do cerimonial, que estava a todo vapor nos preparativos para a festa. No dia seguinte, chegaria a comida e as flores, e eles poderiam dar os retoques finais. Ficava nervosa ao me lembrar do bufê e das flores, me perguntando se Sam viria ou não.

Papai não era de falar muito, talvez por sempre ter tido uma educação militar, como também tivera meu avô paterno. Era calado, mas gostava de perguntar minha opinião sobre coisas importantes e sempre agradecia qualquer gesto de gentileza de uma pessoa. Meu pai era um cavalheiro, e, quando pensava em alguém para a minha vida, nas raras vezes em que pensava nisso, era uma pessoa como ele que imaginava, cheio de bondade, caráter e cavalheirismo.

- Obrigado, filha. A festa, com certeza, vai agradar muito sua mãe. Está tudo muito bonito - disse meu pai na sala, enquanto aguardávamos os outros para o jantar.

- Mas a festa só vai ser aqui por causa do senhor, papai.

- Eu sei, querida, e gostei muito. Mas, depois, quando tudo passar, quero voltar aqui com você para velejarmos juntos. O que acha?

- Perfeito! Vou adorar.

Quando decidimos fazer a celebração no litoral, tivemos um pouco de dificuldade porque não havia uma igreja por perto. Havia a igreja matriz, mas ficava um pouco distante da casa de praia. Por ser religiosa, não queria fazer a cerimônia na praia, mas, como meu pai era capitão aposentado da Marinha e tinha fascínio pelo mar, mamãe acabou aceitando a festa em Águas Belas.

Talles, com seu jeito todo espiritualizado, tratou logo de pesquisar a região e descobriu que ali, no local daquela casa, havia existido, muito tempo antes, uma capela de pescadores, e convenceu minha mãe de que aquele lugar era abençoado. Assim, Talles, eu e Mel montamos na entrada da casa, de frente para o mar, um pequeno altar cercado de flores brancas – os jasmims que tinham sido reservados para a cerimônia. Ficou tudo muito lindo e romântico.

Já próximo do horário da festa, cansados, mas felizes com o resultado do trabalho, Melissa, Talles e eu nos deitamos na areia branca da praia e ficamos olhando o bonito altar improvisado. Depois corremos para nos preparar para a festa, com tudo já pronto para receber os convidados.

Mesas postas, arranjos de gérberas e rosas por toda parte e o mágico altar de jasmims brancos, contrastando com o colorido da paisagem. Com certeza, perfeito! Tudo do jeito que Melissa desejava.

Mas, à medida que o dia ia passando e chegava a hora do início da cerimônia, comecei a ficar inquieta, ao ver que Sam ainda não tinha aparecido. Todo o serviço de bufê já estava pronto e eu não o vi em nenhum momento com a equipe que estivera no local. Comecei a pensar que tudo aquilo que tínhamos vivido, embora parecesse mágico, como a sensação de ligação, de afinidade, não passava de imaginação minha. Sam talvez nem se lembrasse mais de mim, tudo podia não ter passado de uma ilusão boba de uma garota romântica.

Sentada na varanda da pequena edícula, aguardando Talles para prepararmos a entrada da noiva, absorta em todos aqueles pensamentos e sentimentos, ouvi meu amigo falar:

– Ele vai chegar, Yasmin. Por tudo o que me falou, Sam me pareceu uma boa pessoa e eu senti a energia entre vocês. Tenho certeza de que ele vai aparecer – disse ele, me dando um beijo no rosto e acrescentando: – Você está bem? Parece um pouco triste. Hoje não é dia de tristeza.

– Estou bem, sim, Talles, fique tranquilo. Com relação a Sam, não estou tão certa quanto você da presença dele aqui hoje. Acho que exagerei nas expectativas, mas vou ficar bem. Agora, vamos, que está quase na hora.

Sáímos em direção ao altar, onde a banda já nos esperava. Talles, muito elegante em seu traje branco e dourado de estilo indiano, o cabelo preso e um olhar sereno, estava muito empolgado com a perspectiva de cantar uma música para minha mãe.

Com todos os instrumentos já instalados, deixei Talles conversando com o pessoal da banda, me sentando perto de onde ele estava. Nesse momento, alguém falou comigo:

– Yasmin? – Uma voz masculina e jovem me chamava. Olhei rapidamente para trás, com o coração acelerado, sorrindo por pensar que era Sam. – A senhorita é a Yasmin? – perguntou o jovem desconhecido, que segurava um pacote nas mãos. De modo instintivo, apaguei o sorriso ao perceber que não era Sam, me sentindo triste. – Sua irmã me disse que estaria aqui.

– Sim, sou eu. Posso ajudar? – perguntei, me levantando da cadeira.

– É que Suzana, da floricultura, me pediu que entregasse isto à senhorita. Disse que foi Sam quem mandou.

– Está bem, me dê aqui. – E o rapaz me entregou a caixa. – Obrigada – agradei, e ele saiu.

Estava nervosa, as mãos trêmulas. Demorei alguns segundos para reagir e abrir a caixa. Eu me sentei de novo na cadeira, colocando o pacote sobre a mesa, pensando em como eu era boba por ficar tão afetada pelo simples fato de pensar na presença de Sam; de desejar, na verdade, sua presença. Não era ele ali, mas também não podia achar que aquele gesto não significasse nada. Sam havia se lembrado de mim, de uma forma diferente, mas havia se lembrado. Desamarrei o laço da caixa e a abri, ficando emocionada ao ver, pousado no cetim da bela caixa, um belo buquê de noiva – um arranjo muito delicado de jasmims, as lindas flores que eu escolhera para o buquê de minha mãe.

Fiquei surpresa, pois achava que o buquê seria entregue a Mel. Não imaginei que Sam o entregaria aos meus cuidados. Não, não era Sam ali, mas ele estava comigo, mesmo não estando presente. Olhei mais uma vez para a caixa e vi que havia um pequeno envelope dentro dela. Peguei o envelope e, vendo meu nome nele, abri-o de imediato.

Espero que goste do buquê. Um beijo. Sam, dizia o cartão.

“Só isso...”, pensava sozinha. “Não disse mais nada, se vem à festa ou não... Claro que ele não vem”, continuei.

– Tudo bem, foi muita gentileza dele, de qualquer forma – eu disse em voz alta para mim mesma. Depois levei o buquê para minha mãe e guardei o cartão de Sam no bolso do vestido.

Os convidados já aguardavam a entrada de minha mãe para o início da cerimônia e as bênçãos do padre Gerson, que esperava por ela diante do altar. Todos já estavam emocionados; não era todo dia que se comemoravam trinta anos de casamento. A banda começou a tocar a melodia, e Talles iniciou sua homenagem, cantando a música preferida de minha mãe.

Eu tenho tanto pra lhe falar

Mas com palavras não sei dizer

*Como é grande o meu amor por você
E não há nada pra comparar
Para poder lhe explicar
Como é grande o meu amor por você*

Mamãe saiu de dentro da casa de mãos dadas com meu pai, e os dois caminharam juntos, lentamente, ao som daquela linda canção, comigo e com Mel logo atrás deles.

Meu amigo Talles cantava muito bem, tinha um lindo timbre de voz, e o som parecia vir de sua alma, emocionando a todos. Minha mãe chorou durante todo o trajeto, olhando também para Talles em agradecimento.

Mas o que mais causou emoção geral foi o arranjo musical que Talles fez, mudando a música para a “Ave Maria” no meio da apresentação. Mamãe amava essa música, que foi cantada ali de forma sublime, cheia de sentimento, como se irradiasse luz através do som, e todos choraram naquele momento tão emocionante.

Depois da bonita celebração, deu-se início à recepção. A propriedade estava lotada. Muita comida, bebida e champanhe sendo servidos. A festa já estava a todo vapor e a banda tocando com muita animação. Então, quando a comemoração já chegava ao final, constatei que realmente não veria Sam naquela noite, pois o jantar já havia sido servido e o bufê começava a recolher os pratos, finalizando o serviço. Eu me senti naquele momento um pouco triste, por ter a certeza de que não estaria com Sam naquela ocasião, sem saber também se o veria em outra oportunidade.

Fiquei olhando os garçons passarem com as bandejas repletas de pratos, circulando entre as mesas já vazias e verificando se os convidados ainda desejavam mais alguma coisa, e foi quando um deles falou comigo:

– Deseja mais alguma coisa, senhorita? – perguntou-me com gentileza.

Eu estava sozinha naquele momento. Mel dançava com o noivo, Talles também começava a recolher o material da banda e meus pais estavam se despedindo dos convidados. Já anoitecia, o céu estava bonito e a brisa do mar batia forte, como se fosse cair uma chuva. E eu estava sentada em uma das cadeiras mais afastadas da parte em que ainda havia convidados, sem os sapatos e com os pés tocando a areia.

- Não, obrigada - respondi. O garçom já se afastava quando resolvi falar com ele. - Ei, espere! - pedi.

- Pois não, senhorita?

- Sam trabalha com vocês?

- Sim, ele é o nosso chefe. Algo errado de que ele precise ter conhecimento?

- Não, está tudo certo, perfeito. Só queria saber se Sam virá aqui hoje. - Sabia que ele não viria, mas queria ter certeza.

- Não, ele não vem. Teve um imprevisto e deixou a gerente de eventos cuidando da festa. Quer que eu a chame?

- Não, obrigada. Está tudo bem, não há necessidade; só queria mesmo saber se Sam estaria aqui hoje. - O garçom não fez mais perguntas. Certificou-se de que eu não queria mais nada e saiu.

Pouco tempo depois, meus pais resolveram se recolher; estavam cansados. Melissa quis sair para namorar um pouco, mas Talles se juntou a mim e ficamos apreciando a noite.

- Preciso ir, minha amiga. Vou aproveitar que a banda está indo para Fortaleza e vou com o pessoal; tenho um compromisso amanhã cedo, você sabe, sobre a pós-graduação.

- Eu sei, mas confesso que estava torcendo para que você ficasse.

- Você está triste, eu sei, por causa do Sam; queria que ele estivesse aqui, não é? Mas ele deve ter tido um bom motivo para não vir, Yasmin. Dificilmente me engano com uma impressão, e a que tive de vocês foi que essa história vai acontecer. Aguarde, que o

Universo vai conspirar a favor de vocês dois, tenho certeza – disse Talles, com seu jeito místico de ser.

– Está bem, querido, vamos deixar esse assunto para outro momento. Quem sabe você tenha razão? Por enquanto, só tenho os fatos, e não quero mais exagerar em minhas expectativas. Vá, sei que precisa ir.

– Você vai ficar bem? Posso dar um jeito de ir amanhã cedo, se for o caso. Não quero deixar você triste assim.

– Não precisa. Está tudo bem. Pode ir, sim.

Talles partiu, e eu fiquei mais uma vez sozinha, olhando para o mar totalmente escuro, apenas ouvindo o barulho de suas ondas quebrando na areia. Fiquei com meus pensamentos em tudo que poderia ter acontecido entre mim e Sam, sozinha como sempre fui. Uma chuva fina começou a cair, mas não me movi; deixei a água escorrer pelos meus cabelos, minha roupa, minha pele.

– Me perdoe pelo atraso – uma voz falou atrás de mim. Eu me virei para trás rápido, com o coração aos pulos, reconhecendo a voz de Sam. Não fazia sentido algum, parecia até um sonho, mas ele estava ali comigo.

– Sam? – falei, aliviada ao vê-lo ali. Disse seu nome quase chorando, e ele sorriu para mim, embora parecesse também preocupado. Estava todo molhado, amarrotado; segurava o *blazer* em uma das mãos e tinha a outra no bolso da calça. A cabeça estava um pouco baixa, como quem precisasse se desculpar. – O que houve? Achei que não viesse mais... – Naquela hora, senti que o dia estava completo e fiquei feliz em vê-lo, em ouvir a voz dele, em ver seu sorriso, aliviada por ele estar bem; antes, me sentia inexplicavelmente preocupada. “Inexplicavelmente” porque não fazia sentido estar preocupada com alguém que era quase um total estranho, mas havia me sentido assim, principalmente por saber do imprevisto ocorrido.

– Falei que faria o impossível. E, se não estivesse aqui diante de você, todo molhado, cansado, tendo que enfrentar várias situações complicadas para conseguir falar com você ainda hoje, não seria o impossível. Prometi que viria; não queria quebrar minha primeira promessa. Então, tinha que vir, Yasmin.

– Que bom que você veio! Esperei você o dia todo. E me preocupei quando soube que não viria porque havia acontecido um imprevisto.

– Então, você me perdoa? – perguntou de novo, aproximando-se mais de mim, e eu me levantei da cadeira, ficando também bem próxima de Sam; estava com muita vontade de abraçá-lo, me sentia feliz com a presença dele.

– Claro que perdoou, Sam. Na verdade, não há o que perdoar. E você não tinha obrigação nenhuma; não precisava se esforçar tanto para estar aqui. Mas confesso que estou feliz por ter conseguido chegar – disse, sorrindo para ele, e parei um pouco, apenas olhando-o mais de perto, depois voltei a falar: – Não quer me contar o que houve?

– Você não gostaria de dar uma volta na praia? Aí conto a você sobre a correria desse dia. Não está tão escuro e a chuva parou; dá pra gente caminhar tranquilamente. Não precisamos nos afastar muito, ficamos aqui em frente mesmo.

– Claro, adoraria.

Sam tirou os sapatos, depois pegou a minha mão e me puxou para descermos até a praia. Era maravilhoso estar com ele, segurar a mão dele e poder conversar de forma tão natural como estávamos fazendo, como se já fôssemos velhos conhecidos, tamanha nossa sintonia.

– Estava tudo certo para eu vir à festa dos seus pais, e queria muito vir, acredite – ele começou a falar, enquanto andávamos calmamente, de mãos dadas pela areia da praia. – Mas, quando estava saindo, já a caminho daqui, recebi uma ligação da minha

equipe que se dirigia a outra festa. Houve um acidente com a van que levava os alimentos e tive que ir para lá. Foi tudo muito demorado. Depois ainda precisei levar meu motorista ao hospital, para dar uns pontos, e também resolver a situação da festa, pois não dava para simplesmente deixar meus clientes na mão – falou ele com rapidez, sem me dar tempo para fazer muitas perguntas.

– Nossa, Sam, que horrível! Mas está tudo bem? Alguém se feriu no acidente? – Estava preocupada e o olhava apreensiva.

– Tudo bem, sim. Ninguém gravemente ferido, pelo menos. Meu motorista levou uns pontos no braço, mas está bem. Perdeu o controle da van e saiu da estrada, mas ninguém mais se machucou. Boa parte do material foi recuperada, e o que se perdeu, substituímos. Deu tudo certo. Só muita correria e muito cansaço. Por isso estou aqui desse jeito, em frangalhos – disse ele, embora eu não visse nada em frangalhos nele; Sam estava mais lindo do que nunca.

– E mesmo assim você está aqui? – Estava lisonjeada com tanta consideração, tanto respeito e preocupação em cumprir uma simples promessa. Mais do que qualquer coisa, isso representava para mim caráter, valor, e eu me sentia naquele momento completamente envolvida por aquela pessoa tão especial. Talvez Melissa tivesse mesmo razão em dizer que eu estava apaixonada, porque era assim que me sentia.

– Eu tinha que vir. Não sei com você, mas senti muita vontade de estar aqui, de vê-la, de falar com você de novo. Só pensava nisso durante a semana, e hoje, quando vi que talvez não pudesse estar aqui, fiquei muito triste, desesperado até. Mas muita gente precisou de mim e tive que ajudar. São boas pessoas; não dava para deixar que outro resolvesse. Eu ficaria mal. Aí, quando me senti mais tranquilo, quando as coisas ficaram mais ou menos resolvidas e pude sentir que já podia ir, já era noite, mas corri para tentar chegar a tempo de ainda ver você hoje; queria muito vê-la – disse

ele, e paramos de caminhar, ficando de frente um para o outro. Sam passou a mão em meus cabelos, que estavam molhados. – Você está linda.

– Toda molhada desse jeito? – perguntei, rindo do meu estado; rindo pelo fato de ter me arrumado o dia todo e esperado para ver Sam, tentando ficar bonita para ele; rindo de o encontro ter acontecido quando eu estava toda descabelada, com roupa e cabelos molhados, a maquiagem já borrada. Não era bem o que eu imaginava, por isso ri de mim mesma. Minha pele ficou arrepiada nesse momento; estremeci, e Sam percebeu.

– Ainda mais linda, naturalmente linda, e parece que está com frio – disse, percebendo meu leve tremor, mas eu não sabia se tremia mesmo por causa do frio ou se estava nervosa com a presença de Sam. Talvez, um pouco dos dois. Então, Sam pegou seu *blazer* e o colocou sobre meus ombros, fazendo com que me sentisse mais aconchegada, protegida.

– Obrigada – disse.

– Pelo quê?

– Por tudo. Por você estar aqui, mesmo depois de um dia tão difícil, por me dar conforto, paz, alegria. E pelo *blazer* também – falei, sorrindo, e ele também sorriu. Depois se aproximou mais de mim, chegando bem perto, segurou minha mão e me olhou dentro dos olhos. Sabia que Sam queria me beijar, porque eu também queria muito isso: beijá-lo, mas vi que ele se segurava, mesmo querendo, tanto quanto eu queria. Eu havia esperado o dia todo por isso; na verdade, a semana toda. Desde a floricultura eu pensava nele, sentindo vontade de saber o gosto do seu beijo, e estava ali, diante dele, bem pertinho, louca de vontade de beijá-lo, mas não sabia o que fazer; me sentia totalmente sem jeito.

– Yasmin, eu queria muito fazer uma coisa, mas não sei se devo – disse Sam, e vi que estávamos mesmo conectados.

– Faça – encorajei-o, confiante.

Nesse momento, Sam começou a tocar meu rosto, bem devagar, colocando as mãos entre meus cabelos e detendo-as em minha nuca. Passou o polegar de leve sobre meus lábios, me fazendo tremer por dentro, sempre me fitando profundamente; eu apenas sentia cada movimento, cada sensação, esperando a reação dele, deixando-o me guiar.

Depois, aproximou seu rosto do meu, tocando meus lábios com os dele. Senti algo extremamente intenso nesse momento, que mexia com cada célula do meu corpo. De um modo inexplicável, pela primeira vez, sentia um forte desejo por um homem; sentia todos os músculos abaixo do meu ventre se contraírem, com uma energia pura percorrendo meu corpo, me aquecendo, me conectando mais e mais a ele.

Nunca havia sentido nada parecido com aquelas sensações. Até mesmo vontade de beijar alguém, jamais havia sentido assim; ninguém tinha despertado em mim esse desejo... até aquele momento. Sam continuava me beijando, bem devagar, até que não aguentou mais, e, quando sentiu que eu realmente desejava seu beijo, aprofundou-o, deixando nossas línguas se enroscarem, encaixadas com perfeição, como se moldadas uma para a outra, os lábios se tocando com mais força, mais anseio, as bocas completamente unidas, sentindo uma saudade que sequer sabíamos existir.

Sam me beijava ternamente, mas com muito desejo também, e eu apenas retribuía; queria muito seus beijos. E ficamos assim, por bastante tempo, só nos beijando, só sentindo um ao outro. Abraçados, o corpo dele havia aplacado por completo o frio que eu tinha sentido. E cada toque, cada sensação, era acompanhado de sentimento também, era perfeição para mim.

Desejava-o muito, e não importava se havia existido ou não alguém antes de Sam; aliás, não havia a menor importância se existiam ou não mais homens no mundo. Só o que importava era

saber que estava com a pessoa certa para mim, por quem havia esperado durante toda a minha existência, tendo a certeza de que Sam era o homem da minha vida. Não estava mais só; não estava mais com frio; não me sentia mais perdida nem deslocada. Tinha me encontrado. Sabia que havia descoberto o verdadeiro amor e estava feliz.

• CAPÍTULO 4 •

PERFEITO

*Pra você guardei o amor
Que aprendi vendo os meus pais
O amor que tive e recebi
E hoje posso dar livre e feliz.*

– Nando Reis,
“Pra Você Guardei o Amor”.

– Uau! – disse Sam, ainda com seus lábios nos meus, tocando-os ligeiramente, como se degustasse cada segundo daquele toque. – Perfeito! – ele falava sorrindo em meus lábios, e eu completamente imóvel, paralisada, tamanha a perfeição contida em um beijo. – Gosto muito de você, Yasmin. Não sei bem explicar, já que nos vimos tão pouco – tentava justificar seus sentimentos –, mas sinto isso. E quero namorar com você – afirmou, parando de me beijar e me olhando fixamente. Eu me retraí.

– Namorar?

– Sim, namorar. Você não quer? Se não quiser, entendo, talvez seja algo só da minha parte. Mas tenho muita vontade de conhecer

você melhor; nunca senti isso por ninguém. – Sam estava dizendo exatamente o que eu sentia.

– Sam, não é que eu não queira, é que foi tudo muito rápido. Bem, as pessoas costumam ficar juntas antes, e só depois é que pensam em namorar.

– Eu sei, você tem razão. Parece loucura mesmo. E, me desculpe se vou decepcioná-la, mas não sou assim; não tenho vontade de conhecer muitas pessoas, penso que existe a pessoa certa. Sempre imaginei que a encontraria um dia e que saberia quando estivesse diante dela – disse, me olhando com profundidade. – Quando vi você pela primeira vez, senti algo diferente, algo que não vi nas outras garotas, e estou aqui, diante de você, maravilhado com a sensação desse beijo. Então, é isso que quero: namorar você – repetiu com segurança. Eu não sabia o que dizer; nunca me imaginei assim, embora quisesse o mesmo que ele.

– Mas eu não tenho nada de especial, Sam – interrompi. – Sou uma garota comum, sem graça até. E você é tão bonito, e vive cercado de gente bonita. Eu vi seu pessoal, as moças, a gerente... Todas muito lindas. Deve haver muitas mulheres interessadas em você, então, não faz sentido você me querer.

– Não sou lindo, Yasmin – disse sorrindo. – Sou um homem bem comum, para ser sincero. E as mulheres de quem fala? Sim, são bonitas, e as respeito muito, pois são minhas funcionárias. Mas nunca senti nada por nenhuma delas – ele falou, e parecíamos estar discutindo a relação. Ri para mim mesma, pois se tratava de uma relação que nem sequer existia, e eu já sentia ciúme dele, apreensiva só com o fato de imaginá-lo beijando outra pessoa. Ri de novo, estremecendo de leve, e Sam percebeu. Eu estava com frio; o *blazer* dele estava úmido da chuva e ele não me aquecia mais com seus beijos. – Você está com frio. Acho melhor entrar, pois pode se resfriar, Yasmin.

– Mas acho que temos muito a conversar. – Eu queria que ele ficasse.

– Eu sei, mas, ainda que queira ficar aqui, preciso ir. Não está tudo resolvido na cidade ainda. Tenho que voltar hoje e finalizar a outra recepção; preciso levar meu pessoal pra casa. Mas quero muito continuar essa conversa; prometo que vou responder o que quiser sobre mim, só que acho melhor deixarmos para outro momento. Venha, vamos entrar, deixo você em casa e depois sigo para Fortaleza. – Seguimos para a casa, andando só por alguns metros em silêncio, já chegando à entrada da residência. Quando paramos, voltei a falar:

– Tem certeza? Já está ficando tarde. Não queria pensar em você dirigindo assim tarde da noite, com essa garoa. É perigoso. E você pode ficar, se quiser. Estamos na edícula, bem ali – e aponte para a lateral da casa –, eu, Mel e o noivo. Você pode ficar onde o meu amigo Talles ficou ontem à noite.

– Sou cuidadoso, fique tranquila. Mas estou adorando sua preocupação, confesso. Obrigado mesmo assim. Adoraria ficar, acredite; adoraria conversar com você pelo resto da noite, mas tenho mesmo que ir. Foi muito difícil estar aqui hoje; só vim para vê-la e queria lhe dar o que prometi.

– O que é? – Não estava entendendo.

– O beijo que mencionei no cartão. Queria muito isso, mas precisava saber se você também queria.

– Este cartão? – Tirei o cartão do bolso, mostrando-o a ele, e ele me olhou.

– É, esse cartão. Você o guardou...

– Sim, ele era sua presença aqui hoje – falei. – Obrigada, Sam, pela noite, pelo buquê lindo, por ter vindo... e pelo beijo. Eu o queria, sim, e muito – falei com sinceridade, e ele me beijou de novo, em frente a casa, feliz com o que eu havia dito. Eu me contive um pouco, mas também sorria. Sam entendeu meu gesto e riu

levemente, ainda com seus lábios nos meus, depois se afastou. Não disse nada por alguns segundos e parecia procurar alguma coisa na roupa.

– Pegue – disse, me entregando algo, e olhei para o cartão, lendo seu nome: *Samuel Assunção Gouveia*. – É um outro cartão meu, mas este com todos os meus telefones. Vou aguardar ansioso por um telefonema seu, Yasmin. Se não ligar, vou procurá-la. E espero que não tenha ninguém em sua vida, tipo um paquera, um namorado, já que não perguntei antes. Mas, se tiver, eu diria que ele tem um problema – ele disse em tom de brincadeira.

– Não, não tem. Nunca apareceu ninguém que eu quisesse. Nunca apareceu ninguém, na verdade. – Ele riu, talvez do meu jeito autodepreciativo.

– Até agora – afirmou.

– Até agora – concordei, e ele me abraçou com força, me tirando do chão com o seu abraço; parecia radiante. Depois me soltou, beijou meu rosto e saiu, sem sequer me dar tempo para falar ou mesmo entregar seu *blazer*, deixando-o sobre meus ombros, impregnado com seu aroma delicioso. Fiquei parada, olhando-o se afastar e sumir no escuro. Estava trêmula, tomada de sensações desconhecidas.

No dia seguinte, voltamos para Fortaleza. Ainda no carro, Mel notou a diferença no meu humor, então, logo que chegamos em casa, quase à noite, tive que contar a ela o que havia acontecido.

– Nossa, Yasmin, que romântico! Ele apareceu, mesmo com tudo conspirando contra. Isso é sinal de que tem muita consideração por você, minha irmã; é sinal de bom caráter – disse ela, confirmando minhas impressões sobre ele. – Liga logo pra ele! Não deixe seu príncipe escapar. – Mel era muito romântica mesmo.

Com Talles não foi diferente. Liguei para ele logo depois de conversar com Mel e falamos um pouco sobre nossas vidas.

– Eu tinha certeza disso, Yasmin – disse meu amigo. – Sabia que ele apareceria. Falei que o Universo conspiraria a favor de vocês, e foi exatamente o que aconteceu. De qualquer forma, não o deixe esperar por muito tempo. Essa história está pronta para começar e você precisa seguir os sinais, fazer sua parte. O primeiro passo já foi dado, lembre-se.

– Eu sei, Talles, mas tenho um pouco de medo. Sempre fui muito sozinha e tenho receio do que possa acontecer.

– Medo de ser feliz? Está na cara que esse rapaz a faz feliz. Vi isso em seus olhos. E não há como saber o que vai acontecer se não tentar. Mas, me fala, o que você sentiu com a presença dele?

– Me senti feliz, como se o dia estivesse completo. Sem falar no beijo. Meu amigo, que beijo!

– Quer falar sobre isso? Tenho a impressão de que quer dizer ou perguntar algo. Se quiser, tudo bem, não precisa ficar constrangida.

– Bem, é que as sensações que senti com o beijo de Sam foram muito fortes e nunca havia sentido isso. Não tenho muita experiência, você sabe, mas minha nossa... Tudo em meu corpo respondeu de imediato! Parecia que havia eletricidade em mim. – Ele deu uma risada. – Será que tenho algum problema, Talles? Não me pareceu normal essa reação.

– Claro que não, Yasmin, você não tem nenhum problema, muito pelo contrário! – disse ele, me interrompendo. – Isso que me relatou quer dizer que você estava com seu chakra sexual aberto, que seu corpo aceita Sam, corpo e mente, e que você o deseja mais que tudo, além de serem compatíveis sexualmente. E mais: que é recíproco, um deseja muito o outro. Isso não acontece de forma aleatória, são duas almas que se atraem. É raro e sublime, um amor e sexo plenos, sagrados. Prepare-se, porque a ligação de vocês é muito forte.

– Sério?! – Estava surpresa, e sorri para mim mesma, feliz em saber que Sam podia me desejar. – Não é igual com todo mundo?

– Não, não é. E saiba que muitas mulheres nem sequer sentem orgasmo numa relação sexual. Muitas nunca sentiram um sequer em toda a vida. E não quer dizer que isso seja ruim; as pessoas se adaptam. Mas o fato é que muita gente vive numa mentira também, sem revelar seus sentimentos, sem dizer o que lhe dá prazer, o que poderia mudar as coisas, e acaba fingindo o tempo todo. Isso sim é péssimo. No seu caso, contudo, é bem diferente; quer dizer que sua energia sexual está toda voltada para ele, para recebê-lo, o que é poderoso, podendo ser fonte de muito prazer. E, se for em conjunto com um sentimento de amor, como sinto que é o caso de vocês – ele parecia sorrir, feliz por mim –, é uma união perfeita: corpo, alma, coração, mente, tudo em sintonia, e provavelmente eterna.

Ainda conversamos um pouco mais, sobretudo a respeito de sua partida para São Paulo, que seria no dia seguinte, logo após a colação de grau antecipada. Mas logo Talles precisou desligar, para organizar sua viagem, e eu já senti saudade do meu amigo. Quando desliguei o celular, segui para meu quarto, melancólica e pensativa sobre a partida de Talles, sentindo que precisava ver Sam; a saudade era dele também. Então, peguei o cartão de Sam em minha bolsa, me sentei na cama e disquei o número. Tive dúvidas por um segundo e desliguei, resolvendo discar de novo, mas, enquanto o fazia, meu celular chamou e visualizei o mesmo número para o qual havia ligado. Meu coração ficou aos pulos dentro do peito, mas atendi.

– Alô?

– Yasmin? É você? – perguntou Sam, logo que ouviu minha voz.

– Sim. Como você sabe que sou eu? – respondi.

– Não tinha certeza, mas reconheci sua voz. Você está bem? Por que demorou tanto para me ligar?

- Foi só um dia – falei, achando graça.
- Tempo suficiente para eu começar a ficar ansioso.
- Desculpe. É que foi um dia corrido, e queria achar o momento certo para ligar pra você.

- Que bom que ligou. Só que estou achando sua voz um pouco triste. Está tudo bem mesmo?

- Era para eu estar feliz, mas você tem razão: estou um pouquinho triste, sim.

- Quer me contar o que aconteceu?

Contei para Sam sobre a viagem de Talles e ele me consolou. Naquela noite, conversamos por muito tempo.

No dia seguinte, estava mais descansada, mas também ansiosa, pois eu e Sam havíamos combinado de sair; iríamos à formatura antecipada do meu amigo e eu não via a hora de revê-lo. Nesse momento, me lembrei dos detalhes práticos e pedi a ajuda de Mel para escolher um vestido e me dar uma força com a maquiagem. Não levava o menor jeito para essas coisas; era como se não fizesse diferença usar um vestido bonito ou me maquiar, pois sempre me sentiria uma desajeitada. Mas Melissa sabia muito bem o que fazer.

- Este aqui está perfeito para a ocasião – disse Mel, balançando um cabide com um vestido vermelho, escolhido entre as roupas dela em nosso armário. – Nem muito curto nem muito longo. Sim, é este. O que acha, Yasmin?

- Parece um pouco chamativo. Acho que para você, que é naturalmente exuberante, está perfeito, mas eu gostaria de algo mais discreto.

- Nada de muita discricção. Experimente o vestido. Se não gostar, se não se sentir bem nele, aí procuramos outra coisa, está bem assim?

- Está bem – concordei, já começando a tirar a roupa.

Depois que me vesti, Mel não me deixou olhar logo no espelho; quis que eu colocasse sapatos de salto e em seguida soltou meus

cabelos. Só então me colocou diante do espelho.

– Você não precisa deles hoje – disse, retirando meus óculos. – Vai usar as suas lentes de contato. Agora, veja. – Ela mostrou a minha imagem no espelho. – O que achou?

Quando olhei, pensei que não fosse gostar da imagem que veria, que não a acharia parecida comigo e a rejeitaria de imediato. Mas não foi isso o que aconteceu. Visualizei meus cabelos castanhos, longos e encaracolados, olhos grandes, cheios de esperança, e tudo me pareceu em harmonia com o visual, então gostei, me senti bonita. O vestido, mesmo não sendo meu, caiu bem em mim. Não podia deixar de enxergar a figura desajeitada sob a roupa, porém me senti bem mesmo assim, pronta para o meu amor.

– Acho que gostei, Mel. Achei que não gostaria, que iria me sentir estranha num vestido como este, mas gostei, sim – disse, satisfeita, e Mel adorou a minha reação, batendo palmas feito uma criança. – Obrigada, Mel. Adorei.

– E Sam também vai adorar ver você assim.

Quando Sam chegou, Melissa me levou até a entrada da casa e acenou para ele do portão. Depois me deu um beijo no rosto.

– Boa sorte – falou. – Você está linda.

– Obrigada – respondi e saí, entrando em seguida no carro de Sam.

– Oi – disse Sam, assim que entrei no carro. Depois ele ficou em silêncio, me olhando.

– Oi – respondi. – Tudo bem? Você ficou quieto. Algum problema?

– Não, nenhum problema. Só estou admirando você. Você está linda. Você é linda, na verdade, mas está ainda mais bonita.

Quando chegamos à colação de grau do meu amigo, pude enfim apresentá-lo a Sam.

– Talles, este é Sam. Sam, este é Talles.

E Talles foi logo falando:

- Muito bom conhecer você, Sam. Bom saber que Yasmin não vai ficar só quando eu for embora. Cuide dela por mim, está bem?

- Legal também conhecer você, Talles. Yasmin gosta muito de você e me falou do quanto sua amizade é importante para ela. Fiquei feliz em saber que ela tem um bom amigo - disse Sam, e acrescentou: - Fique tranquilo, vou cuidar bem dela.

Depois da colação de grau, Talles teve que pegar o voo para São Paulo. Eu e Sam o acompanhamos ao aeroporto, e tive que me despedir do meu amigo. Sabia que demoraria a reencontrar Talles, mas em nossos corações estaríamos sempre juntos.

Eu me sentia muito feliz. Havia sido um dia repleto de emoções. Não estava mais triste com a partida de Talles; sabia que ele ficaria bem, por isso tinha que ficar bem também, feliz pelo meu amigo. E, com Sam ao meu lado, sentia que minha vida havia tomado um novo rumo. Sentia, no fundo da alma, que havia encontrado meu verdadeiro amor e que ele seria para sempre - pois é isso o que acontece quando duas almas se reconhecem e dois corações se encontram: nada pode separá-los.

• CAPÍTULO 5 •

EU E VOCÊ

*Você mostrou pra mim
Onde encontrar assim
Mais de um milhão
De motivos pra sonhar, enfim.*

– Guilherme Arantes,
“O Melhor Vai Começar”.

Depois daquele encontro, houve muitos outros, e eu e Sam estávamos cada vez mais ligados.

Apresentei Sam à minha família no dia da minha formatura, que aconteceu naquela mesma semana. A princípio, isso me preocupou, pois eu não sabia como meu pai reagiria ao conhecer Sam. Mas foi tudo muito natural.

– Papai, mamãe, quero que conheçam Sam, alguém que é especial para mim. Sam, estes são dona Rosa e seu Lino, meus pais. E esta é Melissa, minha irmã – falei, mostrando a Sam minha família.

- Muito prazer, senhor - disse Sam ao meu pai. Meio sem jeito, cumprimentou em seguida minha mãe e Mel.

No final, Sam conquistou todo mundo com o seu carisma, assim como havia também me conquistado.

O tempo passou rápido. Depois da formatura, comecei a trabalhar no banco e Sam começou a frequentar minha casa, descobrindo com isso algumas de minhas manias.

- Adoro o jeito como você descasca a maçã - disse Sam, vendo-me na cozinha de casa, sentada à mesa, tirando calmamente a casca da fruta.

- Como assim? Não é desse jeito que se descasca maçã?

- Não - respondeu ele, vindo em minha direção e me dando um selinho na boca. - Na verdade, as pessoas não descascam a maçã, quase sempre a comem com casca mesmo. Mas você faz questão de descascá-la em uma tirinha fina e única, com calma, como se relaxasse ao fazer isso. Senta em uma das cadeiras da mesa, cruza as pernas e simplesmente esquece o mundo. Gosto disso de verdade; é algo peculiar em você, que eu amo - concluiu, e me beijou mais uma vez, mas agora com mais vontade, o que me obrigou a soltar a maçã e corresponder ao beijo dele.

Com o passar dos dias, percebi que Sam trabalhava muito. Sempre tinha que viajar por causa do bufê e também porque tinha um projeto de educação ambiental na faculdade de Ipu, uma vez por semana. Com isso, ficava fora dois ou três dias, em decorrência da distância. Era uma rotina estressante, mas algo que ele gostava muito de fazer, então nunca reclamava.

Em pouco tempo de convivência, conheci a mãe de Sam, dona Selma, uma mulher meiga e batalhadora, que se tornara cadeirante depois de sofrer um AVC. Era comovente ver o cuidado e o amor que Sam tinha pela mãe. Logo de cara, dona Selma

começou a me tratar como uma filha, e nossas famílias ficaram muito próximas.

– Acho que minha mãe gosta mais de você do que de mim – disse Sam, abraçando-me no sofá, enquanto víamos um filme na sala de minha casa.

– Isso é impossível, você sabe. Acho que não há nada nem ninguém no mundo que sua mãe ame mais do que você. – Sorri para ele. – Mas sei que ela gosta de mim, que me ama como uma filha.

Eu e Talles nos falávamos por telefone pelo menos uma vez por semana, durante as três primeiras semanas depois da sua partida, e escrevíamos mensagens pelo celular praticamente todo dia um para o outro. Ele me contava como era a vida na grande São Paulo, que as pessoas se reuniam mais à noite, como tudo era diferente da nossa terra. Falava dos hábitos, do gosto de muitos pelos diversos tipos de café, e que isso era algo de que gostava, já que saíamos sempre para tomar café. Mas falava, sobretudo, da saudade que tinha de mim e da minha família, da sua banda, e também da solidão que sentia. Mas dizia que estava tudo indo bem, que já estava se adaptando ao lugar, e que logo conseguiria alcançar seu objetivo: trabalhar com arte do mundo todo.

Nessas três semanas, conheci também Suzana, amiga de Sam, embora tenha sido só por telefone. Com pouco tempo de conversa, vi que ela era uma garota meiga, mas com uma personalidade marcante. E eles pareciam amigos de verdade.

Sem dúvida nenhuma, tudo estava indo rápido demais. Três semanas juntos, e tomei um susto quando fui surpreendida com um pedido inusitado de Sam:

– Quero me casar com você – disse ele, surpreendendo-me, da mesma forma que tinha feito quando me pedira em namoro, já no primeiro encontro.

Pensei em muitas coisas numa fração de segundo, em nossa vida de casados, em nós dois juntos, como meus pais, que sempre tinham sido felizes. E me vi assim, extremamente feliz ao lado dele. Não podia querer outra coisa para o meu futuro que não fosse estar ao lado de Sam. Então, esperar para que, se sabia muito bem o que eu queria; se não tinha a menor dúvida? Olhei dentro dos olhos dele.

- Eu aceito - eu disse. - Nada me faria mais feliz do que me casar com você, meu amor. Meu futuro é ao seu lado, e não quero esperar; quero o futuro agora. - E ele abriu o seu mais lindo sorriso, de total felicidade.

No mesmo dia, contei a Mel sobre Sam ter me pedido em casamento, e minha irmã ficou muito feliz com a notícia, mas também impressionada com o ritmo acelerado do nosso relacionamento.

- Nossa, Yasmin! Estou boba com essa história toda. Achei que me casaria antes de você, mas, pelo ritmo dos acontecimentos, parece que você se casa primeiro. Estou muito feliz por vocês, minha querida. Tenho certeza de que você e Sam serão muito felizes juntos. Quando pretende contar ao papai e à mamãe?

- Logo - eu disse, meio sem jeito.

Antes de revelar sobre o noivado à nossa família, Sam e eu decidimos viajar. Queríamos ficar a sós, para nos conhecermos melhor. Ainda não tínhamos decidido para onde iríamos, mas estávamos procurando um lugar.

Naquela mesma semana, logo que retornou de Ipu, Sam passou em minha casa para me levar ao bufê, que eu ainda não conhecia.

- Por que você resolveu trabalhar também em Ipu, Sam, já tendo tanto trabalho por aqui? - perguntei, enquanto ele me mostrava a loja da família.

- Ipu não foi nada planejado, mas sim uma coisa que apareceu para dar mais alegria à minha vida - ele disse sorrindo, como se

contasse uma coisa muito boa, e depois continuou: – Quando terminei a faculdade de Agronomia, coordenava um projeto de educação ambiental para famílias carentes, sobretudo, vindas do interior. Nessa época, há pouco mais de um ano, tive a oportunidade de receber uma proposta para substituir um amigo de meu pai que se afastava da universidade para dar aulas numa faculdade particular de Ipu. Fui para ajudar mesmo, mas, quando me deparei com a situação que encontrei lá, e com a possibilidade de colocar em prática a iniciativa do projeto iniciado em Fortaleza, me apaixonei pelo lugar, pelas pessoas. Em alguns meses, me ofereceram a oportunidade de transformar o projeto em algo maior, que hoje é uma cooperativa agrícola. Então, não consegui mais sair de lá. E, apesar do cansaço, porque tenho que passar quase três dias em Ipu toda semana, ainda assim vale a pena.

– Parece mesmo que você ama muito o que faz.

– Sim, amo – disse, beijando-me o rosto.

– Então, me fala desse lugar que você tanto gosta! – pedi.

– Ipu? Bem, Ipu parece um pouco mágica para mim, como um oásis no meio do sertão – falou, e eu ri, apenas escutando. – O Ceará é quase sempre muito quente e seco o ano inteiro, mas Ipu, não. Ipu é cercada de verde, florida e irrigada. Depois de passar horas dirigindo na estrada, você sente a diferença quando está chegando lá, pois a paisagem muda – prosseguiu ele com um olhar distante, como se visse, encantado, a paisagem. – Lá tem um lugar que acho o mais perfeito do mundo: é uma bica enorme, em que a água jorra do meio das pedras, descendo montanha abaixo. Um belíssimo espetáculo da natureza! E são poucos habitantes, mas as pessoas são sempre simpáticas e hospitaleiras.

– É para lá que vamos – falei, arrancando-o de seus devaneios.

– Como assim?

– A nossa viagem para daqui a alguns dias... É para lá que eu gostaria de ir. Se você também concordar, claro. É lá que eu

gostaria que acontecesse a nossa primeira noite; eu e você nesse lugar mágico. Você me leva lá?

– Claro, meu amor! – falou ele. – Vai ser perfeito. Também quero isso; quero que seja lá. – E nos beijamos, em total sintonia.

Marcamos a viagem para o final de semana seguinte. Sairíamos no final da tarde de sexta-feira e ficaríamos até a tarde de domingo.

– Tudo pronto para a viagem? – perguntou Mel na quinta-feira, noite que antecedia minha viagem com Sam.

– Tudo. Já deixei a mala quase pronta para amanhã.

– Lembrou da camisinha? – perguntou rindo, brincando comigo, e eu ri também. – A não; as camisinhas – complementou.

– Mel! Não começa! – chamei a atenção dela.

– Desculpe, Yasmin, é brincadeira, só para você relaxar. Sei que você é cuidadosa, que não vai esquecer algo tão importante. Mas, me fala, você está nervosa?

– Um pouco. Mas, sabe, quando penso em Sam, que é ele quem vai estar comigo, me sinto muito segura, sem nenhum receio.

Saí mais cedo do trabalho na sexta-feira, e Sam não demorou a chegar em minha casa para seguirmos viagem.

Enquanto colocava a bagagem no porta-malas do carro, lembrei-me de Talles. Meu amigo adorou a ideia da viagem quando escrevi uma mensagem para ele, contando. Depois respondeu, dizendo que era muito bom que a gente se conhecesse um pouco mais antes do casamento; que eu experimentasse as sensações que havia descrito quando falamos sobre sexualidade. Talles me sugeriu que eu apenas deixasse acontecer, pois tudo seria conduzido pelo Universo, que eu seria feliz nesse aspecto e em outros da vida de um casal; me assegurou de que isso estava escrito nas estrelas. Ri ao pensar nisso.

– Qual o motivo desse sorriso tão espontâneo, mas distante? Ele não é para mim – falou Sam, na hora em que entramos no carro e

ele deu a partida.

- Não, não é para você - respondi. - Estava pensando em Talles e nas suas doces palavras, então ri, lembrando-me dele.

Quando saímos de Fortaleza, pegando a rodovia rumo ao sertão central, já escurecia. Não gostava de viajar à noite, mas Sam estava acostumado, então, apenas relaxei e curti a viagem, conversando e ouvindo música durante todo o caminho para Ipu.

- Como é o lugar em que você mora enquanto está em Ipu? - perguntei, olhando a paisagem um pouco seca, com o céu já quase escuro, restando apenas um filete de luz no horizonte. Já sabia um pouco sobre o lugar, mas não conhecia os detalhes.

- É uma casa muito bonita; simples, mas bonita. Uma aconchegante casa de interior, com uma varanda ao redor de toda a construção, balanços, redes, jardim e um quintal com muitas árvores.

- Sério?! Balanço e árvores? Deve ser muito bonito mesmo.

- Sim, é muito bonito e colorido. O sítio tem muitas flores, frutas e muito verde; você vai adorar - disse sorrindo e me fazendo um carinho no rosto. - E quero que nossos filhos cresçam em contato com a natureza - concluiu.

Eu arregalei os olhos.

- Já pensando nos nossos filhos?

- Sim, mas confesso que é a primeira vez que penso nisso como algo tangível e desejado. Só com você, Yasmin, e mais ninguém, pensei em ter filhos.

- Eu também, Sam, só com você tenho pensado em todas essas coisas, como namoro, noivado, casamento e filhos. Antes, nunca havia imaginado isso. - E nossas mãos se uniram, com a forte energia entre nós, e nosso desejo claramente aumentando. Queria beijá-lo, tocá-lo, e sabia que Sam também queria. Estávamos prontos, mas tínhamos que aguardar um pouco mais.

– Eu amo você – disse ele, olhando-me por um segundo, sem se distrair da estrada.

– Também amo você.

Chegamos a Ipu por volta das nove horas da noite, e Sam seguiu em direção ao pequeno sítio onde morava, passando pela praça central e continuando por mais ou menos um quilômetro por uma das ruas principais da cidade. Já quase no final da rua, pegou uma travessa de terra onde havia muitos sítios. Aproximou-se de um deles, com um portão branco de madeira e uma aura de tranquilidade que me causou de pronto uma enorme sensação de paz.

Estávamos cansados, mas em muita sintonia, sempre nos olhando e nos tocando de leve, declarando assim nosso desejo, querendo sentir nossas bocas unidas, os corpos ligados, ansiando fazer muito amor naquele lugar mágico.

As ruas, ao sair da parte central da cidade, estavam totalmente desertas; só havia Sam e eu ali. Sam parou diante do portão da casa, desligou o carro e me abraçou, ali mesmo, dentro do veículo. Depois me beijou ardentemente, cheio de desejo, e eu correspondi, entregue por completo a ele.

– Eu quero muito você, Yasmin... Agora.

– Eu também. – Rimos juntos, nossas bocas coladas, com beijos cada vez mais intensos.

Depois de muitos beijos, ele parou e acalmou sua respiração, sem tirar os lábios dos meus. Em seguida, olhou-me, libertando-me de seus beijos, mas eu queria mais, não queria que ele parasse.

– Espere um pouco – disse, abrindo a porta do carro. – Não saia daqui.

Ele foi até o portão, abriu-o e voltou para o carro, dando-me um selinho. Eu mal conseguia falar, tão zonza que estava de desejo, enquanto ele ria sensualmente, percebendo o quanto eu o queria. Ele entrou com o carro no sítio, depois fechou o portão e voltou,

abrindo a porta do carro para mim. Saí do veículo, ficando de frente para ele e abraçando-o.

– Pronto, Yasmin, estamos em casa – disse, beijando meu pescoço, depois procurando minha boca, ofegante. Beijávamo-nos cada vez mais; não nos aguentávamos mais de tanto desejo. – Venha, vamos entrar – disse baixinho no meu ouvido, e me puxou pela mão.

Paramos diante da entrada, e Sam me recostou na porta, dando beijinhos ao redor da minha boca. Estava cada vez mais pronta para ele, sentindo minha temperatura se elevar. Depois ele parou de me beijar, passou um dos braços pelo meu ombro e abriu a porta. Entramos, sempre nos beijando, e ele só fechou a porta, sem se preocupar em trancá-la.

Não tive tempo naquele momento de olhar a casa. Só vi que era linda, colorida, aconchegante e que me transmitia paz. Apenas passamos pela sala, mas já seguimos para o quarto, com Sam me puxando pela mão. Nós dois sempre sorrindo, felizes, muito conectados ao momento.

Sam parou diante da cama. Beijou-me de leve, desabotoou minha blusa bem devagar e tocou minha pele. Meu corpo sentia com intensidade cada toque; era como se houvesse eletricidade entre nós.

Comecei também a tirar a roupa dele, sentindo seu desejo em minha pele, sua boca na minha, ambas quase inseparáveis de tão unidas. Línguas enroscadas, pernas, mãos, braços, como se fôssemos um; não sabíamos onde começava e terminava o corpo um do outro, estávamos completamente ligados. Sentia algo muito forte, sensações poderosas que queriam ser extravasadas. Sabia que precisava dele, precisava senti-lo por inteiro em mim, em meus braços, para saciar sua sede e me deixar também plena de amor.

– Com medo? – perguntou Sam, sentindo-me em seus braços, pronta para ele. Ele me olhava com ternura, nossos rostos quase colados e os corpos queimando de desejo.

– Não. Estou pronta para você, meu amor, e sempre vou estar.

Olhos nos olhos, Sam e eu nos unimos naquela noite maravilhosa de amor. Estava com meu desejo à flor da pele, refém de sensações que jamais sonhei que pudessem existir, e me vi derramar-me de prazer, com o corpo dele no meu, enquanto chorava de alegria e prazer, tendo ali comigo aquele que sabia ser o grande amor da minha vida. Ele me completava em todos os sentidos: era meu amigo, meu amor, meu amante, meu Sam.

Aquela noite, em que não nos desgrudamos para quase nada, foi um marco; sabíamos que não poderíamos mais ficar longe um do outro. Necessitávamos um do outro, não só fisicamente – embora houvéssemos descoberto que nossa ligação física era enorme –, mas como pessoas mesmo, homem e mulher, amigos e, sobretudo, seres que se amavam infinitamente e queriam ficar próximos, por absoluta necessidade de amar.

Beijos intermináveis, ardentes, mas suaves também, selaram aquela primeira de muitas outras noites sublimes. Plenos de amor e de sexo, em paz, sabíamos que aquela era uma união eterna.

• CAPÍTULO 6 •

MARIDO E MULHER

*Quero acordar de manhã do seu lado
E aturar qualquer babado
Vou ficar apaixonado
No teu seio aconchegado.*

– Cidade Negra, Toni Garrido,
Bino e Da Ghama, “A Estrada”.

De pé, com Sam me abraçando pelas costas, diante da linda paisagem da Bica de Ipu, eu podia dizer que me sentia plenamente feliz e que aquela era a vida que queria para mim. Sam me beijava a nuca, enquanto ficávamos admirando aquele espetáculo da natureza, sentindo a brisa da manhã balançar levemente os meus cabelos e o sol banhar de luz o nosso dia perfeito. Sentia como se Deus, por meio da natureza e daquele momento de extrema paz, abençoasse nossas vidas, nossa união.

– Feliz? – perguntou Sam, ao ver minha expressão de admiração ao olhar para a bica, para a água cristalina descendo pelas pedras, sendo recebida por aquele mar verdejante à nossa frente.

– Completamente – disse, e ele me beijou a face. – Tanto, que sinto até medo de tanta felicidade. Você tinha razão, o lugar é belíssimo, e sempre será o nosso lugar.

– Sempre, meu amor.

Sam me mostrou tudo o que foi possível naquele curto espaço de tempo em que ficamos em Ipu: a pequena cidade, a praça, a igreja, a universidade, o balneário; ficamos passeando durante todo o dia – um dia, aliás, muito mais que perfeito, e uma noite mais perfeita ainda, aconchegada nos braços do meu amor.

No começo da tarde de domingo, tendo conhecido tudo o que foi possível, inclusive as dependências do sítio e as plantas amadas de Sam, já cansados das caminhadas, ficamos deitados na varanda da casa em uma rede espaçosa, eu recostada em seu peito, em total harmonia com a vida. Ficamos assim por bastante tempo, aproveitando cada segundo juntos no paraíso, antes de voltarmos para a nossa realidade, nosso cotidiano.

– Mais de seis bilhões de habitantes no mundo, e eu encontrei você. Sou um tremendo de um sortudo, com certeza – disse, abraçando-me mais na aconchegante rede, unindo-nos, deixando-nos ainda mais conectados, ambos sentindo cada toque com mais intensidade. Podia sentir todo o seu desejo.

– Eu te quero muito...

– Eu também te quero, querido... Muito... Agora... – Não resistimos ao desejo que nos consumia e fizemos amor mais uma vez, antes de deixarmos para trás aquele nosso cantinho especial.

Antes do anoitecer, pegamos a estrada de volta a Fortaleza. Sam e eu combinamos que, sempre que possível, iríamos para Ipu. Saímos de lá levando no coração e nos pensamentos cada momento que passamos juntos naquela bela cidade, certos da vida que queríamos para nós, que podia ser ali ou em qualquer outro lugar, desde que estivéssemos juntos.

Ainda no domingo, tive que passar o relatório inteiro da viagem para Mel e Talles. Não contei detalhes da minha primeira noite de amor com Sam, mas pude dizer que nos sentíamos muito felizes. Sam me completava; com certeza, era uma parte de mim, e eu também era assim para ele. Éramos inseparáveis, como se um dependesse do outro para existir; como se um não pudesse viver sem o outro.

Então, chegou o dia em que todos nos reunimos para comemorar o nosso noivado, a minha família e a de Sam, que se resumia a ele e à mãe dele.

- Eu gostaria de fazer um brinde - disse meu pai, antes do jantar.
- Não foi surpresa para mim quando minha filha chegou de viagem, na semana passada, e me disse que ela e Sam iriam se casar. Sempre soube disso, desde o dia em que vi pela primeira vez este rapaz - disse ele, apontando para Sam - olhando para minha filha apaixonadamente em sua formatura. Desde aquele dia, soube que minha menina havia encontrado o homem que a amaria para sempre. E não vou mentir: fiquei muito feliz em saber que Yasmin havia encontrado um bom homem. Então, gostaria de dar a minha bênção aos meus dois filhos, Yasmin e Samuel, aqui, na presença de todos, e desejar muitas felicidades aos dois. Que Deus os abençoe também. Um brinde ao amor!

- Um brinde ao amor! - Todos levantaram as taças.

Dois dias depois, Sam teve que viajar para um congresso de agronomia, mas desta vez uma viagem um pouco mais longa, fora do Estado. À medida que os dias passavam, eu ficava cada vez mais ansiosa, sentindo sua falta, dispersa, triste. Não dava para entender como se podia sentir tanta falta de alguém assim e desejar tão desesperadamente seu retorno. Contava as horas, os minutos e os segundos para que ele retornasse dessa viagem interminável de uma semana. Uma semana que mais parecia uma eternidade.

Mas algo de bom também aconteceu, pois, nesses dias de ausência de Sam, meu pai me chamou para o nosso passeio de veleiro, e eu aceitei. Não foi em Águas Belas, como planejamos, mas na Praia do Mucuripe; porém, foi maravilhoso estar com ele, como fazíamos quando eu era criança, velejando juntos. Assim, o fim de semana passou, e com ele eu esperava que passasse também minha ansiedade, já que aguardava a chegada de Sam.

Na manhã de segunda-feira, tive que trabalhar e não pude pegar Sam no aeroporto. Ele tampouco me deu informações precisas de sua chegada, talvez porque não quisesse atrapalhar minha rotina de trabalho.

O banco estava cheio. Eu trabalhava no atendimento previdenciário, auxiliando, sobretudo, os idosos. Na hora do almoço, resolvi sair com as meninas dos caixas; fomos a um restaurante vegetariano nas imediações. Eu não era vegetariana, mas de vez em quando apreciava a culinária; um hábito adquirido por causa de Talles, meu vegetariano preferido. E, durante o dia todo, não desgrudei do celular um minuto sequer, na esperança de ouvir a voz de Sam.

Já quase quatro horas da tarde, triste com a ausência do meu amor, e me preparando para encerrar o expediente bancário, ouvi a voz pela qual havia aguardado durante toda a semana. Sem me dar ao trabalho de levantar a cabeça, por cansaço e desânimo mesmo, não percebi que ele estava escondido logo atrás do último atendimento que eu fazia.

- Por que uma moça tão bonita parece tão triste? - perguntou a voz do outro lado do balcão, e virei a cabeça de imediato. Minha vontade nessa hora foi de pular o balcão no mesmo instante e me jogar nos braços dele. Estava tão feliz em ver Sam que até voltei a sentir as batidas do meu coração, o sangue circular em minhas veias, o ar voltar aos meus pulmões. Era como se voltasse a sentir a vida em mim depois de um tempo de hibernação; como se

acordasse de um longo sono e sentisse todas as sensações de estar viva ao mesmo tempo. E, embora com vontade de abraçá-lo e beijá-lo ali mesmo, não podia fazer isso, já que estava em ambiente de trabalho. Então, apenas nos tocamos nas mãos, separados pelo balcão de atendimento.

– Você não faz ideia do quanto senti sua falta – eu disse, olhando nos olhos de Sam e apertando suas mãos.

– Eu também, Yasmin, eu também – ele disse, ficando em silêncio por um instante. Depois continuou: – Que horas você sai?

– Em alguns minutos. Me espera para irmos juntos pra casa?

– Estou aqui pra isso.

Assim que passamos pela porta do banco, Sam me parou, abraçou-me com força ali mesmo, no meio da rua, em pleno centro da cidade, e me deu um longo e apaixonado beijo na boca. Foi muito intenso, ardente, carregado de saudade. Só pude aceitar seu carinho, sentindo o toque de nossas línguas unidas e o desejo de mais amor. Depois ficamos só abraçados, para que pudéssemos acalmar nossa ânsia, sentindo o calor um do outro em um abraço maravilhoso.

– Preciso muito de você, meu amor – disse Sam ao meu ouvido, e eu sabia exatamente do que ele falava; era recíproco o nosso desejo. – Você não gostaria de dormir em minha casa esta noite? – pediu ele, olhando-me com intensidade.

– Quero, sim, meu querido.

Naquela noite, eu e Sam tivemos uma das nossas mais intensas noites de amor, conhecendo ainda mais a intimidade um do outro, tendo conosco a sensação de fazer amor depois de um tempo de distância, ambos repletos de saudade. Meu corpo correspondia de imediato a cada toque das mãos dele, de sua boca, a língua percorrendo minha pele, sedenta de prazer – nós dois em total sintonia, em êxtase, plenos de amor.

- Três meses - disse Sam, ao acordar no meio da noite, abraçando-me e beijando minha orelha e nuca.

- Você não vai mesmo me deixar dormir hoje - disse, sorrindo e totalmente receptiva aos carinhos dele; eu o queria mais que tudo. Depois, virei-me de frente para ele, mas continuamos abraçados, com minha perna entrelaçada à dele. - O que quer dizer com "três meses"?

- O tempo até o nosso casamento - respondeu ele, dando um selinho em meu nariz e me abrindo seu lindo sorriso.

- Como assim? Já?

- Sim, já. Você não quer? Eu quero muito começar nossa vida juntos. Acho que em três meses podemos preparar tudo.

- Claro que quero, meu amor. É tudo o que mais quero. Três meses... - repeti em voz alta. - Mel vai ficar louca com a notícia.

Depois de nos amarmos mais uma vez, dormimos tranquilos, abraçados, de conchinha, pelo resto da noite. Nos braços de Sam, eu via que a felicidade era algo muito simples; só precisava ser vivida em cada mínimo detalhe. E nunca imaginei que viveria algo assim tão intenso, um sentimento tão infinito do mais puro amor.

Justo eu, que sempre havia dito que casamento tradicional não era para mim, me via completamente envolvida com os preparativos do casamento. E, como eu havia imaginado, Mel ficou perplexa com o ritmo vertiginoso do nosso relacionamento.

- Yasmin, juro que estou muito feliz por você, mas não acha que é pouco tempo para preparar tudo? Sério, nunca imaginei que fosse se casar antes de mim. Três meses! Nossa, que loucura! - disse minha irmã.

- Sei que parece loucura mesmo, mas eu e Sam não queremos esperar por uma coisa da qual não temos a mínima dúvida; que sabemos ser exatamente o que queremos. Não há motivo para esperar. Também tem o fato de eu não conseguir ficar um dia sequer longe dele.

– Eu entendo, querida. Só acho que tem muita coisa para fazer antes do casamento, como encontrar um lugar para vocês morarem, juntar algum dinheiro para começar uma vida a dois, móveis e tudo o mais...

– Não precisamos de nada disso, Mel – interrompi. – Na verdade, já temos onde morar: na casa dele; só ele e a mãe moram lá. As outras coisas a gente vai conseguindo com o tempo, juntos. Então, não há motivo para esperar.

– Mas você não está grávida, está? – perguntou Mel, sorrindo, como se essa fosse uma boa justificativa para a pressa em relação ao casamento.

– Não! – Ri também. – Só queremos ficar juntos, só isso.

– Está bem. Então precisamos correr, para que você tenha uma festa decente. Simples, mas bonita. Conte comigo, minha querida.

Talles, assim que soube do casamento, começou a se programar para estar em Fortaleza. Ele queria estar na cidade pelo menos uma semana antes da cerimônia, para ficar comigo, e eu me sentia feliz por poder reencontrar meu amigo.

Os dias, então, começaram a passar depressa. Vestido, convites, recepção, presentes, missa de celebração, ensaios, reuniões, papelada. Estava a ponto de enlouquecer com tantos afazeres em tão pouco tempo. A minha sorte foi que não estava sozinha nisso; Mel me ajudava incansavelmente. Sam se responsabilizou pela parte do serviço de bufê e documentos para o casamento civil. Suzana se encarregou das flores, e Talles, duas semanas antes do meu casamento, chegou para me dar força e alegria.

Depois de nos abraçarmos muito, quando chegou à minha casa junto com Sam, que fora buscá-lo no aeroporto, Talles me entregou um presente tão belo e diferente quanto ele.

– Yasmin, queria dar a vocês algo simbólico, então, trouxe este pássaro. – E pegou uma gaiola atrás dele, mostrando-me um lindo pássaro de crista colorida.

– Que lindo, amigo! – Fiquei olhando para a bela ave. – O que é? Parece uma arara, mas é diferente.

– É uma calopsita, minha amiga. É novinha; peguei com um amigo no caminho do aeroporto para cá. Mas parece que Sam não gostou muito – disse, olhando para ele.

– Você sabe que não é bem assim, Talles – Sam falou para o meu amigo. – Só não concordo com o pássaro preso dessa forma, em cativeiro. Os pássaros nasceram para voar, e em liberdade. Vou aceitar o presente, mas sob uma condição: que você permita que a calopsita fique livre.

– Concordo plenamente, Sam. Jamais pediria que vocês a mantivessem presa. E a deixei chegar até aqui para fazermos o teste.

– Que teste? – perguntei.

– Quero que Sam solte o pássaro. Se ele voar e voltar para vocês, não irá embora e conviverá com os dois em harmonia. E então, Sam, quer fazer o teste? – perguntou Talles.

– Com certeza – respondeu Sam.

Nesse momento, Sam recebeu a gaiola das mãos de Talles e a colocou sobre a mesinha que ficava na frente da casa, na varanda. Depois, abriu a gaiola, pegou o lindo pássaro nas mãos, fez um carinho na cabeça dele e deixou que ele se equilibrasse sobre seus dedos.

A calopsita ficou um pouco inquieta, até perceber que ninguém lhe faria mal; por fim, acalmou-se. Em seguida, Sam me olhou com carinho, como se me pedisse permissão, e eu consenti com um aceno de cabeça. Ele então levantou a mão e fez um movimento para cima, para que o pássaro voasse, e a bela calopsita abriu as asas e saiu voado pela rua durante alguns segundos. Deu algumas voltas, mas retornou e pousou sobre meu ombro. Foi incrível! Um momento de muita paz, em que sorrimos todos juntos, felizes pela calopsita preferir ficar com sua nova família, em vez de ganhar o

céu. Depois, Talles falou sobre o pássaro, sobre o apego que tem por aqueles que ama, dizendo que, depois que morrem, sofre por eles. Eu só pude agradecer.

– Obrigada, Talles, pelo lindo presente. Vou cuidar muito bem dela.

Três dias antes do casamento, na igreja, ensaiando para a celebração, Sam e eu apresentamos Talles a Suzana, que sentiram uma afinidade imediata. Nós achávamos que os dois combinavam muito, mas só o tempo diria se poderiam vir a sentir algo mais forte. Eu e ele apostávamos nisso, mas, a partir dali, seria com eles.

Sam e eu nos casamos em fevereiro de 2004. Sam estava lindo e radiante, e eu me sentia feliz e completa com ele ao meu lado.

– Eu, Samuel, recebo você, Yasmin, como minha legítima esposa, para que, a partir de agora, sejamos um só, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, para cuidar de você, amando-a e respeitando-a, todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe.

– Eu, Yasmin, recebo você, Samuel, como meu legítimo esposo, para que, a partir de agora, sejamos um só, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, para cuidar de você, amando-o e respeitando-o, todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe.

E assim fizemos os nossos votos de casamento, sendo abençoadas nossas alianças pelo padre Gerson.

– Eu vos declaro marido e mulher. Agora você já pode beijar a noiva. – Sam me beijou apaixonadamente, sob palmas e lágrimas de alegria dos presentes.

No salão de festas alugado para o casamento, Sam e eu dançamos a primeira dança de casados. Na verdade, Sam dançou; eu só fui meio que arrastada pelo salão. Nem os treinos funcionaram para que tivesse um resultado no mínimo satisfatório.

– Você está maravilhosa vestida de noiva – disse Sam ao meu ouvido, e a voz quente dele, com seus lábios tocando minha pele, já me deixava em brasa. – Quero fazer amor com você assim, vestida de noiva.

– De vestido? – perguntei, sorrindo e adorando a ideia.

– Sim, de vestido... e depois sem ele. – Estava quase entrando em combustão de tanta vontade que sentia dele.

– Como quiser, meu marido – disse. – E para sempre. – Sam sorriu e eu pude sentir sua satisfação.

Antes mesmo do final da festa, nos apressamos para a despedida dos convidados, para que pudéssemos, enfim, seguir para a nossa lua de mel.

Eu e Sam combinamos que dona Selma ficaria na casa de meus pais naquela noite, e nós teríamos nossa primeira noite de casados em nossa casa. Depois, pela manhã, partiríamos de carro para Jericoacoara.

– Amo muito você, Yasmin – disse Sam, olhando bem dentro dos meus olhos, nós dois unidos, fazendo amor e nos sentindo plenos de paixão e desejo, um nos braços do outro, saciados de prazer.

– Também amo você, meu amor... para sempre. – Nós nos beijamos demoradamente e me deixei descansar nos braços dele. Depois, dormimos em paz.

• CAPÍTULO 7 •

NOSSA VIDA

E no meio de tanta gente eu encontrei você. Entre tanta gente chata sem nenhuma graça, você veio.

– Marisa Monte e Arnaldo Antunes,
“Não Vá Embora”.

A beleza da natureza de Jericoacoara não é algo que se possa explicar ou descrever; é preciso vivenciar, para sentir o verdadeiro encanto do que é belo e natural. Em contato consigo mesmo, com sua existência, você tem a absoluta certeza de se estar vivo diante da harmonia que vem desse encontro com o Universo, com as coisas da terra. A areia, o mar, o verde da mata, o céu imensamente azul, o sol claro ofuscando a visão, o vento no rosto, com a água tocando seus pés, enquanto caminha à beira-mar, tudo é energia pura. Uma viagem assim, cercada de tanta beleza natural, com tamanha paz e ao lado de alguém que se ama, com certeza, é a melhor forma de renovar as energias, percebendo o quanto é maravilhoso viver.

Era assim que eu me sentia: viva, extremamente viva – esse era meu pensamento enquanto caminhava pela praia e observava Sam, ao longe, nadando no mar de Jericoacoara. Ia caminhando, segurando meu chapéu em uma das mãos e catando conchinhas com a outra. Sempre gostei de fazer isso, ver o colorido das conchinhas molhadas em minhas mãos.

A pousada em que estávamos hospedados ficava bem perto do mar, e eu e Sam adorávamos aquele contato com a natureza. Sam ainda mais que eu, pois ficava o tempo todo mostrando a vegetação e observando as plantações locais. Passávamos horas caminhando pela redondeza, conhecendo cada pedacinho daquele paraíso.

Naquele primeiro dia de viagem, depois das caminhadas, ficamos deitados juntinhos nas redes instaladas dentro da água, onde podíamos tomar sol, mas também sentir a água molhando nossos corpos. Aproveitamos para namorar assim, dentro da água, com beijos na boca e carinhos recatados, já que estávamos em público. Era até engraçado quando nos animávamos demais e corríamos para o hotel – e ficávamos animados o tempo todo.

– Daqui a pouco termina a nossa viagem e não conhecemos quase nada, já que mal conseguimos sair do quarto, amor – disse eu, envolvida por completo pelos beijos de Sam em meu pescoço, abraçando-me, e eu louca de vontade de fazer amor com ele de novo.

– Você prefere sair? – perguntou ele, ofegante, sua boca buscando a minha e eu sentindo seus beijos em minha face, quase tocando minha boca; sentindo sua língua percorrer meu queixo, sem conseguir sequer falar.

– Não – disse, também ofegante. – Quero que me ame. – E nos perdemos um no outro mais uma vez. Só saímos do quarto no final da tarde, para ver o pôr do sol.

Olhando para o mar, com o céu amarelo-ouro à nossa frente, eu sentada entre as pernas de Sam, na areia, ficamos apreciando a

paisagem.

– Você tem pernas lindas – disse Sam, abraçando minha cintura pelas costas e acariciando minhas pernas, tentando assim afastar a saída de banho rendada que eu usava. Era curta, mas não o suficiente. Sorri.

– Você está me paquerando, senhor meu marido? – falei sorrindo.

– Pode apostar que sim – respondeu malicioso, com olhos cheios de desejo.

– Quer ir para o quarto? – perguntei, ainda sorrindo, e ele me beijou e também sorriu, com a boca roçando a minha pele, ouriçando-me mais. O sorriso de Sam enquanto me beijava era um convite ao amor. E ele sequer respondeu à pergunta, apenas se levantou da areia, dando-me a mão para acompanhá-lo. Ficamos o resto da noite na cama.

Estávamos no último dia de lua de mel, e, antes do nosso retorno a Fortaleza, decidimos percorrer a região.

Começamos o dia pela Pedra Furada, um lindo monumento à beira-mar, e registramos tudo com muitas fotos, os dois em plena felicidade. Depois, visitamos as dunas e fizemos passeios de *buggy* naquele enorme tapete branco, completamente branco, pois só havia duna para onde quer que se olhasse. Tudo muito lindo.

Almoçamos na praia, e Sam preferiu pratos com legumes e arroz. Ele não gostava muito de gordura animal e não comia carne com frequência. Mas de vez em quando comia peixe. Então, apreciamos uma peixada numa rústica barraca nas proximidades da praia. Finalizamos o dia com o passeio de jangada, nos sentindo renovados para a volta ao lar, já que ficaríamos apenas mais uma noite e retornaríamos para casa na manhã seguinte.

Na cama, conversamos um pouco sobre nossas vidas. Embora eu e Sam tivéssemos muita afinidade, tínhamos também pouco tempo de convivência, e a cada momento juntos nos conhecíamos mais.

– Você sente falta de seu pai? – perguntei.

– Muita. Meu pai era um grande amigo. Ele nos deixou muito cedo, por causa de problemas cardíacos. Não tive outros irmãos, então, éramos só eu, ele e minha mãe. Mas, sabe, acho que minha mãe sente muito mais falta dele. A felicidade dela, sem meu pai, ficou limitada, contida. Ela apenas segue seu caminho, principalmente por mim; sabe que não suporto vê-la triste. Mas ela é triste. Disfarça, mas sei que é. Triste de saudade.

– Eu não suportaria viver sem você, Sam – eu disse, interrompendo-o, e meu coração ficou inquieto dentro do peito, com um medo terrível. – Não sei como sua mãe consegue viver sem seu pai, mas eu não conseguiria – repeti, nervosa, abraçando-o mais.

– Mas eu estou aqui, Yasmin, e você não vai me perder.

– Você promete? Promete que nunca vai me deixar, que sempre vai estar ao meu lado?

– Prometo, claro que prometo, meu amor. Não tenho nenhum lugar para ir que não seja com você ao meu lado. Fique calma, por favor. Não precisa ficar assim. Vamos mudar de assunto, está bem?
– pediu ele, dando um beijinho em meu nariz, e depois muitos beijinhos em meu rosto, tentando me fazer sorrir e esquecer aquele assunto pesado.

Fiquei agitada aquela noite só de cogitar a ausência de Sam, só de ouvir sobre a perda de um amor. Estava nervosa, inquieta, e só consegui me acalmar depois que Sam me fez relaxar, depois de fazermos amor. Não queria pensar em nada, apenas em amar, sentindo desesperadamente cada toque dele em minha pele, libertando-me de tudo que me prendia à terra, deixando-me ser só sentimento em um momento tão intenso, em que eu podia sentir nossas almas também unidas. Mente, corpo e alma em pura sintonia. Então voltei a sentir a harmonia em mim, deixando para trás aquele breve momento de dor, uma dor pela qual não passava,

mas que sabia ser inadmissível para mim. Não suportaria viver sem Sam.

Assim, ao lado do meu amor, o tempo corria, e nossa vida era vivenciada em plenitude, conhecendo-nos a cada dia mais e percebendo o quanto éramos parecidos, cheios de afinidades, e o quanto nosso amor só fazia crescer com a convivência. Se não concordávamos com algo, parávamos, conversávamos e buscávamos a melhor opção para os dois, mas sempre de comum acordo. Porém esses momentos eram poucos, já que quase nunca brigávamos ou discordávamos.

E ríamos sempre, ríamos juntos quando vivenciávamos uma descoberta e até mesmo das diferenças um do outro, como a minha mania por travesseiros, por exemplo. Eu estava sempre em busca do travesseiro ideal – tinha vários deles. Mas Sam compreendia, e coisas assim eram motivo de gargalhadas. Com o tempo, minha mania por travesseiros foi diminuindo; era como se me faltasse algo na hora de dormir, mas com ele ao meu lado na cama não faltava mais nada. Sam confortava meus dias e noites.

Minha maior preocupação era fazer com que Sam diminuísse o ritmo de trabalho, pois ele assumia muitos compromissos e acabava ficando exausto. Dizia que queria muito se dedicar mais à agronomia, mas teve que abrir mão da carreira, ficando apenas com o projeto de Ipu, para se dedicar ao negócio da família. O bufê era importante para a mãe dele, e ele queria fazer isso por ela, zelando para que tudo funcionasse à perfeição. Então, depois da morte do pai, ele passou a dar tudo de si para que as coisas fluíssem bem no bufê. Por isso, seguia em frente, abrindo mão de outras coisas que também amava. Mas era feliz assim, sempre sorrindo, e, pela manhã, bem-humorado, gostava até de cantar no chuveiro. Eu adorava esse hábito dele, quando acordava ouvindo meu amor feliz no banho.

- Cantando nossa música? - perguntei, do lado de fora do boxe do banheiro, ouvindo Sam cantarolar e assoviar nossa canção. E não era só ele; Romeu, nossa calopsita, também cantava aquela música, pois já havia aprendido o som e de vez em quando o reproduzia. Era uma sensação boa aquela, uma sensação de paz.

- Sim - respondeu. - Estou feliz, pois encontrei você - disse sorrindo, olhando-me pelo vidro do boxe, e visualizei sua silhueta perfeita. - Você não quer entrar aqui comigo? - pediu ele, com um olhar carinhoso e cheio de desejo. Nada falei, apenas tirei a camisola e me juntei a ele no chuveiro, beijando-o ardentemente, nossos corpos molhados e unidos debaixo da água. Não cansava de pensar em quanto nossa vida em comum me fazia feliz.

Em seis meses, foram três casamentos em nossa família: o de mamãe, nas bodas, o meu e o de Mel, e muitos sentimentos foram celebrados. Agora, estava na hora de deixar o tempo passar, eu pensava, enquanto me lembrava das muitas emoções que havia vivenciado em tão pouco tempo. E foi o que fizemos, eu e Sam, apenas curtindo nossa casa, nossa vida, cada pequeno e doce momento de felicidade.

Com o nascimento dos gêmeos de Melissa, no final do ano de 2004, a família estava maior, e eu e Sam começamos a pensar em filhos.

- Você quer? - perguntou ele, a respeito de tentarmos ter um bebê. - Podemos esperar mais um pouco, se você quiser, meu amor.

- Eu quero, sim. Sei que ainda não é o momento, principalmente em termos financeiros, mas acho que a gente dá um jeito; e um filho pode fortalecer nosso amor ainda mais. E desejo muito um filho seu.

- Eu também quero muito.

Daí em diante, deixamos por conta da natureza e aguardamos, mas nada aconteceu, talvez até pela nossa ansiedade. Sam e eu

decidimos não pensar mais tanto no assunto, só esperar o tempo certo, em especial porque estávamos preocupados com a saúde da mãe dele, que vinha piorando. Foram momentos difíceis, sobretudo para ele.

Com mais um AVC e já totalmente debilitada em decorrência de várias internações, dona Selma se despediu do filho, que sofreu horrores; ele amava demais a mãe.

- Cuidem um do outro - disse dona Selma, suas últimas palavras ditas com muito esforço, quase um balbucio, e soltou a mão do filho amado, que me puxou para um abraço emocionado.

Nos dias que se seguiram, depois da morte de dona Selma, eu e Sam trabalhamos muito, de modo incansável. No banco, minhas amigas sempre insistiam para que saíssemos depois do expediente, dizendo que era para espairecer. Mas eu não sentia vontade, não sem Sam; não tinha graça, e, se saísse, seria apenas para satisfazer o desejo alheio, não o meu.

- Pode ir, amor - dizia-me Sam ao telefone, quando eu contava sobre um convite que recebia da turma do trabalho. - Vai ser bom para você, e logo estaremos juntos em casa.

Com a insistência dele, pensei em aceitar o convite, mas ainda relutante. Não tinha a menor vontade de estar com outras pessoas e ficava contando os minutos para correr para os braços de Sam. Mas Cíntia, minha amiga, também insistiu:

- Vamos, Yasmin, vai ser legal. Ser casada não é desculpa, pois eu também sou. E é bom dar um tempinho do marido de vez em quando.

- Tudo bem, Cíntia, eu vou, mas não vou ficar muito tempo.

Fui com os colegas de trabalho a um restaurante, nas proximidades do banco. Não foi chato, já que eram pessoas do meu convívio, boas pessoas. Mas o fato é que eu tinha a impressão de que estava lá só jogando conversa fora, adiando o momento de viver a minha real felicidade, que era em casa, com meu marido. E,

quando as pessoas começaram a beber e falar demais, aí sim notei que era hora de ir embora.

– Yasmin, você é uma gata, sabia? – disse Wellington, um dos gerentes, com quem eu pouco falava, mas que sempre fazia brincadeiras inconvenientes. – Se não fosse casada... A propósito, o que você viu naquele seu marido? Ele é meio sem graça, não acha? Com certeza, eu poderia dar uma animada na sua vida, se você quisesse. Fico doido quando a vejo de saia justa e essas pernas lindas de fora – comentou, com a voz pastosa, totalmente bêbado, e todos ficaram perplexos com os comentários indiscretos. Eu, que já estava desconfortável, fiquei indignada e não me contive:

– Vi nele tudo o que não há em você, sobretudo gentileza, bons modos, beleza interior, educação, bondade, respeito, caráter, dignidade. Para mim ele é perfeito, lindo, e lhe garanto: não tem nada de sem graça nele, pois me completa em absolutamente tudo. Com certeza, um bêbado e inconveniente como você jamais poderá entender isso – acrescentei, já me levantando. Cíntia se levantou em seguida, me pedindo desculpas e dizendo que era ele quem deveria sair. E o babaca ali me olhando, quase babando, a ponto de quase tombar no chão.

– Não precisa se desculpar, Cíntia – eu disse à minha amiga, já com a bolsa no ombro. – Concordei em vir por você, querida, mas agora já passou da hora de eu ir embora – concluí, e saí apressada.

Eu estava de carro e o trânsito já estava tranquilo, por isso pisei mais fundo no acelerador para chegar em casa depressa; estava louca de saudade de Sam. Quando cheguei e abri a porta, nem esperei para conversar sobre nosso dia, como era de costume. Ao ver Sam na cozinha, que me abriu seu sorriso encantador, joguei-me nos braços dele, beijando-o, fazendo-o largar na pia a frigideira que tinha na mão. Ele, mesmo sem entender minha ânsia,

correspondia com vontade aos meus beijos, que ficaram cada vez mais intensos e repletos de desejo.

– Por favor, me ame, querido. Desejo muito você – disse em seus lábios, consumida de desejo por ele.

– Aqui? – perguntou ele, sorrindo levemente, sem parar de me beijar.

– Sim, aqui. – Também sorri em seus lábios.

Sam nada me perguntou. Mesmo sabendo que eu estava tensa, apenas me conduziu para a mesa da cozinha, recostando-me com carinho nela e me beijando com intensidade. Depois, começou a levantar minha saia e me deitou na mesa.

Não havia lugar melhor no mundo para mim que não fosse meu lar, ao lado de Sam, e, sempre que sentíamos vontade, fazendo amor, muito amor. Construíamos nossa vida, nosso amor, dia após dia, vivendo com intensidade cada momento juntos, e, à medida que o tempo passava, nos amávamos cada vez mais.

Alguns meses depois da morte de dona Selma, quando eu e Sam já nos adaptávamos à ausência dela, iniciou-se um período muito triste em minha vida. Meu pai faleceu, e a morte dele foi muito difícil para mim. Não havia como mensurar o tamanho de minha tristeza. Fiquei dias afastada das atividades no trabalho, com Sam sempre ao meu lado, dando-me o apoio e a paz de que precisava, fazendo do nosso lar um refúgio para todas as minhas dores.

Essa foi uma das piores dores que já senti na vida, a dor da ausência de meu pai. Mal sabia eu que havia dor infinitamente maior.

• CAPÍTULO 8 •

MUDANÇA

*Não sei se eu saberia
Chegar até o final do dia sem você
Por que em tão pouco tempo
Faz tanto tempo que eu te queria.*

– John Ulhoa e Zélia Duncan,
“Tudo sobre Você”.

Um ano depois da morte de meu pai, Sam recebeu uma proposta para trabalhar definitivamente em Ipu. Ele assumiria o departamento de pesquisa da universidade e poderia continuar com o projeto de educação ambiental, portanto, ficou muito tentado a aceitar a proposta. Na verdade, há muito já desejávamos uma vida mais natural, campestre. E, depois da morte de nossos pais, esse desejo ficou ainda mais forte.

Claro que não seria fácil largar tudo em Fortaleza e seguir em definitivo para Ipu, mas estudávamos alternativas, vendo se seria viável uma mudança como essa, tão complexa.

- Acho possível considerar a ideia sem ter necessariamente que fechar o bufê. O que acha, Yasmin? - perguntou-me Sam, acariciando meu rosto, em nossa cama.

- Acho que você tem razão, meu amor. No banco parece que não vai ser difícil conseguir uma transferência, só precisamos mesmo conciliar Ipu com o bufê, e acho que vai dar certo, sim. Sandra é uma ótima gerente de eventos, empenhada, e você pode acompanhar tudo à distância. Também podemos vir a Fortaleza todo final de semana e manter esta nossa casa aqui.

Minha mãe vinha se recuperando bem da morte de meu pai. Dizia que sempre estariam juntos em pensamento e que o encontraria de novo. Nunca discuti com ela sobre sua certeza de estar junto a meu pai um dia, apenas aceitava e compreendia seu modo de conviver com a dor. Procurava entender essa ligação dos dois, mesmo depois da morte dele. Não queria me afastar dela indo para Ipu, mas mamãe me disse que estava tudo bem, que eu deveria ir e construir minha vida junto a Sam, nos dando sua bênção.

Talles já havia terminado o mestrado; agora viajava pelo mundo. Eu sempre recebia suas fotos e cartões-postais de vários lugares da Europa. Em muitas delas, Suzana estava presente, e eu e Sam olhávamos felizes as fotos de nossos amigos, que viviam juntos já fazia mais de um ano, em harmonia, em um Universo só deles.

Após resolvermos todos os detalhes práticos, o que não demorou muito, Sam e eu partimos para Ipu. Decidimos morar na casa em que tínhamos ficado dois anos antes em Ipu, pois já conhecíamos bem o lugar. O amigo do pai de Sam nos vendeu o imóvel; disse que não tinha mais pretensão de morar ali. E, para mim, aquela era a casa dos meus sonhos, o lugar onde eu queria passar toda a minha vida ao lado do meu amor.

Depois de algum tempo já instalados em Ipu, levávamos uma vida pacata e feliz. À medida que os dias iam passando, eu fazia novos

amigos, vizinhos que gostavam de oferecer uma ajuda para qualquer coisa. Acordava todas as manhãs com o canto da nossa calopsita e o cheiro de terra, de natureza viva, com o sol entrando pela janela do quarto.

Passamos a usar menos o carro. Sam o usava mais do que eu, pois a universidade ficava um pouco afastada da cidade. Nos trajetos de pouca distância, usávamos bicicletas ou caminhávamos. E adorávamos aqueles passeios de bicicleta, sempre aproveitando para namorar um pouquinho, quando parávamos em algum lugar para tomar um sorvete ou apreciar a natureza. Recostávamos as bicicletas em um local qualquer e ficávamos aos beijos e abraços.

Oito meses depois de irmos morar em Ipu, fui pega de surpresa certa manhã, quando, ao escovar os dentes, senti uma forte vontade de vomitar por causa do gosto do creme dental. Imaginei de imediato o que poderia estar acontecendo, claro, e peguei um dos testes de gravidez que guardava na gaveta fazia meses.

Para minha alegria, confirmei que estava grávida. Toquei a barriga, sentindo-me imensamente feliz com a notícia. Corri para a cama na mesma hora para acordar Sam e dividir com ele a novidade.

- Ah, meu Deus, Yasmin, sério? Nós vamos ter um filho? - perguntou ele, eufórico, mas ainda sonolento, mal acreditando na notícia.

Beijava-me, abraçava-me com muita paixão, e eu ria, sem conseguir responder às perguntas dele com seus beijos intermináveis, sua língua preenchendo minha boca, e eu cheia de desejo, mais que o normal.

- Eu te amo muito, Yasmin - disse Sam, pleno de amor.

- Eu também te amo muito.

A notícia foi motivo de alegria não só para nós dois. Mel estava felicíssima, já contando em detalhes as maravilhas da gravidez, enchendo-me de dicas, cuidados, marcando consultas no obstetra.

Talles ficou emocionado ao saber da minha gravidez. Meu amigo sempre foi uma criatura doce, e a notícia de uma nova vida foi fonte de alegria e celebração para ele. Suzana, quando falou com Sam, foi muito terna com o amigo, abençoando nossa família.

Aos quatro meses de gravidez, com minha barriga já saliente, a médica nos deu a notícia de que eu esperava um menino. Sam, que segurava minha mão na hora do exame, ficou emocionado; deu um beijo em minha face e agradeceu pela felicidade que sentia.

Depois da consulta, quando estávamos no carro a caminho de casa, percebi que Sam estava inquieto, tamborilando os dedos no volante.

- O que foi, amor, está tudo bem?

- Sim, tudo bem, só um pouco cansado. E com fome - disse sorrindo.

- Assim que chegarmos em casa, preparo algo para você, querido. Depois vamos para cama e você descansa.

Depois do jantar, Sam já estava mais descansado, mas ainda parecia um pouco inquieto. Porém, à noite, em nossa cama, estava relaxado, brincalhão e carinhoso como sempre.

- Você fica ainda mais bonita assim, Yasmin, com a barriga já aparecendo. Fica muito sensual, sabia? E me deixa cheio de desejo - disse, beijando minha barriga. Era até engraçado como o fato de estar grávida me deixava ainda mais sensível aos carinhos do meu marido. Só o som da sua voz ou o toque da sua pele na minha já me enchia de desejo.

- Então, quer dizer que o senhor está desejando ainda mais sua esposa... grávida? - perguntei em tom de brincadeira, adorando o desejo dele.

- Sim, ainda mais, meu amor. - Ele não disse mais nada por um longo tempo, apenas preocupando-se em me dar carinho, saciar os meus desejos, e eu reagia saciando os dele também.

Um pouco mais tarde, com Sam buscando uma forma de me deixar confortável para dormir, arrumando os travesseiros para apoiar minha barriga, me vi pensando no quanto era feliz, no quanto Sam me completava.

- Amo tanto você, Sam - disse no escuro, com Sam deitado ao meu lado, abraçando-me pelas costas, a mão pousada sobre minha barriga. - Não saberia viver sem você, meu amor. Fico pensando em meu pai e na minha mãe, que vive razoavelmente bem sem ele, mas eu nunca conseguiria viver sem você se algo nos separasse.

- Nada vai nos separar, Yasmin, nada. Mas quero que me prometa...

- Não fale, Sam - interrompi-o. Só a ideia de imaginar o que Sam queria me falar já me deixava em pânico.

- Me deixa falar, amor? - pediu ele.

- Sei o que vai dizer: que, se algo acontecer a você, quer que eu siga em frente. Mas você não pode me falar uma coisa dessas, Sam, não pode - eu disse, quase chorando. - Não posso nem sequer pensar em algo assim.

- Eu sei, meu amor, não se preocupe com isso; nada vai me acontecer, nem com você. Está tudo bem. Mas me prometa... - ele ainda insistiu.

- Não posso, Sam, não posso prometer uma coisa sem razão como essa, principalmente algo que não sou capaz de suportar. Você sabe disso.

- Então, quero fazer uma promessa. Fique calma, está bem? Mas me escute - disse ele, e eu relaxei, me acalmando. - Eu prometo que sempre vou estar com você, Yasmin, não importa o que me aconteça. Nada vai nos separar e vou ampará-la com meu amor, enquanto você precisar. Sempre vou estar ao seu lado, em todos os momentos de sua vida - disse ele, e senti que nada, absolutamente nada, nos separaria.

Não tinha dúvida de que estávamos ligados, de que nossas almas e vidas não podiam ser separadas. Naquela noite, me senti em paz, apenas acreditando na promessa do meu amor, e adormeci em seus braços, com ele cantarolando ao meu ouvido nossa canção, cantando baixinho para acalmar meu coração. Assim, deixei o tempo passar, e, com ele, meus medos também ficaram para trás.

• CAPÍTULO 9 •

SILENCIO

*Quando eu fui ferido vi tudo mudar
Das verdades que eu sabia
Só sobraram restos e eu não esqueci
Toda aquela paz que eu tinha.*

– Guilherme Arantes,
“Meu Mundo e Nada Mais”.

Uma chuva fina batia na janela, enquanto o cheiro de terra molhada invadia o nosso quarto. Acordamos de madrugada, com o céu ainda escuro, pois tínhamos que estar em Fortaleza ainda naquela manhã.

Aconchegada nos braços de Sam, sentia ainda o gosto dos seus beijos em minha boca, as sensações do amor da noite anterior, o cheiro dele em minha pele e seu afeto em um simples beijo de bom-dia.

– Bom dia! – disse Sam, beijando meus cabelos, tentando afastar o sono que me envolvia. – Dormiu bem, meu amor?

– Melhor do que bem – eu disse. – Bom dia, querido! Eu sei, temos que ir.

– É – confirmou ele, acariciando minha barriga. – Ele está bem?

– Sim, só um pouquinho inquieto. São quase seis meses... Agora ele se mexe mais. – Sorri para Sam e tentei mudar de posição, ficando de barriga para cima. Sam ficou ao meu lado, me olhando.

– Não me canso de admirar você. Eu te amo.

– Eu também.

– Quer ficar mais um tempinho na cama? Preparo o nosso café. Descanse um pouco mais.

– Está bem, vou logo em seguida – eu disse. Ele me deu um beijo e saiu.

À distância, fiquei ouvindo Sam preparar o café na cozinha e cantarolar a nossa canção. Depois foi a vez de Romeu, que começou a cantar também, e vi que o dia tinha mesmo começado e eu precisava me levantar.

Acordei enjoada, com uma sensação estranha de desconforto. Parecia aflita ou cansada, não sabia distinguir bem. Mas atribuí tudo isso à gestação e não estranhei. Tomei banho, troquei de roupa e segui para a cozinha.

– Cheirinho bom... – disse assim que entrei na cozinha, ao sentir o aroma de café. Peguei um pedaço de pão e depois beijei o rosto de Sam, que acabava de preparar um suco de fruta para mim.

– Bom mesmo é o seu cheiro – disse Sam, cheirando levemente meu rosto, enquanto me entregava o copo com o suco. – Já está pronta?

– Sim.

– Então, saímos já, já. Só vou tomar um banho rápido.

– Está bem. Vou acabar de arrumar nossa bagagem.

Organizei a casa, deixei água e comida para Romeu em quantidade suficiente para três dias e, antes das sete horas da manhã, eu e Sam já estávamos na estrada.

Chegamos a Fortaleza por volta do meio-dia e Melissa já nos aguardava na casa de mamãe para o almoço em família.

- Yasmin, você está cada vez mais bonita com essa barriga, minha irmã! - disse Mel, abraçando-me assim que saí do carro.

- Obrigada, Mel. E mamãe, onde está? - perguntei, ao não ver minha mãe do lado de fora da casa.

- Está com as crianças. Ela já vem. Sam, meu querido, como vai? - Mel cumprimentou Sam, que trazia nossas bagagens, logo atrás de mim.

- Estamos bem, Melissa. E vocês? - perguntou Sam.

- Estamos ótimos! E felizes com a chegada de vocês. Estava com saudade. Jorge vem mais tarde, aí vocês conversam um pouco. Mas, vamos entrar? Você deve estar cansada da viagem, Yasmin.

- Um pouco - respondi, e seguimos para dentro de casa.

Almoçamos todos juntos, Sam, eu, Mel, os gêmeos e mamãe. Jorge só estaria conosco à noite. O almoço foi muito animado, descontraído, com todos falando um pouco da própria vida, e eu e Sam adorávamos contar como era a vida em Ipu.

Após o almoço, Sam precisou sair; tinha que estar no bufê e precisava se encontrar com um fornecedor à tarde. Eu tinha vontade de ir com ele - estava estranhamente aflita, não queria sair do seu lado -, mas ele e Mel me convenceram a ficar em casa, descansando da viagem. Eu concordei, pois também queria muito conversar com minha irmã e minha mãe, de quem eu sentia saudades.

- Amor, eu volto logo, prometo. Só vou ver como estão as coisas no bufê e buscar uma mercadoria, depois volto correndo para você. Fique aqui com sua mãe e sua irmã, descanse, durma um pouco, que logo estarei de volta - disse Sam, convencendo-me a não ir com ele.

- Está bem, querido. Vou ficar esperando você.

- Eu te amo - disse ele, olhando nos meus olhos.

- Eu também te amo - respondi, correspondendo ao olhar, sentindo um imenso amor e uma estranha saudade. Em seguida, ele me deixou na porta de casa e acenou para mim enquanto entrava no carro e partia. Fiquei ali parada, com o coração apertado.

O dia foi passando, e eu fiquei na companhia de Mel e de minha mãe, que perceberam minha inexplicável aflição, embora eu tentasse disfarçar.

- O que você tem, Yasmin? Parece nervosa! - comentou Mel.

- Não é nada. Acordei assim hoje, com uma aflição e uma vontade de chorar, mas não sei o que é.

- São os hormônios da gravidez, minha querida; senti isso o tempo todo, uma vontade de chorar por qualquer coisa - disse Mel com um sorriso, embora minha mãe, ao lado dela, parecesse um pouco mais preocupada.

- Vou fazer um chá de erva-doce para você, filha, para acalmá-la. E pegar uns travesseiros também, para você ficar mais confortável aqui no sofá.

- Obrigada, mamãe.

Falei com Sam uma vez, enquanto tomava o chá que minha mãe me havia preparado, por volta das três horas da tarde. Ele estava no bufê e logo sairia para ver o fornecedor, prometendo seguir direto para casa logo depois. Pedi que não demorasse, e, pelo tom de sua voz, parecia cansado. Ele pediu que eu dormisse um pouco, pois, quando acordasse, ele já estaria em casa, ao meu lado.

Não quis ir para a cama, mesmo com toda a insistência de minha mãe e de Mel. Preferia ficar no sofá mesmo, com a barriga apoiada num travesseiro, olhando para a porta, à espera de Sam. E também não queria dormir; no entanto, o cansaço das horas de viagem me fez cair no sono.

Não sei por quantas horas dormi, mas foi um sono inquieto e cheio de sonhos dispersos. Sonhei o tempo todo com Sam, com nós

dois juntos nos diversos momentos de nossa vida, como um filme que passava rapidamente diante de mim. Embora parecesse um sonho feliz, era inquietante. Sentia meu coração disparar o tempo todo e meu rosto molhado de lágrimas. Ouvia a voz de Sam ao meu ouvido dizendo: “Nunca vou deixar você... eu te amo”, e ouvia nossas juras de amor, nossas risadas, e sentia o gosto dos seus beijos. Mas os sons ficavam cada vez mais distantes, até tudo ficar em silêncio. Eu estava dormindo, mas sentia como se estivesse acordada, e percebia o silêncio ao meu redor, a ausência do meu amor, e chorava incessantemente.

– Yasmin, acorda! – Alguém me chamava. Parecia a voz da minha mãe, me arrancando do sono. – Acorda... – A voz continuava me chamando, e eu acordei assustada, com lágrimas nos olhos.

– Yasmin, querida, desculpe, mas tivemos de acordá-la. Você estava chorando muito enquanto dormia e ficamos preocupadas – falou Mel. Não vi Sam ali com elas, como ele me havia prometido, e comecei a entrar em pânico.

– Onde está Sam? – foi a primeira coisa que eu disse, quando consegui despertar totalmente do sono agitado.

– Não sei, ele não chegou ainda. Mas e você? Está bem, Yasmin? – Mel parecia preocupada.

– Que horas são?

– Dezoito e trinta. Por quê?

– Dezoito e trinta – repeti. – Já era para Sam ter voltado, Mel. Ele me prometeu que estaria aqui quando eu acordasse. Sam cumpre suas promessas – eu disse desesperada, e minhas lágrimas desciam pelas minhas faces. Eu estava com um aperto terrível no peito, uma aflição que só aumentava.

– Calma, Yasmin, você não pode ficar assim tão alterada, não é bom para o bebê nem para você. Tente se acalmar.

– Eu sei, eu sei – disse, quase sem voz, levantando-me do sofá, mas me senti zozna e voltei a me sentar.

– Sente-se, Yasmin, você não está bem. Mamãe, ligue para Sam, por favor – pediu Mel a nossa mãe, enquanto eu continuava sentada no sofá, trêmula, zozza, sem ver nada à minha frente.

– Por favor, Mel, me dê o meu celular. Preciso ligar para Sam!

– Claro, querida. Mamãe também está tentando. – Mel se virou e começou a procurar o celular ao redor, localizando-o na mesinha de centro da sala. – Tome – disse, me entregando o aparelho.

Peguei o celular e liguei para Sam, mas só ouvi aquela mensagem irritante, avisando que o celular estava fora de área ou desligado. Tentei várias vezes, achando que poderia ser falta de sinal ou algo assim, mas nada. Eu não parava de chorar, tamanha era a minha aflição, e Mel também estava agoniada agora, sem saber o que fazer, apenas tentando me acalmar. Minha mãe também não tinha conseguido contato com Sam, só com Jorge. Meu desespero só piorava a cada minuto sem notícias.

– Yasmin, você está me assustando – disse Mel, me olhando nos olhos. – Fique calma. Sam está bem, querida, só deve ter ficado sem sinal ou não pôde se comunicar por algum motivo, mas está bem – disse ela. Eu a olhei apreensiva, demonstrando o quanto era mínima a possibilidade de Sam ficar sem me dar notícias, e ela se calou.

As crianças, vendo o desespero da mãe e o meu, começaram a chorar, e mamãe tentou acalmar as crianças, dando-lhes colo. Mel também tentou acalantar os filhos, mas, vendo o quanto eu estava transtornada, deixou a tarefa para mamãe.

– Mel, preciso ter notícias dele – implorei à minha irmã. – Por favor, ligue para a loja; não consigo fazer isso, estou muito nervosa.

– Eu sei, querida, deixe que eu faço isso. – Ela pegou meu celular, procurou o número nos contatos e ligou. O telefone chamava e ninguém atendia. Imaginei que, por ser sábado, todos já deviam ter saído.

– Ligue para a confeitaria, deve ter alguém lá – pedi de novo, vendo que ninguém atendia na administração. Já passava das sete horas da noite, e, a cada minuto, minha aflição era maior.

– O confeitiro disse que todos já saíram, e que ele mesmo já está quase de saída também. Disse que não viu Sam por lá hoje. Pediu que eu ligasse para o celular da gerente.

– Liga logo, por favor. – E Mel ligou. O celular chamou algumas vezes e alguém atendeu.

– Oi, eu sou Melissa, irmã de Yasmin, boa noite – falou Mel, e eu pedi o celular. – Só um minuto, por favor, que Yasmin quer falar.

– Oi, Sandra – comecei, sem sequer cumprimentar a moça. – Você tem notícias de Sam? Sabe onde ele está? – perguntei com a voz embargada pelo choro, mas tentando me controlar.

– Não, Yasmin. Ele saiu da administração por volta das três da tarde e não tive mais notícias dele. Foi buscar uma mercadoria, mas depois disso não soube mais dele. Ficou de ligar, mas não ligou, e ainda estou aguardando.

– Está bem, obrigada. Me ligue, por favor, nesse celular, se tiver notícias. – Então passei o celular para Mel, que terminou de falar com Sandra. Eu não conseguia mais dizer uma só palavra; queria apenas chorar.

Quando desligou, Mel soltou o celular e me abraçou. Eu estava completamente descontrolada, e ela, muito nervosa ao me ver assim. Eu nunca tinha visto Mel sem ação antes.

– Yasmin, você não pode ficar desse jeito, precisa reagir. Logo que Jorge chegar, se você não melhorar, vou ter que levá-la ao hospital. Você está descontrolada, não para de chorar, e isso não é nada bom para a sua gestação.

– Eu sei, Mel, mas não estou conseguindo – eu disse, soluçando. – Estou com uma sensação ruim, e essa falta de notícias está me enlouquecendo. Vou tentar me acalmar, mas, por favor, não me

tire daqui; preciso estar aqui para quando Sam chegar. – E as lágrimas escorriam pelo meu rosto, cada vez mais abundantes.

Nesse momento, ouvi um barulho de carro estacionando na frente da casa. Pulei do sofá e fui até a porta. Mel tentou me ajudar, segurando meu braço. Olhei rapidamente para a rua, procurando Sam na pouca luz, mas quase desfaleci quando vi que era Jorge. Não queria pensar que algo pudesse ter acontecido a Sam, isso era inadmissível, e ficava repetindo para mim mesma: “Ele já vai chegar, ele já vai chegar, ele prometeu”. Mas, a cada minuto que passava, meu coração ficava mais apertado, eu tinha mais vontade de chorar e sentia a cabeça latejando. Queria sair, procurar eu mesma por Sam, ir à confeitaria, à administração, ao fornecedor, mas não tinha como, estava impossibilitada, paralisada, pelo medo.

Mel, ao ver o marido chegando, o abraçou com força, sem que ele entendesse por que ela estava chorando. Fiquei parada diante da porta, paralisada, como se meus pés estivessem colados ao chão, sem conseguir voltar para o sofá. Eu não queria mais sair dali, da frente da casa. Mel falou com Jorge, explicou a situação, e Jorge, dirigindo-se a mim, tentou me acalmar:

– Eu vou procurá-lo, Yasmin, tentar achá-lo nos lugares onde ele poderia estar, e fico em contato com vocês pelo celular. Agora, entre, você precisa descansar – disse ele, mas eu não conseguia reagir, não tinha forças. Jorge olhou para Mel e em seguida me pegou nos braços, carregando-me para dentro de casa. Tudo parecia se passar em câmera lenta, a minha visão estava borrada pelas lágrimas e meus pensamentos pareciam distantes, pela forte dor de cabeça que eu sentia.

Jorge me colocou no sofá e disse que talvez devessem me levar ao hospital antes, mas me recusei de imediato, começando a chorar de novo, e ele mudou de ideia.

– Vou falar com a gerente, ver onde é esse fornecedor e passar em outros lugares onde Sam possa estar. – Ele parecia preocupado,

embora não quisesse demonstrar. Abraçou minha irmã e saiu.

Ficamos aguardando aflitas por notícias. Vi que Mel começava a acreditar que algo podia mesmo ter acontecido, mas nada grave, apenas que Sam estivesse impossibilitado de dar notícias. Eu queria muito acreditar nisso e me apeguei a essa ideia com todas as forças.

Mamãe estava aflita com meu estado emocional e ficava sempre me trazendo algo: um chá, um remédio leve para dor de cabeça e comida. Mas eu não conseguia comer nada, nunca conseguia comer quando estava nervosa. Só tinha aceitado o chá e o leite durante todo esse tempo.

Os minutos passavam, as horas escoavam. A cada meia hora Jorge ligava, cada vez que passava por algum lugar, sem ter notícias de Sam. De vez em quando, percebia que Melissa se afastava um pouco para falar com ele, como se passasse instruções ou coisa parecida, com certeza algo que me deixaria ainda mais nervosa, por isso não falavam na minha frente.

– Por favor, Mel, não me esconda nada. O que está acontecendo? – pedi. Já passava da meia-noite e eu não era ingênua. Sabia que tínhamos de fazer alguma coisa, não dava mais para só ficar esperando.

– Jorge não o encontrou, Yasmin, ninguém sabe de Sam – disse, triste. – Então pedi para Jorge procurar por ele nos hospitais – disse Mel, e eu recomecei a chorar.

– Não, Mel, não me diga uma coisa dessas – falei, soluçando. – Isso não pode estar acontecendo... – Não conseguia mais falar.

– Calma, Yasmin, é só por precaução. Sam pode ter passado mal, uma queda de pressão, um desmaio, não sei. Precisamos verificar, mas não se desespere, por favor, minha irmã. Jorge vai ligar assim que souber de algo.

A cada lugar que Jorge ia, mandava notícias, mas ainda não sabíamos o que podia ter acontecido. Cada vez que o telefone tocava, que um carro passava na rua, meu coração acelerava e meu

sangue parecia gelar nas veias. Eu não aguentava mais aquela tensão.

Por volta de duas horas da manhã, senti um calafrio, um medo terrível, um aperto gigantesco dentro do peito, e me inquietei ainda mais. Levantei-me do sofá e comecei a andar pela sala, mas fui impedida por Mel e mamãe. Nesse momento, enquanto Mel tentava me acalmar, pedindo-me que voltasse a me sentar, o telefone fixo chamou e Mel correu para atender.

– Alô? – disse ela. – Oi, amor. – E percebi que se tratava de Jorge.

Mel então ficou em silêncio, ouvindo o que Jorge falava, como se o marido lhe explicasse alguma coisa. Eu me levantei para me aproximar de Mel; queria saber o que estava acontecendo. Enquanto eu me aproximava dela, vi uma lágrima se formando no canto do seu olho e ela a enxugou para que não caísse. Quando estava quase tocando o ombro de Mel, ouvi uma voz ao meu ouvido, uma voz que falava só para mim. Sam, de alguma forma, falava comigo: “Nunca vou deixar você, amor... Eu a amo”. Era a voz dele e a presença dele que eu sentia. Eu respondi, dizendo a ele: “Você prometeu!”, e meus olhos se encheram de lágrimas. Eu sabia o que significava aquela voz, e não tinha como conter o choro. Mel abaixou o telefone e me olhou, também com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu sinto muito, Yasmin – disse com ternura. – Não sei como dar uma notícia dessas, mas sei que você não consegue mais esperar. Por favor, fique calma, venha, sente-se...

– Não, não quero me sentar, fale logo – pedi, desesperada, enquanto Mel tentava me segurar. – Era sobre Sam, não era? Por favor, minha irmã, me diga que ele está bem – eu implorava, chorando, quase desfalecendo. – Fala logo...

– Me perdoa, minha irmã, por ter que dizer isso, mas Sam... está... morto – disse ela, num fio de voz, chorando muito. Minha mãe começou a chorar também e correu para mim.

Foi só um segundo, um segundo entre ouvir a voz de Sam, sentir sua presença ao meu lado, e Mel dizer as palavras que tiraram o meu chão, que acabaram com a minha vida no mesmo instante. “Sam está morto.” Era algo que eu nunca esperava ouvir, mas fui obrigada. Meu corpo pareceu se partir ao meio. Comecei a tremer e senti minhas pernas fraquejarem bem na hora em que tentei segurar o ombro de Mel. Um milésimo de segundo que mais pareciam horas de desespero.

– Me ajuda, Mel... – eu disse, ao ver sangue escorrendo pelas minhas pernas. Percebi, naquele momento, que havia perdido os meus dois grandes amores: meu marido e meu filho. – Me ajuda... – repeti, já caindo, e Mel olhou, horrorizada, minhas pernas sujas de sangue. Então caí nos braços de Melissa.

– Calma, Yasmin – pedia ela, e eu quase não a ouvia, só escutando sussurros, vozes distantes. Eu me sentia morta, nada mais fazia sentido. – Mamãe, me ajude – pediu Mel. Foi tudo muito rápido. Senti quando Mel e mamãe me colocaram no sofá, suas vozes soando distantes. – Não dá tempo de chamar a ambulância. Vou levá-la para o hospital no meu carro – disse. – Pegue um lençol, por favor, mamãe.

– Me ajuda... – eu dizia, minha própria voz distante. – Não quero perder meu filho, Mel – balbuciei. Depois, comecei a sentir pontadas na barriga.

– Fique com as crianças, mamãe, que vou levá-la para o hospital. Se não formos agora, pode ser tarde demais... para os dois. Meu Deus, que tragédia!... – dizia Mel, chorando. Então ela tentou falar comigo, mas eu quase não ouvia mais sua voz. Senti quando ela praticamente me arrastou para o carro e depois pegou a direção, enlouquecida, cantando os pneus ao partir. Eu apenas chorava... por algo que sabia não ter mais jeito.

– Tente ficar acordada, Yasmin, tente; não é longe, logo estaremos no hospital.

Eu estava entre a consciência e a inconsciência. De vez em quando, ouvia a minha música e a de Sam, como um lamento, uma despedida, e me lembrava de que não tinha dito adeus, que Sam havia ido embora e eu não havia me despedido.

Percebia pessoas ao meu redor e vislumbrei uma rápida imagem de mim mesma enrolada em panos sujos de sangue, como se a vida se esvaísse de dentro do meu ser.

- Espere aqui - disse alguém -, mas não sabia se era comigo. Mel tentava falar, mas as pessoas não deixavam. Mesmo com a visão borrada, vi que havia sangue em suas mãos. - Eu tentei, Yasmin. Agente firme, minha irmã - ela me dizia, chorando, e era como se estivesse tão abalada quanto eu.

Deitada numa maca, passei por um corredor enorme e iluminado. Não sentia as pernas, meu corpo; não me sentia mais nada, nem ouvia mais a voz de Mel. Mas ouvi uma última vez a voz de Sam em minha mente... "Tente ficar viva, meu amor." Meus olhos não se abriram mais, minha consciência não estava mais em mim. Era tudo apenas escuridão e silêncio.

• CAPÍTULO 10 •

SEM VOCÊ AQUI

*Não sei por que você se foi
Quantas saudades eu senti
E de tristezas vou viver
E aquele adeus não pude dar.*

– Tim Maia e Edson Trindade,
“Gostava Tanto de Você”.

“Quando uma coisa assim acontece, tudo muda e você não sabe mais quem você é, o que fazer, para onde seguir. Tudo perdeu o sentido sem você aqui”, eu pensava, enquanto voltava à minha dura realidade.

– Graças a Deus você acordou! – disse Mel, ao me ver abrir os olhos, e eu logo entrei em desespero, querendo me levantar e saber o que havia acontecido. – Você ainda não pode se levantar, Yasmin; está fraca, foi um grande trauma tudo pelo que passou – acrescentou, me segurando e tentando impedir que eu saísse da cama do hospital. Vendo meu choro desesperado, abraçou-me e

chorou comigo. Era tristeza demais; eu não tinha controle sobre minhas emoções, estava destruída.

– Me diga que foi um sonho, Mel, por favor, não posso viver assim!
– implorei, sem conseguir parar de chorar, e minhas lágrimas molhavam o ombro de Mel. Então, afrouxei o abraço e olhei triste para minha irmã; quase no mesmo instante, baixei o olhar para a minha barriga. – Onde está meu filho, Mel? Diga-me que não o perdi, por favor!

– Graças a Deus, não, minha irmã – ela disse, abraçando-me de novo, sem parar de chorar, mas esse era um choro de alívio, apesar da tristeza. – Daria tudo para poder dizer que foi apenas um sonho; para poder dizer que nada aconteceu com Sam; para poder te pedir que esquecesse tudo isso, mas não posso. Sei que é praticamente impossível, mas você vai ter que ser forte para encarar essa realidade. Graças a Deus – e passou a chorar de novo, quase sem voz –, o bebê está bem. O sangramento foi controlado. Mas você passou por um grande choque, então precisa descansar.

Olhei de novo para minha barriga, acariciando-a, mas não conseguia parar de chorar. Eu tinha sentimentos contraditórios: estava feliz por ter meu filho comigo, mas extremamente triste por Sam não estar mais conosco. Era tristeza demais e me entreguei ao choro. Mel, compartilhando do meu sentimento, chorava comigo.

– E o que eu faço agora? – eu perguntava a mim mesma, sem saber para onde seguir. – Não vejo mais sentido em nada.

– Você está viva, Yasmin, seu filho está vivo. Ele vai dar sentido à sua vida, ainda que algo tão horrível tenha acontecido. Olhe, me escute, tente parar de chorar um pouco – pediu ela. – Mamãe está aí fora, quer ver você. Está muito triste, todos estamos; amávamos muito Sam. E Talles também está vindo; ele pegou o primeiro avião para Fortaleza, logo que lhe dei a notícia. Sei que estou pedindo

muito, mas você tem que tentar se acalmar, principalmente por seu filho.

– Preciso vê-lo – falei, perdida em meus pensamentos, sem ouvir o que Mel falava. – Me diga que ainda dá tempo! Preciso ver Sam... Onde ele está, Mel? Tenho que vê-lo uma última vez; me leve para vê-lo, por favor! – implorei, já tentando sair da cama de novo.

– O corpo dele está aqui neste hospital, minha querida. Jorge está cuidando da parte burocrática, mas logo vamos ter que sair, todos. Você sabe que é necessário. E não sei se é uma boa ideia você se levantar agora, Yasmin. Você perdeu sangue e precisa se recuperar.

– Mas eu preciso! Por favor! – implorei. – Me leve em uma cadeira de rodas, não vou andar, mas não me impeça de vê-lo... Eu preciso. – Não conseguia parar de chorar.

– Está bem, querida, vou fazer isso, mas só depois que se acalmar. Você precisa tentar. Logo a levo para ver Sam.

– Como aconteceu? Preciso saber. – Parei um pouco de chorar, tentando me acalmar, como Mel havia pedido, e segurei minha barriga com uma das mãos. Mel segurava a minha outra mão, tentando me dar força, sentada ao meu lado na cama. Deixei que as lágrimas voltassem a cair em abundância, enquanto ouvia Mel me contar o que havia acontecido naquela terrível noite. Eu estava distante, perdida na minha dor, e não sabia se conseguiria um dia sair dela; talvez ficasse perdida ali para sempre.

Mel, então, começou a relatar o que havia acontecido, e eu soube por meio de minha irmã que Sam havia sofrido um enfarte, que chegara vivo ao hospital, mas depois, já à noite, quase na mesma hora em que Jorge ligara para casa, tivera uma nova parada cardíaca e falecera. Ela me contou que ele chegara ao hospital sem nenhum documento, por isso ninguém pudera ser informado. Mas que, não fazia muito tempo, alguém havia encontrado a carteira e o celular de Sam, que estava descarregado, e entregara os

pertences na confeitaria, pois tinha encontrado o telefone de lá no cartão dele.

Em decorrência do choque, do trauma que sofri com a morte de Sam, quase perdi meu filho também. Os médicos falaram que a situação estava controlada, mas que eu precisaria de muito repouso para manter a gestação.

Depois de falar com os médicos e descansar um pouco, fui liberada para ver o corpo de Sam. A única condição era que eu não passasse por nenhum estresse físico ou psicológico. Sabia que era algo quase impossível para mim, tentar não sofrer; era dor demais para ser sufocada, mas tinha que tentar. Por meu filho, tinha que tentar.

De cadeira de rodas, sendo conduzida por Mel, segui até o quarto onde estava o corpo de meu marido. Um enfermeiro queria fazer isso, dizendo que era tarefa dele, mas Mel não deixou. Falou que nada a impediria que ela mesma cuidasse de mim e apenas seguiu em frente, empurrando-me pelo corredor e chorando tanto quanto eu.

Sam havia morrido naquela madrugada, quase no mesmo instante em que eu soube de sua morte e fui levada às pressas ao hospital. Desde então ele estava num dos quartos, onde parecia apenas dormir. Estava vestido com a túnica do hospital e coberto com um lençol até a altura dos ombros. Os olhos fechados, o semblante sereno.

Mel aproximou a cadeira da cama. Olhei para ele, e, trêmula, toquei seu rosto frio. Não tive como conter as lágrimas, que desciam sem cessar pelo meu rosto. Vi que Mel estava preocupada, mas ela nada podia fazer; apenas chorava comigo.

– Não precisa fazer isso, Yasmin – disse Mel, com voz embargada.

– Mas eu quero, Mel – falei, quase sem voz. – Deixe-me sozinha, por favor, quero ficar um pouco com ele.

Mel saiu do quarto e eu fiquei alguns instantes ali, parada, olhando para Sam sem vida, deitado na cama. Levantei-me da cadeira bem devagar, para não fazer esforço, e me aproximei mais dele, tocando seu cabelo.

– Não dá sem você aqui, amor, não sei se vou conseguir – eu disse, aos prantos. – Você prometeu que nunca me deixaria, e agora estou sem você.

– Tente – disse a voz que eu ouvia dentro de mim, a voz de Sam.

– O quê? – falei comigo mesma. Aquilo não podia ser real, mas queria que fosse.

– Ficar viva – repetiu a voz.

Olhei em volta do quarto, achando que não estava sozinha ali, mas não havia ninguém além de mim e do corpo de Sam. “Devo estar ficando louca”, concluí. Então, parei um pouco e fechei os olhos, esperando ouvir de novo a voz em minha mente, na esperança de que aquela voz pudesse ser de Sam, mas tudo ficou em silêncio.

Era loucura, claro; nunca acreditei realmente que os mortos pudessem se comunicar com os vivos, mas queria muito isso, era tudo o que mais queria, poder falar com Sam, mas a voz tinha se calado. Então, continuei de olhos fechados, tentando me acalmar, tentando parar de chorar para continuar a fazer o que tinha de fazer; por um instante, senti um pouco de paz, uma paz que não vinha de mim, porque paz era tudo o que eu não tinha naquele momento. Mas pude sentir como se Sam estivesse comigo, como sempre me sentia na presença dele, em paz com o mundo.

De repente, olhei para a mala de Sam recostada à cama, numa cadeira, a mala que Jorge havia levado ao hospital. Voltei a me sentar na cadeira de rodas. Abri a mala, tirei uma peça dali e comecei a trocar a roupa dele, bem devagar, para não fazer esforço. As lágrimas caíam de forma mais serena, e não desesperada como antes.

Recostei-me à cama para me apoiar e comecei a tirar primeiro a túnica hospitalar que ele vestia. Depois, vendo que aquilo exigiria muito esforço, passei a vestir a parte inferior das roupas dele, calças e meias, que havia escolhido na mala. Mas, quando estava tentando pegar uma camiseta, me senti cansada e zozna, e em seguida uma pontada na barriga. Eu me assustei e voltei a me sentar na cadeira. Nessa hora, um enfermeiro entrou no quarto e, percebendo que eu não estava bem, apressou-se para me amparar.

– A senhora não pode ficar aqui – disse o jovem, gentilmente me colocando de volta na cadeira. – Está debilitada, precisa descansar. Vou levá-la para seu quarto.

– Não! Por favor! – pedi, num fio de voz. – Me deixe ficar um pouco mais com ele. Preciso aprontá-lo – continuei, fitando o jovem enfermeiro, que me olhava com compaixão.

– A senhora não tem condições...

– Por favor! – pedi mais uma vez, enxugando as lágrimas.

– Não sozinha, mas posso ajudá-la – disse ele, cedendo. – Se a senhora faz questão, posso deixar que troque seu marido, mas só se for com a minha ajuda.

– Está bem – concedi.

– O que a senhora quer que eu vista nele? – perguntou o rapaz, olhando para a mala entreaberta na cadeira ao lado da cama.

– A camiseta branca e a camisa xadrez – eu disse. O rapaz procurou as roupas na mala, encontrou as peças e ficou olhando para elas. Provavelmente devia estar estranhando a roupa descontraída que eu escolhera para sepultar meu marido. – Era como ele se vestia habitualmente, e eu gostaria que fosse assim também neste momento, nada diferente do que ele era.

– Claro! – ele respondeu, sem entrar em detalhes, apenas pegando a roupa e vestindo-a em Sam com agilidade. Depois o arrumou na cama, ajeitando seu cabelo e os travesseiros, para parecer que Sam estava apenas dormindo.

- Obrigada - agradei, sem conseguir segurar as lágrimas que desciam pelo meu rosto. O rapaz me olhou, penalizado.

- A senhora precisa ir agora, precisamos terminar aqui. Vou cuidar bem dele, prometo.

Tentei me aproximar mais de Sam, sem me levantar da cadeira, e o enfermeiro percebeu minha intenção e me ajudou, colocando-me bem próxima dele. Fiquei parada ali por alguns segundos, sem nada dizer. Em seguida, toquei seus lábios com os dedos e depois os levei aos meus lábios.

- Eu te amo, sempre vou amar - eu disse, me despedindo de Sam e chorando em silêncio. Um choro de saudade, algo que sentia e sempre sentiria, pelo resto da vida.

- Ainda posso ajudá-la em mais alguma coisa, senhora? - perguntou o enfermeiro, e eu o olhei com olhos cheios de lágrimas; estava exausta, física e mentalmente.

- Gostaria que me levasse até minha irmã, que deve estar me esperando ali fora.

- Claro! - disse ele, já empurrando a cadeira e levando-a até a porta.

Quando o rapaz abriu a porta, parou por um instante e não entendi a razão.

- Só um instante, por favor - ele pediu, deixando-me diante da porta aberta. Em seguida, ouvi um barulho como o de uma gaveta se abrindo. Não demorou mais que um minuto e ele voltou, entregando-me algo. - Acho que isso pertence à senhora - disse, me passando um envelope.

Sem demora, abri o envelope e olhei o que havia dentro dele. Ali estavam a aliança de Sam e o relógio que ele usava. Não consegui controlar uma nova torrente de lágrimas. Coloquei no dedo a aliança, junto à minha, e fiquei em silêncio. Sem nada para falar, o enfermeiro continuou a empurrar a cadeira, saindo porta afora e seguindo pelo corredor, na direção de Mel.

- Pode deixar que eu a levo. - Ele apenas aceitou, olhando-me uma última vez. Quando já ia sair, eu disse a ele:

- Muito obrigada.

- Não foi nada. Espero que a senhora fique bem um dia. - E vi que ele sabia que uma dor assim às vezes pode não passar. Com certeza, estava acostumado a ver a dor da morte estampada no rosto das pessoas. Tentei sorrir, mas não consegui e balancei a cabeça, como se pedisse desculpas e agradecesse mais uma vez, e Mel seguiu em direção ao meu quarto.

Ficamos algum tempo ainda no hospital. Os médicos queriam que eu ficasse internada por mais vinte e quatro horas, para que pudesse descansar um pouco mais. Então, decidi não ir ao velório de Sam, para poder estar presente no sepultamento, que seria na manhã seguinte.

Recebi mamãe e Jorge no quarto, todos penalizados, claro, mas nada podiam fazer para amenizar minha dor. Jorge já tinha tomado todas as providências. Logo estaríamos todos reunidos para o sepultamento.

Quando eu já estava quase deixando o hospital, Talles entrou no meu quarto, logo me abraçando, e choramos muito. Ele tinha vindo de São Paulo para me encontrar.

- Vim para ficar com você, Yasmin - disse, emocionado, e ficamos abraçados por vários minutos.

- Que bom que veio. Preciso muito de você aqui.

Com recomendações de repouso, deixei o hospital logo depois da chegada de Talles. Jorge havia deixado tudo pronto para seguirmos para Ipu, onde seria o funeral de Sam.

Naquele hospital, vivi, com certeza, os momentos mais tristes da minha vida. Não os mais difíceis, porque muita coisa estaria por vir, e minha dor me seguiria aonde quer que eu fosse. Mas vivi também momentos de compaixão, pois vi que existiam pessoas generosas,

prontas para oferecer a mão nas horas de angústia. Percebi que existiam seres humanos que sabiam se calar quando não havia nada a dizer, e que o conforto de um gesto valia mais que muitas palavras. Que havia pessoas naturalmente boas, que dedicavam sua vida a ajudar outras, como o jovem enfermeiro, que, naquela hora de extrema tristeza, tinha apenas oferecido sua ajuda, entendendo minha dor.

Lembrei então, enquanto pensava naqueles anjos, que sequer perguntara o nome do rapaz; não me lembrava do seu rosto, apenas da compaixão que tinha visto em seus olhos, de sua clara bondade. E saí do hospital levando no coração as tristes imagens de tudo pelo que havia passado, mas também a doce lembrança do jovem anônimo que me ajudara a enfrentar uma situação difícil, personificando a benevolência do ser humano.

Quando uma coisa assim acontece na vida de alguém, muda tudo. Eu estava destruída, sem rumo, sozinha e com medo; sabia que a sensação de vazio e a imensa dor que trazia em minha alma estavam apenas no início. Mas, embora sentisse uma dor extrema, levava também a esperança de poder superá-la um dia, porque tinha meu filho comigo. Isso era o que me mantinha viva.

• CAPÍTULO 11 •

DESPEDIDA

*E no meio de tanta gente eu encontrei você
Entre tanta gente chata sem nenhuma graça,
Você veio.
E eu que pensava que não ia me apaixonar
Nunca mais na vida.
Por isso não vá embora.*

– Marisa Monte e Arnaldo Antunes,
“Não Vá Embora”.

O cortejo para Ipu era imenso. Muitos carros saíram de Fortaleza, seguindo numa fila enorme em direção à cidade em que eu e Sam morávamos, para o funeral dele.

Muitos amigos, todo o pessoal do bufê, da faculdade, clientes, fornecedores, os conhecidos do banco, parentes dele mais distantes e muitos dos meus familiares, todos foram prestar a última homenagem ao bom homem que era o meu marido.

Talles me acompanhou no carro, junto com Mel, Jorge e mamãe, e Suzana seguiu em outro veículo.

Muita tristeza, muitas lágrimas, muita saudade. Fiquei na maior parte do tempo sentada – eram ordens médicas, pois ainda estava debilitada e necessitava de repouso por causa do bebê, mas não podia deixar de estar presente.

Muitas pessoas me cumprimentavam, ofereciam ajuda, desejavam que eu ficasse bem, mas não havia muito o que pudessem fazer por mim naquele momento. Então, sob o efeito de um calmante leve, pois eu não teria a menor condição de estar ali se não fosse com a ajuda de algum remédio, segui para a cidade que era cenário de minhas mais belas lembranças, lugar onde um dia tinha vivido um grande amor.

Eu olhava para a estrada, pela janela do carro, e me lembrava das tantas vezes que tinha feito aquele mesmo percurso com Sam ao meu lado; lembrava-me da felicidade que tínhamos e minhas lágrimas recomeçavam a cair. Talles, vendo minha tristeza, apertava meu abraço, me oferecendo um pouco de conforto.

Sáimos de Fortaleza ainda de madrugada, depois do velório, mas, como o cortejo seguia em baixa velocidade, demoraríamos mais para chegar em Ipu.

O caixão não seria mais aberto em Ipu. O cortejo seguiria caminhando até o local onde seria o sepultamento, com uma rápida cerimônia do padre Gerson. Eu preferi assim; não suportava mais prolongar aquelas horas de desespero.

Chegamos ao cemitério por volta das duas da tarde, com muita comoção dos presentes. Sam era queridíssimo, e toda a comunidade local estava reunida para lhe dizer adeus. Tive que seguir de carro até o local do sepultamento, e me foi oferecido um assento logo que cheguei.

Quando o caixão foi posicionado ao lado do túmulo, padre Gerson disse algumas palavras comoventes, com a multidão reunida em torno dele. Eu estava desolada, destruída em ter que vivenciar aqueles momentos de extrema tristeza. Não controlava

minhas lágrimas e sequer sabia se um dia seria capaz disso. Dali em diante, tudo era saudade para mim. Meu coração acelerava à medida que a cerimônia se aproximava do fim e eu constatava que não teria mais Sam por perto.

Enquanto seu corpo estava ali, era como se não tivesse ido embora ainda, como se dormisse, mas pudesse acordar a qualquer momento. Mas, no instante em que visse a terra cobrindo o caixão, eu sabia que era o fim.

Já havia passado pela dor da perda com meu pai, já sabia o quanto era ruim, o quanto aquela dor era insuportável. Mas ali, vendo Sam ser sepultado, a dor era infinitamente maior, era a possibilidade de uma vida inteira juntos que estava sendo encerrada, enterrada também; o fim de um grande amor.

Quando padre Gerson terminou de falar, e eu já começava a entrar em desespero, chorando sem parar, uma criança se aproximou de mim. Nessa hora, tentei me controlar, pois a criança queria falar comigo.

– Dona Yasmin, posso falar com a senhora? – pediu a menina, que não devia ter nem 10 anos de idade.

Era uma menina magrinha, da comunidade sertaneja, vestida e calçada com muita simplicidade e com um ar triste no rosto. Eu não conseguia falar, e as lágrimas caindo também não ajudavam, pouco enxergando a menina à minha frente, mas assenti com a cabeça.

Padre Gerson pediu que aguardássemos um pouco para finalizar a cerimônia e disse para a menina se aproximar mais, e ela o fez, chegando mais perto e me beijando a face. Depois falou:

– Eu só queria agradecer – disse, me entregando uma bonita flor branca. Dava para perceber que não era uma flor comprada, mas da terra, do campo, e muito parecida com a flor de jasmim. Sem palavras, recebi a flor e abracei a criança, que voltou a falar quando a libertei do abraço. – O Sam era bom. Ele ensinou a gente

a tirar água e comida da terra, ajudou a matar a nossa sede e a nossa fome. A comunidade vive bem hoje por causa dele. Eu, meu pai, minha mãe, meus irmãos e todo mundo daqui queria agradecer. Muito *obrigado* – disse, e não só eu, mas todos ao redor se comoveram com as palavras da menina. Passei a mão no rosto da criança e também agradei.

– Obrigada, também – eu disse, quase num sussurro.

Padre Gerson deu continuidade à cerimônia, pedindo que o caixão fosse baixado, e eu me levantei devagar, amparada por Talles. Aproximei-me do caixão que descia, parando diante do túmulo, e comecei a cantar a minha música e de Sam ali, na frente de todos, bem baixinho, para mim mesma.

Talles, ao meu lado, segurava meu braço para eu não cair, para não sucumbir à dor desesperadora, cantando baixinho junto comigo e chorando. Com lágrimas nos olhos, vi a terra cobrir o caixão de Sam enquanto terminava nossa canção:

– Por isso não vá... em... bora... Por isso... não me dei... xe... nunca mais. – E, parando de cantar, proferi, num fio de voz, minhas últimas palavras de adeus: – Eu amo você, meu amor, você e nosso filho, que carrego comigo. Sempre vou amá-los.

Depois dos cumprimentos e condolências, as pessoas começaram a se dispersar. Eu não aguentava mais ficar ali, não suportava mais tanta tristeza, e pedi a Talles que me levasse para casa.

Não estava em condições ainda de enfrentar a vida sem Sam ao meu lado, nem queria falar com todas aquelas pessoas. Só queria dormir, ficar em meu quarto, sem receber ninguém por um tempo.

Assim, pedi a Mel e mamãe que se encarregassem dos amigos e parentes, porque eu não tinha a menor condição de fazer isso; só queria dormir. Segui direto para o quarto, com Talles sempre ao meu lado. Meu sono foi profundo. Não me lembro de ter tido

algum sonho nem ouvido pessoas falando perto de mim, nada. Apenas dormi, completamente exausta.

Na manhã seguinte, acordei com o som da calopsita cantando. Ela cantava nossa canção, a música que havia feito parte de nossas vidas pelo tempo em que vivemos felizes naquela casa. Acordei chorando, pois não havia como não chorar ao ouvir aquela canção, sentindo também a enorme tristeza do pássaro, que parecia chorar comigo. Ele não cantava feliz, como sempre o ouvira cantar; Romeu entoava um grande lamento.

Nesse momento, lembrei-me das palavras de Talles quando nos presenteara com Romeu:

– A calopsita é um pássaro que, em muitas tradições, representa a ligação do ser humano com seus entes queridos, sobretudo os que já partiram, pois, assim como os seres humanos, se ela tem um companheiro, não vive sem ele e sofre de saudade caso se separem. A calopsita é um símbolo do amor.

Então, estava claro que Romeu sofria pelo ente querido perdido, assim como eu.

Enquanto me lembrava daquele momento da minha vida ao lado de Sam, Talles bateu levemente na porta do meu quarto, com certeza imaginando que eu estava ouvindo o canto triste do pássaro.

– Oi, minha amiga. Desculpe, mas não consigo fazê-lo parar de cantar. Ele sente falta de Sam – disse Talles, me vendo deitada na cama, com as mãos cobrindo os ouvidos.

– Eu sei, mas não estou suportando! – eu disse com voz de choro. Talles se sentou ao meu lado na cama para me consolar. – Romeu gostava de ficar no fundo do quintal vendo Sam trabalhar na horta. Leve-o para lá, amigo. Pegue uma roupa de Sam aqui no armário, talvez ajude. Ele sempre cantava pela manhã.

– Está bem, minha querida – falou ele, me dando um beijo na testa. Depois pegou uma camiseta de Sam no armário e saiu

apressado, para tentar abreviar ao máximo o meu desespero.

Minutos depois, quando eu tentava me levantar, Mel entrou no quarto com uma bandeja.

– Espere que eu te ajudo, Yasmin – disse Mel, colocando a bandeja no móvel ao lado da cama e ajustando os travesseiros para eu me recostar. Minha irmã estava abatida. Eu sabia que minha dor doía nela também, sempre tinha sido assim.

– Tudo me lembra Sam, Mel, absolutamente tudo. O cheiro dele... A imagem de nós dois juntos está em cada canto desta casa – falei com pesar. – Não vou conseguir ficar aqui sem Sam comigo, é impossível. Vai ser a própria morte para mim, e uma morte cruel e dolorosa.

– Eu sei, meu amor. Já estamos vendo isso. Eu sabia que você não poderia ficar aqui sozinha; quero você perto de mim. Mamãe já está voltando para Fortaleza a fim de preparar um lugar para você ficar, e nós vamos logo em seguida, no máximo em três ou quatro dias, tempo apenas para você descansar e ficar um pouco mais forte.

– E Talles? Sei que ele não pode ficar muito tempo.

– Talles vai ficar com a gente até você poder voltar para Fortaleza, mas logo precisa retornar a São Paulo e depois à Europa. Suzana vai antes. – Eu só escutava, sem forças até mesmo para responder. Mel continuou: – Mas, antes de tudo, você precisa comer, Yasmin. Já faz três dias que está nessa cama e tem comido muito pouco. Lembre-se do bebê, querida. Se continuar assim, vou ter que levá-la ao médico – ela falou com seriedade, apontando para a bandeja do café da manhã. Eu respirei fundo, sabendo que precisava comer, mesmo sem vontade.

– É difícil, Mel, mas sei que preciso, então vou tentar comer tudo.

– Ótimo! – disse, com um leve sorriso de alívio, por ver meu esforço. – Vamos começar com o mingau? – Embora sorrindo, eu podia notar o quanto Mel estava triste; ela sabia que eu sofria,

mesmo lutando com todas as minhas forças para me manter bem, por meu filho.

– Está bem.

Mel logo pegou a tigela com o mingau e começou a me dar o alimento na boca. Com muito esforço, consegui tomar todo o mingau e vi um traço de felicidade no rosto de minha irmã. Tinha valido o esforço. Minha vida naquele momento estava arruinada, mas eu tinha que me esforçar pelas pessoas que eu amava, para que meu filho pudesse viver e para que Mel não sofresse tanto por mim.

O dia passou e eu não consegui sair da cama. Parecia pregada a ela, tamanha a minha apatia; era difícil até respirar. A calopsita não parou de cantar; cantou o dia inteiro, incansavelmente, e entrou noite adentro, numa tristeza de doer na alma. Comecei a sentir pena do meu querido Romeu; ficou claro para todos que ele sofria muito.

No dia seguinte, com o sol já alto, a calopsita parou de cantar, ficando em total silêncio; foi só então que consegui me levantar e, caminhando devagar, saí do quarto para ver Romeu.

Só naquele momento parei para perceber que meu corpo estava todo dolorido e eu mal conseguia me movimentar. Andei bem devagar até Romeu, pousado no seu poleiro, calmo e em silêncio. Ele, definitivamente, havia decidido parar de cantar.

– Oi, meu querido – eu disse, passando o dedo na cabecinha do pássaro. – Também morro de saudade. – Romeu me olhou, bicou meu dedo com delicadeza e voou pela casa, depois saiu pela varanda em direção ao quintal e não o vi mais. Fiquei um pouco triste por ele; eu logo teria que mudar dali e ele já estava acostumado a morar naquele lugar. Seria difícil, muito difícil para todos nós.

Talles passou o dia todo me fazendo companhia, enquanto Mel começava a aprontar a bagagem, já que estávamos todos deixando Ipu e voltando para Fortaleza. Eu precisava levar tudo o que pudesse; não tinha pretensão de voltar àquela casa tão cedo.

Ainda passamos em torno de dois dias em Ipu. Não me movimenter muito nesse tempo, me limitei ao quarto. Naquela última noite em minha casa, dormi um sono agitado. Sentia a cabeça latejar e meu corpo todo trêmulo e dolorido, como se estivesse com febre.

• CAPÍTULO 12 •

TEMPESTADE

*Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo,
Há quem fale que é um divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.*

– Gonzaguinha,
“O Que É, O Que É?”.

Acordei com Romeu cantando e estranhei, pois ele não cantava já fazia dias. E aquele canto não era um lamento, como da última vez, e sim um canto de alegria – o mesmo com que eu costumava acordar todas as manhãs.

Corri o olhar pela cama e tomei um susto ao ver Sam ao meu lado. Respirei fundo, feliz e certa de que a morte de Sam não passara de um sonho ruim, do qual agora eu acordava.

Beijei-o de leve, para não acordá-lo, e estranhei a minha reação, porque embora estivesse com vontade de falar com ele, de abraçá-lo e dizer o quanto tinha sentido sua falta, não fiz nada disso. Saí

do quarto e fui até a calopsita, que gostava de ficar pousada no poleiro, na área de serviço da casa.

– Por que você gosta tanto dessa música, Romeu? – falei com o pássaro, passando o dedo em sua cabeça, depois de ouvi-lo cantarolar minha música e de Sam. Nesse momento, Romeu bateu as asas e voou pela casa. – Eu também gosto dessa música, meu amigo – respondi para mim mesma. – Significa muito, e parece que você sabe disso. – Romeu então pousou em meu ombro, como sempre fazia, e voltou a cantar. Depois estendi a mão para ele, que subiu nela, e o coloquei sobre o poleiro, para em seguida ir fazer o café.

Eu não estava entendendo nada. Era como se eu visse a cena de fora do meu corpo e me lembrasse dela, como se já a tivesse vivido. E foi nesse instante que me dei conta de que eu não tinha acordado ainda, que, na verdade, estava sonhando – sonhando com Sam, revivendo momentos de nossa vida.

Senti uma tristeza imensa nesse momento e quis acordar; meu subconsciente sabia que eu estava sonhando e tentava despertar, mas não conseguia. Eu não podia resistir ao sonho, porque queria estar ali, e me deixei levar por ele.

Depois que preparei a mesa e terminei de fritar os ovos, senti a presença de Sam, que me abraçou pela cintura. Desliguei o fogo, virando-me para ele, e retribuí seu beijo de bom-dia.

– Adoro vê-la feliz assim, Yasmin. Que bom que acordou bem, que não está mais tensa. Eu estava preocupado.

– Estou ótima! – falei, dando beijinhos no rosto dele. – Você sabe me fazer relaxar. Obrigada, meu amor.

– Pelo quê?

– Por tudo, querido. Por seu amor, por estar aqui... e, no caso de ontem, também pelo sexo maravilhoso – disse, sorrindo e abraçando-o. Estranhei minhas palavras. Sabia que estava sonhando, mas reconhecia aquela cena da minha verdadeira vida

e, embora tivesse vivenciado aquele momento, parte daquilo não havia acontecido. Era como uma lembrança, mas como algo também do presente.

- Quer dizer que a senhora gostou? - perguntou, curioso.

- Muito, meu caro esposo. Nossa mesa passou no teste de qualidade. - E sorrimos nos lábios um do outro.

- É, passou - disse ele, contente com minha constatação e fitando-me com ternura. - Quero muito que você fique bem, amor.

- Por que está falando assim? Eu estou bem, querido.

- Por nada, amor. Só quero que saiba que estou com você. E então, quer testar nossa mesa mais uma vez? - perguntou, já parecendo animado.

Nessa hora tive certeza de que estava sonhando, pois olhei para minha barriga e vi que não estava grávida, nem aquela casa era a de Ipu, mas sim a nossa casa de Fortaleza. Lembrei-me desse dia - era o dia em que, na noite anterior, havia chegado irritada de um encontro com o pessoal do banco, mas recordei, sobretudo, que aquele tinha sido o dia da morte de meu pai.

A cena não era exatamente igual, mas sim a essência do que havia vivido, uma reprodução de minhas lembranças, um desejo do meu inconsciente - talvez, pela ausência que sentia, pela saudade.

Comecei a me agitar durante o sono; lutava para acordar, mas não conseguia. Tentava abrir os olhos, forçando-os, mas continuava sonhando, como se estivesse acordada e vendo as cenas se passarem diante dos meus olhos. Uma parte de mim não sonhava e estranhamente estava consciente de tudo o que havia acontecido, sentindo em dobro a dor da morte. A dor pela perda de Sam, que era uma ferida aberta dentro de mim, e a dor pela morte de meu pai, que ali eu revivia. Meu corpo se contorcia na cama, eu sentia isso, a febre me queimava, e uma dor imensa atravessava meu corpo, embora não conseguisse acordar. Continuei em meu delírio.

- Adoraria, meu amor. Mas nos divertimos muito ontem, acho melhor descansarmos um pouco. Me sinto tão cansada, Sam... - Olhei-o com carinho, e ele entendeu que não era uma recusa.

- Vai passar, Yasmin. Mesmo que demore, vai passar... - disse ele, mas não entendi, e voltei para a cena de nossas vidas.

- Vamos tomar café?

- Vamos, sim - falou ele, fazendo-me um carinho no rosto e já se sentando em uma das cadeiras da mesa. - O que acha de irmos à praia depois do café? Queria nadar um pouco, aí você encontra seu pai, que está sempre no cais aos sábados. Tenho certeza de que ele também quer muito vê-la, Yasmin. Vai ser bom encontrá-lo.

- Perfeito. Estou com muita saudade dele, quero muito vê-lo. Não sei bem explicar, mas preciso ver meu pai. Só que antes preciso ligar para Mel; já faz dias que não nos falamos.

- Está bem. Depois da sua conversa com Mel, que provavelmente vai durar horas... - disse, brincalhão, fazendo referência às longas conversas que Mel e eu sempre tínhamos quando nos falávamos pelo telefone -, vamos à praia.

Eu repassava parte do que havia acontecido naquele dia: a conversa com Mel, quando falamos por pelo menos uma hora, bem relaxada no sofá da sala, enquanto Sam organizava alguma coisa em casa e falava com a gerente de eventos pelo celular, dando instruções sobre o serviço que fariam na parte da noite. Eu via tudo de um ponto de vista exterior, como se não fizesse parte da cena.

- Como estão as crianças, Mel? E você e Jorge, tudo bem? - perguntei a Mel ao telefone.

- Estamos ótimos, minha querida, mas sentimos sua falta, Yasmin. Você precisa nos visitar mais. Se não fosse a correria, e com dois bebês de colo, iria mais à sua casa. Sei que você precisa ficar com Sam, principalmente depois do que aconteceu com a mãe dele, mas, por favor, não nos abandone, minha irmã. Seus sobrinhos, que já estão falando, dizem o nome da madrinha deles,

sentem sua falta. E quero você aqui na festinha de um ano, na semana que vem.

– É claro que estarei aí, Mel. Foram meses difíceis, mas as coisas melhoraram e estou mesmo sentindo falta da nossa rotina. Sei que tenho aparecido pouco, irmã, me desculpe.

– Desculpo sim, querida. Mas, a propósito, por que vocês não vêm almoçar hoje aqui em casa?

– Hoje não vai dar; vou ao porto encontrar papai, e depois eu e Sam vamos pegar uma praia. Ele precisa ainda ir ao bufê mais tarde, pois tem uma reunião com a gerente, mas vou durante a semana, aí conversamos mais.

– Está bem. Vá mesmo encontrar papai; ele está com saudade e anda reclamando da sua ausência. E acho melhor você correr, pois papai sai hoje para uma pescaria em alto-mar, no veleiro, e só volta no domingo. Ele deve estar saindo ali pela hora do almoço.

Depois da conversa com Mel, Sam e eu saímos em direção ao Mucuripe. Eu queria ver meu pai, desejava muito encontrá-lo. Era muito estranho tudo aquilo, como se eu estivesse revivendo aquele momento da minha vida. Então, sem conseguir me desvencilhar do sonho, entreguei-me a ele, deixando a parte inconsciente do meu cérebro dominar a parte consciente, que sabia que eu sonhava.

Quando chegamos ao cais, meu pai já se preparava para zarpar junto com seus dois amigos da Marinha, como era de costume. Chamei por ele no ancoradouro ao ver o barco de pesca. Era um barco grande, não o veleiro em que costumava velejar. Ele me viu à distância e acenou, saindo do barco e seguindo em nossa direção.

– Papai, que saudade! Não faz tanto tempo assim que não o vejo, mas estou com saudade. Sinto tanto a sua falta! – disse, abraçando meu pai com imensa saudade, como se há muito tempo ele estivesse ausente em minha vida e eu precisasse de seu apoio

naquele momento. Nessa hora, senti meu coração apertado, como se reencontrasse meu saudoso pai.

– Eu também, filha, sinto sua falta, e sempre, sempre estarei olhando por você de onde quer que eu esteja; você sempre vai poder contar comigo. Seja forte, Yasmin, você consegue superar a saudade – respondeu ele, e eu não entendi bem as palavras de meu pai, mas não o questionei. Era como se eu precisasse ouvir aquilo. Depois ele me soltou de seu abraço e apertou a mão de Sam, que nos olhava com serenidade. – Um prazer revê-lo, filho – disse meu pai a Sam, que respondeu da mesma forma, e eu voltei a falar:

– Eu sei, papai. Desculpe a demora em vir encontrar o senhor, mas o importante é que estamos aqui. Avise-me assim que chegar da pescaria, que eu e Sam passaremos em casa para ver o senhor e a mamãe.

– Está bem, filha, mas agora preciso ir, o barco já vai zarpar. E lembre-se: a dor que você traz em seu peito vai passar, mas você vai precisar ser muito forte, meu amor. Sempre estarei ao seu lado, mesmo distante – disse apressado, e senti um calafrio e uma enorme tristeza, que vinha da minha alma. Um vento forte passou por nós, assobiando, como se fosse chover, e percebi que precisava deixar meu pai partir.

– Mas, papai, não é perigoso pescar com essa ventania? Parece que vai cair uma boa chuva.

– Não, meu amor, a previsão é de céu limpo. A ventania vai passar em breve. Eu estou bem, fique tranquila.

– Volte logo, então.

– Sim, querida – disse, já soltando a minha mão. Senti um aperto no peito, a mesma saudade que me angustiava minutos antes, mas tive que deixá-lo partir. – Eu te amo, meu amor.

– Eu também te amo, papai! – E ele foi.

Eu e Sam caminhamos por um bom tempo pela orla marítima da Praia de Iracema, Sam brincando com meu chapéu, dizendo que eu ficava muito bem com ele. Era bom estar com Sam de novo, senti-lo perto, ainda que eu não pudesse distinguir no momento se aquilo era sonho, lembrança ou realidade. Mesmo assim, era reconfortante tê-lo ao meu lado mais uma vez. Tomamos água de coco e ficamos apreciando a belíssima paisagem, o lindo mar azul e o sol brilhando no céu, embora estivesse um pouco nublado.

Fiquei observando as jangadas que já voltavam para terra firme. Sam resolveu dar um mergulho enquanto permaneci sentada, olhando para ele e o mar, vendo suas belezas. Pouco tempo depois, ele voltou dizendo que o mar estava agitado e que era perigoso nadar com aquele tempo. Eu fiquei preocupada com meu pai.

- Seu pai conhece bem o mar, Yasmin, você não tem com que se preocupar. Se ele perceber que há perigo, tenho certeza de que retorna à terra firme, não vai se arriscar.

- Tomara, meu amor, tomara. Estou muito aflita, com o coração apertado.

- Quer ir para casa? Preparo algo para comermos, o risoto de legumes que você gosta, tomamos um banho e depois ficamos na cama, esperando notícias do tempo. Aí você liga para Mel e conversam mais um pouco, o que acha?

- Acho ótimo, meu amor. Não quero ficar aqui, está me assustando continuar olhando o mar e esse temporal que parece prestes a chegar.

Quando seguíamos em direção ao carro, uma leve chuva começou a cair. O trânsito já começava a ficar engarrafado por causa da chuva, que começava a apertar, e só no fim de tarde conseguimos chegar em casa.

Sam estava mais atencioso que o normal, sempre tentando me acalmar, mas de uma forma diferente, como soubesse muito bem o que estava acontecendo e tentasse me consolar o tempo todo.

A chuva não cessava, e estava cada vez mais forte. Aquele tipo de chuva era sempre motivo de alegria para mim, visto que quase nunca chovia naquele lugar, mas nesse dia me causava enorme aflição.

Falei com Mel ao telefone logo que chegamos, enquanto Sam preparava algo para comermos, mas não estava com vontade de comer nada. Quando ficava nervosa, a comida não passava na minha garganta.

– Yasmin, não acredito que papai saiu de barco com esse tempo!

– Saiu, sim, Mel. Na verdade, não temos certeza. Quando o deixei no ancoradouro, ele estava zarpando, e a chuva não havia começado ainda. Ele achava que o tempo estaria bom, me disse isso – falei nervosa, sentindo-me cada vez mais aflita. Meu corpo parecia estranho, como se estivesse com febre.

– Calma, Yasmin, precisamos ficar calmas. Papai não é ingênuo; ele deve ter voltado quando percebeu o temporal.

– O que faço agora? Quero saber notícias de nosso pai.

– Você não faz nada, está muito nervosa e não tem condições. Mas me deixe falar com Sam, talvez ele possa nos ajudar – disse ela. Passei o telefone para ele.

– Oi, Melissa. Em que posso ajudar? – perguntou Sam a Mel, e minha irmã lhe fez uma pergunta.

– Temos, sim, todos os telefones. Vou ligar e dou notícias – disse Sam, e Mel pareceu se despedir.

– O que ela queria, Sam? – perguntei, quase chorando. Meus olhos ardiam, minhas mãos e meu corpo tremiam.

– Calma, meu amor, não sabemos nada ainda, fique calma – disse, me abraçando. – Melissa quer que eu entre em contato com a Capitania dos Portos. Eu disse a ela que tínhamos todos os telefones, os contatos de seu pai. Fiquei de dar notícias em seguida. Ela também está muito nervosa e ficou de falar com sua mãe agora. Vou ligar para a Capitania em busca de notícias, está bem?

Não se exalte tanto, você precisa ser forte daqui para a frente – pediu ele, já me levando para o sofá. Eu queria saber por que ele falava daquela forma comigo, mas me sentia tão fraca, tão cansada, que só o que pude fazer foi esperar.

Sam passou vários minutos ao telefone. Falava com uma pessoa, que transferia a ligação para outra, que também não tinha notícias da embarcação e passava o número de outra, que também não tinha nenhuma informação. Ele por fim conseguiu a confirmação de que tinham seguido mar adentro, mas que, por causa da chuva, haviam perdido contato pelo rádio.

Eu ficava cada vez mais nervosa, chorando o tempo todo e sentindo uma enorme aflição em meu peito e uma dor terrível em meu ventre, sem entender o que se passava comigo nem o que fazer para ajudar meu pai e sair daquela situação agonizante. Sentia minhas pálpebras tremerem, como se estivesse tentando acordar, mas não conseguia, sempre vendo cenas distorcidas, ouvindo vozes distorcidas. Tinha consciência de que alguém me dizia alguma coisa, de que estava perto de saber o que acontecia comigo, então aguardava, desesperada por notícias.

Sam tentava me consolar e me fazer comer algo também, sempre dizendo palavras doces, falando-me para não recusar ajuda, mas eu recusava – eu me recusava a comer; recusava-me a ouvir o que queriam me dizer. Sentia-me presa, presa em mim mesma.

Consultei o relógio na parede da sala e vi que passava das onze horas da noite. Nesse mesmo instante, a campainha tocou e Sam foi abrir a porta. Fiquei olhando para a entrada da casa e tudo pareceu acontecer em câmera lenta: Mel, Jorge, as crianças e minha mãe se aproximavam de mim.

Conversamos por alguns minutos, e Sam e Jorge resolveram ir à Capitania dos Portos em busca de notícias. Eu e Mel ficamos fazendo companhia uma para a outra, aguardando ansiosas por algo que pudesse confirmar que nosso pai estava vivo. Nossa mãe

ficou dormindo em meu quarto, depois de tomar um calmante, e as crianças também dormiam no quarto de hóspedes.

Eu chorava o tempo todo e Mel me consolava, chorando de vez em quando também. A chuva continuou sem cessar e ficamos sem contato com nossos maridos, pois os celulares estavam sem sinal e o telefone fixo ficou mudo. Aquela chuva me doía na alma, como a enxurrada de sentimentos e lembranças que inundavam meu ser, recordações associadas à hora da morte.

Vi, naquele momento, o quanto eu era frágil, incapaz de suportar a dor da perda. Não sabíamos se nosso pai estava vivo, se estava bem, mas eu tinha um forte pressentimento de que algo ruim havia acontecido. E apenas essa hipótese me levava ao desespero. Era muito estranha a situação, porque era como se eu já tivesse vivido aquela dor, que parecia agora ainda maior.

– Mel, não vou suportar se nosso pai tiver morrido – eu disse, aos prantos, andando de um lado para o outro na casa, como um animal enjaulado; não aguentava mais esperar. – Preciso saber algo ou vou sufocar.

– Eu sei, Yasmin, mas você não pode sair com essa chuva. E precisamos ter esperança; não fique assim, minha irmã. Nosso pai está vivo.

– Mais de doze horas sem notícia, Mel... É muito tempo! Papai nunca nos deixaria sem notícias assim. Não é normal, você sabe disso.

– Eu sei, mas precisamos manter a calma, por mamãe. Ela precisa de nós – disse Mel, e nesse momento mamãe apareceu na sala, ainda zozza por causa do calmante, por isso tivemos que ampará-la.

– Mamãe, a senhora não devia ter saído da cama! – disse Mel. – Precisamos aguardar notícias, não sabemos nada ainda – continuou, e eu tentei ajudar minha mãe a se sentar no sofá, mas

estava trêmula, zozna também, e quase caí, sentindo muita dor. Sentei-me no sofá junto com minha mãe.

– Não se levante deste sofá, Yasmin – pediu Mel, vendo a minha fraqueza.

– Não preciso mais de notícias.

– Como não, mamãe? – estranhou Mel.

– Seu pai não está mais entre nós, filha – disse ela com serenidade, como se nos acalmasse. – Ele veio me ver, estava feliz, veio me dizer adeus, mas está bem. Disse que nos ama, que teve uma vida maravilhosa e me pediu que não chorasse por ele. – Nessa hora, mamãe me olhou com ternura. – Yasmin, seu pai me pediu para dizer que você não é frágil, é só a dor, que é forte demais. Mas você vai encontrar o caminho de volta; só precisa acreditar na força que existe em você, reencontrá-la em seu coração, mesmo quando a dor parecer insuportável. Depois, ele sorriu para mim e partiu – concluiu ela, parecendo completamente segura do que falava.

Minha mãe tinha visto meu pai uma última vez. Eu não sabia se chorava, se abraçava minha mãe, se discutia com Mel, para quem tudo não passava de uma alucinação de minha mãe. Mas naquela hora me dei conta de que meu pai havia mesmo partido, que tinha morrido no mar, um lugar que ele amava. Percebi naquele momento que meu pai estava em paz, mas estava também triste por mim, e não compreendi por quê.

Minutos depois de minha mãe falar comigo e com Mel, Sam e Jorge voltaram. Estavam visivelmente abatidos, com certeza por causa da notícia que teriam de nos dar, uma notícia que já sabíamos: meu pai estava morto.

Sam passou os olhos pela sala, procurando por mim, sabendo que eu precisava muito dele. Vi tudo novamente em câmera lenta: Sam seguindo em minha direção e Jorge procurando Melissa.

Quando Sam se aproximou de mim e me abraçou com ternura, tentando aplacar a minha dor, apenas lhe dei um longo abraço, os olhos cheios de lágrimas e de saudade, sem conseguir falar nem me levantar do sofá. Eu estava triste, exausta, sentindo a imensa dor causada pela perda de meu amado pai e pela saudade inexplicável que eu já sentia de Sam.

- Sinto muito, meu amor. Foi confirmado que o barco em que seu pai estava naufragou. Sei o quanto é difícil para você, mas estarei ao seu lado. Você vai sempre poder contar comigo, com o meu amor; vou estar em seu coração sempre - disse Sam, me fitando com compaixão, também com lágrimas nos olhos. Eu fiquei ali, aconchegada em seus braços, triste mas amparada, sentindo no fundo da alma seu amor imenso por mim.

No exato instante em que recebi a notícia da morte de meu pai voltei à consciência, sentindo a febre dominar meu corpo, além de uma saudade enorme no peito, uma dor imensa que me rasgava por dentro. Foi quando acordei, chorando de desespero.

Tentei me levantar, sem conseguir; a dor era grande e tinha me paralisado. Estava zozna, nervosa, trêmula, e minha pele ardia, febril. Sentia muita dor. Olhei para a cama sem enxergar nada, tudo estava escuro. Passei a mão pela cama, sentindo a umidade nos lençóis.

- Meu Deus, isso não pode estar acontecendo de novo... - falei comigo mesma, dando-me conta da situação, desconsolada.

• CAPÍTULO 13 •

PES-A-DELO

*Oh, pedaço de mim
Oh, metade adorada de mim
Lava os olhos meus
Que a saudade é o pior castigo
E eu não quero levar comigo
A mortalha do amor
Adeus.*

– Chico Buarque,
“Pedaço de Mim”.

Sentia-me muito fraca, só o que pude fazer foi gritar.

– Mel, Talles, me ajudem, por favor! – gritei o mais alto que pude, embora quase não fosse possível ouvir minha própria voz.

Alguns segundos depois, Talles entrou no quarto, acendendo as luzes. Eu estava toda suja de sangue e mal podia me mover, impedida pela dor que sentia e pela febre, que fazia meu corpo tremer.

– Ai, meu Deus, Yasmin! – disse Talles, horrorizado. – Precisamos correr para o hospital. Tente ficar calma, não se mexa. – Talles atravessou o quarto às pressas, pegou toalhas no guarda-roupa e gritou por Mel.

Nessa hora, Mel entrou no quarto e correu em minha direção, assustada com o que via.

– Fique calma, Yasmin. Vamos levá-la ao hospital. Você vai ficar bem. – Percebi que ela não tinha incluído meu filho na frase, como se já tivesse certeza de que não havia chance para ele.

Eu continuava sem conseguir me mexer. Estava desfalecida na cama, com muita dor. Via apenas minha irmã chorando, Talles nervoso, perto de mim, tentando me manter acordada.

– Yasmin, amiga, está me vendo, querida? – perguntava ele, esperando uma reação, mas eu me sentia muito longe dali; e, à medida que me afastava, tudo ia ficando mais iluminado... Só via luz no rosto de Talles e sua voz, muito distante. – Vou levantar você da cama agora, amiga – ele continuava falando, e eu mal o escutava. – Vai doer um pouco, mas aguente firme, que estamos levando você ao hospital, eu e Mel. – Escutei Mel falando também, mas não distinguia suas palavras, só via que chorava muito.

Senti quando Talles me envolveu com uma toalha, depois me suspendeu, tirando-me da cama, e uma dor terrível me fez gritar. Meus braços e pernas estavam moles feito gelatina, e minha cabeça doía tanto que não conseguia raciocinar.

– Tudo vai ficar bem, amiga, aguente firme – disse ele, me carregando nos braços e me levando, apressado, para fora do quarto.

Deitei minha cabeça no ombro de Talles, desfalecida. Fiz um esforço enorme para conseguir falar, mas não estava certa se as palavras estavam mesmo saindo da minha boca.

– Você sabe o que está acontecendo, não sabe, meu amigo? – perguntei com a voz fraca e entorpecida.

– Sim, eu sei, querida. E sinto muito, muito mesmo – disse ele, chorando.

– Então já sabe que não vai ficar tudo bem. – Não consegui dizer mais nada. Eu estava morta por dentro, sentindo as lágrimas nas minhas faces, pela tristeza e também pela dor física que sentia.

Percebi quando Talles me colocou no banco traseiro do carro, apoiando minha cabeça no colo de Mel. Eles falavam o tempo todo, nervosos, e choravam ao mesmo tempo. Mas eu não entendia nada do que diziam; não ouvia a voz deles, mas sim outra, que eu conhecia bem.

– Resista, Yasmin – dizia a voz de Sam. – Sei que é muita dor, meu amor, posso senti-la também, mas resista. Não vou sair do seu lado, eu prometo, amor. Até que possa ver seu sorriso novamente.

– Quero morrer, Sam. Não há mais nada para mim aqui. Me leve com você, meu amor. Não pode me tirar desse inferno? – eu implorava, talvez para mim mesma ou para quem quer que tivesse o poder de me livrar daquela dor. Desejava a morte mais do que tudo naquele momento.

– Não fale isso, querida. Você tem muito que viver, e vai superar, acredite. Não morra por mim; viva por mim, meu amor. Preciso que você viva, para que nossa história tenha valido a pena, para que eu possa seguir em paz.

– Não sei se consigo. Não tenho mais forças, Sam. – Minha respiração estava fraca e eu já estava quase sem vida. Sabia disso, mas desejava a morte. Queria que toda aquela dor passasse; queria ir embora, me afastar para bem longe de tudo o que estava vivendo e que teria de viver se sobrevivesse. A morte me parecia algo bom, fácil, tranquilo. A vida era difícil, não a morte, por isso eu a desejava.

– Você é mais forte do que pensa, meu amor. Lute, você consegue – disse ele, sua mão segurando a minha.

Embora sentisse que deixava o corpo, quando Sam segurou minha mão, eu voltei para a realidade. Não falava mais comigo mesma, já podia ouvir as vozes das pessoas à minha volta, além da voz que vinha de dentro de mim. Eu delirava, claro, mas tudo era muito real para mim. Então, não podia deixar de acreditar que Sam havia me ajudado a lutar contra a morte, que havia me mostrado o caminho de volta, dando-me a força que eu não tinha mais e que precisava para resistir. Ele me queria viva, então eu precisava lutar.

Talles me tirou do carro em seus braços, levando-me às pressas para algum lugar que eu não fazia ideia de onde fosse. Não me lembro de quase nada, só da dor que sentia. E, a todo momento, sentia como se Sam segurasse minha mão.

Pessoas falavam comigo, mas eu não as entendia; só sentia a presença delas. Era uma situação angustiante. Lágrimas desciam insistentemente pelo meu rosto. Estava de olhos abertos, mas nada enxergava. Então fechei-os, pois não tinha forças para mantê-los abertos.

Quando voltei a abrir os olhos, sonolenta, tentei entender onde estava. Olhei em volta e vi que estava numa cama de hospital.

– Oi – disse Mel baixinho, olhando-me com tristeza. Seus olhos estavam inchados pelo choro e a voz, rouca. Talles, que estava logo atrás dela, se aproximou mais, sem nada dizer.

– Meu filho está bem? – perguntei, angustiada. – Me diga que ele está vivo, que não o perdi também! – Mel não tinha sequer palavras para me dizer o que eu já sabia; ela só chorava sem conseguir falar. – Ele não está mais aqui... – concluí, trêmula, com um fio de voz e uma dor indescritível no peito.

– Não, não está, minha querida, e não tenho palavras para dizer o quanto lamento tudo pelo que está passando. Se pudesse, eu dividiria essa dor com você, para que seu fardo fosse menor.

– Não tenho mais nada, Mel... – eu disse, sentindo-me morta por dentro. – Seria melhor que estivesse morta... morta de verdade, porque não acho que eu esteja realmente viva; não sem Sam, não sem meu filho, que nem sequer teve a chance de nascer.

– Graças a Deus, não está morta, minha irmã. Tivemos muito medo de perdê-la também – disse Mel, e Talles apertou minha mão. Meu amigo chorava.

– Eu devia ter morrido.

– Não fale isso, Yasmin – disse Talles.

– Perdi tudo, meu amigo.

– Não, não perdeu. Você tem sua vida, tem a nós, que te amamos.

Nesse momento, não consegui segurar minha tristeza e comecei a chorar copiosamente. Mel e Talles apenas me abraçaram.

– Como vou poder viver assim? – perguntei, desesperada, sem conseguir controlar o choro. – Não consigo, Mel, me faça dormir, por favor. Não consigo aguentar esse desespero, não agora. Preciso dormir, não suporto essa dor – repeti, começando a me agitar na cama. Queria me levantar e comecei a arrancar o tubo do soro, fazendo minha mão sangrar.

Mel ficou desesperada ao ver meu estado e pediu que Talles chamasse uma enfermeira; ele correu porta afora. Eu sentia minha cabeça latejar e só desejava dormir, esquecer por alguns instantes a perda que me consumia a alma.

Passado um minuto, com Mel tentando inutilmente me acalmar, Talles entrou de novo no quarto com uma enfermeira. Mel explicou a situação, dizendo que eu precisava dormir, que sentia muita dor. Eu apenas segurava a cabeça, enrodilhada na cama, protegendo a barriga, mas sabendo que meu bebê não estava mais lá.

A enfermeira tentou me acomodar melhor na cama, com a ajuda de Mel e Talles. Depois, olhou o escalpe com o soro em minha mão, corrigindo-o, pegou uma seringa na bandeja, ao lado da cama, e

começou a injetar um líquido através do soro. Continuei em silêncio, apenas aguardando que aquele remédio fizesse algum efeito e que enfim eu conseguisse dormir.

– É um calmante, junto com um analgésico – disse a moça, de olhar bondoso. Depois colocou minha mão sobre minha barriga, deixando-me mais confortável na cama. – Você vai dormir por mais algumas horas.

Quando a enfermeira foi embora, Mel se aproximou de mim e segurou minha mão, sem nada dizer. Talles se juntou a ela. Ficaram os dois me olhando, preocupados. Senti quando o remédio começou a fazer efeito, quando meus olhos se fecharam devagar. De repente, eu não estava mais ali.

– Você veio! – eu disse, sentindo a presença de Sam ao meu lado na nossa cama.

– Tinha que vir, meu amor, não podia deixar você sozinha.

– Que bom que veio! Eu precisava de você aqui para me fazer dormir. Senti tanto a sua falta, amor; é muita dor sem você aqui.

– Eu sei, minha querida, por isso eu vim.

– E vai ficar?

– O tempo que precisar. Agora durma, você precisa descansar.

Por algum tempo, senti como se minhas dores tivessem ido embora e dormi, com a sensação da presença de Sam ao meu lado, me confortando. Não sonhei, não pensei em nada enquanto recuperava minhas forças. Apenas me deixei descansar daquele pesadelo, ao menos por um tempo, pois sabia que estava apenas começando.

Não sei quanto tempo depois, abri os olhos novamente.

– Como você está? – perguntou Mel.

– Com menos dor de cabeça – eu disse. – Foi tudo real – concluí, percebendo que continuava no hospital.

– Sinto muito – disse Mel, sem ter palavras para o que havia acontecido.

- Quanto tempo dormi, Mel? E Talles, foi embora?

- Você dormiu algumas horas, Yasmin. E Talles não foi embora. Na verdade, ele quase não saiu daqui. Só foi pegar um café para nós dois, mas já volta.

- O que eu faço agora, Mel?

- Nós vamos para casa, querida, juntar nossos cacos - disse ela, me abraçando.

Mel me disse que mamãe queria retornar a Ipu, para ficar comigo. Mas minha irmã achou melhor que todos voltássemos para Fortaleza. Ainda fiquei no hospital até a manhã do dia seguinte. Havia perdido bastante sangue e os médicos queriam se certificar de que eu estava bem para deixar o hospital.

Segundo o doutor Robério, que me atendeu quando cheguei com fortes contrações e hemorragia, antes mesmo de eu chegar ao hospital meu filho já estava sem vida. Tive medo de que o meu estado de espírito tivesse causado a morte dele, mas, de acordo com o que doutor Robério me disse, ao que tudo indicava, o bebê tinha um problema cardíaco congênito e dificilmente eu conseguiria levar a gravidez a termo. Disse-me ainda que o meu estresse pós-traumático tinha apenas acelerado o que já ia acontecer naturalmente.

Um médico me procurou para perguntar se eu desejava autorizar uma autópsia em meu filho, com exames mais detalhados, para entender melhor o problema de saúde dele, mas não autorizei. Ele já havia sofrido muito e só queria que dormisse em paz.

- Ele vai ficar junto com o pai dele - eu disse a Mel, chorando de tristeza, pela saudade que sentia e que me acompanharia dali em diante.

Na manhã seguinte, deixei o hospital, amparada por meu amigo Talles e por Mel. Não fiquei muito tempo na casa de Ipu, pois eu não tinha a menor condição de permanecer mais ali - aquele

lugar era só lembrança. Lembranças de Sam, de todos os momentos felizes que passamos juntos e que eu não queria ficar recordando naquele momento. Era uma tortura para mim ficar o tempo todo me lembrando de tudo o que havia perdido.

Naquele mesmo dia sepultamos meu bebê ao lado do pai dele, e não tenho como descrever a dor de deixar para trás os dois grandes amores da minha vida e minha razão de viver. Genuína dor, que consome a alma, o corpo e o coração.

Saí do cemitério carregada pelas pessoas, que tudo faziam para me amparar. Mais uma vez, o cemitério ficou lotado. A cidade era pequena e não tinha como uma notícia daquelas não se espalhar. Não falei com ninguém, não tive como dar atenção a ninguém; apenas chorei. Saí do cemitério prometendo a Sam que não mais voltaria àquele lugar, pedindo também perdão por isso, por não ter forças para permanecer ali.

Deixaríamos Ipu na manhã seguinte, eu, Mel e Talles, seguindo para Fortaleza. Nas horas que antecederam a minha partida, fiquei sob o efeito de calmantes; era impossível encarar a situação com total lucidez. Assim, quando chegou a hora, minha irmã e meu amigo colocaram meus pertences em dois carros, para seguirmos rumo a Fortaleza, sem nenhuma previsão de retornar a Ipu.

Talles já me aguardava na saída da casa, quando eu quis ficar mais alguns minutos sozinha. Passei pela cozinha, certificando-me de que tudo estava desligado, e segui para a sala. Olhei o sofá e visualizei mentalmente a minha imagem e de Sam abraçados, vendo TV, absolutamente felizes. Parei diante da estante, contemplando as fotos de vários momentos da minha vida com Sam, e minhas lágrimas voltaram a cair. Respirei fundo e observei o quadro da Sagrada Família que minha mãe havia nos dado de presente. Toquei a imagem, chorando, e quis ter uma conversa séria com Deus.

– Por que, meu Deus? Por que isso tinha que acontecer? Não entendo. Por que Sam teve que morrer e levar junto nosso filho? Ele era tão bom, ajudava tanta gente... – eu disse com raiva, caindo de joelhos. – Por que pessoas boas têm que morrer, e tão jovens? Não é justo! Se fosse eu, não faria muita diferença na vida das pessoas; o mundo não perderia tanto, mas ele não, não... – Eu chorava cada vez mais, maldizendo minha sorte, de cabeça baixa.

Estava muito magoada com a vida; não via sentido em nada, até minha fé fora abalada. Estava ressentida, decepcionada com Deus.

– Eu sou tão pequena, Senhor, para entender os teus desígnios. Não consigo, juro que não consigo, não sozinha. Um dia espero que eu possa entender, ter forças para compreender e aceitar que não tenho como mudar isso. Ajude-me a aceitar, por favor, Pai, porque sozinha não posso. E me perdoe por essa falta de fé, mas agora não tenho nada de bom a oferecer, nem minha fé; ela anda distante, perdida na minha escuridão. Por isso, peço perdão, meu Pai, por não mais acreditar, por neste momento não ser capaz disso – falei com o coração cheio de mágoa, sem conseguir me levantar.

Mas, mesmo magoada e sem fé, ainda assim comecei a me acalmar e o choro se abrandou.

– Não chore – disse uma voz dentro de mim. Uma voz calma, que parecia enxugar minhas lágrimas. Não entendi, mas senti a presença de Deus ou de um anjo de Deus, que me tranquilizava e segurava minha mão.

Senti de repente um toque no ombro e olhei rapidamente. Era Mel, que tinha se aproximado sem que eu visse, abraçando-me.

– Vamos, querida, você não pode mais ficar aqui. – Eu me levantei com a ajuda de Mel, sentindo um pouco mais de força, e seguimos para a porta. Olhei uma última vez a minha casa, deixando tudo para trás.

Quando chegamos à porta da frente, quis encaixar a chave, mas minha mão tremia e eu ainda chorava; sabia que não voltaria mais

àquela casa e já sentia saudade. Talles, que estava logo atrás de nós, pegou a chave da minha mão.

– Deixe que eu faço isso, Yasmin. – Apenas permiti, olhando para meu amigo, que observava o meu visível sofrimento.

Depois que passamos, ele fechou a porta e me puxou pela mão, na direção do carro.

Quando o carro saiu, os vizinhos acenaram enquanto eu passava, vendo-me chorar no banco de trás. Passei pela cidade como quem passa por uma cidade-fantasma; tudo parecia deserto para mim, não via nada à minha frente.

Eu não via mais as belas paisagens coloridas de Ipu; tudo parecia cinza. Percebi que não era a cidade que parecia uma cidade-fantasma, mas sim eu. Eu era um fantasma! Tinha perdido a vitalidade, a cor, a alegria, e teria que viver assim, como um eterno espectro.

À medida que o carro se afastava, as lembranças da minha vida passavam em minha mente. Olhei a cidade ao longe, da estrada, e vi a bela bica de Ipu, bem distante, lembrando-me do meu amor, do primeiro dia em que estivemos ali, em total harmonia e felicidade. Era essa a imagem que eu queria guardar daquele lugar, a imagem do sorriso de Sam, enquanto me beijava, das nossas bocas unidas num beijo de amor.

Este capítulo da minha vida, da vida que tinha com Sam em Ipu, estava encerrado. Restavam apenas as lembranças de um mundo que era só nosso.

Agora eu teria que enfrentar a solidão, a dor da perda, mas não aquela causada pelo choque da mudança repentina, como vinha sentindo nos últimos dias; eu teria que enfrentar o futuro, um futuro que não tinha nenhuma perspectiva para mim. Um dia após o outro sem a presença do meu amor e sem nosso filho, que eu já amava perdidamente e cuja chegada não poderia mais esperar.

Tampouco poderia amamentá-lo, vê-lo crescer, segurá-lo em meus braços; estava sozinha com a minha dor.

Tinha que enfrentar a saudade do que tinha vivido e do que não poderia mais viver, a ausência que jamais cessaria e que me despedaçaria todos os dias. Naquele momento, ao encerrar um capítulo da minha vida, eu era só vazio. Sem esperança, sem fé, sem paz, eu era apenas dor.

• CAPÍTULO 14 •

SAUDADE DE VOCÊ

*Vou esperar do seu lado
A tempestade passar
Vou esperar do seu lado
Porque eu só posso esperar.*

– Leoni,
“Quando a Dor Te Corta”.

Ao voltar para Fortaleza, não quis morar com Mel, embora ela tenha insistido muito e recorrido a todos os argumentos para me convencer a ficar em sua casa. Permaneci com ela apenas um dia, só o tempo para um breve descanso da viagem, e nem sequer desfiz minhas malas.

Eu não queria ficar cercada de pessoas querendo falar comigo o tempo todo, tentando me colocar para cima. Não queria conversar, desejava apenas ficar só no meu canto e chorar, dando vazão às minhas lágrimas. E mesmo quando elas não desciam pelas minhas faces, eu chorava por dentro. Por isso não podia ficar com Mel e encher a casa dela de tristeza e dor. Preferi, assim, ficar sozinha.

Também não aceitei ficar na casa de minha mãe. A casa dela me trazia lembranças horríveis do trauma que havia sofrido, da aflição da espera por Sam, de uma espera inútil, culminada na morte. Era impossível estar naquela casa. E mamãe entendeu.

Decidi, por fim, me instalar na casa de dona Selma, que passara a ser minha e de Sam depois da morte dela. Aquela casa havia se tornado, em parte, a sede da administração do bufê; era uma espécie de escritório de Sam, onde a gerente de eventos trabalhava quando necessário. Mas, como o escritório ficava separado da residência, com uma entrada independente, fiquei ainda mais à vontade para morar no imóvel e me isolar lá, como se estivesse me escondendo do mundo.

Mas essa não foi uma decisão aceita com facilidade por todos os que me amavam. Melissa, principalmente, ficou muito preocupada, pois sabia que eu estava muito abalada e não tinha condições de morar sozinha.

– Yasmin, por favor, não faça isso, minha irmã! Seria muito melhor que você ficasse aqui em casa – disse Mel, implorando para que eu não partisse.

– Não posso, Mel. Provavelmente você tem razão em achar que não tenho condições de morar sozinha, mas sinto que preciso, então, peço que me entenda.

Mel só aceitou minha decisão de não ficar com ela quando prometi que daria notícias diariamente e deixaria que ela me visitasse sempre que pudesse. E foi assim que deixei a casa dela e me instalei em meu antigo lar, que me trazia boas lembranças e seria o melhor lugar para eu ficar no momento.

Talles não pôde permanecer muito mais tempo. No dia seguinte à minha chegada a Fortaleza, teve que partir, ao lado de Suzana, pois precisava voltar a Paris, antes de poder se estabelecer em São Paulo em definitivo, fazendo apenas viagens esporádicas à Europa. Ele já

havia adiado sua partida em decorrência da perda do meu bebê, mas agora tinha de partir, deixando muita saudade.

– Vou escrever todo dia, Yasmin. Por favor, não deixe de me dar notícias. Eu vou, mas meu coração fica aqui com você – falou Talles, antes de ir para o aeroporto, e eu seguir para me enclausurar em minha casa.

Quando me despedi de Talles, tentei segurar as lágrimas e esboçar um sorriso, mas não consegui; saí apressada para que ele não visse meu sofrimento.

No caminho da minha casa, Mel dirigia meu carro e Jorge seguia atrás, no outro carro. Mamãe, mesmo querendo nos acompanhar, precisava ficar com as crianças.

Paramos diante da antiga casa do bairro do Benfica. A vizinhança, que me parecera sempre alegre, agora estava triste. Por mais que tentasse, eu não consegui segurar as lágrimas, enxugando-as por baixo dos óculos de vez em quando. Mel não disse nada, só me abraçou e entrou comigo na residência.

Depois que Jorge retirou as minhas malas do carro e as deixou na sala, eu disse a Mel que queria arrumar tudo eu mesma, mas antes dormiria um pouco, por isso queria ficar sozinha. A contragosto, ela se despediu e disse que voltaria na manhã seguinte.

Nos primeiros dias depois do meu retorno, Mel me visitava todos os dias, mas, mesmo assim, com o passar do tempo eu fui ficando cada vez mais deprimida. Então Mel, preocupada, passou praticamente a morar na minha casa.

Com mamãe não foi diferente: ela resolveu passar um período comigo também, sobretudo para cuidar da minha alimentação, pois eu não tinha ânimo para cozinhar. No decorrer dos dias, não queria mais nem sair da cama; não tinha forças, e queria apenas dormir e não acordar mais.

Desejava muito lutar contra o desânimo, mas a sensação de torpor era mais forte do que qualquer vontade que eu tivesse de

reagir; entrei em depressão profunda. Assim, mesmo eu querendo ficar só, minha família não pôde respeitar meu desejo de isolamento, pois ele estava se estendendo por tempo demais; não podiam apenas aceitar que eu entregasse os pontos. Por isso, lutavam por mim, já que eu mesma não podia.

Mel era uma guerreira, tentando dar conta de tudo, da casa dela, do trabalho e da dedicação a mim, inclusive como profissional, sempre tentando fazer de suas visitas uma terapia também.

Mamãe se limitava a me trazer comida no quarto, e esse era seu jeito delicado de demonstrar amor: cuidar de mim como cuidaria de alguém doente.

Eu sabia que ela estava muito triste por mim; via isso em seus olhos cada vez que entrava e saía do quarto. Mas ela era uma pessoa muito reservada, de poucas palavras, e o que sabia fazer melhor era ajudar nos assuntos domésticos, como a limpeza da casa e a alimentação, sendo sempre muito exigente com relação a isso. Eu também não tinha muito o que conversar, então passávamos o dia assim, eu no quarto, calada, e ela andando pela casa, cumprindo suas tarefas, também sem falar muito.

- Filha, trouxe a refeição - disse ela, ao entrar no quarto com uma bandeja. - Você não gostou do café que preparei? Não comeu nada... - afirmou triste, ao ver o meu café da manhã intacto na mesinha de cabeceira e culpando a si mesma pela minha falta de vontade de comer. Olhei para ela e, vendo sua tristeza, não pude deixar que se sentisse mal por minha causa.

- Não, mamãe, está tudo muito bom, só estou sem fome. Me perdoe.

- Pelo quê, filha?

- Por ser uma pessoa tão fraca, por não reagir. A senhora já passou por isso também e nunca a vi assim, destruída como eu...

- Foi diferente, Yasmin, você sabe disso - interrompeu-me ela, e estranhei por querer conversar, E eu queria ouvi-la, buscar consolo

nela.

Mamãe colocou a bandeja ao lado da outra, na mesinha de cabeceira, voltando-se para mim e segurando minha mão. Encarei seus olhos tristes.

– Por que é diferente, mamãe?

– Eu e seu pai tivemos uma vida longa juntos, não fomos privados de nada e fomos muito felizes em cada momento; criamos você e sua irmã juntos. Mas você, filha, não há explicação para um sofrimento tão profundo... – Ela falava sem conseguir se expressar abertamente, como se aquelas palavras me ferissem, cutucassem a ferida que nunca cicatrizaria. Então, ficava reticente, por medo de dizer a coisa errada. Mas não estava adiantando muito, pois comecei a chorar, não tinha controle sobre as minhas emoções. – Ah, meu amor, você não imagina o meu sofrimento vendo você assim. Se eu pudesse, trocaria de lugar com você... – disse, me abraçando forte.

– A senhora tem me ajudado muito, não se afastando um minuto sequer. Sinto que sofre muito por mim – disse, quase num sussurro. – Seu amor me dá forças. Eu te amo, mamãe. Obrigada... por tudo.

Talles escrevia sempre. Tentei responder aos seus e-mails nos primeiros dias após minha chegada a Fortaleza, quando ele já estava na Europa, mas não consegui, pois o desânimo me impediu de continuar escrevendo. Já não abria mais meus e-mails e quase não atendia aos telefonemas. Não era por falta de vontade, mas indisposição mesmo, cansaço da alma.

Porém, Talles nunca desistiu; continuava escrevendo todos os dias, na esperança de que eu abrisse as mensagens e voltasse a me comunicar. Sentia por ele, tinha medo de que se prejudicasse e quisesse voltar por minha causa. Então, quando conseguia dizer algo, era quase exclusivamente para pedir que não abrisse mão dos

seus compromissos por mim. Ele escrevia de volta, claro, e, quando eu não retornava, acabava recebendo recados dele através de Mel, que levava e trazia notícias nossas, intermediando a nossa comunicação.

Com o tempo, Talles acabou se comunicando diretamente com a minha irmã, já que era a forma mais garantida de receber notícias minhas. E isso, de certa forma, me tranquilizou.

O bufê, nesse período, ficou na mão dos empregados. A gerente, no entanto, não tinha acesso ao caixa, às movimentações financeiras, para cuidar da manutenção do negócio; só eu podia fazer isso, se estivesse em condições.

Assim, Cíntia, minha amiga do banco, se ofereceu para ajudar na administração do bufê. Com isso, ficou mais fácil lidar com a movimentação de valores, uma vez que trabalhávamos no mesmo banco e, para as transferências, bastava apenas uma autorização minha por telefone mesmo, ainda que para mim fosse um sacrifício. Cíntia também passava por momentos difíceis, pois estava se divorciando, mas mesmo assim se manteve presente e me deu toda a força de que eu precisava.

O banco começou a me pressionar, para que eu voltasse ao trabalho. Mesmo entendendo o trauma pelo qual havia passado e de início se solidarizando, após o primeiro mês de ausência, a situação ficou complicada.

Sem dúvida nenhuma, eu não tinha a menor condição de voltar a trabalhar nem saberia quando eu me sentiria segura para retornar. Por isso, estando totalmente desmotivada, escrevi um curto e-mail ao banco e pedi demissão.

Ficar desempregada não era bom, mas a meu ver era um problema a menos com que me preocupar naqueles dias tão difíceis, em que me sentia tão desorientada. Não sabia por quanto tempo conseguiria me manter sem trabalho, mas eu levava uma

vida modesta; minhas economias e o bufê dariam para me sustentar por um período.

Romeu voltou a cantar, mas era um canto triste. E, não mais suportando a dor do pássaro, nem ouvi-lo cantar uma música que me remetia ao passado, não tive como ficar com ele. Seu lamento me causava uma imensa saudade e provocava um fluxo de lágrimas incessantes. Por isso, ainda que triste por me desfazer do meu amado pássaro, tive que deixá-lo ir; Mel o levou para o apartamento dela. Ao menos Romeu iria para um lugar mais alegre, onde morava uma família feliz. E só aceitei que Mel o levasse porque ela me prometeu que ele ficaria solto, livre, como sempre foi a vontade de Sam. Romeu aceitou bem a mudança e se mostrou mais alegre logo nos primeiros dias. Um dia, quando eu estivesse em melhores condições – eu tinha uma esperança, mesmo vã, de que isso acontecesse –, ele viria para junto de mim de novo.

A universidade onde Sam coordenava o projeto de educação ambiental, em Ipu, entrou em contato comigo um dia, para avisar que iriam fazer uma homenagem a Sam, dando ao novo laboratório de pesquisas o nome dele. Na inauguração do laboratório, haveria uma solenidade em que eles gostariam de contar com a minha presença, para receber uma placa de homenagem. Era impossível para mim, no entanto, voltar a Ipu por ora. Então, meu cunhado se ofereceu para receber a homenagem em meu lugar e eu aceitei, agradecida.

Por mais que eu me esforçasse, sentia que perdia a batalha, perdia o gosto pela vida. Minhas forças estavam diminuindo com o passar do tempo, e a cada dia eu tinha menos vontade de me levantar da cama.

Mel não me dizia nada, mas sabia que eu estava em depressão, mergulhando cada vez mais nesse mundo sombrio. Ela estava preocupada, a terapia que tentava fazer comigo não estava

funcionando muito, pois, para ter efeito, era preciso que eu cooperasse. Mas eu não queria nem tinha nada a dizer; só queria ficar em silêncio, na escuridão dos meus pensamentos.

Com a cabeça no colo de Mel, ela recostada na cabeceira da minha cama, minha irmã tentava falar comigo. Não era como uma terapia, mas tentávamos fazer como sempre fazíamos, contávamos tudo uma para a outra. Eu estava passando por um período de silêncio em minha vida, mas para Mel sempre tinha algo a dizer. Não para a Melissa profissional, a psicóloga, mas para a minha irmã querida. Assim, deixando que as lágrimas caíssem, conversávamos um pouco.

- Sabe que estou muito preocupada com você, não sabe? Se quisesse ajuda, poderíamos aliar medicação com terapia, o que seria melhor, pois daria um resultado mais satisfatório - ela disse, tentando me convencer a ir com ela ao médico.

- Ainda não, Mel, ainda não consigo. Por favor! Seja só minha irmã, por favor... - eu implorava, para que não me obrigasse a procurar ajuda médica. - Vou me esforçar, está bem? - menti. - Só fique um pouco aqui comigo, preciso do seu colo.

- Sempre, querida, pelo tempo que quiser. Sempre você vai poder contar comigo - ela disse, enxugando as lágrimas e já tentando sorrir: - Sabia que Talles tem me ligado com frequência? Ele a ama, Yasmin. Todo dia recebo uma mensagem dele, e ontem ligou querendo notícias suas.

- Ele é maravilhoso, um irmão muito querido.

- É verdade - confirmou Mel. - Com o tempo, Talles acabou se tornando um irmão para nós, sobretudo para você.

- Suzana teve muita sorte em encontrar alguém como ele. E que bom que ele a tem também. Um completa o outro - eu disse, lembrando-me de Sam mais uma vez, do quanto nos completávamos. Apenas permiti que minhas lágrimas descessem pelo rosto e Mel apertou meu abraço.

- Ainda vou vê-la feliz de novo, Yasmin, nunca vou desistir de lutar por isso, para que se recupere e reencontre sua paz. Um dia, quando conseguir olhar além da sua dor, vai enxergar um mundo diferente, um novo mundo, e com certeza será repleto de paz – ela disse, embora eu soubesse que não havia como ter paz na agonia.

Todo dia era uma nova batalha para mim, desde a hora em que eu acordava até a hora de dormir. E durante a noite, enquanto dormia – momento em que esperava recuperar minhas energias –, normalmente sentia como se estivesse acordada, chegando mesmo a ouvir meu choro durante o sono agitado.

Mas, nos dias em que a dor era quase insuportável e eu ficava rolando na cama durante a madrugada, às vezes sentia a presença de Sam. Era como se ele estivesse ali comigo, me abraçando como sempre fazia. E esse era o momento em que eu tinha um pouco de paz, sentindo meu amor ao meu lado, me acalmando e me colocando para dormir.

Só nessas noites o meu sono era tranquilo, porque sabia que Sam estava ao meu lado. Não podia explicar, claro, essa sensação da presença dele. E, se falasse para alguém, me diriam que eu estava ficando louca, por isso não contava a ninguém. Mas era algo tão real, perceptível e bom que não me questionava, apenas aceitava aquele presente do céu, acreditando que era Sam de fato ao meu lado. Não conseguia vê-lo ou falar com ele, era apenas uma sensação, mas tão palpável que, em minha mente, conseguia até ouvi-lo dizer:

- Boa noite, amor. – Era então que eu dormia bem. E não havia mais angústia, só a paz da presença dele.

- Sinto saudade de você – eu pensava, sentindo o beijo de Sam em meus cabelos e seu sorriso enquanto me beijava. Éramos de novo só nós dois ali, juntos outra vez.

• CAPÍTULO 15 •

DIÁRIO DE VIAGEM

*O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro, é a escuridão
O céu que toca o chão
E o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos.*

– Samuel Rosa, Lô Borges e Nando Reis,
“Dois Rios”.

Quase quatro meses depois da morte de Sam e de nosso filho, eu já sabia que não poderia mais continuar assim. Estava entregando os pontos e isso era perigoso demais; podia ser uma viagem sem volta.

Eu me sentei um dia diante do espelho e não me reconheci mais refletida nele. Eu era apenas um espectro de mim mesma, com pelo menos dez quilos a menos e dez anos a mais; não fazia ideia de que o sofrimento pudesse causar um estrago tão grande na vida

de uma pessoa. Eu sabia que precisava fazer algo para mudar, para sair do buraco onde me encontrava, só não sabia o quê.

Olhei meu reflexo mais uma vez, passando a mão no cabelo sem vida, ressecado pela falta de cuidado, e baixei-a em seguida. Olheiras profundas marcavam meu rosto – eu era a verdadeira imagem da derrota. Totalmente inerte, vi uma lágrima descer e cair sobre minha mão, pousada no colo. Assim, entregue por completo àquele estado depressivo, levantei-me de onde estava e voltei para a cama.

Não demorou muito, Mel bateu na porta do quarto e a abriu. Ela me olhou triste e entrou, trazendo algo na mão, que não identifiquei. Colocou o objeto na mesinha de cabeceira e se deitou em seguida na cama, de frente para mim.

– Oi – disse, com tristeza. Senti que Mel estava no seu limite; vi em seus olhos a vontade imensa de me trazer de volta. – Você sabe que não pode mais ficar assim, não sabe? – Apenas balancei a cabeça e ela ajeitou meu cabelo que estava no rosto, colocando uma mecha atrás da orelha. – Não consigo mais ver você desse jeito, Yasmin.

– Eu sei – disse com a voz rouca. – E entendo se não quiser mais tentar me tirar dessa; eu também já desisti de mim.

– Nunca mais fale uma coisa dessas – repreendeu-me ela. – Nunca, nunca, nunca, enquanto eu viver, vou abandoná-la, querida. E acho que, mesmo morrendo e mesmo sem acreditar muito em vida após a morte, ainda assim ficaria por perto, minha irmã. Então, por favor, não desista, Yasmin! Tente reagir, não dá mais para você ficar assim.

– Mas não sei o que fazer, Mel – eu disse, chorando. – A dor continua igual, não passa, a saudade está me matando a cada dia, a cada minuto, a cada segundo.

– Mesmo assim, querida, você não pode desistir. Se não puder caminhar sozinha, vou ajudá-la a caminhar, te carregar no colo, se

for preciso, mas não vou desistir de você, não vou deixar que entregue os pontos desse jeito – ela disse, também chorando, depois se recompondo e voltando a falar: – Lembra quando você caía, quando criança, e eu sempre levantava você do chão? Lembra?

– Sim – disse.

– Agora não é diferente, Yasmin. Você caiu, uma queda bem feia, e se machucou também. Mas estou aqui para levantá-la, cuidar das suas feridas e colocá-la de pé mais uma vez. Você confia em mim? – perguntou, séria, como se me pedisse ajuda também, ajuda para deixá-la me auxiliar.

– Sempre confiei. – Mal conseguia falar, em meio às lágrimas.

– Então, quero fazer um pedido. Mas preciso que me deixe tentar colocá-la de pé outra vez.

– Não estou entendendo, Mel, explique, por favor.

– Primeiro, quero lhe dar um presente.

– O quê? – E Mel se virou para pegar o objeto que tinha trazido nas mãos ao entrar no quarto.

– Comprei para você. – Ela me entregou um caderno. Sem me levantar, peguei o caderno nas mãos e o folheei, percebendo que estava em branco.

– Um caderno? – Continuava sem entender as intenções de Mel.

– Eu diria que é um diário de viagem, nosso diário de viagem.

– Como assim? Por que eu teria um diário de viagem?

– Porque vamos viajar – falou, e aí é que não entendi nada mesmo.

– Viajar? Não acho que eu possa, Mel; mal consigo sair deste quarto.

– Eu sei, querida, mas agora vem a segunda parte do presente e o pedido que quero lhe fazer. – Eu só escutava, deixando-a falar. – Este caderno será para você registrar suas emoções daqui para a frente. Mas, primeiro, quero que se apresente a ele, como se fosse

um novo amigo que está chegando em sua vida. O caderno vai ser uma forma de você se expressar, Yasmin, de falar o que sente, de colocar para fora seus sentimentos. Depois, quero que aceite não só o caderno, mas minha companhia constante, nós duas juntas por um tempo.

– Mas você já está em minha companhia, Mel, o tempo todo, e só tenho a agradecer por isso...

– Não é o suficiente, Yasmin; não o suficiente para ajudá-la. Sinto que posso fazer mais.

– Como, Mel? Você já faz muito mais do que poderia.

– Como eu disse, não o suficiente. Quero tentar algo diferente, mas preciso que aceite, por mim, querida.

– Fale, então.

– Pois bem, é aqui que começa a segunda parte do plano, para o qual você vai precisar do seu diário de viagem. – Abri os olhos, curiosa, incentivando Mel a continuar. – Preciso que aceite minha companhia constante por um mês, Yasmin. Quero que viajemos juntas. Uma forma que encontrei para fazer você sair deste quarto, ver pessoas, ver o mundo... Mas não o mundo que está acostumada a ver, com as pessoas que já conhece e sabem pelo que passou, e sim outras pessoas, anônimas. – Estava pronta para recusar, mas Mel não me deixou falar. – Espere, me deixe terminar. Eu sei, Yasmin, que você não consegue, mas tudo o que peço é que tente, que me deixe ajudá-la a se levantar e a carregar um pouco do seu fardo. Sei que não consegue fazer isso sozinha, mas estou aqui e quero fazer isso com você, ajudá-la a caminhar. – Enquanto Mel falava, eu me emocionava ainda mais. Não tinha explicação para um amor tão grande.

– Mas para onde iríamos? E você não pode fazer isso, você tem a sua vida.

– Mas você é minha vida também, Yasmin, e não posso deixá-la morrer assim, sem nada fazer, sem lutar. Se não pode andar

sozinha, eu posso ajudá-la na caminhada, só me deixe tentar, por favor – ela implorava.

– Não sei... E sua família, seus filhos? Eles são tão pequenos ainda!

– Mas é você quem precisa de mim agora, minha irmã, sinto isso... Por favor...

Eu a ouvia falar, sentindo que cada palavra era uma enorme demonstração de amor, e não podia rejeitar esse amor. Sabia que seria muito difícil enfrentar o mundo, mas sabia também que não estava só, que Mel estava disposta a enfrentá-lo comigo. E, mesmo que o meu corpo estivesse fragilizado e minha mente quisesse me impedir de fazer qualquer mudança, ainda assim não podia rejeitar a ajuda dela. Sam, em meus delírios, me pedia isto: para não desistir. Na verdade, eu não tinha mais escolha a não ser aceitar ajuda, não tinha mais nada a perder, e Mel era a única que de fato poderia me ajudar.

– Tudo bem – respondi, enfim.

– Você concordou? – perguntou, sem acreditar.

Vi naquele momento um fio de esperança em seu olhar, que andava triste com a minha dor. Ela foi logo me abraçando, aliviada, enxugando minhas lágrimas. Pela primeira vez em meses, vi um traço de alegria no rosto de minha irmã.

– Só não faço ideia de como vai fazer isso, Mel, porque mal consigo sair da cama. Ainda estou de luto e preciso respeitar esse tempo.

– Mas vou ajudá-la e você vai conseguir. E está certa quanto ao luto, Yasmin. A viagem não é para tirar o seu luto, mas justamente o contrário: é para que o aceite e possa conviver com ele. A viagem não é para você se divertir, é um encontro consigo mesma, com a sua essência. É para buscar respostas e encontrar uma saída para essa dor profunda. E também para que possa viver seu luto, mas de uma forma saudável.

– E o que vamos fazer?

- A ideia é buscar um sentido para tudo isso que você está passando. A partir dos seus relatos no caderno, quero que vá observando cada momento, deixando que a vida mostre a você um rumo, minha irmã.

- Fale um pouco mais - pedi.

- Primeiro, pensei em passarmos alguns dias à beira-mar. Seguiríamos de carro para uma cidade litorânea, para que você saia da rotina e fique em contato com a natureza. Aí você vai poder caminhar e velejar também, como papai gostava de fazer quando éramos crianças. Vamos ver as belezas do mar e sentir a paz que ele pode trazer - ela disse, tentando me convencer.

- Continue. - Eu estava curiosa.

- Depois, pensei em irmos para uma cidade mais movimentada, onde você teria contato com outro ambiente, novas pessoas. Mas, como eu disse, seria um mundo distante do seu, para que possa espairer e também se sentir cercada de amor. Por isso, quero levá-la, nessa parte da viagem, ao encontro de Talles. Já conversei com ele, e ele concordou e está animadíssimo em nos receber em São Paulo, pois é lá que passaremos mais alguns dias. - Mel parecia empolgada. - E em todos os momentos da viagem, que será uma busca por paz interior, você vai poder escrever o que sente e registrar no caderno. Por isso ele é também um diário de viagem.

- Mel, tanto tempo longe da sua família... Isso é uma loucura! Não acho que eu possa aceitar, privar você deles por tanto tempo.

- Já está decidido, Yasmin, e partimos amanhã, se tudo der certo. Você é minha família também e minha prioridade agora. Então, deixe-me ajudá-la a carregar esse fardo, irmã. É peso demais para carregar sozinha. E todos já concordaram. Mamãe vai ajudar Jorge com as crianças, e eles querem cooperar porque têm esperança de que você se recupere. Tive uma longa conversa com Jorge sobre isso, e decidimos, juntos, ajudar você. Jorge garante que dá conta. E

ele e mamãe estão fazendo isso de muita boa vontade, para que você se recupere.

– E você vai largar tudo por mim? – perguntei, numa voz fininha.

– Não vou largar tudo, minha irmã; só vou me afastar por alguns dias das minhas atividades. Com o apoio de todos e por um bom motivo: por amor a você. Pense nisso como umas férias, para mim e para você.

– Te amo muito, Mel. Sei que não estou demonstrando muito ultimamente, mas te amo.

– Eu sei, meu amor, e eu também te amo. – Ela disse isso ainda deitada na cama, de frente para mim. – E então, podemos fazer as malas? – perguntou, querendo ouvir meu sim.

– Se você me ajudar... – A verdade era que eu estava com medo. Jamais conseguiria sair daquela escuridão do meu quarto, da minha vida, se Mel não estivesse ali para me amparar, para evitar que eu caísse.

– Com certeza. Fique tranquila, vamos conseguir, agora sei que vamos. – E ela abriu um leve sorriso, um pouco mais confiante, beijando meu rosto, aliviada como eu não a via fazia muito tempo.

– Obrigada por não desistir de mim, quando eu mesma quase desisti.

Quando Melissa saiu do quarto, prometendo voltar ainda naquele dia para começarmos a nos preparar para a viagem, senti pela primeira vez, depois da minha tragédia particular, um fio de esperança.

Nossa viagem começaria na manhã seguinte, pois Mel não queria me dar a chance de voltar atrás, por isso tinha pressa. Com certeza não seria fácil. Mas eu tinha que tentar sobreviver a tudo aquilo, pelo menos por Mel; ela merecia o meu esforço.

Pensando sobre todas as expectativas para o futuro, me sentei na cama, sentindo dificuldade até para respirar. Depois, peguei um

elástico de cabelo no móvel ao lado da cama, fiz um rabo de cavalo e coloquei os óculos, dando uma olhada melhor no caderno. Sequei as lágrimas, para poder ver melhor o presente que havia recebido, e demorei alguns segundos até decidir fazer o que Melissa havia me pedido.

Parecia ridículo, claro, falar com um caderno! Mas o trato que minha irmã havia feito comigo era este: eu precisava me apresentar ao caderno, como se ele fosse um novo amigo. Resolvi aceitar o trato e aceitar o caderno; não tinha mais nada a perder.

- Oi, sou Yasmin. Tudo bem com você? - eu disse com um sorriso triste, rindo da situação, de estar falando com um caderno.

Abri na primeira página, pegando uma caneta que estava ao lado da cama, e escrevi nela o meu nome. Mesmo sorrindo, minhas lágrimas molhavam o papel e borravam de azul as letras da minha péssima caligrafia.

- Bem, parece que vamos passar um tempinho juntos. Então, quero me apresentar. Mas vou logo dizendo que não sou uma boa companhia, pelo menos agora. Sou chorona, chata, e atualmente não estou muito para conversa. Mas vou tentar ser sincera com você, como estou sendo agora, e aceitar sua companhia por esse tempo. Espero que sejamos bons amigos. Desculpa por ainda não conseguir parar de chorar, por encharcá-lo com minhas lágrimas toda vez que tento dizer algo sem conseguir; desculpa por ainda não ter desistido de desistir. Mas você sabe que a dor é muito profunda, e ela ainda está aqui dentro, inteira, consumindo minha vida.

Melissa disse que isso vai passar, pensei comigo mesma. Acredito na minha irmã, nunca duvidei dela. Amanhã a gente vai viajar e a nossa primeira parada é o mar. Sempre gostei do mar; sempre gostei da calma que ele transmite quando se olha para a linha do horizonte, quando se fica observando seu balanço, suas ondas se

quebrando na praia, o céu se encontrando com a água; não há como não sentir paz.

Espero sinceramente que o mar possa me trazer um pouco de paz, ela que anda tão ausente em mim. Espero que ele ajude a enfrentar minha guerra particular. Sei que não é o bastante, mas estou fazendo o melhor que posso... para não sucumbir ao desespero.

Na noite anterior à viagem, dormi um sono tranquilo. Foi uma daquelas noites em que senti a presença de Sam. Dormi com ele em meus pensamentos, querendo que me dissesse se aquela viagem seria boa, se deveria nela embarcar, se haveria esperança para mim.

A resposta me veio em sonho, quando encontrei Sam numa praia, diante de um lindo pôr do sol. Ele estava sentado na areia, todo de branco, com as mangas da camisa dobradas, como gostava, e olhando para o mar.

Eu me aproximei dele, me ajoelhei na areia e o abracei pelas costas. Ele olhou para trás e sorriu para mim, puxando-me para seus braços.

No sonho, era como se nada tivesse acontecido, como se Sam ainda estivesse vivo e estivéssemos felizes. Sorríamos, cheios de saudade, enquanto nos beijávamos, e eu estava feliz por tê-lo em meus braços mais uma vez.

– Preciso vê-la bem, Yasmin – disse Sam, me beijando.

– Mas estou bem, amor – respondi, sem entender o que ele falava.

– Então, lembre-se do que lhe prometi um dia, de que sempre estarei com você. Não tenha medo, vá, pode ir, está tudo bem comigo, estou bem – falou ele, seu rosto iluminado pela luz dourada do pôr do sol.

– Mas não quero ir a lugar nenhum, quero ficar aqui com você, para sempre.

– Mas você precisa ir. E viver, Yasmin, viver.

Voltei-me para ele de novo, mas não consegui mais vê-lo. A luz do sol ofuscou a sua imagem e acordei com o som da sua risada ao meu ouvido. Despertei na manhã seguinte, em que iniciaria minha viagem com Mel, certa de que aquele era o melhor caminho a seguir. E eu estava pronta para trilhá-lo.

• CAPÍTULO 16 •

PÉ NA ESTRADA

*Eu venho das dunas brancas
Onde eu queria ficar
Deitando os olhos cansados
Por onde a vida alcançar
Meu céu é pleno de paz
Sem chaminés ou fumaça
No peito enganos mil
Na terra é pleno abril.*

– Ednardo, “Terral”.

Numa situação normal, fazer uma viagem como aquela seria motivo de muita alegria. Férias para conhecer e apreciar belos cenários, viver momentos de descontração, experimentar novos sabores, conhecer novas pessoas... Tudo isso, com certeza, faria qualquer um vibrar de felicidade. Mas o objetivo da nossa viagem não era esse. Estávamos em busca, na verdade, de um sentido para a vida. Buscávamos paz, fé, esperança, autoconhecimento, e luz

para aqueles dias tão escuros. Procurávamos qualquer coisa que pudesse me ajudar a reencontrar meu equilíbrio interior.

Viajar, portanto, não era bem uma escolha para mim, mas uma necessidade, para tentar me manter viva. E esse era também o desejo de Sam e de todos que me amavam. Por isso, procurava manter em mim um sopro de esperança de que dias melhores viriam e me libertariam da dor. Não que a saudade fosse passar, pois sabia que não passaria jamais, mas eu esperava que ao menos pudesse aprender a conviver com ela sem me sentir tão devastada.

Com a bagagem no carro, seguimos para Camocim, uma bela cidade do litoral do Ceará e um lugar ótimo para relaxar, velejar e ter contato com a natureza, como desejávamos.

Mel já havia pensado em tudo, antes mesmo de falar comigo. Tinha alugado um carro, entregue em minha casa ainda cedo e que seria devolvido no aeroporto, quando retornássemos de Camocim, pois seguiríamos direto para São Paulo. Também já havia providenciado tudo o que era necessário para o percurso de carro até Camocim. Sem contar que a família estava toda pronta para nossa partida e me aguardava no portão para se despedir.

De banho tomado, rosto sem maquiagem e vestida confortavelmente, sentei-me diante do espelho com o coração acelerado, observando minha aparência abatida. Não via mais a imagem de quem fora um dia, pois a dor já havia marcado meu rosto, mas nos meus olhos ainda havia um traço de esperança.

Prendi o cabelo num rabo de cavalo, tirei os óculos e enxuguei os olhos, sempre lacrimejantes, decidida a não chorar mais, a enfrentar aquele desafio. E reparei que me sentia um pouco mais leve, talvez resultado da boa noite de sono e do sonho que tivera. As boas lembranças de Sam, durante o sonho, me davam força para seguir em frente.

Olhei para a porta ainda sentindo medo de sair e enfrentar o mundo de novo, sem o meu amor ao meu lado e com o vazio em

meu ventre.

Reparei no caderno sobre a penteadeira. Coloquei os óculos novamente, peguei-o e escrevi:

Primeiro dia de viagem. Indo para Camocim de carro. Não sei o que vou encontrar, nem exatamente o que procuro, mas sei que devo ir. Então, meu amigo, deseje-me sorte.

Diário de viagem de Yasmin, Fortaleza, 14 de abril de 2008, 9h30.

Fechei o caderno, levantei-me e coloquei o diário na bolsa. Depois olhei mais uma vez para o espelho, respirando fundo, e saí.

Estava desacostumada a sair na rua. Nos últimos meses, ficava só dentro de casa, principalmente no meu quarto. Por isso, sair na rua era para mim um desafio; podia ser algo aparentemente simples, mas exigia de mim um grande esforço naquele momento. No entanto, tomei coragem e saí, já sentindo a luz do sol ofuscar meus olhos. Fui logo colocando os óculos de sol com grau, para proteger os olhos e evitar também que meus amados familiares vissem meu abatimento na claridade do dia.

Mamãe, ao me ver na porta de casa, pronta para a viagem, logo se emocionou e correu para me abraçar.

– Que bom, filha, ver você de pé e disposta! Obrigada por me dar essa alegria, meu amor! – ela falou, evitando chorar, porque sabia que não seria bom para mim.

– Eu que agradeço, mamãe, por ter cuidado tão bem de mim. Se estou aqui agora, tentando seguir em frente, é porque vocês estavam o tempo todo ao meu lado. Sem vocês, não haveria mais motivo para lutar. – Beije seu rosto e vi que minha mãe estava realmente feliz, assim como todos os que me olhavam do portão, com rostos sorridentes.

Mel, minha companheira de viagem e meu porto seguro, sorria ainda mais, cheia de esperança. Jorge, Cíntia e as crianças, todos estavam ali, para se despedir.

Enquanto os olhava com carinho, ainda abraçando mamãe, meu celular vibrou na minha mão. Dei uma olhada no visor e vi que se travava de uma mensagem de voz de Talles.

Libertando mamãe do abraço, parei um minuto para ouvir a mensagem do meu amigo, que dizia coisas lindas e me desejava sorte, me assegurando que ficaria em contato durante toda a viagem, acompanhando tudo, portanto eu não me livraria dele. E essa foi a primeira vez que sorri, sorri de verdade, ouvindo a mensagem de Talles, depois de tanto tempo afastada do mundo. Em seguida, desliguei o celular e voltei a dar atenção às pessoas que me aguardavam.

- Titia, titia... Bom dia! - cumprimentaram-me Theodoro e Benjamin, agarrando minhas pernas, logo que me viram desligar o celular. Eu me abaixei para falar com eles.

- Oi, meus lindos - disse, abraçando-os. - Vocês cresceram nesses dias, estão lindos! - acrescentei, percebendo o quanto era encantadora a beleza natural de uma criança, sua doçura e tudo de bom que transmitiam com um simples abraço como aquele.

- Já tenho quase 4 anos, tia Yasmin - disse Theo -, e já sou maior que o Ben.

- Os dois estão lindos e bem grandes - falei. Ben apenas sorriu, tímido, e os dois me abraçaram mais, enchendo-me de beijinhos.

- Está bem, já chega - disse Mel, puxando as crianças para um abraço também. - A titia e eu agora temos que ir. Comportem-se. A mamãe precisa viajar, como já disse a vocês, mas quero que cuidem de seu pai por mim. Prometem?

- Sim - falaram alto e sorrindo.

- Vou ligar todo dia para falar com vocês, meus amores.

- Está bem, mamãe. - E Jorge se juntou ao abraço.

– Pode deixar que cuido deles, querida. Vai ficar tudo bem. Cuide da sua irmã e se cuide – disse Jorge a Mel, beijando de leve seus lábios. – Eu te amo.

– Eu também te amo – respondeu Mel.

Cíntia foi a última a me abraçar, garantindo que cuidaria de tudo com relação ao bufê e nos desejando sorte e felicidade na viagem. Depois, eu e Mel entramos no carro e pegamos a estrada rumo a Camocim.

Passamos nosso primeiro dia de viagem praticamente inteiro dentro do carro, com Mel ao volante. Camocim ficava a mais de trezentos quilômetros de Fortaleza e Mel preferia dirigir devagar. Aproveitamos a viagem para conversar, sobretudo sobre nossa família, sem abordar diretamente o meu drama particular. Mesmo assim, Mel sempre aproveitava uma conversa ou outra para fazer uma espécie de terapia e ver como andava sua cliente preferida, se estava evoluindo ou não. E o sorriso em seu rosto dizia claramente que estávamos pelo menos diante de uma mudança ou de uma árdua tentativa para curar a minha mente. Ainda era cedo para tirarmos alguma conclusão, mas já era um começo, e eu podia ver isso nos olhos de Mel.

Durante o percurso, eu aproveitava também para registrar meus pensamentos no meu diário de viagem. Mel nada falava, sabia que era um momento só meu e me dava espaço para isso, mas eu via seu contentamento ao me ver escrever, ainda que uma ou duas linhas, pois sabia que eu estava ao menos tentando me expressar.

Eu registrei no caderno como me senti ao sair de casa pela primeira vez, o medo que tinha de não ser forte o suficiente e voltar correndo para a cama, escondendo-me debaixo dos lençóis. Sem falar na vontade que sentia de encontrar Sam, ouvir sua voz, sentir seu corpo junto ao meu à noite, ainda que em sonho ou num

delírio. Eu desejava a paz que ele me trazia sempre que percebia sua presença.

E registrava também no diário minha gratidão, por ter pessoas tão boas perto de mim, como Mel, que havia se afastado por um período de sua casa, dos filhos e do marido, na esperança de me ver saudável outra vez, física e psicologicamente. A fé de Melissa movia mesmo montanhas, porque, embora não fosse religiosa, ela tinha uma enorme confiança na vida, em Deus e em mim também, algo que eu não vinha sentindo nos últimos tempos. Mas ela tinha fé por nós duas.

Depois de mais de seis horas de viagem, chegamos a Camocim no final da tarde, a tempo de apreciar a beleza do pôr do sol. Quando saímos da rodovia e entramos na cidade, vi com interesse placas informando que ali havia uma reserva indígena, um lugar que fora lar e cemitério dos índios Tremembés e Tabajaras.

Chegamos muito cansadas e seguimos direto para o hotel. Enquanto Mel fazia o *check-in*, resolvi sair do hotel e ficar um pouco à beira-mar, apreciando o belo fim de tarde da simpática cidade.

Jantamos no hotel mesmo e fomos dormir em seguida, visto que tínhamos planos para a manhã seguinte e os próximos dias, entre eles, várias caminhadas, passeios de barco e também momentos de descanso.

Mas o combinado era que eu seguisse o meu coração e respeitasse o meu momento de recolhimento. Então, nos primeiros dias, não saímos muito do hotel, pois eu ainda não estava pronta. Mesmo assim andei pelas proximidades e conheci um pouco da cultura local.

No quarto dia de viagem, fomos à feira de artesanato, perto do hotel. Depois, aproveitei para ficar sentada na areia, apreciando a paisagem, sentindo o sol na pele, sempre de óculos escuros e chapéu. Mantinha sempre comigo o meu diário, onde registrava coisas que me causavam interesse, as experiências que vivenciava.

Eu e Talles voltamos a nos falar com regularidade. Ele me contou que tinha voltado para São Paulo não fazia muito tempo e que, a partir de então, as viagens dele para a Europa eram esporádicas. Sempre demonstrava sua felicidade ao perceber que eu estava melhor e logo nos reencontraríamos, pois dali a alguns dias Mel e eu seguiríamos para junto dele, em São Paulo, como ele mesmo costumava dizer.

Vivemos momentos especiais em Camocim, como de manhã bem cedo, quando parávamos para observar as jangadas dos pescadores entrando no mar. Aproveitávamos também para ver a chegada daquelas que haviam saído para o mar de madrugada e já voltavam com os peixes para vender na feira.

Parecia um balé o movimento das jangadas no mar, sua ida e vinda, a beleza das velas levantadas ao vento, o colorido da vida marítima e a simplicidade de tudo ao redor; tudo convivendo em harmonia, como uma dança. Sempre gostei daquela dança, pois, para mim, observar as jangadas no mar representava a descoberta de um rumo a seguir, como se aquela busca pelo alimento diário fosse a busca pela essência, de um alimento para a alma.

Outro momento especial era o pôr do sol. Contemplá-lo diante do quebra-mar da cidade, uma espécie de ancoradouro, vendo o céu dourado e o brilho reluzente da água do mar, era um dos momentos em que eu me sentia mais em paz. Aproveitava para escrever em meu diário, extravasar minha dor, embora com mais serenidade, pois me sentia reconfortada pela beleza da natureza e a presença de Deus. No entanto, não me sentia pronta ainda para conversar com Ele.

Ainda chorava quase todo dia, principalmente de saudade. O diário, de um modo estranho, fazia com que me sentisse mais próxima de Sam. Era como se eu contasse a ele que estava me esforçando, que tentava com todas as minhas forças me manter viva e, a cada dia, percebia que minha energia se renovava, eu

reencontrava meu equilíbrio, como se estivesse fazendo as pazes com o mundo.

Um dia, eu e Mel combinamos de velejar. Ela conseguiu alugar um barco e contratar um rapaz para guiar a embarcação. Queríamos apenas descansar, ficar em contato com um ambiente familiar para nós, que era o mar, e nos lembrarmos de nosso pai, de nossa infância.

- Você parece ansiosa para nosso passeio de amanhã - eu disse a Mel, enquanto escovava os cabelos, sentada de pernas cruzadas na cama. Ela parecia inquieta, enquanto revirava sua mala, logo depois de dar boa-noite aos filhos por telefone.

- Estou mesmo, confesso - disse, parando o que fazia e se sentando na cama dela, de frente para mim.

O nosso quarto de hotel era simples, arejado, com cortinas coloridas nas janelas. Não havia nenhum luxo, mas o ambiente era agradável. Todas as noites, ficávamos ali conversando, sentadas cada uma em sua cama, antes da hora de dormir. Depois que Mel falava com as crianças e com Jorge, parávamos um pouco para falar do dia, de mim principalmente, e combinar o que faríamos no dia seguinte.

- E por que está ansiosa? Você não costuma ficar assim.

- Não sei bem, mas acho que pelo fato de irmos velejar. É algo que não faço há muito tempo. Só tenho lembranças de quando papai nos levava para passear - disse, abrindo um sorriso meio nervoso. - Você e papai sempre faziam isso, mas eu, não. Já faz um bom tempo que não entro num barco.

Eu amava o mar. Cresci em uma cidade de praia e meu pai costumava me mostrar as belezas da nossa terra, sobretudo o mar, sempre nos colocando em contato com ele. Eu e Mel adorávamos velejar com papai, embora eu fizesse isso com mais frequência, principalmente depois que Mel ficou adulta.

E meu pai era apaixonado pelo mundo náutico. Tinha uma coleção em miniatura de todo tipo de barco. Infelizmente, nunca pôde ter o próprio barco, mas isso nunca o impediu de conhecê-los e navegar neles.

- Dona Melissa está com medo? - brinquei, abrindo um sorriso. Havia muito tempo não sorria assim, espontaneamente. Era até esquisito, nem parecia eu mesma.

- Nossa, Yasmin, como é bom ver você sorrindo, minha irmã! Achei que não veria mais esse seu sorriso, que é tão lindo - disse. - Mas, sim, estou com medo. - E deu uma gargalhada. - Muito medo. Nunca me senti muito à vontade num barco, no mar... Mas estou feliz com a oportunidade de fazer esse passeio. Quero muito reviver essas lembranças da infância, Yasmin.

- Fique tranquila, vai ser ótimo. O tempo está bom. E também estou feliz com o passeio.

- Vejo que tem feito progressos. Está mais alegre, tem chorado menos e está escrevendo bastante em seu diário. Isso para mim não tem preço.

- Não tem sido fácil, você sabe. Toda vez que me lembro do que aconteceu, do meu filho e de Sam, a dor é quase insuportável. Às vezes acho que vou surtar. Mas paro, respiro fundo e me lembro de todas as pessoas que sofrem comigo. E me lembro também de que Sam me pede para ficar bem, então tento controlar o desespero.

- Sam te *pede* para ficar bem? - perguntou ela, estranhando.

Eu tinha falado sem pensar. O fato era que eu realmente sentia a presença de Sam e a sensação de ouvir sua voz, mas não sabia como contar isso a Mel.

- É, mais ou menos... - disse, hesitante. - Durante todos esses meses, tive a sensação da presença dele, é isso. Mas é uma coisa muito minha, que de certa forma me ajuda a ficar melhor. Você acha que estou ficando louca? - perguntei, sorrindo sem graça e sem entrar em detalhes sobre meus sentimentos mais profundos.

- Claro que não, Yasmin. É normal ter a sensação de sentir a presença de alguém querido que se foi. Isso vai passar. No momento certo, vai passar.

Não toquei mais no assunto. Mel não entenderia se dissesse que a presença de Sam era muito real, e não uma simples sensação. Chegava a ser quase palpável... Não tinha como explicar que eu de fato ouvia a voz dele no meu ouvido. Por isso, preferi não falar mais nada a respeito.

- Mas, respondendo à sua pergunta, me sinto melhor, sim. Cada dia é uma batalha, com pequenas vitórias, mas são vitórias, e aos poucos estou sentindo mais vida em mim. Bem, pelo menos já estou conseguindo respirar melhor. Antes, era como se faltasse ar em meus pulmões. Mas ainda não é fácil...

- Eu sei, meu amor, o quanto foi e ainda é difícil reagir a tudo isso. Eu, mais do que qualquer pessoa, sei disso.

Ainda conversamos um pouco mais, antes de dormir, e combinamos de acordar bem cedinho, para pegar o frescor do dia nascendo.

Quando vi que Mel já havia pegado no sono, abri meu diário e terminei de registrar as experiências daquele dia.

Antes de decidir que queria lutar para permanecer viva, era como se eu estivesse me afogando; como se, a cada lembrança da dor, eu afundasse numa água escura e demorasse a voltar. O ar faltava em meus pulmões. Mas aí eu emergia de novo, tentando me manter viva.

Percebi, pensando nisso, que a desesperança, o vazio interior, também é uma forma de morrer, uma morte por desistência. Hoje, vejo que estava caminhando para isso, quase desistindo da vida, me entregando ao desespero. Mas,

com um esforço gigantesco, sinto que estou conseguindo emergir.

Não estou salva ainda; me sinto como em um barco à deriva, ainda precisando encontrar um rumo e buscar forças para remar, remar muito e não parar, até estar em terra firme, salva de mim mesma, pronta para encontrar um pouco de paz. E, mesmo não estando salva... ainda assim é bom ter essa esperança de paz.

Diário de viagem de Yasmin, Camocim , 5º dia, 22h50.

Depois que fechei o diário, fiquei deitada na cama, em silêncio, pensando no que havia falado para Mel sobre Sam, enquanto esperava o sono chegar, enquanto esperava Sam chegar.

• CAPÍTULO 17 •

VELEJANDO

*É uma índia com colar
A tarde linda que não quer se pôr
Dançam as ilhas sobre o mar
Sua cartilha tem o A de que cor?
O que está acontecendo?
O mundo está ao contrário e ninguém reparou.*

– Nando Reis, “Relicário”.

Pulamos da cama às seis horas da manhã. Estávamos atrasadas. Júlio, o nosso “marinheiro”, já nos aguardava no ancoradouro.

Quando chegamos, fui tomada de surpresa ao ver o lindo barco que Mel tinha alugado para nosso passeio. Um veleiro grande, de mais ou menos uns 32 pés, calculei, pelo pouco que sabia sobre barcos. Tinha dois jogos de velas e comportava confortavelmente umas cinco pessoas.

Entramos na embarcação com o auxílio de Júlio e fomos recebidas com um café da manhã, servido por Meire, que ficaria

conosco durante os dois dias de passeio, preparando as refeições e ajudando no que fosse preciso.

Havia sucos variados, leite, café, sanduíches, água de coco e iguarias da região, como tapioca, cuscuz, pamonha, entre outras coisas. E, mesmo ainda comendo muito pouco, não pude deixar de apreciar a refeição e a gentileza daquelas pessoas.

No primeiro dia de viagem, planejamos conhecer as praias locais, navegando perto da orla. Queríamos apreciar as paisagens exóticas daquele belíssimo estuário, como o Rio Coreáú, a Ilha da Testa Branca, que era mais conhecida como a Ilha do Amor, a Praia do Farol, das Caraúbas, entre outras belezas. Era uma região de muitas dunas, manguezais, coqueirais. Um cenário paradisíaco, repleto de encantamento.

A ideia era retornar à terra firme no final do dia, pernoitar no hotel e voltar para a embarcação na manhã seguinte, quando navegaríamos mais distantes da costa, em mar aberto. Seria um momento para apreciar o mar, velejar sem amarras, apenas seguindo o vento.

Boa parte do tempo fiquei apenas recostada num canto do barco, conversando com Mel e escrevendo em meu diário de viagem. Júlio nos incentivava a saltar do barco e nadar no mar. Tentava nos convencer a descer até a praia e caminhar um pouco, mas a minha vontade era ficar no barco e Mel me fazia companhia. Na verdade, eu queria apenas sentir a embarcação singrando as águas, o vento nos cabelos, o ar fresco da brisa do mar e, sobretudo, me lembrar de meu pai. E velejar com certeza me remetia às minhas doces lembranças na companhia de meu querido pai.

- Queria muito que papai estivesse aqui conosco - disse Mel, como se lesse meus pensamentos.

Quando a vi se aproximar, parei de escrever em meu diário e o fechei.

– Eu também, Mel. É bom estar aqui e poder me lembrar dele assim, fazendo algo de que ele gostava.

Nesse momento, o barco parou nas proximidades da Ilha do Amor, nossa última parada naquele dia. O final da tarde se aproximava e Júlio sugeriu que eu e Mel fôssemos até a praia, apreciar as dunas branquíssimas do lugar e fazer uma caminhada na areia. Eu me recusei no início, mas por fim, depois de muita insistência do condutor e de Mel, aceitei sair do barco e nadar até a praia. Mel preferiu ir de bote. “É pertinho, só alguns metros”, pensei. Então, tirei a saída de praia, preendi os óculos no laço lateral do biquíni e pulei na água, nadando com calma até a areia.

Segui na frente, enquanto Mel ficou no veleiro tomando coragem, visto que os barcos ou mesmo nadar não eram o forte dela. Vendo que Mel ainda conversava com Júlio e demoraria um pouco para me encontrar, comecei a andar na areia molhada, próxima às ondas, aproveitando para catar conchinhas, um velho hábito que eu adorava.

De cabeça baixa, sem prestar atenção em nada ao redor, percorri a praia, concentrada nas conchas, pegando uma aqui e outra ali, observando sua coloração, beleza e variadas formas, encantada com aqueles pequenos seres trazidos pelo mar. Completamente absorta, andava lentamente, olhando para a areia.

– A flor carrega uma dor muito profunda – disse uma voz feminina, me assustando.

Não identifiquei de imediato de onde vinha a voz e tive que olhar ao redor para ter certeza de que alguém falava mesmo comigo. Fiquei surpresa ao ver, acocorada na areia da praia, uma senhora que me observava. Ao olhar para ela, percebi que parecia uma índia, pelos traços do seu rosto: olhos amendoados, cabelos lisos, pretos e longos. Eu a encarei, em dúvida se ela se dirigia de fato a mim.

- A senhora está falando comigo? - perguntei, curiosa. -
Desculpe, mas não ouvi direito o que disse.

- A sua dor é muito profunda, minha flor - ela repetiu.

- Por que a senhora diz isso? Como pode saber da minha dor se não me conhece?

- Posso ver...

- E o que a senhora vê? - perguntei, curiosa.

Resolvi me abaixar também, para ficar mais próxima da senhora que falava comigo. Mantive certa distância, mas ela me parecia uma pessoa bem-intencionada e não senti medo, confiei em meus instintos.

- Não tenha receio, não vou te fazer mal, minha filha - disse, parecendo ler os meus pensamentos ou reparando que mantive distância.

- O que a senhora vê? - repeti, mas sem tanta convicção de que queria saber o que ela tinha a dizer.

- Vejo que você sofre, que perdeu pessoas queridas e a vontade de viver. Vejo também que ele acompanha você.

- Como assim? Ele quem?

- Minha filha, sabe do que estou falando. Não pode ver seu homem, mas sente a presença dele.

- A senhora está me assustando - eu disse, já me levantando.

Eu sabia que era de Sam que ela falava, mas me parecia impossível ouvir isso de alguém que eu nem sequer conhecia. A presença de Sam era algo muito íntimo, até porque não tinha certeza de que fosse real. E ali, ouvindo a mulher falar, me assustei de verdade, e tive receio também por Sam, pois não sabia se isso o prejudicava de alguma forma.

- Não se assuste, não quero que tenha medo, minha filha. Só escute. Ele está bem - disse ela, e aquelas palavras eram o que eu mais queria ouvir. - Ele acompanha a flor como um anjo, um anjo protetor. Só que um dia você precisará libertar o anjo. Não ainda,

mas esse momento vai chegar. Ele também precisa ficar ao seu lado até saber que é hora de ir. Ele só me pediu que lhe dissesse que está bem e orgulhoso da flor.

– Ele está aqui? – perguntei com certo medo, não de Sam, mas da situação.

– Não, só soprou palavras para mim, mas não está aqui. Porém, sempre vai ficar perto de você, sempre que sentir que minha filha precisa dele, como prometeu.

– Eu o amo tanto, tanto... Fica muito difícil viver sem ele aqui – disse, mas era como se dissesse para mim mesma, ou para ele.

– Ele sabe disso, flor. Um amor como o de vocês nem a morte separa – disse, e quase chorei com as palavras dela, mas me segurei. – Só que a flor está viva e ainda é jovem demais para amargar um sofrimento tão grande. Precisa tentar viver, flor. – Ela havia dito quase as mesmas palavras que Sam me dizia: para tentar ficar viva.

– Estou tentando, meu amor, estou tentando – disse para ele, baixinho, deixando que as lágrimas descessem pelo meu rosto.

Sabendo que eu não falava com ela, a mulher ficou em silêncio, como se respeitasse minha dor. Eu queria fazer mais perguntas a ela, mas vi Mel caminhando pela areia em nossa direção, e me levantei. A senhora também se levantou e, de cabeça baixa, foi na direção oposta à que minha irmã vinha. Ainda tentei falar com a senhora:

– Espere! – pedi.

– Você está na direção certa, flor. É só seguir seu caminho em paz. Não volte, é perigoso – disse, apressando o passo.

Olhei para o céu, de um imenso azul, e respirei fundo, tentando me recompor enquanto andava na direção de Mel.

Eu estava intrigada. Era difícil acreditar no que aquela mulher dissera, mas eu queria acreditar, principalmente quanto ao fato de

Sam estar bem. E embora a situação fosse inusitada, ela me deu forças.

Mesmo não sendo ligada às coisas sobrenaturais, eu tinha fé e acreditava num poder superior, ainda que andasse distante dele. E sabia que não vivíamos apenas das coisas materiais, eu sentia a força da alma humana, os bons sentimentos que vinham do espírito, não da matéria. Acreditava que os sentimentos eram espirituais, não materiais, então não podia deixar de acreditar que Sam vivia, que me protegia e que eu podia sentir sua presença, mesmo que ele estivesse morto.

- Oi, querida - disse Mel, se aproximando de mim e me olhando nos olhos. - Estava chorando, Yasmin? - perguntou, já preocupada.

- Só um pouquinho. Mas está tudo bem, Mel. Não é um choro de tristeza. Acho que começo a enxergar uma luz na minha vida - afirmei. Mel abriu mais os olhos, surpresa, mas feliz também. - É só um começo, mas sinto que já é alguma coisa. E vou precisar muito de você, para não desistir. Ainda quer me ajudar a caminhar se eu não tiver forças para andar sozinha?

- Sempre, Yasmin, não tenha dúvida disso! - disse ela, me abraçando, também emocionada. - Que coisa maravilhosa, querida! Não imagina o quanto esperei para ver essa esperança em seus olhos.

Quando voltávamos para o barco, ela me perguntou, se lembrando das minhas palavras:

- Posso saber o que a fez enxergar essa luz?

- Diria que um anjo soprou palavras boas em meu ouvido - eu disse e corri, para que Mel me acompanhasse, brincando como fazíamos na infância, quando íamos à praia.

Da Ilha do Amor retornamos à cidade e ficamos na proa do barco, apreciando o pôr do sol maravilhoso à nossa frente.

Enquanto olhava para o mar, eu me lembrei do meu pai e de uma de nossas conversas, no nosso último passeio de barco juntos.

Naquela semana, Sam havia viajado para fora do Estado e eu estava ansiosa pelo seu retorno.

Papai já vinha insistindo havia dias para que fizéssemos nosso passeio, dizendo que, depois de casada, ficaria mais difícil encontrarmos uma oportunidade para aquele tipo de passeio, só nós dois. Então, naquele final de semana, eu e meu pai saímos para velejar.

– O que está achando, filha? – perguntou papai nessa ocasião, depois de orientar o ajudante de embarcação. Eu tentava me segurar dentro do barco, sentada no fundo do veleiro. – Você parece distante, como se estivesse com a cabeça em outro lugar. Está tudo bem, filha?

– Sim, papai, está tudo bem. Só estou pensando em Sam.

– Com saudade, imagino. Sei bem o que é isso, meu amor. Sempre que viajava, quando estava na Marinha, antes de vocês nascerem, um pedaço de mim ficava em terra firme, com sua mãe. Sempre fomos muito ligados e era difícil quando tínhamos que nos separar. Mas sinto que, com você e Sam, isso é ainda mais intenso. É algo maravilhoso, filha, mas assustador também, pois a dor da separação é quase insuportável. O que me conforta é que você é uma mulher forte.

– Forte, eu? – perguntei, meio descrente.

– Sim, Yasmin. Você é muito forte, acho que até mais do que sua irmã, só não sabe o quanto. E espero, com sinceridade, que nunca precise testar sua força interior. Mas, se um dia precisar, sei que terá forças para superar qualquer desafio.

Permaneci por muito tempo imersa nas lembranças de meu pai, buscando a força que ele via em mim, enquanto o barco singrava as ondas. Queria muito que meu pai tivesse mesmo razão. Eu não

me sentia forte, mas sempre acreditei em meu pai, então devia estar certo sobre aquele ponto também.

Vendo-me perdida em pensamentos, Mel me chamou, perguntando em que mundo eu estava, e falei sobre minhas lembranças do nosso pai. Ela me abraçou, ficando em silêncio ao meu lado, lembrando-se também daquele que fora e continuava sendo tão importante para nós.

Chegamos exaustas no hotel, mas felizes. E, logo que entramos no quarto, meu celular tocou. Tirei o aparelho da bolsa e me enchi de alegria ao ver o número de Talles no visor.

- Oi, querido! - disse, atendendo de imediato e me sentando na cama. - Que saudade!

- Eu também, Yasmin. Não vejo a hora de ver vocês. Tudo pronto para deixar essa cidade linda e quente? - disse Talles, animado com nossa ida a São Paulo. - Aqui está tudo pronto, e Suzana também está ansiosa para que cheguem logo.

- Sim, logo estaremos aí, meu amigo. Amanhã ainda vamos velejar, depois teremos mais um dia de descanso no hotel e em seguida pegamos estrada, direto para o aeroporto.

- Que bom, Yasmin! E você, como está? Melhor?

- Melhorando. Pelo menos agora sinto vontade de lutar para melhorar. Sabe, antes não sentia isso, só queria dormir. Mas Mel, você e todos que amo me mostraram que tenho muito que viver e não posso desistir.

- É isso aí, minha amiga! Você vai conseguir, tenho certeza. E vou convencê-la a vir morar comigo aqui em São Paulo. Não quero mais ficar distante de você, Yasmin.

- Quem sabe, querido? Ainda é cedo para eu decidir qualquer coisa... Ainda tenho um longo caminho pela frente.

- Mas vamos conseguir... juntos.

Contei a Talles sobre a viagem, os passeios, o diário de viagem e um pouco de tudo o que estava acontecendo. E falei também sobre

a mulher misteriosa que havia encontrado na praia. Ele, místico como era, acreditou ser tudo verdadeiro e também achava que Sam era meu protetor.

Mel já havia falado com as crianças, Jorge e mamãe. Estávamos prontas para dormir, mas, ao contrário do que geralmente acontecia, senti fome.

- Estou com fome - eu disse, fechando meu diário. Mel me olhou surpresa, seus grandes olhos arregalados.

Aquilo era inusitado porque eu nunca sentia fome durante a minha depressão. Comia por necessidade, só o suficiente para me manter de pé.

- Será que ouvi direito? - disse ela, com um sorriso no rosto.

- Pensei em descer para comer algo - respondi, achando graça da surpresa dela. - Você me acompanha?

- Mas é claro, querida! Já estou satisfeita com a sopa que tomei, mas vou acompanhá-la. Já faz tempo que você não se alimenta direito - disse, calçando as sandálias.

Naquele dia, pela primeira vez em meses, estava com apetite. Mas preferi não exagerar e pedi só uma sopa de legumes e um suco de abacaxi com hortelã. Depois, ainda experimentei um doce de leite feito na região. Mel era só sorrisos. Era evidente sua felicidade.

Depois do jantar, voltamos para o quarto e Mel foi direto para a cama. Eu fiquei ainda um pouco acordada, escrevendo em meu diário sobre aquele dia.

Nada vai me trazer de volta o que perdi, mas desistir também não é a melhor opção. Às vezes me falta força para tudo. Mas chega um momento em que é preciso parar e se decidir pela vida ou pela morte; eu decidi viver.

A dor não vai passar, sei disso. Nem o tempo, como todo mundo diz, que cura tudo, vai conseguir fechar as minhas feridas. Mas decidi aprender a viver com a dor. Se vou ser

feliz um dia, não tenho como saber, mas o que posso fazer é tentar me manter viva.

Diário de viagem de Yasmin, Camocim, 6º dia, 21h45.

Quando terminei de escrever, senti como se, ao decidir pela vida, eu tivesse ganhado um par de remos, e os segurei com força, para remar o máximo que pudesse para fora da escuridão. Antes eu me sentia num barco à deriva, e sem forças para remar. Mas ali, quando enfim consegui ver algo além da minha dor, ganhei forças para remar e lutar pela vida. Ainda não avistava a terra firme, mas sentia que remava em sua direção.

• CAPÍTULO 18 •

REENCONTRO

*O melhor lugar do mundo
É dentro de um abraço
Pro mais velho ou pro mais novo
Pra alguém apaixonado, alguém medroso
O melhor lugar do mundo
É dentro de um abraço.*

– Jota Quest, JP, Flausino, Barnes e Martha Medeiros,
“Dentro de um Abraço”.

Dias depois, deixamos Camocim. Eu me sentia mais tranquila, com uma grande vontade de mudar para melhor e um enorme desejo de rever Talles.

Sáímos da linda cidade ao nascer do sol, viajamos de carro boa parte do dia e depois seguimos direto para o aeroporto. Nosso voo estava marcado para o começo da noite, e estaríamos em São Paulo ainda naquele dia.

Quando chegamos ao aeroporto de Guarulhos, eu e Talles choramos juntos, tristes por tudo o que havia se passado, mas

felizes também por nos reencontrarmos. Nossa amizade continuava forte, mesmo depois que passamos a morar em cidades diferentes. E sempre fora assim, mesmo fisicamente distantes, nossos corações permaneciam juntos.

Naquele momento, enquanto abraçava meu amigo, eu me lembrei da sua história, orgulhosa dele: um nordestino pobre, cheio de talentos e com um coração cheio de sonhos, que se mudara para uma cidade grande, em busca de um futuro melhor. E eu não podia deixar de estar feliz por ele e de me sentir uma privilegiada por fazer parte da sua vida.

Suzana e Talles nos levaram do aeroporto para a casa deles, um apartamento alugado no bairro do Itaim Bibi.

Assim que nos instalamos no quarto de hóspedes, Mel se queixou de que estava exausta, depois de tantas horas de viagem, e logo deu boa-noite a todos. Eu não podia dormir sem antes matar a saudade do meu amigo com uma longa conversa, que travamos na pequena varanda do seu apartamento.

– Como você está, Yasmin? Já faz um tempo que espero uma oportunidade para termos uma boa conversa, você sabe, depois de tudo o que aconteceu. Acompanhar à distância foi angustiante para mim, e seu afastamento do mundo não ajudou em nada.

– Eu sei, Talles, e me desculpe por isso. Não foi legal da minha parte agir assim com você; com ninguém, aliás, pois me afastei de todos, até das pessoas ao meu redor. Mas eu não tinha forças nem sequer para respirar. Foi muito difícil, Talles. *Está* muito difícil... – eu disse, quase chorando. – A dor ainda está aqui dentro, meu amigo – falei, colocando a mão no coração. – E o pior é que não sei se vai passar um dia. Estou tentando, lutando com todas as minhas forças para não desistir da vida, mas tem sido muito difícil.

– Eu sei, Yasmin – disse ele, e se levantou da cadeira para me abraçar. Eu também me levantei e respondi ao abraço. Ficamos assim por um tempo, e deixei que minhas lágrimas caíssem,

amparada que estava por meu amigo. – Mas estamos aqui para tentar ajudá-la. Você não está só nessa luta – garantiu, me libertando do seu abraço e me olhando de frente. – Confesso que também não sei se sua dor vai passar, mas acho sinceramente que seja possível viver, mesmo carregando essa dor. A luta vai ser constante, mas você vai ter grandes e fiéis guerreiros ao seu lado, que vão ajudá-la a vencer essa guerra.

– Obrigada, querido.

– Sabe, já estamos cheios de ideias, eu, Suzana e Mel, para que você tenha uma vida mais saudável. São coisas básicas que podem ajudá-la a se sentir melhor, em harmonia com o corpo e a mente – disse sorrindo, já mudando de assunto para me poupar de mais sofrimento, eu sabia.

– Sério? Tipo o quê? – perguntei, limpando as lágrimas por baixo dos óculos. – Já estou curiosa e disposta a tentar; não custa nada.

– Isso, Yasmin... Menos lágrimas e mais disposição – falou ele, e nos sentamos de novo. – Bem, Suzana pensou em aulas de pilates, yoga, palestras, massagens... – Ri da quantidade de coisas. – Pensei também em levar vocês para conhecer uns lugares bacanas, de comida vegetariana e sucos verdes, para desintoxicar o organismo, além de muito descanso e relaxamento. Se quiser, Yasmin, podemos começar amanhã.

– Claro que sim, querido. Acho que vai ser bom sair um pouco do meu mundo e conhecer coisas novas. Obrigada. – Sentia-me mesmo muita grata por uma amizade tão sincera.

Na manhã seguinte, Suzana me perguntou o que eu gostaria de fazer. Tive vontade de dizer que queria ficar em casa, mas sabia que eles queriam me distrair e aquela viagem era justamente para me fazer voltar para o mundo, para me tirar do isolamento.

Então tentei cooperar, mas, na medida do possível, já que ainda não estava com ânimo para me divertir. Não sentia nem vontade de

sair, mas me agradava a ideia de ficar ao ar livre, menos sufocada, e poder me voltar para meus pensamentos, meu mundo interior.

– Gostaria de conhecer um lugar com plantas – falei, e todos me olharam meio apreensivos, percebendo minhas intenções. Estavam certos, claro, pois eu queria me lembrar de Sam, das coisas de que ele gostava, pois em momento algum pensava em me afastar dele. Queria mantê-lo por perto, em vez de tirá-lo da minha vida. A presença dele não me incomodava, dava-me força.

– Então vou levá-la a um parque muito bonito, com muitas flores e plantas de várias espécies. Assim vamos poder nos lembrar dele juntas – disse Suzana, lendo meus pensamentos e compactuando com eles. – Você está certa, Yasmin, não temos que nos afastar de quem perdemos; ele vai estar sempre em nossos corações. E nos lembrar dos gostos, dos ideais e do estilo de vida da pessoa só pode ser motivo de alegria. Precisamos, na verdade, aceitar a ausência, não esquecer a pessoa. Sam vai estar sempre presente em nossa vida – acrescentou, emocionada.

– Vou adorar, Suzana – eu disse, a voz embargada, percebendo o quanto ela também sentia a falta do amigo. – Estou ansiosa para conhecer esse parque.

Suzana me levou ao Parque do Ibirapuera, um lugar lindo, que pra mim se parecia com um enorme jardim de natureza exuberante, com seus lagos e árvores, além de espaços para se andar de patins e bicicleta, e para shows e exposições.

O clima estava bom, então pudemos caminhar entre as árvores, nos sentar na grama, visitar o viveiro de plantas, conversar sobre as flores... Suzana me apresentou a várias delas. Nessa hora, me lembrei muito de Sam, falando para Suzana que ele se referia às flores como se elas fossem pessoas. E Suzana aproveitou para falar de Sam, da amizade que tinham.

Sempre ouvi Sam falar de Suzana, de como ela era, mas nunca tinha ouvido a opinião dela sobre ele. E mais uma vez só pude constatar a beleza da alma do meu amor, que era repleta de luz, bondade, compaixão. Suzana me disse o quanto achava Sam generoso, o quanto ele gostava de ajudar as pessoas. Aquele dia foi dedicado a nos lembrarmos dele: do homem, marido, ser humano e amigo especial que ele era. Então, sentada na grama, escrevi sobre a felicidade que sentia em poder falar de Sam.

É bom não precisar esconder meus sentimentos e estar diante de pessoas que entendem isso. Sinto-me feliz por enfim poder falar de Sam abertamente, da pessoa bonita que sempre foi; falar sobre a falta que me faz e do quanto o amo e sempre vou amar. E ouvir também sobre o quanto ele era amado.

Ainda sinto muita saudade, mas não a saudade torturante que sempre senti desde sua morte. Agora é um momento para ter boas lembranças e apenas senti-las de verdade em meu coração, sem medo.

E as lágrimas que caem agora e molham as folhas do meu diário, estas não são só de tristeza, são de alegria também, por poder pensar em você, Sam, com liberdade e me permitir sentir o grande amor que tenho em meu peito. Eu te amo, meu amor.

Diário de viagem de Yasmin, São Paulo, 11º dia, 16h30.

Como em muitos registros que eu fazia em meu diário, finalizei as minhas anotações com uma declaração de amor, como se falasse com Sam, contando como estava a minha vida. E, embora não parecesse algo muito saudável, isso me mantinha sã, me afastava da loucura.

Olhei o diário mais uma vez, como se dissesse “até amanhã”, e o fechei, seguindo com o coração mais leve em direção a Suzana, Talles e Mel, que me aguardavam para voltarmos ao apartamento.

Na manhã seguinte, Suzana me levou a um *spa* urbano, na zona sul da cidade, onde me apresentou a um estilo de vida que, segundo ela, era mais saudável.

– Experimente isso, Yasmin – pediu Suzana, entregando-me um copo com um líquido verde.

– O que é?

– Um suco desintoxicante – disse sorrindo, esperando que eu bebesse. – Este foi feito com couve, capim-santo, abacaxi, maçã e gengibre. Mas existem muitas outras receitas e combinações diferentes. Não tenha receio, é uma delícia.

Meio relutante, resolvi tomar o suco, que, para minha surpresa, era uma delícia mesmo. Fazia muito tempo que não experimentava algo nutritivo que me desse tanto prazer. Adorei o sabor leve do suco, a sensação de frescor que dava ao descer pela garganta. Interiormente, agradei à vida por aquele momento. Queria muito me dirigir a Deus, mas sentia que ainda não era o momento.

– É muito bom! – disse, sorrindo, e todos riram da minha reação.

– Sabia que ia gostar, minha querida – disse Suzana.

– Você me ensina a fazer?

– Claro – falou, e olhei para Mel, que também tomava o suco e me olhava radiante e cheia de esperança, ao me ver interessada por algo.

Depois, Suzana nos levou, ali mesmo no *spa*, a uma aula de yoga ao ar livre que me transmitiu muita paz.

Segundo Suzana, aquela era uma oportunidade para termos uma percepção corporal mais profunda e contato com a nossa essência, nos libertando do estresse diário. Era um momento para ficarmos

com nós mesmos, um encontro entre corpo, mente, alma – tudo em sintonia.

Primeiro, ficamos observando uma aula que estava terminando e depois participamos da que veio em seguida, para principiantes. Como Suzana conhecia muito bem a maioria das posturas e praticava yoga fazia muitos anos, a professora, Keira, amiga de Suzana, cedeu seu lugar para ela.

Quando a aula começou, todos os alunos trocaram um cumprimento ao qual já estavam habituados e se posicionaram. Achei tudo muito diferente do que já conhecia. O ambiente de academia ao qual estava acostumada era mais agitado, com sons por toda parte, que dispersavam a atenção e não propiciavam o relaxamento. Ali, não. Na aula de yoga era tudo calmo e harmonioso. O som ambiente era tranquilizador, o espaço totalmente natural, em meio a uma paisagem verde.

Senti uma sensação esquisita ao participar daquela aula. Era como se estivesse fora do corpo. Sentia o ar entrando devagar em meus pulmões, ao mesmo tempo em que o meu corpo e minha mente relaxavam e ficavam mais leves.

Estava maravilhada com toda aquela leveza, com a paz que aqueles exercícios podiam me trazer, e apenas respirei com tranquilidade, sem pensar em nada, apenas sentindo meu corpo, os movimentos. Suzana disse que eu tinha me saído muito bem na minha primeira aula de yoga e que deveria praticar mais, pois seria bom para mim. Eu estava disposta a seguir os seus conselhos.

Naquele mesmo dia, ainda recebemos uma massagem e também experimentamos alguns alimentos veganos. Achei interessante aquele estilo de vida, diferente do meu, mas muito atraente. Naquele dia, registrei minhas impressões no meu diário.

Eu não notava mais a existência do meu corpo, estava descuidada. Mas, quando estive no *spa*, em que pude me concentrar em mim mesma, fui tomada de surpresa quando senti minha respiração, as batidas do meu coração; quando olhei para minhas pernas e braços magros enquanto fazia aqueles movimentos.

Foi um momento em que pude olhar para mim, e foi bom perceber que tenho um corpo e que preciso cuidar dele. Que tenho uma mente que precisa ser direcionada, trabalhada em conjunto com o corpo, para que nenhum dos dois pereça. E, embora as pessoas me ajudem, me mostrem o caminho, sou eu que tenho que querer, eu é que preciso fazer algo, me movimentar, procurar ajuda profissional, procurar atividades que me interessem, querer de verdade. Preciso cuidar de mim.

Diário de viagem de Yasmin, São Paulo, 12º dia, 19h10.

Os dias eram muito corridos, eu não tinha muito tempo para chorar. À noite, cansada das caminhadas e dos passeios, enquanto Mel conversava com a família pelo telefone, eu reservava alguns minutos para o meu diário e depois ia dormir, recomeçando no dia seguinte a mesma maratona de atividades.

Confesso que nunca imaginei que poderia gostar de uma cidade como São Paulo. Agitada, sempre cheia de gente na rua, muitos carros, edifícios enormes. Mas eu estava gostando e começava a considerar a ideia de Talles, de morar com ele em São Paulo.

– Yasmin, o que acha de procurarmos um lugar para você ficar em São Paulo? – perguntou Talles, uma manhã.

Meu amigo estava preocupado comigo, achava que retornar a Fortaleza talvez não fosse uma boa ideia. Ele tinha medo de que, ao voltar para casa e rever em cada canto a lembrança do que Sam e

eu tínhamos vivido, eu tivesse uma recaída. Por isso achava que eu deveria ficar em São Paulo, pelo menos por um tempo.

– Vou pensar, Talles, prometo.

Ao olhar para minha irmã, vi que, embora não lhe agradasse ficar longe de mim, ela concordava que a mudança poderia me beneficiar. Mas eu não sabia ainda se estava preparada. Teria que recomeçar do zero e deixar para trás tudo o que havia sido um dia.

Os dias iam se passando e eu me sentia cada vez mais ligada àquela cidade. Já estava, inclusive, conquistando certa independência, pois todas as manhãs saía para correr pela vizinhança.

Uma manhã bem cedo, calcei o tênis, prendi o cabelo num rabo de cavalo, coloquei as lentes de contato e parei para observar minha imagem no espelho. Em poucos dias na cidade, na companhia dos meus amigos e acolhida por aquela cidade pela qual já nutria simpatia, era inegável minha melhora exterior. Com a boa alimentação e os cuidados que vinha recebendo, meu corpo já estava ficando mais forte. Tinha até ganhado um pouco mais de peso, ficando com um aspecto mais saudável. E eu sentia também que minha energia se equilibrava aos poucos, dia após dia.

Todos ainda estavam dormindo, quando saí do apartamento sem fazer barulho, fechei a porta e comecei a descer as escadas. Talles morava no terceiro andar de um prédio antigo, sem elevador, e descer e subir escadas até o terceiro andar era um bom exercício diário.

Quando estava no térreo, já saindo em direção à rua, vi que uma senhora idosa, moradora do térreo, estava com dificuldade para trancar a porta do seu apartamento. Ela segurava várias sacolas, por isso resolvi parar e me aproximar.

– Posso ajudá-la? Seguro as sacolas enquanto a senhora tranca a porta.

- Ah, muito obrigada, meu anjo - disse a senhora, me olhando com ternura.

Ela se vestia com elegância, os cabelos bem penteados, muito maquiada e perfumada, como se estivesse arrumada para um compromisso importante. Devia ter mais de 80 anos, mas parecia muito saudável e bem-disposta.

Depois de alguns segundos, ela conseguiu fechar a porta e me deu o braço, para que eu a acompanhasse até a saída.

- Você está hospedada com o casal do terceiro andar, não é?

- Sim, são meus amigos, Talles e Suzana.

- São ótimas pessoas. E você também parece uma boa moça - disse. - Só um pouco triste.

Ela era observadora. Talvez a experiência de vida deixasse as pessoas mais perceptivas aos sentimentos alheios. Mas apenas sorri, sem querer entrar em detalhes sobre o meu estado de espírito.

Ao chegarmos à porta do edifício, ela parou e pegou na minha mão.

- Eu já tive esse seu olhar - falou. - Com o tempo a gente aprende a conviver com a dor e segue em frente. E às vezes consegue até ser feliz de novo, acredite. Não por completo, mas é possível.

Só baixei os olhos, sentindo ainda no peito uma dor pungente.

- Imagino que tenha perdido alguém.

- Sim - respondi. - Só não imaginava que a minha tristeza fosse tão evidente... Desculpe se não estou sendo muito simpática.

- Não, querida, não se preocupe. Vou lhe dizer uma coisa. - Ela fez uma pausa, depois recomeçou: - Poucas pessoas se importam com uma idosa como eu; somos ignorados, na verdade. Mas você não agiu assim. Parou o que estava fazendo e me ofereceu ajuda. Obrigada - disse e continuou falando, sem me dar tempo para fazer nenhum comentário. - Bem, deixe que eu me apresente. Meu nome é Isolda. E você, querida, como se chama?

- Yasmin.

– Pois bem, Yasmin. Como eu disse, já senti essa dor. Todos os meus já morreram. Perdi meus filhos, e é insuportável para uma mãe ver um filho partir antes dela – disse com pesar na voz, mas sem tristeza no olhar; ela parecia em paz. – Mas não só eles; perdi meu marido também, mãe, pai e amigos. Estou só esperando a hora de me juntar a eles. Porém, enquanto ainda estou aqui, sinto que tenho que viver da melhor forma que posso. Como você me falou que perdeu alguém, e ainda tão jovem, sabe que não é nada fácil. É uma dor constante, mas que, ao longo dos anos, vai se abrandando – disse, como que perdida em lembranças.

– Continue, por favor – pedi, sentindo que aquela senhora podia me transmitir algo de bom.

– Meu marido, Abel, sempre me dizia que, se ele fosse antes de mim, queria que eu tentasse ser feliz. Dizia que me esperaria, mas que, enquanto eu estivesse aqui, não deixasse de viver. – Eu me lembrei imediatamente de Sam. Nesse momento, lágrimas ameaçaram transbordar dos meus olhos, mas tentei reprimi-las. – E foi o que fiz, procurei continuar vivendo. Então, não desista, você também vai conseguir. Essas lágrimas um dia vão cessar, acredite. – Ela por fim soltou a minha mão, aproximando-se do meu rosto para beijá-lo.

– Obrigada – falei, com sinceridade. – Ainda estou longe de conseguir, mas estou tentando com todas as minhas forças. – Ela apenas balançou a cabeça em concordância, como se me incentivasse. – Para onde a senhora vai? Posso ajudá-la?

– Agradeceria muito se conseguisse um táxi para mim.

– Espere um pouco, vou chamar um para a senhora. – Olhei ao redor e vi um táxi entre os carros que passavam. Acenei para que o taxista me visse e o carro logo veio em nossa direção, parando no meio-fio.

– Espero que nos vejamos de novo – ela disse, já se despedindo.

- Também espero - respondi, vendo que ela me olhava com candura. A impressão era que ela se via em mim, na minha imagem triste. Por um segundo, eu me imaginei idosa como ela, tocando a vida, razoavelmente feliz.

- Obrigada pela ajuda, querida.

O taxista saiu do carro e abriu a porta para dona Isolda. Eu a ajudei a entrar no carro, colocando suas sacolas no banco, e fechei a porta.

- Tenha um bom dia, querida.

- A senhora também, dona Isolda.

Fiquei olhando o táxi se afastar até dobrar a esquina. Depois, respirei fundo, coloquei os fones de ouvido e comecei a correr pela rua, pensando no que aquela senhora havia me falado.

• CAPÍTULO 19 •

DESCONHECIDO

*E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.*

– Caetano Veloso, “Sampa”.

Quando já estava exausta de tanto correr, parei, coloquei as mãos sobre os joelhos e baixei a cabeça para recuperar o fôlego. Desta vez havia tomado um caminho diferente, descendo a rua paralela a do apartamento de Talles. Um lugar um pouco menos movimentado e muito agradável.

Enquanto descansava da corrida, reparei que estava em frente a uma casa enorme e muito bonita. Algo parecia me atrair para aquela casa e, instintivamente, resolvi me aproximar dela.

Cheguei mais perto e olhei pelo portão, trancado com um cadeado, e a residência me pareceu abandonada. Pelas barras de ferro, pude ver um enorme jardim e um gramado infestado de

ervas-daninhas, como se há muito tempo não recebesse os cuidados de ninguém. Fincada no meio dele, havia uma placa com os dizeres:

INFORMAÇÕES: GRUPO ARVOREDO

Curiosa, toquei a campainha, na esperança de que um caseiro ou vigia me atendesse, mas ninguém apareceu. Por alguns instantes, me imaginei morando ali, andando por aqueles jardins, vivendo num mundo que não era o meu. Mas logo voltei à realidade, percebendo que aquele imóvel era enorme e, pela localização, devia custar uma fortuna. Então, ri de mim mesma, por pensar em algo tão além das minhas posses. Dei mais uma olhada no casarão e resolvi voltar para o meu mundo e para a minha corrida.

Ao chegar ao apartamento de Talles, tomei um banho e descansei um pouco, pois havíamos combinado de visitar naquele dia uma feira esotérica, à convite de Suzana. Um pouco antes de irmos, sentamo-nos na sala do pequeno apartamento para comer um sanduíche vegetariano e aproveitei para conversar com meu amigo sobre a senhora que eu havia encontrado e a casa misteriosa também.

- Dona Isolda é uma doce criatura - disse Talles, quando perguntei se ele conhecia a senhora do apartamento térreo. - Ela mora há muitos anos sozinha, mas é muito independente e quer ser assim até o fim dos seus dias, segundo diz. Ela faz umas tortas deliciosas para vender e as doa também a uma casa de repouso aqui perto. Às vezes ela nos oferece. Nunca vem aqui, porque não tem condições de subir tantas escadas, mas me espera na porta da casa dela e me entrega a torta quando volto do trabalho à noite. Eu e Suzana a ajudamos como podemos.

– Nossa! Que história de vida! Bem, eu a conheci hoje cedo e ela reparou na minha tristeza. Disse que já passou por isso também. Não entrei em detalhes, também não contei nada sobre a minha vida, mas ela me disse belas palavras: que é possível aprender a conviver com a dor e ser feliz mesmo assim.

– Também não sei detalhes sobre a vida dela, mas parece que passou por algumas tragédias familiares e não tem parentes vivos, mas é só o que sei. De qualquer forma, ela tem razão, minha querida, um dia a dor vai passar, e tenho certeza de que você ainda vai ser feliz de novo. – Não respondi, só o fitei sem muita esperança e dei uma mordida no meu sanduíche.

Quando acabamos nossa leve refeição, Talles me perguntou:

– E, então, animada para ir à feira esotérica?

– Estou, sim. Mas, antes, queria perguntar uma coisa. Você já reparou num casarão à venda, aqui na rua de trás? Passei em frente enquanto corria e achei o imóvel muito bonito.

– Conheço esse casarão. Dizem que é mal-assombrado – disse ele, sorrindo. – Está há anos à venda, mas ninguém se interessou. Talvez seja só porque é muito caro. Você viu o tamanho do imóvel?

– Vi.

– Mas por que o interesse?

– Não sei... Me imaginei morando naquela casa.

– Quem sabe, minha amiga? Não exatamente naquele casarão, mas adoraria que você morasse aqui em São Paulo comigo. Aí encontro algo bem legal para você, um lugar menor, mas especial.

– Quem sabe, meu querido?

Chegamos à feira já perto do horário do almoço. O espaço era enorme, repleto de estandes de artigos esotéricos como cristais, pêndulos, tarôs, espaços para demonstrações de práticas para a saúde e algumas editoras de livros esotéricos.

Nos estandes, havia artigos de diversas culturas e povos diferentes, e pessoas vestidas com trajes exóticos, como nas tendas dos tarólogos, que aguardavam, sentados diante de uma mesinha, qualquer pessoa que tivesse interesse em conhecer melhor o trabalho que faziam. Eu e Mel passeávamos pelos corredores, maravilhadas com aquele mundo novo para nós.

Ao virar uma esquina, vi uma exposição de gravuras que me chamou a atenção, pela variedade de cores e porque me remetiam à minha terra natal. Havia gravuras de jangadas e paisagens marítimas ensolaradas, tudo muito bonito. Eu já conhecia o artista, Carybé, mas nunca tinha visto uma exposição dos trabalhos dele. Mel ficou admirada com o colorido das telas e nos demoramos um tempo no local, apreciando as obras do talentoso artista.

Depois que passamos pela exposição de gravuras, a pedido de Suzana seguimos em direção ao setor dos livros esotéricos, para ver os títulos de astrologia e tarô. Enquanto ela examinava os livros, Mel e eu observávamos.

Ao contrário de Talles e Suzana, que sempre buscavam o estudo do lado místico da vida, nunca havia me interessado por métodos de autoajuda ou divinatórios. Mas, como naquele momento estava buscando novos rumos para a minha vida, estava disposta a aceitar coisas novas e mudar meus conceitos.

Já havíamos andado bastante entre os corredores da feira quando Mel pediu licença para ir ao banheiro, antes de pararmos para o almoço. Enquanto ela não voltava, Talles e Suzana ficaram examinando um livro, num estande, enquanto eu me afastei um pouco, para folhear outros, enquanto esperava.

Passado algum tempo, um senhor me abordou.

- Posso ajudá-la? Está procurando algo em particular? - perguntou ele.

- Não, só estou aguardando minha irmã.

- Enquanto aguarda, não gostaria de fazer uma consulta? Sou tarólogo e posso tirar as cartas para você, se quiser.

- Não, obrigada, não tenho interesse.

- Mas não tem nem curiosidade? Não se preocupe, hoje não estou cobrando a consulta – disse o senhor, que usava uma barba cheia e óculos de leitura que lhe davam um ar de estudioso.

- Para falar a verdade, não acredito em previsões – respondi com um sorriso.

- Mas você não tem que acreditar. O tarô vai lhe mostrar o que precisa ser visto mesmo assim, o que está acontecendo ou pode acontecer em sua vida. Mas lhe asseguro de que não se trata de adivinhação. O tarô é uma ferramenta muito antiga de autoconhecimento. Não gostaria de tentar? – Aquele senhor tinha um jeito tão confiável e estava insistindo tanto que me perguntei se não seria aquela uma boa oportunidade para conhecer algo totalmente novo para mim. Então, apenas concordei com a cabeça, ainda um pouco insegura. – Sente-se, por favor – pediu ele, apontando a cadeira em frente a uma mesinha, onde havia um baralho colorido.

- O que eu preciso fazer? – perguntei, me sentando, sem ter ideia de como era uma consulta de tarô.

- Relaxe e pense no seu momento atual, no que está acontecendo na sua vida. – No mesmo instante, já senti vontade de chorar.

- Desculpe, não acho que esteja preparada para isso – eu disse, nervosa, sem querer reavivar em mim a dor profunda que sentia.

- Calma, minha jovem – falou o senhor, esfregando as mãos como se para aquecê-las e depois colocando-as sobre as minhas, entrelaçadas sobre a mesa. – Fique tranquila. – Eu comecei a me acalmar de imediato sob o toque das mãos daquele senhor. – A consulta é rápida. Não vai demorar. – Ele juntou as cartas que estavam sobre a mesa e as embaralhou. Em seguida colocou-as

empilhadas na minha frente. – Agora corte as cartas e separe-as em dois montes.

Fiz o que ele pediu.

– Agora escolha uma carta de cada monte e as coloque sobre a mesa, viradas para baixo.

– Está bem – falei, e escolhi as duas cartas, colocando-as sobre a mesa.

– Ótimo! – disse ele, com um sorriso tranquilizador no rosto. Depois ficou em silêncio, virou a primeira carta e examinou-a. Eu o olhei com expectativa, aguardando o que tinha a me dizer. – O Louco – disse ele, voltando a sorrir.

– É ruim? – perguntei, curiosa.

– Não. Muito pelo contrário. O Louco significa sua vontade de mudar, de mergulhar no desconhecido. Pode ser uma longa jornada, mas sua autoconfiança e o desejo de mudança vão ajudar a superar os obstáculos. Tirar esta carta é algo muito bom, sinal do seu poder interior, da sua capacidade de mover montanhas, se assim desejar. Significa força de vontade, desejo de vencer e de aceitar a vida como um verdadeiro presente. Mas você vai precisar mergulhar nas suas dores e aprender com elas, para retornar à superfície mais fortalecida.

– Bem, isso parece bom – eu disse, mais aliviada. – E a outra carta? – perguntei, mais curiosa ainda.

Ele virou a outra carta sobre a mesa, ajeitou os óculos sobre o nariz e olhou para mim.

– A Imperatriz.

– E o que significa?

– A Imperatriz é uma carta que, entre outras coisas, mostra abertura para o amor. Significa que algo está sendo preparado. Assim como a gestação prepara a chegada de um ser, a Imperatriz pode significar também a chegada do novo. Um novo amor, por exemplo, mas que ainda está sendo preparado pelo Universo.

- Com certeza, essa carta não é para mim - eu disse, incapaz de aceitar a ideia de um novo amor. Mas sorri, mesmo assim, das conclusões do simpático senhor, que não combinavam em nada com o que eu vivenciava no momento.

- As cartas não mentem, minha jovem. Você as atraiu para si e, acredite, o Universo está conspirando para que isso aconteça, mas você precisa querer também.

- Obrigada, mesmo assim - eu disse, já me levantando. Embora aquele homem não tivesse dito nada que me parecesse muito coerente, ele transmitia um sentimento de confiança e tranquilidade.

- Espere só um pouco. O tarô ainda tem algo a lhe dizer - ele insistiu, me olhando com ternura. - O seu calvário ainda é longo e você vai precisar tomar uma decisão definitiva para poder recomeçar. Mas vai surgir uma pessoa nova, que a fará amar outra vez. Mas, para isso, você vai ter que decidir se ficará no passado ou se aceitará mergulhar no desconhecido.

- As cartas dizem tudo isso? - perguntei incrédula, e ele sorriu mais uma vez, percebendo minha desconfiança.

- A mensagem principal delas é esta, sim, mas os detalhes ficam por minha conta. É o conselho de um amigo que acredita que vai ficar tudo bem - concluiu. Eu ia responder, mas alguém tocou meu ombro, chamando minha atenção.

- Yasmin? - Era Mel. - Vamos, querida?

- Claro - respondi, e me dirigi ao senhor uma última vez. - Obrigada pelas palavras - repeti e parei, depois acrescentei: - e pela tranquilidade que me passou.

- Não foi nada... Yasmin - ele disse meu nome olhando por cima dos óculos. - Fique em paz, minha jovem.

Eu me despedi com um sorriso e me afastei.

O nosso almoço foi muito animado. A feira esotérica havia sido uma experiência agradável e todos estávamos satisfeitos com o

passeio. No restante do dia, fiquei refletindo sobre as palavras do tarólogo, a mensagem que havia me transmitido. Ela coincidia com algo em que já havia pensado, a ideia de que eu precisava fazer uma mudança radical na minha vida. Naquela noite, escrevi no meu diário sobre o medo de ter que voltar ao meu mundinho particular e o desejo de conhecer um novo mundo.

Tenho sentido medo de voltar a Fortaleza, de ficar no meu quarto, diante do espelho e das lembranças, sem ser capaz de lutar por mudanças. Tenho receio de ficar chapinhando na minha dor, sem buscar o novo.

Sinto-me a cada dia mais fortalecida. Mas sinto também que é porque estou longe da minha realidade, num ambiente diferente e cercada de apoio e amor. Por isso estou segura. Mas não sei por quanto tempo vou continuar bem... se tiver que voltar.

Não me sai da cabeça a ideia de que preciso mudar minha vida, viver em outro lugar. E, embora seja difícil fazer uma mudança tão radical, é grande a vontade que tenho de deixar tudo para trás e sair em busca do desconhecido.

Diário de viagem de Yasmin, São Paulo, 19º dia, 23h10.

- O que você tanto escreve aí, hein? – perguntou Mel, sonolenta. Fechei o caderno, para dar atenção à minha irmã.
- Estou registrando o que fiz ao longo do dia, como me sinto.
- E como você se sente, Yasmin?
- Melhorando a cada dia, mas acho que é porque me sinto segura aqui. A ideia de voltar me amedronta. Tenho pensado muito em morar em São Paulo.
- Seja qual for sua decisão, vou apoiá-la, querida, todos nós vamos. O importante é que esteja bem, que reencontre seu

equilíbrio e sua paz.

– Obrigada, Mel. Sempre soube que podia contar com você.

Nos dias que se seguiram, procurei manter a mesma alimentação saudável e me nutrir também da presença constante das pessoas que amava. Mesmo com toda a agitação daquela cidade cosmopolita, tão diferente da cidade onde eu morava, sentia-me acolhida e razoavelmente em paz.

Mel e eu já estávamos iniciando os preparativos para partir de São Paulo, mas só o pensamento de que eu teria de voltar para casa já me causava um aperto no peito. Eu não me sentia preparada para voltar a Fortaleza, e muito menos a Ipu.

Um dia, na hora do almoço, ficamos conversando um pouco à mesa. Talles não queria que eu fosse embora, pois sabia que eu não podia ainda voltar a Fortaleza e precisava de mais tempo para decidir o que fazer. Diante disso, Suzana e ele me fizeram uma oferta tentadora.

– Yasmin, o que você acha de ficar uns dias na minha fazenda de cultivo, na serra de Guaramiranga – perguntou Suzana. – É um lugar de muita tranquilidade e seria ótimo para vocês encerrarem a viagem, recobrem as forças, voltando para Fortaleza com as baterias carregadas.

– A ideia é tentadora, Suzana – respondi, já aliviada por ter um novo lugar para ir e poder adiar um pouco mais o dia de voltar para casa.

– Já falei com o administrador da fazenda e ele está pronto para recebê-las lá. Por favor, aceite!

– Está bem. – Ao aceitar o convite, recebi um abraço de minha irmã. Mesmo que minha decisão significasse mais alguns dias longe do marido e dos filhos, ela estava feliz pela mudança no meu estado de espírito.

No dia seguinte, eu e Mel partimos rumo a Guaramiranga, onde passaríamos os últimos cinco dias da nossa viagem.

Talles despediu-se emocionado no aeroporto, já contando com meu retorno para morar em São Paulo.

- Estou esperando você aqui, Yasmin - disse, enxugando meus olhos cheios de lágrimas. - Não chore, vamos nos ver logo. Já planejei tudo. Enquanto vocês estiverem na fazenda, vou procurar um lugar para você ficar.

- Muito obrigada, meu amigo, por tudo que está fazendo por mim - agradecei. - Logo vamos nos rever.

Parti, já sentindo saudade daquelas pessoas e daquele lugar.

• CAPÍTULO 20 •

CAMINHO DE VOLTA

*Eu passei um tempo
Andando no escuro
Procurando
Não achar as respostas
Eu era a causa
E a saída de tudo
E eu cavei como um túnel
Meu caminho de volta.*

– Leoni, “Temporada das Flores”.

Quando aterrissamos em Fortaleza, senti vontade de pedir a Mel que voltasse para sua família e retomasse sua vida. Pensei em seguir para Guaramiranga e finalizar a viagem ali, sozinha. Cheguei a expressar isso a ela, mas Mel se recusou a aceitar meus argumentos, dizendo que não me deixaria sozinha, iria comigo até o fim.

– Fique tranquila, minha querida, Jorge e as crianças estão bem. Todo dia falo com eles e sei que estão levando essa história na

brincadeira. Como dizem as crianças, estão “tirando férias da mamãe” – contou ela, achando graça.

Não tive como rebater os argumentos de Mel. E, no fundo, não queria mesmo ficar sozinha; a companhia e o apoio de minha irmã eram essenciais para a minha recuperação. Sem ela, com certeza, eu já teria voltado para casa e desistido de viver.

Em Guaramiranga, pegamos o carro alugado e seguimos em direção à fazenda de Suzana. Mas desta vez eu quis dirigir. A princípio Mel ficou um pouco receosa, achando que talvez eu ainda não estivesse psicologicamente estável para conduzir um veículo na estrada, mas, confiando no meu bom senso e desejo de recuperação, jogou as chaves para mim e se sentou no banco do passageiro.

– Hora de tirar uma soneca! – exclamou Mel, contente ao ver meu entusiasmo ao sair do estacionamento em direção à rodovia. Fiquei ainda mais confiante ao perceber que Mel via sinais de melhora em mim.

Chegamos a Guaramiranga antes do final do dia e fomos muito bem recebidas na fazenda por Carlinhos, o administrador, que logo nos mostrou nossos aposentos, para que pudéssemos descansar.

Não fizemos quase nada após a chegada, nos limitando apenas ao banho e a um bom jantar, regado a vinho. Já fazia muito tempo que não desfrutava de uma boa massa e uma taça de vinho, e estava gostando das sensações que a experiência me proporcionava. Meus sentimentos ainda eram conflitantes, pois, embora sentisse alegria por estar saudável e me alimentando normalmente, ainda sentia melancolia em meu peito e uma imensa saudade. Queria, na verdade, poder dividir com Sam um momento como aquele, em um lugar tão lindo, tomando um bom

vinho naquele friozinho da serra e sob a luz do luar. Algo que jamais aconteceria.

Estávamos tão cansadas da viagem de avião e do longo percurso de carro que, logo após o jantar, eu e Mel fomos dormir, deixando para apreciar o lugar na manhã seguinte. Eu não sentia disposição para escrever em meu diário de viagem, mas, ao me deitar, me permiti sentir a presença de Sam, que, talvez por meu estado melancólico, naquela noite me abraçou enquanto eu tentava conciliar o sono, dando-me um pouco de paz.

Só quando o dia amanheceu pudemos enxergar melhor as belezas daquele lugar, constatando que a fazenda de Suzana era uma belíssima propriedade, que mais parecia um sonho. A casa principal lembrava até uma daquelas casas de boneca rústicas que a gente vê quando criança e enche os nossos olhos pela magia da visão. Muito bem cuidada, com flores coloridas por todos os cantos, cercada de gramados e ladeada por um lindo lago, a casa era espetacular.

Às margens do bucólico lago, Mel e eu ficamos maravilhadas com tanta beleza, admirando os patos nadando em suas águas plácidas, enquanto os pássaros sobrevoavam sua superfície. O céu, de um azul inigualável, estava coalhado de nuvens brancas, que mais pareciam de algodão. Ficamos horas admirando a paisagem, deitadas na grama sobre uma toalha, contemplando aquele milagre infinito.

– Que maravilha, não é? – disse Mel, quase sem palavras diante de tamanha beleza. – O paraíso, se existir, com certeza deve ser assim. Não há lugar que possa transmitir tanta paz quanto este.

– É espetacular – concordei, me lembrando que Sam já estivera naquele lugar um dia. Nunca tivemos oportunidade de estarmos ali juntos, mas eu o sentia em meu coração, como se ele pudesse ver através dos meus olhos. Sentia sua presença a todo instante, e isso não era ruim, não era triste. Estava feliz por senti-lo comigo.

Carlinhos nos mostrou as plantações de flores, o cultivo particular de Suzana e a parte da fazenda onde a colheita era destinada às floriculturas, pois aquela fazenda era a principal fornecedora do mercado florista da região. Eu me vi diante de um imenso campo de rosas, enfileiradas por espécie e tonalidade. Rosas de todas as cores, um verdadeiro espetáculo.

O dia na serra começava frio, exigindo que usássemos casacos mais pesados. Mas ao longo do dia a temperatura subia, deixando o clima quente e abafado, e voltava a cair à noite, quando mais uma vez fazia muito frio.

A fazenda ficava um pouco afastada da cidade, à beira de uma estradinha de terra, cercada de vegetação. Mas, à certa altura, era possível ver da estrada um imenso campo de cultivo de flores, que também era aberto à visitação.

Nos dias que se seguiram, peguei emprestada uma bicicleta da fazenda e saí pedalando pelos arredores, para conhecer o lugar. Passei pela estradinha de terra e fui até os limites da cidade, encontrando no caminho lindas cachoeiras, onde parava a bicicleta para descansar e tomar a água que descia da serra. Aproveitava também para me molhar um pouco e me deitar ao sol, deixando que minha pele secasse naturalmente.

Acostumei-me a fazer todos os dias esses pequenos passeios matinais, sempre sozinha. Mel não era muito adepta de aventuras, nem gostava muito de andar de bicicleta. Dizia que ela ia acabar me atrapalhando, então preferia que eu fosse sozinha enquanto ela ficava na casa de fazenda, comendo alguma guloseima da terra ou falando com a família ao telefone. Mas, mesmo apreciando a companhia dela, eu sentia necessidade, às vezes, de me isolar um pouco, para refletir, aproveitando também para fazer registros em meu diário de viagem.

A água que sai da terra é muito fria, e é uma delícia sentir seu gosto doce. A sensação de liberdade e paz desses momentos de contato com a natureza não é algo fácil de descrever; é preciso deixar todos os sentidos abertos e se entregar à pureza dos sentimentos e deixar o espírito se elevar. E, mesmo só, sinto que não estou sozinha.

Diário de viagem de Yasmin, Guaramiranga, 28º dia, 7h30.

Um dia, quando estava voltando para a fazenda por um caminho diferente, avistei um pequeno vilarejo na encosta da serra e fiquei curiosa para conhecê-lo. Mudei o curso da bicicleta e segui a placa indicativa, entrando por um caminho estreito.

A estradinha era bastante agradável, sobretudo por ser ladeada de árvores frutíferas, como jaqueiras, por exemplo, cujos frutos pendiam dos troncos aos montes. Ao chegar ao vilarejo, constituído de poucas casas, as crianças que brincavam nas ruas acenaram para mim quando passei. Depois de atravessar uma minúscula praça, já cansada de pedalar nas estradas íngremes e sinuosas da serra, parei em frente a uma construção antiga. Encostei a bicicleta nos degraus da casa e me sentei ali para descansar um pouco.

Para a minha surpresa, ao olhar melhor, percebi que se tratava de uma igreja. Senti, no mesmo instante, uma imensa vontade de entrar, como uma espécie de chamado oculto. Depois de alguns instantes contemplando a igreja, me levantei e comecei a subir os degraus, sem perceber. Quando me dei conta, já havia entrado.

Andei lentamente entre os poucos bancos de madeira do templo e me sentei na primeira fileira, de frente para o altar. Comecei a pensar em minha vida, em tudo o que havia acontecido e nos caminhos que tinham me conduzido àquele lugar. Lembrei-me imediatamente da minha dor, sentindo a tristeza que trazia no

peito, a mágoa por ter perdido Sam e nosso filho, e não pude segurar a emoção.

Era uma avalanche de sentimentos, bons e ruins, causados por todas as experiências pelas quais eu havia passado naqueles últimos meses. Em pouco tempo já irrompia em soluços, ajoelhada no banco da igreja.

Queria me expressar, dizer algo a Ele, contar que, apesar da mágoa, eu estava ali, diante Dele, cheia de esperança e confiança na vida. Queria também pedir perdão por me afastar Dele e pedir forças para continuar. Mas as palavras não saíam e minha mente estava agitada. Então, apenas chorei.

Quando levantei a cabeça, tentando controlar as lágrimas, olhei ao redor e vi que não estava sozinha. Um padre, que arrumava o altar, olhava para mim com compaixão.

– Posso ajudar, filha? – perguntou ele, com uma voz serena. – Pode ser que uma palavra de fé possa abrandar seu desespero.

– Obrigada, padre – respondi, ainda em meio às lágrimas. – Mas não creio que exista uma maneira de abrandar a minha dor, embora tenha procurado consolo em todos os lugares.

– Bom, acho que veio ao lugar certo. Deus conhece sua dor e tenho certeza de que a está abrandando dia após dia. Você provavelmente sente isso, sente o chamado da fé, por isso está aqui.

– Ele parecia entender meus sentimentos, porque de fato eu sentia vontade de estar ali, diante de Deus, embora não conseguisse dizer nada, pois minhas lágrimas desciam pelas faces ainda mais abundantes. – Você me permite contar uma história? – ele perguntou. Eu consenti e ele passou a contá-la:

Esta é a história da menina-flor, uma jovem muito bonita e alegre, que teve sua alegria arrancada quando, após perder os pais, foi jogada por sua tia num buraco muito fundo, para morrer.

A menina sobreviveu à queda, mas mais profunda que a dor física era a dor que sentia na alma, pela perda dos pais e a decepção causada pela atitude da tia que tanto amava. Então, sem mais vontade de viver, ela se entregou às lágrimas, à espera da morte.

Depois de passar um tempo naquele buraco, chorando desconsolada, a menina olhou para cima e viu o sol, sentindo seu calor. Depois, viu uma flor que havia brotado na parede do fosso e buscava a luz solar, lutando para sobreviver. Diante de tamanha simplicidade, encanto e força, ficou tão emocionada que foi tomada por uma súbita vontade de viver, ainda que não soubesse como.

Mas, após muitos dias chorando incessantemente, ela reparou que suas lágrimas tinham se acumulado no fundo do buraco. Percebendo que suas lágrimas poderiam ser uma forma de sair do fosso, ela se valeu de toda a dor que sentia para continuar chorando, até que suas lágrimas encheram o buraco, levando-a a flutuar até a borda.

A menina-flor então se encheu de fé e esperança, ao constatar que, por meio das suas lágrimas e da imensa dor que sentia, ela havia encontrado um meio para permanecer viva e sair do buraco onde estava. Quando por fim saiu dele, passou a semear flores por todos os lugares, sempre deixando um pouco de vida por onde quer que passasse.

O padre terminou de contar a história e ficou me observando chorar. Eu nada falei por alguns segundos, apenas esperei me acalmar. E, embora carregasse ainda a dor que me levara até ali, minhas lágrimas já não eram só de tristeza, mas também de emoção, pela linda história que ele me contara.

– Minha jovem – recomeçou ele –, não sei qual o motivo da sua dor, mas, como nessa história, você também pode mudar o foco da angústia que sente, e, através da própria dor, achar um meio de sobreviver. O que posso lhe dizer é que não podemos mudar os acontecimentos. O que aconteceu não há como apagar. Tampouco

posso assegurar que essa dor vá passar definitivamente um dia. Mas você, com certeza, pode mudar o rumo da sua vida, e, através desse sentimento que a angustia, achar um meio de encontrar a sua paz. Só é preciso querer.

As palavras do bom padre tocaram meu coração e minha alma, consolando-me naquele momento de tristeza. Ele, mesmo de uma forma diferente, tinha me dito o que todos que me amavam costumavam me dizer: para não desistir de viver, mesmo com toda a dor que sentia. Para resistir, mudar o foco, procurar um caminho para reencontrar a paz, ainda que a dor permaneça.

– Obrigada, padre. – Eu já não chorava mais. – Suas palavras trouxeram paz ao meu coração.

– Você está melhor? Quer ficar um pouco sozinha agora?

– Sim, estou melhor. Muito obrigada. Gostaria de ficar mais um pouco aqui.

– Está bem, fique o tempo que precisar.

Permaneci na igreja por mais alguns minutos, mas não sentia mais o mesmo desespero. Sentia-me, isto sim, pronta para recomeçar e em paz com Deus. Antes de sair, ainda quis Lhe dizer algumas palavras:

– Perdão, Senhor, por ter me distanciado de Ti. Guie meus passos, minha vida, ajude-me a viver. – Fiz o sinal da cruz, agradecendo por aquele momento, e saí.

Quando descii os degraus da igreja e peguei minha bicicleta, senti como se algo tivesse mudado dentro de mim. Meu coração estava mais leve, sem o peso da dor profunda que eu carregava.

Passei o restante do dia na companhia de Mel, fazendo pequenos passeios ao redor da propriedade e descansando, já que o dia seguinte seria o último da nossa viagem.

Contei para minha irmã sobre o que se passara na igreja e que eu me sentia em paz com Deus depois daquele período negro da

minha vida. Não que a dor tivesse passado de fato. Por certo ela me acompanharia por toda a vida. Mas eu havia feito as pazes comigo mesma e com a vida, compreendido a dor e deixado de culpar Deus pelo que eu havia passado. Estava disposta a recomeçar.

Fomos dormir cedo. Eu e Mel preferimos ficar no quarto, conversando e falando também com nossa família. Sentia muita vontade de falar com todos que eu amava, então aproveitei para ligar para minha mãe e Talles, e falei também por algum tempo com as crianças. Sentir a pureza e a ingenuidade delas era sempre emocionante.

No dia seguinte, à sombra das árvores da fazenda, não pude deixar de registrar minhas emoções em meu diário.

Sinto a vida novamente em mim e mais força para continuar. A saudade ainda é imensa em meu peito, uma agonia constante que tenta me puxar para baixo, mas tenho sentido forças para resistir, forças para desistir de desistir.

Diário de viagem de Yasmin, Guaramiranga, último dia, 8h.

Fechei meu diário, ajeitando os óculos, que pareciam embaçados, e me levantei da relva onde estava sentada. A manhã não estava tão fria e pude colocar um short e uma camiseta leve, dispensando a bicicleta, pois queria caminhar a pé.

O céu estava muito claro, as plantas tinham um verde esplêndido. A natureza me fazia bem, e as flores, sobretudo, me enchiam de alegria, amenizando o ar taciturno que me acompanhava havia muito tempo. As flores me atraíam a tal ponto que invadi o roseiral particular de Suzana, para ficar em contato comigo mesma. Queria também levar comigo a imagem alegre e colorida daquele lugar, para deixá-la impressa no meu coração, cheio de saudade e melancolia.

Parei um pouco entre as rosas, admirando a beleza de uma delas, tocando suas pétalas. Foi nesse momento que notei uma planta diferente das outras, cheia de flores brancas pequenininhas, que ainda não haviam desabrochado por completo. Curiosa, deixei a roseira e me dirigi à bela planta florida.

Ao me aproximar dela, lembrei-me imediatamente de Sam, pois percebi que era a flor de jasmim, a mesma que tínhamos visto juntos um dia, quando nos conhecemos na floricultura de Suzana.

Fiquei emocionada ao ver aquelas flores, e uma lágrima desceu pelo meu rosto. Fechei os olhos, aproximando-me mais da planta, para sentir seu perfume, e cheirei uma florzinha que pendia do galho. Quando os abri, a bonita flor desabrochou diante de mim, como que num passe de mágica. Ainda chorando, sorri para a pequenina flor, enxugando os olhos. Naquele momento, senti muito forte a presença de Sam ali comigo. Não falei nada, apenas fechei os olhos de novo, respirando fundo e aproveitando profundamente a presença do meu amor.

– Continue vivendo, meu amor – disse a voz ao meu ouvido. – Você precisa seguir em frente. Está na hora de recomeçar. Sua história neste mundo ainda não acabou, e a nossa sempre vai existir em nossos corações.

Eu poderia pensar que aquilo era um delírio ou apenas resultado da minha imensa vontade de tê-lo comigo, que me fazia imaginar sua presença. Mas sabia que não era. Acreditava que Sam estivesse ali, mesmo parecendo algo improvável ou insano.

Eu não queria me despedir, não queria abrir os olhos sem encontrá-lo ao meu lado; desejava continuar sentindo sua presença. Então, dei vazão às minhas lágrimas, sem tentar reprimi-las.

– Não chore – disse a voz ao meu ouvido de novo. – Sempre vou estar com você, meu amor. Mas preciso que viva. Não desista. Apenas viva. Eu a amo – falou ele, em tom de despedida.

Queria vê-lo, desejava muito vê-lo. Então, abri os olhos lentamente. E, por um breve segundo, tive um vislumbre de seu rosto, seus olhos, seu sorriso. Mas a imagem desapareceu com rapidez, deixando apenas o doce perfume das flores no ar.

- Eu também amo você.

• CAPÍTULO 21 •

DECISÃO

*Quando você ficar triste
Que seja por um dia, e não o ano inteiro
E que você descubra que rir é bom,
mas que rir de tudo é desespero
Desejo que você tenha a quem amar
E quando estiver bem cansado
Ainda exista amor pra recomeçar.*

– Frejat, Mauricio Barros e Mauro Sta. Cecília,
“Amor pra Recomeçar”.

No dia seguinte, eu e Mel pegamos estrada mais uma vez, para voltar a Fortaleza. Meu coração estava acelerado com a ideia de voltar, de enfrentar minha antiga realidade, mas sabia que não poderia adiar isso por muito mais tempo. Mesmo sabendo que não seria fácil encarar meus fantasmas pessoais e ter que continuar vivendo, sentia que eu estava diferente e havia tomado uma decisão.

Depois de tudo o que me havia acontecido, tinha certeza de que eu não era mais a mesma pessoa. A viagem e todas as experiências vivenciadas haviam modificado meu modo de lidar com a dor, me transformado interiormente. Eu queria de verdade mudar a minha vida, deixar para trás tudo que eu já fora um dia e recomeçar. Estava decidida a seguir em busca do desconhecido, em busca de paz.

Enquanto Mel dirigia, aliviada por não ver mais em meus olhos a dor que me consumia pouco a pouco, contei a ela sobre minha decisão.

– Mel, tomei uma decisão e queria saber o que você acha, minha irmã. Sua opinião, seu apoio, são imprescindíveis para mim, para eu saber se estou no rumo certo.

– Do que se trata, Yasmin?

– É que não quero mais morar em Fortaleza, nem em Ipu. Esses lugares sempre vão ser uma lembrança da vida que eu tinha. É como estar o tempo todo no foco da dor. Então, decidi me mudar, aceitar o convite de Talles e Suzana para morar em São Paulo. Gostei de lá e quero algo diferente na minha vida.

– E vai largar tudo? Como pretende fazer isso? Você tem sua família, o banco, que deixou as portas abertas caso você queira voltar, o bufê...

– Não sei exatamente como vou fazer isso, mas conto com a ajuda de vocês – expliquei. – O banco está descartado, não quero mais aquele trabalho. Na verdade, estou pensando seriamente em abrir um pequeno negócio para mim, algo que tenha mais a ver comigo.

– E o bufê?

– Vou tentar mantê-lo como está por mais algum tempo, sob a administração de Cíntia, mas depois quero tentar transferi-lo para São Paulo, assim que me instalar lá. Porém, o que mais me preocupa são vocês. Com certeza, essa vai ser a parte mais difícil. Vou ver se mamãe quer ir comigo, quero muito a companhia dela.

E você, Mel, não sei se vou aguentar ficar longe de você, das crianças. Eu gostaria muito que você considerasse a ideia de se mudarem para lá também. Seu trabalho e o de Jorge são autônomos e podem ser exercidos em qualquer lugar. – Mel me ouvia com atenção, como se processasse cada informação e já pensasse a respeito.

– Yasmin, em outras circunstâncias, eu diria que o que está pensando em fazer é uma loucura. Mas, em vista de tudo que aconteceu, acho que está certa. Uma mudança radical é tudo de que você precisa neste momento. Você tem meu apoio, querida. Quanto a ir junto, vou pensar com carinho e conversar com Jorge para ver o que ele acha da ideia. Se ele topa, iremos também. E não tenho dúvidas de que mamãe vai acompanhá-la – disse ela, com toda a convicção.

– Sério? E você acha que Jorge pode topa? Quero muito vocês todos comigo, Mel. Seria maravilhoso.

– Não tenho certeza, mas acredito que sim. Contudo, quero que saiba que eu gostaria muito de acompanhá-la, de recomeçar com você. Essa tragédia, Yasmin, afetou toda a nossa família, e todos nós precisamos reencontrar o equilíbrio. Saiba que você tem o meu apoio. E, se conheço Jorge, ele vai concordar. Ele quer minha felicidade e sabe o quanto me custaria me afastar de você neste momento. Tenho quase certeza de que vai me apoiar. E ele pode, inclusive, ajudá-la a encontrar um lugar em São Paulo para morar. A imobiliária em que trabalha tem parcerias em boa parte do Brasil.

– Obrigada, Mel, por tudo; obrigada por me ajudar tanto, por me colocar de pé sempre que tropeço. Sem você, jamais teria conseguido – falei, emocionada com o apoio incondicional de minha irmã, e lhe dei um leve beijo no rosto. Ela apenas sorriu, sem se desviar do trânsito.

Na escuridão em que estava a minha vida, o apoio de minha irmã, a viagem, o diário haviam sido essenciais para eu encontrar a luz. E o desfecho da viagem havia me levado a tomar um rumo inesperado, que era me mudar para São Paulo. Mel estava muito feliz, e eu também, com o meu novo recomeço. Estava esperançosa de que minha decisão pudesse ser um meio para eu sobreviver, de acordo com o que me tinha falado o padre em Guaramiranga, mesmo sabendo que a dor que levava em meu coração me acompanharia por onde quer que eu fosse. Mas eu aprenderia a conviver com ela. Tinha fé.

Logo que cheguei a Fortaleza, comecei a tomar providências para viabilizar minha mudança para São Paulo. Tinha muito para resolver. Precisava encontrar um imóvel lá, e já fazia ideia do que queria, e também vender meus bens em Fortaleza, pois não pretendia voltar mais. E eu tinha pressa, muita pressa de ir embora.

Assim, falei primeiro com Talles ao telefone, que ficou eufórico com minha decisão.

– Eu sabia, Yasmin! Sabia que viria! Sentia que seu lugar era aqui, junto de mim. E então, o que precisa que eu faça? Quando você vem?

– O mais breve possível, meu amigo. Mas preciso que veja uma coisa para mim, algo que sei que será quase impossível, mas só vou desistir dessa ideia depois que tentar.

– O quê?

– O casarão da rua de trás do seu prédio.

– O que tem ele? – Ele não estava entendendo.

– Quero que descubra se ainda está à venda. Sei que deve custar uma fortuna, mas, não sei explicar, sinto como se algo me impelisse a morar lá. Então, quero saber se existe alguma possibilidade, se meus instintos têm alguma razão de ser.

– Você está se parecendo comigo, sabia? Acreditando nos instintos, na força do Universo. Algo mudou em você, Yasmin, e me

parece que está sendo muito bom. – Ele parou um pouco de falar, depois recomeçou: – Pode deixar que vou verificar se o casarão ainda está à venda. Não custa nada. Se for o seu destino morar naquela casa, não duvide, pois as forças do Universo vão conspirar a seu favor.

Não demorou muito para eu ter uma resposta. Talles me ligou no mesmo dia, dizendo que a casa pertencia a um grupo chamado Arvoredo, mas que o proprietário só dava mais informações sobre o imóvel através de uma imobiliária. Meu amigo só havia descoberto que havia mais de quarenta anos que o imóvel pertencia a ele.

Imediatamente conversei com Jorge, que já estava encarregado de vender meus imóveis, a casa de Ipu e a que eu morava, e, para minha surpresa, a casa de minha mãe.

– Filha, eu vou com você, meu amor – disse mamãe, sem sequer pensar, logo que lhe falei sobre minha decisão. – Nada mais me prende aqui depois que seu pai se foi; não tem sentido ficar aqui sozinha na nossa casa. E tem mais: quero ajudá-la. Gostaria que Jorge vendesse a minha casa também. Assim, dou a parte de Melissa da herança de seu pai, e a sua parte e a minha quero que utilize para comprar essa nova casa que você deseja em São Paulo. Não tenho mais idade para ficar só. Vou aonde você for, querida.

Minha mãe, Mel e toda a família cooperaram ao máximo para ajudar na nossa mudança e, para minha alegria, minha irmã logo me deu uma notícia maravilhosa:

– Yasmin, ele topou! – disse Mel, eufórica, dando pulinhos de alegria na minha frente.

– Quem topou o quê, Mel? Não estou entendendo. Dá para você parar de pular e me explicar o que está acontecendo? – Ri para ela.

– Jorge topou! Ele quer ir para São Paulo também. Disse que a agência de lá é bem maior e que pode conseguir uma colocação, principalmente agora que está tentando negociar a casa que você

quer em São Paulo. Aquela casa, segundo ele soube, sempre foi objeto de desejo de todo corretor de imóveis da cidade, e ninguém nunca conseguiu nada. Ele está bastante esperançoso. E eu sempre quis montar meu próprio consultório de psicologia. Talvez essa seja a chance que esperava. Vou utilizar a parte que mamãe quer dividir entre a gente para isso. Então, minha irmã, essa mudança, se Deus quiser, vai ser benéfica para todos nós!

Jorge não demorou a dar notícias sobre a casa. Depois de uma viagem rápida a São Paulo, para uma reunião, ele nos explicou tudo em detalhes:

- Yasmin, consegui localizar o dono da casa; a dona, na verdade. Fui até ela, e é uma senhora bastante idosa que, mesmo não se envolvendo nas negociações, aceitou me receber em seu apartamento. E qual não foi minha surpresa ao perceber que a dona daquela mansão estava a poucos metros de onde você ficou hospedada.

- Como assim? - perguntei enquanto conversávamos eu, Jorge, mamãe e Mel na sala da minha casa. Estávamos todos na expectativa, e Mel sorria o tempo todo, já que provavelmente conhecia toda a história.

- A proprietária da mansão, que me recebeu muito bem e até me serviu um chá, é a dona Isolda, a vizinha de Talles e Suzana. E o mais incrível é que ela a conhece e disse que venderia a casa se fosse para você.

- Dona Isolda! Meu Deus, como? Dava para ver que ela tinha algumas posses, pelo refinamento, pela postura elegante, mas não imaginei que fosse tanto... Aquela casa deve valer muito. Achei uma loucura, uma ousadia minha, pensar que poderia comprar uma casa como aquela, mas fui movida apenas pela esperança.

- Eu sei, Yasmin, e ela também parece saber, pois gostou muito da ideia de vender a você o casarão. O Grupo Arvoredo discorda, pois os acionistas querem o preço de mercado. Mas quem manda, na

verdade, é dona Isolda. A diretoria do grupo Arvoredo com certeza vai acatar a decisão de dona Isolda. Muitas propostas já foram feitas, propostas excelentes, mas ela recusou todas. Disse que, depois que ela morrer, podem fazer o que quiserem com seus bens, mas, enquanto estiver viva, ela é quem decide. Ela é uma mulher muito forte, muito decidida. E me disse que se viu em você e gostaria que aquela casa tivesse novas histórias.

- E ela lhe contou algo sobre a casa? Talles me disse que aconteceu ali uma história trágica, mas não sabe qual. Ele disse, brincando, que a casa é mal-assombrada.

- Ela só me disse que tem muitas lembranças felizes daquela casa. E me pediu que você fizesse uma proposta pela casa, que ela pensaria com carinho e iria fazer o possível para vendê-la a você.

- Agora, sabendo a quem pertence a casa, me sinto até constrangida de fazer uma proposta... Qualquer uma que eu faça, você sabe que não atingirá o valor real do imóvel...

- Mas podemos tentar. Suas propriedades já estão quase vendidas aqui, e a casa de sua mãe também vale um bom dinheiro - falou ele.

- Yasmin - interveio minha irmã -, posso lhe emprestar a minha parte da herança de papai. Depois que conseguir se mudar e organizar sua vida, tenho certeza de que terá condições de me devolver a quantia. Eu, Jorge e as crianças podemos esperar um pouco mais para nos mudarmos para São Paulo.

- Mel, não posso aceitar isso. É o futuro de vocês, a realização de sonhos. Mas a casa é enorme, todos poderíamos morar juntos lá, tenho certeza. Há espaço até para montarmos um negócio, você e eu. Se conseguirmos comprá-la, e se você e Jorge aceitarem morar comigo e mamãe no casarão, a gente pode dar um jeito em tudo. Depois, com o tempo, vou lhe devolvendo sua parte da herança.

- Para mim está perfeito! - disse Mel, com lágrimas nos olhos. - Se você topa, amor - disse ela, olhando para Jorge -, a gente faz

assim.

Jorge concordou com a cabeça, fitando Melissa cheio de amor.

Em alguns dias, Jorge conseguiu vender a casa de Ipu, a casa do Benfica e a casa de minha mãe por um bom preço. Calculei também tudo o que tinha em poupança e aplicações. Vendi dois carros, joias e só fiquei com a sede do bufê, que poderia render um bom dinheiro até eu me estabelecer em São Paulo e transferi-lo para lá.

Cíntia demitiu-se do banco e resolveu trabalhar em período integral como administradora do bufê, enquanto Sandra continuava como gerente de eventos. O bufê ia muito bem e renderia o suficiente para nos mantermos por um tempo em São Paulo.

Vinte dias depois da ida de Jorge a São Paulo, já tínhamos uma estimativa de quanto seria nossa proposta pelo casarão. Se não fosse suficiente, tentaria comprar outro imóvel.

– Oitocentos e noventa e cinco mil reais. É tudo o que tenho, Jorge.

– Nada nos impede de fazer uma proposta. Dona Isolda está esperando. Ela pediu que eu ligasse direto para ela. Podemos fazer isso agora?

– Sim, ligue agora, por favor – respondi, com o coração acelerado.

Jorge pegou o celular, procurou o número na memória do aparelho e ligou. Enquanto o telefone chamava, meu coração acelerava mais e mais. Estava a ponto de passar mal de tanta ansiedade. Depois de um minuto chamando, alguém atendeu.

– Bom dia, dona Isolda! – disse ele, reconhecendo a voz dela do outro lado da linha. – Quem está falando aqui é o Jorge, o corretor amigo de Yasmin. Estou ligando para lhe fazer a proposta pela casa da senhora.

Ele fez um breve silêncio, depois prosseguiu:

– Oitocentos e noventa e cinco mil reais. É tudo o que temos para oferecer pela casa. – Depois ficou em silêncio e, olhando para mim, voltou a falar: – Ela quer falar com você, Yasmin.

Peguei o telefone com as mãos trêmulas e respirei fundo.

– Olá, dona Isolda, bom dia... Como a senhora está?

– Estou bem, querida. E você, sente-se melhor do que da última vez que nos vimos?

– Sim, melhor, obrigada. Vivendo um dia após o outro, como a senhora me falou. Muita coisa aconteceu e tomei decisões para minha vida. Espero um dia poder lhe contar tudo isso pessoalmente.

– Eu sei, querida, entendo. E acho que você vai mesmo poder me contar sua história, e muito em breve. Você deve estar ansiosa pela resposta, não?

– Sim, muito ansiosa. Mas vou entender se a senhora não puder aceitar a proposta. Sei que sua casa vale bem mais que isso...

– Sim – disse ela, e entendi que concordava comigo, que a casa valia mesmo muito mais.

– Então, a senhora não vai vender a casa?

– Não, Yasmin, você entendeu errado, minha querida. O meu SIM foi para a sua resposta. A casa é sua – disse ela, e não consegui me conter. Comecei a chorar de alegria, ficando em silêncio por um tempo. Depois, enxugando as lágrimas, disse com a voz ainda embargada:

– A senhora não imagina o quanto essa notícia é boa, dona Isolda! Significa esperança para mim. Obrigada, obrigada – falei, rindo e chorando ao mesmo tempo, e meus familiares, entendendo o que acontecia, também estavam felizes com a notícia. – Mas a senhora não vai nem pensar ou falar com seus advogados?

– Não, querida, está decidido. Vou comprar uma briga grande com os advogados, mas está decidido, a casa é sua. Pode falar com seu corretor para entrar em contato com os meus advogados. E

quero revê-la em breve e lhe entregar a chave da casa pessoalmente. Aquela casa precisa de uma nova história, e vai ser a sua.

- Obrigada, dona Isolda. Foi muita generosidade sua. Tenho certeza de que sua casa vai dar um novo sentido a minha vida. E prometo que vou cuidar bem dela, que vou enchê-la de vida em cada cômodo, e também de amor.

- É tudo o que mais quero, Yasmin. Não tenho a menor dúvida de que tomei a decisão certa. Procure ser feliz, querida, assim como eu fui naquela casa. Eu te agradeço também, do fundo do coração.

Despedimo-nos e passei o telefone para Jorge, que combinou os detalhes do negócio. Quando Jorge desligou o telefone, abraçamos, todos juntos, inclusive as crianças, que, mesmo não entendendo o que acontecia, riam e brincavam, dizendo que iriam viajar de avião. Mamãe, Mel e eu trocamos um abraço apertado e choramos juntas, cheias de expectativa por dias melhores. As duas estavam felizes por mim. Eu também, pela primeira vez em meses. Além da paz que já havia experimentado, do equilíbrio e da renovação da fé, sorria como há muito tempo não fazia. Sentia-me feliz pelo começo de uma nova história em nossas vidas.

• CAPÍTULO 22 •

DE MALAS PRONTAS

*E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.*

– Toquinho, Vinicius de Moraes,
Maurizio Fabrizio e Guido Morra, “Aquarela”.

Não demorou muito para que a compra da casa em São Paulo se concretizasse. Jorge trabalhou incansavelmente para isso. Durante todo esse tempo em que sofríamos as consequências de uma tragédia familiar, Jorge havia sido uma presença marcante, de apoio e amizade incondicionais.

Mel estava animadíssima com a mudança e cheia de planos. Mas é claro que não seria fácil, pois havíamos investido tudo o que tínhamos nessa empreitada. A casa de dona Isolda era centenária e já estava fechada fazia mais de quarenta anos. Isso significava que precisava de reparos, que ainda não tínhamos condições de arcar. Mas o bom era que a casa estava toda mobiliada, e com aquele tipo

de mobília antiga que resiste ao tempo. Só precisaríamos comprar eletrodomésticos e colchões novos.

Jorge, depois de ter fechado a venda da casa, um negócio considerado quase impossível, ganhou prestígio e foi muito bem recebido na nova corretora em São Paulo, a mesma que tratara da venda do imóvel.

Melissa também recebeu uma proposta de trabalho. Ela começaria a trabalhar em regime de meio período, por um tempo de experiência. Gostou muito da ideia, visto que queria ter mais tempo para mim, para a nossa nova casa, as crianças, Jorge e mamãe. Também achava que logo montaria o próprio consultório de psicologia na nova cidade, por isso estava entusiasmada.

Cíntia ficou muito feliz por tudo estar dando certo para mim e minha família. Estava também animada com a nova incumbência de administrar o bufê e já fazia planos para o futuro. Segundo ela, se o bufê fosse mesmo transferido para São Paulo, ela gostaria de vir junto. Cíntia não tinha família em Fortaleza; seus parentes eram do Rio de Janeiro, e uma mudança para São Paulo lhe possibilitaria ficar mais próxima deles. Também desejava ficar distante de nossa terra por causa do seu divórcio.

Quanto a mim, depois das experiências agradáveis das viagens, do contato com a natureza e de muita reflexão, decidi abrir uma floricultura. E sentia que era isso que eu queria fazer dali para a frente: trabalhar com pessoas, mas de outra forma. Desejava o contato com os sentimentos delas, queria ouvir suas histórias, experiências de vida, emoções, e imaginei que uma floricultura poderia me proporcionar isso.

Dos bens que eu tinha, fiquei apenas com a van e o imóvel do bufê, além do carro de Sam, bens que eu venderia quando reabrisse o bufê em São Paulo e o meu pequeno negócio. Precisaria de mais do que isso, claro, mas tinha fé de que seria o suficiente no

começo. Conversei com Suzana por telefone, para me orientar sobre o ramo no qual queria entrar.

– Claro que ajudo você, Yasmin. Fique tranquila, querida. Vou conseguir para você tudo a preço de fábrica para a montagem do negócio. E, quanto às flores, vou fornecê-las por um tempo e você arca apenas com o preço do frete...

– Não posso aceitar, Suzana, não dando prejuízo a você!

– Pode, sim. Sam era meu amigo, meu irmão, e você agora é minha irmã também. Não seja orgulhosa, Yasmin. Façamos assim: você aceita até poder começar a arcar com todas as despesas. Depois, quando estiver com condições, me paga aos pouquinhos o que lhe forneci. Seria um empréstimo a longo prazo. O que acha? – Não tive como recusar; precisava de toda e qualquer ajuda que aparecesse.

– Aceito – disse, respirando fundo. – Obrigada, Suzana.

Entregamos a casa de Ipu, mas eu não quis mais voltar lá. Jorge mais uma vez me ajudou, indo até o local para fazer a entrega do imóvel ao novo proprietário. Em meu coração, desejei que ele tivesse tanta felicidade quanto eu e Sam tivemos naquele lugar. Um dia voltaria, sobretudo porque era lá que estavam sepultados Sam e nosso filho, mas ainda não estava preparada para enfrentar as lembranças relacionadas à morte deles. Queria deixá-las para trás.

Entregamos minha residência do Benfica também, restando apenas o imóvel de mamãe, que tinha um prazo curto para que o desocupássemos. Estávamos morando juntos, como também seria em nosso novo lar. Mel e Jorge já haviam entregado o apartamento alugado, então nos juntamos todos em nossa antiga casa por um breve período, pois partiríamos em pouco tempo para São Paulo.

Alguns dias depois da compra da casa, estávamos de malas prontas.

Mamãe olhou sua antiga mobília mais uma vez, antes de deixar a casa em que havíamos sido tão felizes, o lugar em que vivera por anos sua linda história de amor ao lado de meu pai.

– Triste? – perguntei à minha mãe, afagando seu ombro na hora em que deixávamos a casa rumo ao aeroporto.

– Não, filha, de jeito nenhum. Saudosa, apenas. As coisas boas sempre deixam saudade. Mas isso não quer dizer que outras coisas boas não possam acontecer.

– Que bom, mamãe! Fico mais tranquila sabendo que a senhora está bem. Vamos, então?

– Vamos, sim, filha. – Jorge e Mel fecharam a casa e não olhamos mais para trás. Seguíamos em busca de um novo destino.

Na noite anterior à minha partida para São Paulo, escrevi um pouco em meu diário, antes de guardá-lo por um tempo. As viagens cessariam e meu tempo seria dedicado ao trabalho, à abertura de novos caminhos. O diário cumprira sua função de me fazer conhecer a mim mesma e aprender a lidar com minha dor. Sabia que recorreria a ele sempre que necessário, mas sabia também que precisava me distanciar até que minhas lágrimas deixassem de molhar suas páginas. Eu levava comigo o pensamento de que aquele amigo ainda estaria ao meu lado, sempre pertinho de mim, mesmo que eu não escrevesse nele.

Esta casa, apesar das tristes lembranças da noite em que perdi Sam, guarda milhares de recordações felizes, recordações de infância e adolescência, do amor de meus pais. Não é fácil ficar aqui, não é, mas sei que preciso ficar, me despedir e apoiar minha mãe também, por isso tenho suportado. Esta é minha última noite nesta casa; com

certeza não voltarei mais aqui, mas vou levar comigo as boas lembranças.

Diário de viagem de Yasmin, Fortaleza, 29 de junho, 23h45.

No dia seguinte, diante da minha nova casa, olhando encantada para ela, segurando apenas a gaiola de Romeu em uma das mãos, respirei fundo, cheia de fé e esperança. Ao meu lado estava Mel, que apertava a minha outra mão, dando-me força naquele recomeço. Logo atrás de nós, cheios de expectativa e felizes, estavam mamãe e Jorge, com as crianças, Talles, Suzana e dona Isolda. Olhei para eles, soltando a mão de Mel e sorrindo, e dona Isolda me olhou com carinho. Depois, aproximou-se de mim e me entregou as chaves da casa.

– É sua, minha querida – disse, sorrindo.

Nesse momento, entreguei Romeu a Mel e recebi as chaves das mãos de dona Isolda, abraçando-a, agradecida. Estava nervosa, mas muito segura da decisão que havia tomado e decidida a começar uma nova história. Soltei dona Isolda do abraço, enxugando os olhos por baixo dos óculos com as costas da mão, emocionada. Em seguida, olhei para as chaves, vendo que estavam todas etiquetadas e tentei identificar qual chave deveria usar. Com a ajuda da minha nova amiga, localizei a chave do portão principal. Peguei a antiga e enorme chave, coloquei-a na fechadura e abri o portão.

Além da minha amada família e amigos, não levava quase mais nada comigo. Segui para o desconhecido, encerrando a fase mais sombria de minha vida, repleta de coragem e sonhos.



2008

2009





2012

2013

2014

2015



• CAPÍTULO 23 •

UM OUTRO ALGUÉM

*Quis evitar teus olhos
Mas não pude reagir
Fico à vontade então
Acho que é bobagem
A mania de fingir
Negando a intenção
Quando um certo alguém
Cruzou o teu caminho
E te mudou a direção.*

– Lulu Santos e Ronaldo Bastos,
“Um Certo Alguém”.

Depois da cirurgia de correção de grau, eu me olhei no espelho e percebi o quanto estava muito diferente daquela que tinha sido um dia, sete anos antes. Não usava mais óculos, tinha os cabelos mais curtos, na altura dos ombros, e loiros. Havia mudado por completo, e não só por fora, mas também internamente.

Às vezes, quando parava para me observar no espelho, me lembrava de cenas de minha vida, como naquele momento, em que me recordava de dona Isolda. Ela morrera cinco anos depois da minha chegada a São Paulo. Morrera com 94 anos, em sua antiga casa, cercada de pessoas que a amavam.

Ali, pensando em minha doce amiga, me lembrei da nossa última conversa, antes de ela ir encontrar os seus, como ela mesma dizia.

- Fui abençoada, ou amaldiçoada talvez, com a longevidade, mas tive uma vida boa. Então, Yasmin, minha amiga querida, procure ter uma vida boa também.

Dona Isolda foi um anjo que surgiu em minha vida, passando uma mensagem de paz e de coragem que eu levaria comigo para sempre. Ao morrer, além de já ter feito tanto por mim em vida, devolveu-me ainda parte do dinheiro que lhe paguei pela casa, deixando-me esse valor em testamento. O restante de seu patrimônio, doou para instituições de caridade.

Eu me lembrei de quando dona Isolda me contou sobre o que as pessoas diziam sobre o casarão. Pensavam que era mal-assombrado e que fora cenário de histórias horríveis. Sorrindo, dona Isolda dizia que não acontecera nada daquilo; que o marido e os dois filhos haviam morrido num acidente de avião, na década de 1960, e ela havia ficado só. Como a casa era enorme, preferira morar num lugar menor. Mas nunca quisera se afastar de seu lar nem vendê-lo, até que eu surgi na vida dela.

Dona Isolda, com certeza, foi meu anjo protetor, a pessoa que me mostrou, por experiência própria, que é possível sobreviver depois de uma tragédia, ensinando-me sobre o amor à vida e a caridade. Ela era muito caridosa. Todo dia levava alimentos para pessoas necessitadas, preparados por ela mesma. Depois que não pôde mais, continuei seu projeto, ajudando idosos e crianças por intermédio do bufê. Toda semana também fazia um sopão para

pessoas carentes. Não era muito, mas era o que eu podia fazer pelo próximo.

Após sua morte, com o montante que havia me deixado em testamento, pude pagar Suzana, devolver o dinheiro de Mel e expandir meu pequeno negócio de flores.

Mel e a família continuaram morando comigo, junto com mamãe; havíamos nos apegado ainda mais uns aos outros. Mas, com o dinheiro, Mel montou um consultório de psicologia para ela e abriu uma imobiliária com Jorge.

Talles e Suzana compraram o apartamento em que moravam, no prédio que pertencia à dona Isolda, e viviam entre São Paulo, Paris e Guaramiranga.

Cíntia se mudou para São Paulo dois anos depois de minha chegada, ocasião em que enfim pude transferir o bufê para São Paulo.

Minha floricultura era o meu pedacinho de céu. Depois da minha casa, era onde eu mais gostava de estar, onde me sentia em paz. E foi naquele lugar que descobri minha verdadeira vocação, que era trabalhar com flores.

Fitei minha imagem no espelho de novo. Meus olhos estavam um pouco tristes, cheios de saudade. Lembrava-me de Sam e de todos os que já não estavam mais comigo, todos que amava e que já tinham partido. Aquele era o dia do aniversário de morte de Sam; fazia oito anos que havia me deixado. Mas, apesar do olhar triste e da saudade que ainda sentia, não chorei.

Com certeza, não tinha sido uma mudança fácil, capaz de me fazer superar de imediato a imensa dor que sofri um dia. Aquela mudança aconteceu paulatinamente, ao longo de oito anos, sempre lutando, com muito trabalho, fé e terapia, para manter viva a esperança que carregava em mim. Com a ajuda e o amor de meus familiares e amigos, eu havia recuperado a paz perdida e a

vontade de viver. Tinha trilhado um longo caminho até chegar ali, diante do espelho, e perceber aquela mudança em mim.

Abri a última gaveta do móvel ao lado da cama e vi meu diário, no qual não escrevia mais, embora nunca o afastasse de mim. Não o abri, apenas o olhei, voltando a fechar a gaveta. Estava emotiva demais, lembrando saudosa de pessoas que haviam morrido, e não queria chorar. Voltei ao espelho, retoquei a maquiagem, passei batom, pentei o cabelo e saí.

Mais um dia começava na minha nublada São Paulo, e naquele dia, especificamente, caía uma chuva fina e agradável. Nunca pensei que fosse gostar tanto daquela terra, do frio fora de estação em algumas partes do ano, das chuvas repentinas, às vezes em forma de temporal, ou de uma garoa forte, como nesse dia.

Era dezembro, já estávamos próximos das festas de final de ano e eu adorava preparar a loja para essa época festiva.

Cercada de caixas com enfeites, eu terminava de decorar a loja, ligando por fim o pisca-pisca e iluminando um pouco mais o ambiente, escuro em decorrência do tempo fechado e da chuva.

– Yasmin, como você está? – perguntou Talles, ao entrar na loja, todo molhado da chuva, correndo em seguida para me abraçar.

– Bem, querido.

– Bem mesmo? – perguntou, como sempre preocupado, me liberando do abraço. – Sei o que esse dia representa para você.

– Estou bem, sim, Talles, só saudosa, e por todos, não só por Sam e nosso filho – falei. – Sente-se aqui, querido – pedi, indicando os bancos atrás do balcão. Talles se sentou em um deles, cumprimentando Jéssica, a atendente, que se dirigia à estufa. Paramos um pouco para conversar.

– Você parece bem mesmo. Cadê os óculos? – perguntou surpreso. – Você está linda, Yasmin, ainda mais bonita, e nem me lembro mais de como era antes. Sabe, acho que já está na hora de pensar em sair um pouco. Você só trabalha! É de casa para o

trabalho, do trabalho para casa e para a casa de repouso. Com exceção da yoga e da musculação, não vai a lugar nenhum!

– Eu já contei que fiz a cirurgia de correção de grau.

– É mesmo! Você ficou ótima assim, sem os óculos. – Ele me fitou com um olhar maroto que eu conhecia muito bem.

– Nem pense, Talles. Ainda não estou pronta, você sabe. Acho que vai acontecer um dia, mas naturalmente. – Nesse momento, a calopsita, que ficava na loja comigo às vezes, começou a cantar. Eu e Talles olhamos um para o outro.

– Ela voltou a cantar? – perguntou Talles, estranhando.

– Não – eu disse, admirada. – Raramente ela canta, e nunca tão alto assim. Ela só faz uns ruídos, mas nada parecido com um canto. Mas agora está cantando de verdade. Que bonito...

Eu e Talles nos levantamos e seguimos para os fundos da loja, onde estava Romeu. Eu me aproximei dele, pousado em seu poleiro, onde gostava de ficar, e acariciei sua cabecinha. Ele bicou de leve meu dedo, depois começou a voar pela loja, sem parar de cantar.

Enquanto Talles e eu admirávamos Romeu, a porta da loja se abriu e um homem entrou, de cabeça baixa, sacudindo a roupa molhada de chuva. Colocou o guarda-chuva no balde ao lado da porta e em seguida levantou a cabeça. Eu o encarei e ele me olhou também. Ficamos assim, como se paralisados, olhando um para o outro por alguns segundos.

Era um homem bonito. Tinha ombros largos, como se praticasse exercícios físicos, cabelo bem curto, quase raspado. Razoavelmente alto, moreno, de olhos esverdeados. E também era elegante, pois estava muito bem vestido.

– Quem é? – perguntou Talles, baixinho.

– Não faço ideia.

– Da maneira como se olham, parece que se conhecem.

- Não, não conheço. - Ainda o olhava fixamente, mas então desviei os olhos e procurei Romeu na loja.

O homem também parou de me olhar e abriu um leve sorriso, caminhando em direção ao balcão da loja. De forma inesperada, Romeu apareceu na frente do homem e pousou em seu ombro.

Fiquei sem jeito. Romeu nunca fazia aquilo; ele nunca incomodava os clientes. Além disso, havia muito tempo também não cantava, mas naquele momento não parava de cantar. O homem voltou a sorrir e estendeu a mão para Romeu com naturalidade, no momento em que me aproximei.

- Me desculpe - falei ao homem, que sorria para mim. - Normalmente Romeu fica no cantinho dele nos fundos da loja. Acho que ele gostou de você.

O homem me entregou Romeu, colocando seu braço junto ao meu para que a calopsita viesse para mim. Eu, estranhamente, gostei do contato.

- Não tem problema. Gosto de pássaros. Aliás, meu filho é quem gosta. Ele adora pássaros e acabei gostando também. - Depois ele se dirigiu a Romeu. - Olá, Romeu, sou Victor. Muito prazer. - Ele tocou a cabeça do pássaro, que retribuiu o carinho bicando levemente o dedo do homem.

- Bem, posso ajudar? - falei meio sem jeito, mudando o foco da conversa.

- Sou novo aqui no bairro - ele disse. - Passei algumas vezes aqui em frente e hoje decidi entrar.

- Quer que eu lhe apresente às flores? - perguntei, surpresa mais uma vez, por ter me exprimido como Sam ao me conhecer. Era algo que nunca havia feito e já não lembrava disso fazia muito tempo.

Ele sorriu, mas nada perguntou, só respondeu:

- Não, hoje não. Você me apresenta às suas flores na sexta, quando devo voltar aqui. Hoje passei só para ver o lugar, ver se

gostava.

– E gostou? – perguntei, com expectativa.

– Muito. Por isso vou voltar para escolher algo.

– Espero você na sexta-feira – eu disse, já me arrependendo. Não deveria falar com tanta familiaridade com um completo estranho.

– Assim espero – ele disse, já se dirigindo para a porta. Mas então ele se deteve e se virou para mim, como se quisesse saber algo. – Desculpe a curiosidade, mas como você se chama?

– Yasmin.

– Até sexta-feira, Yasmin – falou ele, já saindo. – Ah, sua loja é muito bonita.

– Como sabe que a loja é minha? – perguntei com cara de boba.

– Seu nome está na placa do lado de fora – concluiu. – Foi um prazer conhecê-la. – Despediu-se, fazendo em seguida um gesto de bater continência, a mão sobre a testa. Depois pegou o guarda-chuva no balde, abriu a porta e saiu. Eu fiquei ali, meio paralisada.

Talles, que estava logo atrás de mim, só observava, e teve que bater em meu ombro para que eu voltasse à Terra.

– O que foi isso, Yasmin? Que energia foi essa entre você e esse homem? Dava para sentir de onde eu estava a força da atração que vinha de vocês.

– Não começa, Talles! Não é nada do que está pensando.

– Você acredita mesmo nisso? Vai negar que ficou paralisada diante daquele homem? – perguntou, rindo do meu jeito desconcertado.

– Não, não vou negar, mas isso também não quer dizer nada. Só me impressionei com a educação dele. Só isso. E não sei se você notou, mas deve ser casado. Por favor, meu amigo, não fique imaginando coisas.

– Está bem, desculpe. Só estava brincando, mas senti mesmo uma energia boa. Mas não vou insistir. Como sempre digo, se algo tem

que ser, será. Você pode até não acreditar em destino, mas sabe que penso diferente.

– Sim, eu sei. Mas agora não, está bem? – Eu ainda me sentia um pouco zozna.

– Está bem. Mudando de assunto, vim aqui para convidá-la a passar na minha casa mais tarde. Trouxe coisas muito bonitas de Paris.

– Passo lá à noite, então.

– Ok... Bem, agora preciso ir. Até mais tarde, Yasmin – falou ele, já saindo porta afora. Eu continuei segurando Romeu, levando-o em seguida para seu poleiro.

Nessa hora, meu celular tocou e o peguei sobre o balcão.

– Oi, Mel – atendi.

– Oi, Yasmin. Você vem comigo às compras de Natal? Os meninos já me perguntaram se você vai com a gente. Eles querem a companhia da madrinha.

– Claro, vou sim.

– Está bem. Passo aí na loja depois do almoço quando sair do consultório. Não tenho sessões hoje à tarde.

– Combinado. Me manda uma mensagem quando estiver saindo. Assim não perdemos tempo.

– Tudo bem. Até daqui a pouco.

Já estava perto da hora do almoço, quando decidi passar em casa para ver mamãe, enquanto Jéssica ficava na loja.

Ao chegar em casa, procurei por ela, que estava na cozinha. Mamãe adorava cozinhar e fazia questão de acompanhar a preparação da sopa no bufê, que doávamos toda semana à casa de repouso e também distribuíamos toda sexta-feira às pessoas carentes.

– Oi, filha. Veio almoçar com sua mãe hoje? Você gosta de almoçar no bufê, eu sei – disse mamãe.

– Vim ver a senhora. Mas o que temos para hoje? – Segui em direção às panelas, que exalavam um aroma maravilhoso.

– Torta de legumes e picadinho de soja. Estava sentindo que você viria e sei o quanto gosta desses pratos.

– Adoro! Obrigada, mamãe – agradei, já pegando um prato e me servindo. Mamãe me seguiu e almoçamos juntas, ali mesmo, na mesa da cozinha, conversando enquanto comíamos.

Logo depois do almoço, Mel veio me buscar para irmos às compras de Natal e saí com ela e meus sobrinhos em direção ao shopping. Aproveitei enquanto ela experimentava alguns vestidos no provador para conversar com minha irmã sobre o rapaz misterioso que aparecera na floricultura.

– E você nunca o viu antes? Tem certeza, Yasmin? – disse Mel, enquanto eu passava os vestidos para ela.

– Não, nunca. Talles também estranhou, e até disse que havia uma sintonia entre mim e o rapaz. Uma bobagem, claro; quase me chateei com ele, não estava a fim de falar do assunto.

– Pode até ser uma bobagem, mas ele tem razão quando diz que você precisa sair mais, conhecer pessoas.

– Eu já tenho amigos, Mel, os melhores, e não tenho o menor interesse em conhecer ninguém.

– Eu sei, querida, tudo ao seu tempo. Mas, além de nós, de Talles e Suzana, das meninas da floricultura, o pessoal do bufê e os velhinhos da casa de repouso, você não tem contato com mais ninguém. E, quem sabe, no momento oportuno, criando possibilidades para isso, você não conheça um novo alguém, ou faça novos amigos? Você é muito jovem para se dedicar unicamente ao trabalho, precisa se divertir. Estou falando de novas amizades mesmo, não necessariamente um romance. Mas, se acontecer, tudo bem, vai ser bom, não fique tão apreensiva. Nós todos só queremos sua felicidade. Sabe disso, não sabe?

- Claro, Mel.

Durante todo o dia, fiquei dispersa, lembrando-me daquele rapaz, que me olhou profundamente, bem dentro dos meus olhos. Não conseguia esquecer a forma como ele tinha me olhado.

Fiquei com a imagem dele em meus pensamentos durante boa parte da semana, mesmo não parecendo correto, por perceber que aquele homem, que provavelmente não apareceria mais na loja, poderia ser casado. Eu me repreendi, tentando me forçar a não pensar mais no assunto e dizendo a mim mesma: “Esquece isso, Yasmin!”. Ainda assim, sua imagem permaneceu em minha memória, sem que eu entendesse por quê.

Quando percebi que não ia conseguir me desvencilhar daquela imagem, do enigmático homem molhado de chuva, resolvi seguir o conselho de minha irmã e não ficar tão apreensiva. Aos poucos, a imagem do belo rapaz foi sumindo das minhas lembranças.

• CAPÍTULO 24 •

SUA PRESENÇA

*Você apareceu do nada
E você mexeu demais comigo
Não quero ser só mais um amigo
Você nunca me viu sozinho
E você nunca me ouviu chorar.*

– Titãs, Nando Reis e Tony Belotto,
“Pra Dizer Adeus”.

Na quinta-feira, eu já me sentia mais focada no trabalho e na minha família, com exceção de alguns momentos em que Romeu começava a cantar.

Impressionante, mas o meu amiguinho havia decidido voltar a cantar todas as manhãs, quase no mesmo horário. Nessas ocasiões eu me lembrava do rapaz misterioso, pois a cantoria acontecia exatamente na hora em que ele entrara na loja. Não havia como não ligar uma coisa à outra.

Mas a vida tinha que seguir e havia muita coisa a fazer. No dia seguinte tínhamos o compromisso com a casa de repouso, e

normalmente ficávamos todos muito ocupados. Mamãe e o pessoal do bufê se esforçavam bastante para levar alegria e alimento àquelas pessoas tão necessitadas.

- E então, Cíntia, tudo pronto para a sopa de amanhã? - perguntei a minha amiga, na sala de administração do bufê.

- Quase tudo pronto, Yasmin. Os legumes e carnes já foram selecionados e higienizados, para que estejam prontinhos pela manhã bem cedo. Às 7 horas, acredito que a sopa vai estar pronta para ser levada à casa de repouso.

- E a van já está reservada?

- Sim. Durante toda a manhã estará à disposição de vocês.

- Está bem, querida. Obrigada. É que mamãe fica tensa toda sexta-feira. Ela quer que fique tudo perfeito.

- E dona Rosa tem razão. É uma bonita causa, merece todo o nosso respeito e cuidado.

- É verdade - confirmei, e já ia me despedir, mas me lembrei de outro assunto. - Ah, Cíntia, você vai hoje à aula de yoga?

- Claro. Encontro você lá, às quatro e meia. Depois volto para fechar o bufê.

- Ótimo. Nos vemos daqui a pouco, então.

Depois, segui para a loja, para continuar a minha rotina diária.

- Oi, meninas. Boa tarde. Novidades por aqui? - perguntei a Jéssica e Lorena, ao entrar na floricultura, encontrando as duas debruçadas no balcão.

- Não, Yasmin. Tudo calmo por aqui. Só o seu Cláudio, que está passando aqui. Ele ligou perguntando se temos as flores dele - disse Lorena.

- E temos? Cláudio não pode ficar sem as flores, é importante.

- Temos, sim. Já separei os lírios-brancos - respondeu Jéssica.

- Que bom. Vou dar uma olhada no estoque agora. Chamem quando ele chegar.

– Está bem – responderam juntas.

Segui para os fundos. Aquela parte da loja era uma espécie de estufa, que conservava as flores naturais por mais tempo. Eram dois ambientes, na verdade, pois havia a estufa refrigerada também, para conservar as flores já colhidas.

Tínhamos na loja as flores prontas para a entrega, para os arranjos, mas tínhamos também vasos com flores naturais, cultivadas na terra e vendidas assim, sendo essa a maneira que eu mais gostava de trabalhar com minhas queridas flores. Às vezes, eu ficava muito tempo na estufa, conversando com elas. E era muito bom andar por entre as flores, ver o colorido, sentir o aroma, a alegria que vinha delas. Isso me dava uma sensação de harmonia que eu gostava muito de levar para o meu dia.

Minutos depois de entrar na estufa, fui chamada para atender o nosso cliente. Ele fazia questão de ser atendido por mim; havia se tornado uma pessoa amiga.

Cláudio, certo dia, tinha chegado muito triste em minha loja; queria flores para o enterro da filha, acometida de uma doença incurável. Estava inconsolável nesse dia e tive que oferecer palavras de apoio, de compaixão pela dor dele.

Normalmente eu não gostava de falar da minha dor, do que havia ocorrido comigo. Com Cláudio, senti que era necessário. Ele foi uma das poucas pessoas para quem contei minha tragédia particular e falei sobre como havia sido difícil superar a dor, e choramos juntos por nossas perdas. Já fazia um ano da morte de sua filha, mas todo mês ele aparecia na floricultura para comprar as flores preferidas dela, e nesse momento conversávamos um pouco. Eu me sentia bem sabendo que podia ajudar alguém, que podia oferecer uma palavra amiga. A cada dia, mesmo ainda sentindo a dor da saudade, da perda, sentia também que era uma nova oportunidade de aprender com minhas experiências e as dos

outros, além de poder levar uma mensagem de paz a quem precisasse.

– Boa tarde, Cláudio! Como está? – perguntei, saindo da estufa e sorrindo para o meu amigo. Ele sorriu em resposta.

– Seguindo, Yasmin, seguindo. Tenho aprendido a continuar vivendo, da mesma forma que você – falou, me abraçando.

Cláudio era um homem ainda jovem, não devia ter 60 anos ainda. O sofrimento o havia feito perder a jovialidade, mas dava para perceber que a cada dia ele se recuperava um pouco mais.

– O senhor está ótimo, está indo muito bem. – Depois do abraço, ficamos de frente um para o outro, enquanto Lorena embrulhava as flores dele.

– Penso que sim. Resolvi fazer exercícios físicos depois da sua dica. Isso tem me dado um pouco mais de resistência, tem me fortalecido. É como você me disse, minha querida: é preciso cuidar da alma, mas também do corpo.

– Pronto. Aqui estão as flores – disse Lorena, entregando-me as flores e devolvendo o cartão de crédito do cliente.

– Obrigada, Lorena – falei e me dirigi a ele: – Aqui estão suas lindas flores, meu amigo. Ela vai adorar.

– Tenho certeza, Yasmin. E obrigado. É sempre muito bom vir aqui e conversar com você.

– Venha quando quiser.

Ainda conversamos um pouco mais, e em seguida o acompanhei até a porta. Ele me sorriu ao sair, um sorriso triste, mas confiante também. Eu conhecia muito bem aquele sorriso; por muito tempo carreguei um igual estampado no rosto.

Na manhã seguinte, muito cedo, seguimos rumo à casa de repouso, eu, mamãe, dois funcionários do bufê e Cíntia. Mamãe, como sempre, animadíssima, logo ao chegar já começou a organizar as mesas no enorme jardim da casa de repouso,

colocando flores em toda parte. Ela queria que aquele momento fosse sempre alegre. Não era fácil para ela, ou para qualquer pessoa, ver a situação de muitos idosos, alguns em estado de abandono, sozinhos e precisando de muito mais que uma sopa quente; necessitavam de carinho. Então, mamãe servia sopa a todos e, muitas vezes, dava o alimento na boca de algumas pessoas que não podiam mais comer sozinhas. Era tocante a dedicação dela, o amor com que fazia aquilo.

– Feliz, mamãe? – perguntei, vendo-a recolher alguns pratos das mesas, entregando-os a mim em seguida.

– Muito, filha. Amo esse trabalho; ele me realiza como pessoa. Obrigada por me proporcionar isso.

– Obrigada também, mamãe. Sem você aqui, nada disso seria possível.

Eu ficava quase sempre diante das panelas, servindo a sopa às pessoas que passavam na fila. Cíntia organizava tudo, recebendo pratos, copos, colheres utilizados, que eram entregues aos funcionários do bufê para que fossem lavados.

Por volta das onze horas da manhã de sexta-feira, terminamos o trabalho. Deixei mamãe em casa e segui para a floricultura. Apesar de ter servido sopa, eu não havia comido nada. Entrei na loja, peguei uma maçã no frigobar da copa, um prato, uma faca e fui para o balcão. Jéssica tinha saído para o almoço, e não quis deixar Lorena sozinha no atendimento, então fiquei ali, descascando a minha maçã, enquanto Lorena ia na estufa.

Estava entretida com a fruta, já quase terminando de descascá-la, e não percebi quando alguém se aproximou de mim.

– Curiosa a forma como você descasca a maçã. Só conheço uma pessoa que faz isso – disse uma voz masculina. Lancei um olhar rápido para a frente, vendo que era o mesmo rapaz que voltava à loja.

- Como? Não entendi - disse, surpresa, quase gaguejando. Não esperava que ele voltasse à floricultura. - Não é assim que se descasca?

- Na verdade, quase ninguém descasca a maçã; as pessoas comem com casca mesmo - disse ele, e fiquei estática com as palavras do rapaz. Ele havia falado da mesma forma que Sam me falara um dia, em situação parecida com aquela. - Minha mulher também descasca a maçã, por isso me chamou a atenção - complementou. Eu ainda estava paralisada, sem saber o que dizer. - Me desculpe. Eu disse algo que não devia? Você está me olhando assustada.

- Não, não foi nada - voltei a falar. - Foi o modo como falou que me fez lembrar uma pessoa. Mas deixa pra lá. Em que posso ajudá-lo? - perguntei, mudando de assunto. Agora eu sabia com certeza que aquele homem era casado, por isso não estendi a conversa, tentando manter ao máximo o tom profissional.

- Sim, por favor. Gostaria de conhecer algumas flores, queria saber se pode me apresentar a elas agora - falou ele, descontraído. Vi que ele se lembrava de nossa última conversa, mas me fiz de desentendida.

- Claro. Alguma de sua preferência? Ou da preferência de quem vai recebê-las? - falei, séria, e ele se retraiu, percebendo que eu não queria uma aproximação.

- Você tem gérberas? Amarelas?

- Sim, temos. De quantas gostaria?

- Um buquê, sete delas, uma para cada dia da semana.

Fui logo pegando as flores no refrigerador ao lado do balcão. Vi que ele me seguia com os olhos enquanto eu andava pela loja. Parecia querer falar comigo. Eu também estava curiosa para conhecê-lo melhor, saber para quem seriam as flores. Achava estranho o interesse dele, a forma cortês e galanteadora com que falava, como se estivesse flertando. E não entendia por que alguém casado e provavelmente apaixonado, já que deveria estar

comprando flores para a esposa, demonstrava interesse por outra mulher. Eu queria, na verdade, ter certeza do que ele pretendia e dar um fim naquilo o quanto antes. Assim, mesmo correndo o risco de me arrepender depois, perguntei:

– São para alguém especial? – indaguei, enquanto embalava as flores.

– Minha esposa – falou ele, de um jeito educado. De minha parte, tive a resposta que queria.

– Aqui estão. – Entreguei o buquê e ele o recebeu. – Como gostaria de pagar?

– Cartão de débito – disse, me entregando seu cartão.

Peguei o cartão e discretamente olhei o nome nele escrito: Victor Hugo Almeida. Lembrava-me vagamente do nome, mas quis confirmar.

– Pronto. Pode digitar a senha, por favor? – Ele pegou a máquina e digitou a senha, já retirando o cartão. – Obrigada.

– Não há de quê – respondeu, e nos olhamos de novo, um olhar profundo. Seu olhar prendeu o meu por alguns segundos, mas lutei contra a vontade de sustentá-lo. Aquele homem tinha um olhar ingênuo, gentil, me parecia uma boa pessoa. Desejava olhar para ele, mas não podia, não queria me sentir atraída, então sacudi levemente a cabeça, me desvencilhando da força de atração entre nós, e desviei o olhar.

– Volte sempre – falei, piscando os olhos para voltar a sentir os pés no chão.

– Tenha um bom dia. – Ele já estava saindo, mas voltou a falar: – Como vai Romeu? – Ele se lembrava do nome do pássaro.

– Bem, obrigada – respondi, e ele acenou com o mesmo gesto da outra vez: batendo continência.

– Até a próxima.

Fiquei estática por alguns instantes, ainda sentindo a presença de Victor na floricultura. Não estava entendendo a minha reação

àquele homem, pois não parecia eu. Só consegui me mover quando Lorena tocou meu braço.

– Yasmin? Tudo bem com você?

– Sim, tudo bem, não ouvi você chamar, desculpe.

– Você estava longe – disse ela. – Chamei várias vezes.

– Desculpe. – Não queria dar explicações, não queria dizer que meus pensamentos estavam mesmo longe, que estavam na pessoa que tinha acabado de sair e talvez não voltasse mais. Senti uma leve saudade, saudade de algo que nem sequer tinha vivido. – Precisa de alguma coisa?

– Posso ir almoçar?

– Claro, pode ir. Jéssica já deve estar voltando.

Quando fiquei sozinha na loja e parei para raciocinar, percebi que talvez não visse mais aquele rapaz. Senti uma sensação de vazio, mas não queria pensar mais nele, não valia a pena.

Peguei a maçã mais uma vez e comecei a descascá-la. E, mesmo não querendo pensar, meus olhos ainda só viam os dele. Quando percebi que não adiantava lutar contra a lembrança da sua presença, não resisti mais. Deixei que meus pensamentos divagassem e fiquei ali, debruçada no balcão, comendo a maçã.

• CAPÍTULO 25 •

M-AL-ENTENDIDO

Amar

É quando não dá mais pra disfarçar

Tudo muda de valor

Tudo faz lembrar você.

– Roupas Nova, Cleberson Horsth e
Ricardo Feghali, “Amar É”.

Quando saí da loja aquele dia, fui procurar Talles. Só meu amigo poderia me orientar, me acalmar, desfazer aquela confusão de sentimentos. Não queria me relacionar com ninguém, mas ao mesmo tempo não conseguia tirar Victor da cabeça. Estava irritada com a minha própria ingenuidade, pois mesmo sabendo que ele era casado e tinha um filho, ainda assim achava que talvez pudesse confiar em suas boas intenções.

Mandei uma mensagem para Talles e combinamos de conversar em sua casa.

– Oi, Yasmin – cumprimentou-me Talles, logo que abriu a porta. – Entre – disse. Beije seu rosto e fui logo me sentando no sofá. Talles

seguiu ao meu encontro, sentando-se ao meu lado, já esperando que eu falasse. – Achei você meio tensa.

– Victor apareceu na loja hoje à tarde – eu disse e fiquei em silêncio.

– Victor? O rapaz daquele dia em que a calopsita começou a cantar?

– Sim, ele mesmo.

– Bem, se ele voltou, como prometeu, é porque tem alguma coisa no ar. Talvez esteja interessado em você.

– É esse o problema.

– Como assim? Pode ser bom. Vi que você não foi indiferente a ele.

– Esse é outro problema.

– Ai, Yasmin, você está muito enigmática. Fale logo o que está acontecendo para que eu possa entender.

– Victor, quando estive antes na loja e se referiu ao filho, já havia deixado no ar a possibilidade de ser casado, mas era só uma hipótese. Mas hoje, quando apareceu lá de novo, confirmou tudo: é mesmo casado, pois as flores que estava comprando eram para a esposa – falei e respirei fundo, como se raciocinasse.

– Continue – pediu Talles, me incentivando a falar.

– Mas o pior é que eu tive a sensação de que estava interessado em mim. Mas uma pessoa que tem uma esposa e flerta abertamente com outra mulher não pode ter bom caráter, pelo menos não para mim. Não é alguém que eu queira ter ao meu lado – finalmente admiti que era isso o que eu queria e me surpreendi. – Ele seria um mentiroso, e um homem assim não me interessa. Mas o fato é que, apesar disso, algo me diz que ele talvez seja íntegro. Acredito em suas boas intenções, mesmo quando não deveria.

– Nossa, Yasmin! Essa história de vocês nem começou e já está complicada. O que posso lhe dizer é que não tenho dúvida de que há um interesse mútuo entre vocês. Vi isso pessoalmente, ninguém

me disse. A força de atração de vocês era imensa. Mas também sei que está certa em se retrair, em ter receio. Não quero que se machuque. Você já passou por muita coisa e está precisando de algo leve, não de uma coisa que traga sofrimento para sua vida.

– Eu sei, meu amigo, e nunca imaginei que pudesse me sentir assim. Nunca me interessei por ninguém esse tempo todo, e, do nada, esse homem me balançou. O que eu faço, Talles? Provavelmente ele não vai mais voltar à loja, fui um pouco dura e ele provavelmente percebeu. Mas e se voltar? O que faço?

– Escute o que ele tem a dizer. Dê a ele a chance de explicar suas intenções. Já disse isso a você há pouco tempo e vou repetir: se algo tem que ser, será. O Universo conspira a nosso favor, acredite.

Talles sempre acalmava meu coração. Eu me sentia realmente mais tranquila, com os pensamentos menos confusos.

No sábado pela manhã, era o aniversário da morte de dona Isolda e eu queria levar flores para ela no cemitério. Levantei-me apressada, vesti calça jeans, moletom e tênis, e saí. Passei na floricultura para pegar as flores e segui para o cemitério, com os crisântemos de que dona Isolda tanto gostava.

Cheguei ao cemitério ainda cedo, por volta das oito e meia da manhã, e segui em direção ao túmulo de minha amiga. Quando localizei a sepultura, fiquei ali, olhando para a lápide, ao lado das outras da sua família.

– Trouxe as flores que a senhora gosta – disse, deixando as flores sobre o túmulo e me sentando na grama. Eu gostava da ideia de imaginar a pessoa viva, como também fazia com Sam, como se ela pudesse me ouvir. – As amarelas, que são as flores do sol. Eu me lembro da senhora assim, como o sol, alegre e iluminada. Queria um dia sentir um pouco dessa luz, minha amiga... – Parei de falar por um instante, tentando não chorar de saudade. – Ah, tenho uma novidade. Conheci alguém. Ele não é para mim, eu sei, mas queria

que soubesse que estou tentando não me fechar para a vida. É como a senhora disse, que nunca foi totalmente feliz depois do que aconteceu, mas foi feliz na medida do possível. Então, queria lhe dizer que quero tentar. – Enquanto eu falava, uma imagem ao longe atraiu os meus olhos e parei de falar, prestando atenção ao que via.

Foi então que me surpreendi. A alguns metros de mim, estava Victor! Parado diante de um túmulo, como se conversasse também, como eu fazia. Ele carregava nas mãos as flores que havia comprado na minha floricultura.

Já tirando minhas próprias conclusões, comecei a ficar apreensiva. Não pelo fato de estar vendo Victor ali, diante de mim, mas por perceber o que me parecia óbvio: ele falava com a esposa! As flores que havia comprado eram para ela.

Nesse momento, fiquei sem ação, chateada comigo mesma, por não ter deixado Victor se explicar. No dia anterior, percebi que ele queria dizer algo, mas não deixei que falasse. Eu o havia interpretado mal, com certeza. Queria ir até ele, pedir desculpas, mas sabia que não era o momento nem o lugar, por isso resolvi esperar. Baixei a cabeça por um minuto, tentando me acalmar, respirei fundo e voltei a olhar para ele. Mas, quando olhei, ele já havia saído.

Num impulso, me despedi de dona Isolda e me levantei para ir até o túmulo onde antes estava Victor, mas parei.

– Não posso fazer isso, não me parece correto – disse a mim mesma em voz alta.

Sabia que não precisava ver o túmulo para concluir o que estava acontecendo. Mas precisava falar com ele... Só teria que esperar uma oportunidade. Era como havia dito Talles: “se algo tem que ser, será”.

– Se eu tiver que revê-lo mais uma vez, ouvi-lo e me desculpar por ter sido dura ou tê-lo julgado mal, isso vai acontecer – repeti para

mim mesma em voz alta, para tentar me convencer ou me conformar.

Quando já estava chegando ao meu carro, digitei uma mensagem para Talles, no celular, para que ele me encontrasse na floricultura; precisava contar a ele o acontecido.

Logo que cheguei à floricultura, Talles já me esperava no interior da loja.

- Oi, querido - disse, logo que o avistei e ele se dirigiu a mim, beijando-me a face.

- Oi, Yasmin. Pronto, estou aqui. O que houve?

- Vamos para a estufa? - Fomos para o interior da loja.

Entrei no pequeno espaço reservado para meu escritório, que ficava diante das flores da estufa, me sentei na minha cadeira e ofereci a outra a Talles.

- Hoje de manhã estive no cemitério, fui visitar dona Isolda - comecei, olhando tensa para Talles. - E, quando já estava de saída, avistei Victor ao longe, que parecia também visitar um túmulo.

Talles me olhava com expectativa, me estimulando a continuar.

- E ele colocou sobre o túmulo as flores que comprou aqui.

Talles ficou em silêncio, como se refletisse, depois perguntou:

- Acha que pode ser a esposa?

- Sim. Na verdade, ele *disse* que as flores eram para ela.

- Que você supunha estar viva.

- Isso.

- Bom, está tudo explicado. O interesse dele, Yasmin. Ao que tudo indica, ele não é casado, mas viúvo.

- Talles, se for isso mesmo, preciso pedir desculpas por ter sido dura e não ter dado a chance de ele falar direito comigo. Senti que ele tinha algo a mais a dizer, mas fiquei tão chateada com o fato de que talvez estivesse dando em cima de mim, mesmo sendo casado, que não deixei que falasse.

- Da próxima vez, você pode conversar com ele.

- E se ele não aparecer mais na loja?
- É porque não era para ser. Não pense nisso agora, não gaste sua energia assim. Espere o tempo de cada coisa.

Alguns dias depois, também conversei com Mel a respeito.

- Viúvo?!
- É, pode ser, sim. Mas ainda é uma hipótese.
- Foi só um mal-entendido, Yasmin. Vocês logo vão poder esclarecer as coisas. Mas você teve razão em ter receio, minha irmã. Não dá para investir em algo com tanta dúvida. É preciso deixar tudo às claras.
- Na verdade, não sei ainda se quero investir num relacionamento. Mas gostaria de conversar com ele e desfazer esse mal-entendido. Quem sabe podemos ser amigos?

Faltava uma semana para o Natal, e o bufê e a floricultura estavam cheios de encomendas, o que me deixou muito ocupada, sem tempo para pensar em Victor. As meninas da floricultura não davam conta de atender aos clientes, então eu passava o dia inteiro trabalhando: no caixa, no atendimento, nos arranjos, nas entregas. Mamãe também teve que nos ajudar, às vezes até nos arranjos das flores. À noite, eu tinha que me dedicar ao bufê, nos eventos, em festas de confraternizações, casamentos, aniversários. Naquela época do ano, toda ajuda era necessária.

Muitas pessoas passavam pela loja todos os dias e me contavam suas histórias de vida, seus motivos para comprar flores, e essas histórias eram sempre maneiras de ocupar meus pensamentos. E não era só isso: eu também aprendia com cada experiência que ouvia. Às vezes, arriscava até dar algum conselho, quando via que alguém precisava de uma palavra amiga. Era bom quando um cliente saía satisfeito da floricultura, levando flores e boas lembranças das vivências trocadas.

Estávamos todos prontos para o Natal. A árvore de Natal decorada na sala da casa, os alimentos prontos, os presentes do nosso costumeiro amigo-secreto depositados sob a árvore, os corações leves e todos aguardando para a confraternização em família.

O Natal era a época do ano em que eu gostava de reunir a família e os amigos em casa, como era o caso dos meus funcionários do bufê, que haviam saído, assim como eu e minha família, de sua terra natal e deixando tudo para trás.

Eram nossos convidados Talles, Suzana, Cíntia e os funcionários do bufê, que vinham com seus familiares. Nossa casa se enchia de histórias, de vida e de amor, como eu prometera à dona Isolda.

– Você se lembra de quando chegamos nesta casa? Lembra-se de como ela era? – perguntou Mel, antes de descermos as escadas em direção à sala, onde nos aguardavam nossos convidados para a ceia de Natal.

– Chegamos cheios de sonhos e esperanças – eu disse, parando no patamar da escada. – Já que não tínhamos quase nada além disso. E a casa, apesar de linda, precisou de muitos mutirões para que ficasse “habitável” – eu disse, sorrindo.

– É verdade. Foram muitas as dificuldades, sobretudo financeiras.

– Sim, mas foi aqui que encontramos a nossa paz.

– Tive muito medo por você, Yasmin, medo de que não conseguisse ajudá-la.

– Mas consegui. E, graças a você, estou aqui, recuperada e tentando ser feliz. Obrigada, Mel, obrigada por não desistir de mim. Sem você, jamais teria conseguido sair do buraco onde me encontrava. Eu estava perdida e você me ajudou a encontrar um caminho. – Trocamos um abraço, depois descemos as escadas, nos juntando aos outros na sala.

Talles era presença marcante em nossa vida, e raros eram os Natais que não passava conosco. Desde que tínhamos nos mudado para São Paulo, ele e Suzana eram como parte da família. Eu era

muito grata aos dois pela amizade, em especial no momento mais difícil da minha vida.

– Mais um Natal juntos – disse Talles, me beijando a face.

– Espero que tenhamos muitos outros, meu amigo. Obrigada por sua presença em minha vida, a sua e a de Suzana – eu disse, beijando Suzana.

Mamãe, que era sempre a mais animada nas confraternizações, chamou-nos junto à mesa, antes da ceia, e fez uma oração, agradecendo a Deus pela vida, pelo alimento, pela família e pelos amigos reunidos.

Depois do jantar, segui para a varanda com uma taça de espumante na mão, afastando-me um pouco dos demais.

– Feliz Natal, meu amor – eu disse baixinho, com o pensamento em Sam.

Já fazia um tempo que não sentia a presença constante dele. Pelo menos não tão forte e palpável quanto nos primeiros anos após sua morte. Mas ali, sozinha na sacada da casa, lembrando-me dele, eu o senti junto a mim, senti seu toque, como se me abraçasse. Embora quisesse senti-lo, não me demorei na varanda; voltei para a festa. Não queria chorar de saudade do meu amor; desejava apenas sentir que ele estava bem e ficar bem também.

Nesse momento, enquanto andava pela casa, passando a mão nos móveis antigos e nas paredes, recordava as situações mais marcantes que tinha vivido desde minha chegada à cidade. Recordava das lutas, mas também das vitórias, dos choros e também das risadas.

Fiz isso partindo de um passado longínquo até o presente e, de repente, me lembrei de Victor, me perguntando o que poderia estar fazendo naquele momento. De todo o coração, desejei que estivesse feliz, pensando em voz alta:

– Feliz Natal para você também, com quem e onde quer que esteja. Feliz Natal!

Aquela confraternização foi muito especial, pois me sentia fortalecida e curada das dores do passado. E foi especial não só para mim, mas para Talles também, pois enfim meu amigo querido havia conseguido reunir sua banda musical de novo, depois de anos. Finalizamos a noite com Talles emocionado, mostrando-me suas baquetas, as mesmas que um dia havia me mostrado antes de deixar Fortaleza, me dizendo que ainda reuniria sua banda e que tocariam juntos outra vez. E ali estávamos todos reunidos, com Talles cantando uma linda canção de Natal.

Terminei aquela noite cheia de saudade, de uma boa saudade, e em paz.

• CAPÍTULO 26 •

A MELHOR DAS INTENÇÕES

Mesmo sem porquê eu te trago aqui

O amor está aqui comigo

Mesmo sem porquê eu te levo assim

O amor está em mim mais vivo.

– Titãs, Sérgio Britto e Paulo Miklos,
“Porque Eu Sei que É Amor”.

Na segunda-feira, depois do Ano-Novo, concluí que Victor não apareceria mais na floricultura e resolvi que estava na hora de parar de pensar nele. Precisava seguir com minha vida, assim como vinha fazendo antes de ele cruzar meu caminho. No entanto, por mais que tentasse me convencer que ele não voltaria à loja e não nos veríamos mais, algo dentro de mim me dizia o contrário.

Eu não queria acreditar nesse pressentimento, porque isso significava alimentar esperanças de ver Victor de novo, de poder conversar sobre o que nos aconteceu e de comprovar que ele era uma ótima pessoa, como de fato eu pensava que era. Eu preferia seguir em frente e esquecer. Victor inspirava em mim sentimentos

conflitantes e isso era tudo de que eu não precisava. Nem conversar com Talles sobre isso eu podia, pois logo na primeira semana do ano meu amigo precisou ir a Paris.

Depois das festas, logo as coisas foram voltando ao seu ritmo normal. Na floricultura, enquanto terminava de conferir o estoque das flores, recebi a visita de Mel, que gostava de aparecer na loja nos finais de tarde, antes de ir para casa.

- Seu amigo misterioso não apareceu mais? - perguntou ela, enquanto eu trocava os arranjos velhos por novos, depositando as flores murchas no carrinho de carga.

- Não. Mas acho que foi melhor assim. Sinto que é mistério demais para mim, Mel - eu disse, trocando o último arranjo da mesa de exposição. Pude então parar o que estava fazendo, para dar mais atenção a ela. - Bem, mas você parece ter algo a me dizer; não veio aqui só para falar de Victor - concluí, mudando de assunto, e Mel sorriu, como se me desse razão.

- Você é linda, sabia? - Ri também para ela, sem entender o que falava.

- Não era isso que esperava ouvir.

- Eu sei, mas queria dizer isso antes, querida: você é linda. Sabe, vejo você aí, cercada de flores, trabalhando com tanta delicadeza e dedicação e, mesmo assim, no final do dia, de avental, luvas e cheia de terra, vejo-a tão linda, tão natural... - disse ela, debruçada sobre o carrinho, olhando com admiração para mim. - Você está diferente da Yasmin que conheci anos atrás, mas está ainda mais bonita, mais forte...

- Mais velha... - disse, interrompendo-a, e rimos juntas.

- Boba. Não quis dizer isso. Só queria que saísse mais, se divertisse, trabalhasse menos e cuidasse mais de você. Você é linda e jovem, Yasmin, e talvez esteja na hora de mostrar sua beleza para as pessoas, a beleza exterior e a interior; de aproveitar mais a vida.

– Eu sei, querida. Mas estou bem assim, fique tranquila. E a última e única vez que quase me interessei por alguém, a coisa não deu em nada. – Rimos de novo. – Parece que o destino não quis. – Tirei as luvas e peguei a mão de Mel. – Mel, não quero ninguém. Sabe, algumas pessoas vivem bem assim, sozinhas, e encontram outras formas de felicidade, não necessariamente ligadas a relacionamentos amorosos. Talvez eu seja uma delas, e estou bem assim, acredite.

– Mas você não quer nem tentar? Jorge me falou que entrou um funcionário novo na corretora. Ele é divorciado, e, quando Jorge falou de você, o rapaz ficou interessado.

– Ele falou de mim? Meu caso de solidão parece estar ficando sério mesmo! Até Jorge já está procurando pretendentes. – Ri da situação. – E não é só ele, eu sei. Pensa que não sei que você e os meninos queriam fazer um perfil para mim num site de relacionamentos?

– Foi só brincadeira, Yasmin, e já pedi aos meninos que esqueçam isso. Mas você sabe que é só preocupação, não sabe? Sabe que só queremos o seu bem.

– Sei, sim. E asseguro: não sinto falta de relacionamentos. Quando chegar a hora para isso, se chegar, vou saber, minha querida. Agradeço, do fundo do coração, por toda a preocupação e cuidado, mas estou bem mesmo.

– Está bem, não vou mais insistir. E desculpe, Yasmin.

Comecei a empurrar o carrinho para o interior da loja.

– Mas era isso que você queria me falar? Sobre o novo funcionário da corretora do Jorge? – perguntei, parando o carrinho diante da estufa, para conversarmos mais reservadamente.

– Não, não é isso. É que Jorge achou uma casinha linda, não muito longe do casarão, e me perguntou se já não está na hora de termos a nossa própria casa.

- Ah, Mel, vocês não querem mais morar comigo e com a mamãe?

- Não, querida, você sabe que não se trata disso. É que a casa é sua e você já me devolveu minha parte da herança do papai. Jorge e eu já estamos bem financeiramente, então penso que talvez seja o momento. Na verdade, queria seu apoio e opinião.

- Isso é muito bom, Mel! Desculpe o meu egoísmo. Sei que ficou esse tempo todo em nossa casa muito mais por mim, pois teve medo de que eu não estivesse pronta ainda... para caminhar sozinha. Você já me apoiou nessa caminhada por muito tempo, minha irmã. Está na hora de eu tentar seguir com os meus próprios pés. Vá, querida, vou sentir muito sua falta em casa; sua, a de Jorge, que sempre foi um grande amigo, e a de meus sobrinhos queridos. Mas a gente se adapta, da mesma forma que fizemos quando chegamos aqui. - Ela me fitou com gratidão. - E a casa nova, você já viu? Também quero conhecer.

- Ainda não, mas vou ver em breve, para que Jorge feche negócio. Não queria fazer isso sem antes falar com você. E é claro que você vai ver a casa! Você e mamãe vão comigo conhecê-la; vamos todas juntas. Quero sua opinião, Yasmin, sobre tudo em nossa vida... E obrigada por compreender - disse, emocionada.

Na sexta-feira, já perto da hora do almoço, precisei ficar sozinha na loja. Lorena não pôde ir trabalhar e liberei Jéssica para que fosse almoçar, logo depois que retornei da casa de repouso.

O dia estava tranquilo e resolvi ficar no caixa, fazendo anotações, distraída. No momento em que me abaixei para pegar uma caneta no chão, Romeu começou a cantar alto e meu coração acelerou de imediato.

A última vez que eu ouvira Romeu cantar assim fora no dia em que Victor aparecera na loja pela primeira vez. "Não pode ser, claro que não pode ser", repeti para mim mesma. Levantei a cabeça e

fitei a porta da frente, achando que o veria ali, mas não havia ninguém. Estranhei, porque Romeu não parou de cantar, então fui até ele, nos fundos da loja, para acalmá-lo.

– O que foi, Romeu? Assustou-se com alguma coisa? – falei com ele, tocando sua cabeça, ficando de costas para a entrada da loja.

Romeu continuava cantando alto, e nem sequer ouvi a porta da loja se abrir, mas ouvi uma voz de criança dentro da floricultura, logo atrás de mim, e olhei no mesmo instante para trás. De costas para mim, abaixado, amarrando o cadarço do tênis de uma criança, estava Victor:

– Eu quero ver, papai, me mostra? – disse a criancinha, e Victor pediu que o garoto esperasse um pouco.

Surpresa e com o coração aos pulos, por vê-lo de novo na minha frente, mesmo temendo que minha voz não saísse ou falhasse, resolvi dizer algo:

– O que ele quer ver? Parece ansioso – falei, e Victor se virou, me olhando dentro dos olhos, profundamente. Seu olhar parecia enxergar minha alma.

Sorri com cordialidade e ele retribuiu com outro sorriso. Era como se estivéssemos com saudade um do outro, uma saudade aplacada no momento em que nossos olhares se cruzaram. Por um instante, apenas nos olhamos, até que a criança puxou a gola da camisa dele, e ele voltou a dar atenção àquele que parecia ser seu filho. Beijou seu rostinho, levantando-se em seguida e puxando-o pela mão, ambos vindo em minha direção.

– Ele quer ver sua calopsita. Só fala nela, desde a última vez em que estive aqui e contei sobre seu pássaro. Ele adora pássaros; tudo que voa, na verdade: pássaro, borboleta, avião, foguete e até dragão – disse, sorrindo da imaginação infantil do filho.

– Entendo. – Também sorri para os dois, saindo da parte de trás do balcão, no interior da loja, e me aproximando deles. – Você sumiu – falei, olhando para ele, sem conseguir desviar o olhar.

- Precisei viajar logo no dia seguinte ao que estive aqui. Temos muito que conversar, Yasmin - ele se lembrava do meu nome -, mas não pude retornar. Eu e Gabriel fomos passar as festas de final de ano na casa dos meus pais e só voltamos ontem. Aproveitamos as férias para visitar o vovô e a vovó, não foi, Gabriel? - disse ao filho. Abaixou-se de novo para continuar a falar com ele: - Filho, a calopsita que você quer tanto conhecer pertence a esta linda moça aqui - disse, olhando-me de novo, e Gabriel também olhou para mim.

- Mostra pra mim? - pediu o filho de Victor, sério, e eu comentei com o pai dele:

- Ele é bem desinibido. - Rimos os dois.

- Muito - falou Victor, e eu também me abaixei para falar com garoto.

- Claro que sim, Gabriel. Romeu vai adorar conhecer você; ele adora crianças, e é muito dócil. Venha. - Eu me levantei e estendi a mão para o menino, que a pegou de imediato, me seguindo. Victor também foi conosco.

- Parece que você fez um novo amigo - Victor falou, enquanto seguíamos para os fundos da loja.

Romeu ainda cantava, mas parou quando chegamos perto dele. Estendi a mão para ele subir e depois a abaixei, com Romeu pousado em minha mão, para apresentá-lo a Gabriel.

- Romeu, este é Gabriel, meu novo amigo. Gabriel, este é Romeu, um velho amigo meu. - Coloquei Romeu bem pertinho de Gabriel, que passou a mãozinha em sua cabeça, abrindo um lindo sorriso. - Você gostou dele? - perguntei a Gabriel. - Porque acho que ele gostou de você.

- É bonito. Gostei. Ele voa? - perguntou Gabriel, que não devia ter feito 4 anos ainda.

- Sim, voa. - Eu me levantei e estendi o braço para que Romeu voasse. Ele alçou voo pela loja e Gabriel começou a rir, abrindo os

bracinhos, como se estivesse muito feliz. Victor ficou olhando maravilhado para o filho, os olhos cheios de emoção.

- Obrigado - disse, me olhando. - Ele não ri muito, está sempre sério, e isso me preocupa. Mas aqui, com você, riu espontaneamente. É muito bom vê-lo assim, sorrindo, alegre como uma criança deve ser. - Seus olhos agora estavam cheios de lágrimas. Ele tentou disfarçar.

- Não há de quê - respondi. - Seu filho é lindo, amável, e me fez muito bem também.

- Preciso conversar com você, Yasmin. Preciso explicar algo que não pude dizer da última vez em que estive aqui.

- Imagino do que quer falar. Fui visitar uma pessoa no cemitério, no sábado seguinte ao dia em que estive aqui, e o vi lá. Você estava com as flores que havia comprado na loja, as flores que eram para... - Não quis me estender sobre o assunto na frente de Gabriel e ele entendeu. - Bem, acho melhor deixarmos essa conversa para outro momento - falei, olhando para o menino, que vez ou outra olhava para nós, sorrindo, enquanto observava Romeu voar. - Por favor, me desculpe se fui rude com você... Eu não tinha esse direito.

- Desculpas aceitas. Quero me desculpar também. Já fui atropelando as coisas, flertando com você, sem nem perguntar se era casada ou se tinha namorado, embora desconfiasse de que não, pois senti que a atração foi recíproca. Sem saber explicar, senti isso. Uma loucura, eu sei - ele falava com rapidez, como se tivesse pouco tempo, sem me deixar responder. - E depois pesquisei sobre sua loja na internet. - Ele sorriu de leve, meio sem jeito. - Me desculpe por isso também, não foi legal. Então, vi seu nome e olhei seu perfil no Facebook. Posso estar sendo um idiota, mas pensei em você durante todos esses dias - acrescentou, lançando-me de novo um olhar profundo.

Naquele momento entendi que era realmente algo recíproco, porque, por mais que tivesse tentado evitar, mentindo para mim

mesma, ele também não havia saído da minha cabeça. Só pude sorrir para ele, mas um sorriso sincero, feliz, como o de quem gostou do que ouviu.

Romeu parou de voar e pousou no ombro de Victor, como da primeira vez que havia estado na loja, e ele se abaixou para que o filho o tocasse.

- Gosto muito dele, papai. Ele pode ir com a gente? - Victor me olhou, como se pedisse desculpas, mas seu semblante, mesmo sério, era de quem sorria por dentro.

- Não, filho. Mas, se Yasmin deixar, posso trazê-lo aqui outro dia para visitar Romeu. Você pode perguntar o que ela acha - ele falou, olhando para mim. Gabriel também me olhou e eu me abaixei para falar com ele.

- Você pode vir sempre que quiser, Gabriel, principalmente agora, que somos amigos. Espere um pouco! - pedi e me levantei, seguindo para o balcão, depois voltei. - Tome - falei com ele, e Gabriel segurou o cartão em suas mãozinhas. - Este é o meu cartão. Tem todos os meus telefones aí. - Nesse momento, me lembrei de Sam; da ocasião em que me dera seu cartão. - Quero que o guarde, pois é um cartão importante, que dou aos meus amigos. Quando quiser falar comigo, peça para seu pai me ligar, está bem? - Victor entendeu que eu estava baixando a guarda, que queria ouvir sua história.

- Tá - disse Gabriel, e me deu um abraço sincero, aceitando minha amizade. Olhei para Victor, que parecia ainda mais emocionado. Depois me levantei, com Gabriel no colo. Victor me entregou Romeu e eu lhe entreguei o filho, que ele pegou com carinho nos braços.

- Precisamos ir, Yasmin - disse, ajeitando no colo o filho, que deitou a cabecinha em seu ombro, parecendo cansado. Na mãozinha, porém, segurava firme o meu cartão. - Posso passar

aqui amanhã? É sábado. Se não tiver nenhum compromisso, gostaria de conversar um pouco.

– Claro. Se puder às dez horas, encontro você na confeitaria aqui ao lado.

– Estarei lá – disse, me dando um beijo no rosto e me abraçando só com um dos braços. Depois abriu a porta e ele se foi, deixando, como das outras vezes, sua presença no ar.

No mesmo instante em que Victor saiu, eu me lembrei de que Talles já devia ter chegado de Paris. Então, peguei o celular e liguei para ele.

– Não falei, Yasmin, que o Universo conspira a nosso favor? – disse Talles, seguro de suas constatações. – Imagino que para ele ter aparecido e levado o filho com ele, tem a melhor das intenções.

– Eu sei, mas, mesmo querendo ouvi-lo, saber sobre essas intenções, sinto medo, Talles. Não sei, tem algo diferente nele, assim como foi com Sam, e tenho medo de gostar de alguém novamente. – Era a primeira vez que eu admitia a possibilidade de gostar de Victor. – Não quero mais amar ninguém.

– Não diga isso, Yasmin, as palavras têm força. Saiba que amar, amar de verdade, não é algo sobre o que possamos ter controle. E sempre vai valer a pena. Só por ser amor, já vai valer a pena. Se tiver que acontecer, minha amiga, não creio que possa evitar.

– Mas aprendi que é possível mudar o rumo dos acontecimentos.

– Fugindo?

– Se for preciso... Nunca mais quero amar alguém como amei Sam, não vou suportar uma segunda perda, Talles. Se eu perceber que pode ser amor, acho que não vou ter escolha, senão fugir. Não quero magoar ninguém. Nem a mim, nem a ele. E ainda tem o filho, Gabriel... Não posso deixar que se apegue a mim, se eu não estiver preparada para amá-lo, para amar os dois. Não é justo fazer isso com eles.

– Deixe acontecer, Yasmin. Você está supondo coisas que só saberá se são reais caso deixe acontecer. Não seja tão dura consigo mesma. O amor é uma dádiva de Deus, lembre-se disso. Primeiro escute o que Victor tem a dizer, depois você pensa sobre os seus sentimentos e os dele. Não decida nada ainda.

– Estou com medo.

– Não tenha. Você vai saber o que fazer, na hora certa.

A tarde passou devagar, e fiquei divagando, me lembrando de Victor, da sua presença marcante, da doçura de Gabriel e de como tudo aquilo mexera comigo; de como me fascinara o amor que ele dedicava ao filho. Comecei a pensar também nas palavras de Talles, de que o amor é uma dádiva de Deus e que sempre vale a pena vivê-lo.

Apesar de todas as dúvidas e do medo que sentia, uma certeza eu tinha: precisava conversar com Victor.

• CAPÍTULO 27 •

PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA

*Quem vai dizer ao coração,
Que a paixão não é loucura
Mesmo que pareça
Insano acreditar
Me apaixonei por um olhar.*

– Marcelo Barbosa, Bozo Barretti,
Oswaldo Montenegro, Fábio Caetano e
Nil Bernardes, “Quando a Gente Ama”.

Acordei cedo no sábado e fui trabalhar normalmente, mas estava aflita com a ideia de conversar com Victor, ouvir o que tinha a me dizer, para que talvez pudéssemos entender o que sentíamos um pelo outro.

Como de costume, cheguei à floricultura por volta das oito horas da manhã e tentei trabalhar, mas meus pensamentos se desviavam a todo instante para o encontro que seria dali a duas horas.

– Esperando alguém, Yasmin? – perguntou Lorena, me vendo consultar o relógio a cada cinco minutos.

- Não, exatamente. Por quê?

- Você parece ansiosa.

- Dá pra perceber? - respondi meio sem jeito.

- Sim - ela sorriu.

- Marquei de encontrar um amigo aqui do lado, na confeitaria do bufê.

- Por que não o espera lá? - sugeriu ela. - Seguro as pontas por aqui, fique tranquila.

- Boa ideia, querida. Obrigada. Volto logo.

No bufê, me ocupei de várias coisas para que o tempo passasse mais rápido, e, por volta de nove e quarenta, resolvi aguardar Victor em uma das mesas da confeitaria, tomando um suco de laranja. Não demorou muito, eu o vi chegando através da porta de vidro. Ele sorriu para mim de um jeito que fez meu coração acelerar. Atravessou a porta de entrada e veio em minha direção.

Ele era um homem muito bonito, além de elegante e gentil. Sua maneira de ser, sempre cortês, bem-vestido, e dono de um físico de chamar a atenção, me causava arrepios na nuca. Vê-lo se aproximar de mim já me deixava nervosa. E, quando chegou realmente perto e olhou no fundo dos meus olhos, senti uma energia incrível emanando dele, algo que me transmitia paz e ao mesmo tempo me agitava por dentro. Eu tinha que respirar fundo para não perder o fôlego diante dele. E piscar, para ter certeza de que não estava sonhando. A presença dele me deixava tonta, inebriada.

- Oi - disse Victor ao se aproximar, dando-me um beijo rápido no rosto, como se já fôssemos íntimos.

- Oi - respondi.

- É bonito aqui, rústico. Parece uma daquelas confeitarias antigas onde as famílias se reuniam aos domingos. - Ri das impressões dele. Eu me sentia mesmo "antiga". - O que foi? Falei alguma bobagem?

- Não. Que bom que gostou. É um negócio antigo da família.

- É sua esta confeitaria? – Ele ficou surpreso.
 - Sim, na verdade temos um bufê, além de confeitaria. – Ri de novo, mas agora da cara de surpresa dele.
 - Que bom que falei bem daqui, que não cometi nenhuma gafe com você.
 - Não se preocupe com isso, Victor. Sente-se, por favor. Quer comer alguma coisa? Temos tortas doces maravilhosas.
 - Tem alguma de sua preferência? Se tem, eu gostaria de experimentar um pedaço. Quero conhecer você melhor, na verdade. – Fingi ignorar as palavras galanteadoras. Apenas pedi ao atendente que nos trouxesse café e dois pedaços de torta de morango, a minha preferida.
- Ele voltou à conversa.
- Por que não falou comigo quando me viu no cemitério? – perguntou curioso, sem fazer rodeios. – Teríamos conversado lá mesmo.
 - Não achei conveniente. E você parecia conversar com alguém, parecia triste, não quis interromper. Achei melhor esperar o momento certo.
 - E se eu não tivesse aparecido, se tivesse desaparecido da sua vida, Yasmin? Foi isso que me pareceu da última vez, que você não se importaria.
 - Um amigo meu me disse uma vez: se algo tem que ser, será. Disse que o Universo conspira a nosso favor.
 - Está falando do destino?
 - Talvez...
 - Eu estava triste, sim, você tem razão. Mas isso não me impediria de falar com você, claro. Mas ir ao cemitério toda semana é sempre motivo de tristeza para mim; me faz lembrar muita coisa.
 - Sua esposa?
 - Sim. Da vida que tínhamos e da falta que ela me faz. Não vou mentir para você.

– Então, você é viúvo? – perguntei diretamente; eu queria ter certeza, mas nessa hora o atendente, Edmilson, chegou com as tortas e começou a nos servir, colocando os pratos, xícaras e o bule de café na mesa. Eu o agradei com delicadeza.

– A torta é maravilhosa, mesmo – falou Victor, tomando depois um café.

– Obrigada.

Victor provou um pouco mais da torta e eu fiquei em silêncio, esperando que ele começasse sua história. Quando parou de comer, me olhou como se estivesse perdido em reminiscências e começou a falar.

– Isabela é mãe de Gabriel. – Ele falava no presente, como se ela estivesse viva –, e eu a perdi há três anos e meio, logo que chegamos aqui em São Paulo. Ela morreu no parto. Era para ser o momento de maior alegria para nós dois, talvez o mais bonito da nossa vida, mas foi marcado pela morte. Fiquei arrasado, sem chão, sem saber que rumo seguir. – Ele descrevia com exatidão o que eu mesma havia sentido com a morte de Sam e nosso filho. – Não tinha forças para nada, estava desesperado, sozinho. Mas sabia que precisava ter forças, pois havia uma criança recém-nascida que precisava de mim, mesmo sem a mínima condição de seguir em frente. Ainda assim, no auge da dor, quando peguei meu filho nos braços e vi o rostinho dele, tão pequeno, tão indefeso, eu me enchi de força e de coragem, uma força que sequer sabia que tinha.

– Sinto muito – eu disse, triste, lembrando do que me havia acontecido e constatando que nossas dores eram parecidas. Victor me olhou, parecendo perceber minha tristeza.

– Não quero deixá-la triste com a minha história...

– Não estou triste só pelo que me falou. Um dia contarei um pouco sobre minha vida. – Eu me surpreendi comigo mesma, pois estava supondo que nos veríamos de novo, aceitando talvez o início de uma nova história. – Mas continue, por favor.

– Bem, mas não foi para falar sobre a morte da minha esposa e da dor que senti que vim aqui. Queria, na verdade, falar que, embora eu ainda me sinta meio perdido, no momento em que a vi desejei encontrar um novo caminho, construir uma nova história... – ele disse, me olhando com intensidade.

Naquele instante, percebi que Victor dizia o que eu também havia pensado, admitindo a possibilidade, para nós dois, de uma nova história, mesmo marcada pela dor.

– Confesso que não me agradou nem um pouco pensar que você fosse um homem casado, com um filho pequeno, e mesmo assim estivesse flertando comigo. Bem, pelo menos parecia estar flertando... – Sorri levemente.

– Não posso negar que senti algo diferente no mesmo instante em que nossos olhares se cruzaram. E garanto, há muito tempo isso não acontece. Só vivo para Gabriel e para superar minha perda, por isso fiquei surpreso com a confusão de sentimentos que você me provocou; eu queria me aproximar e, ao mesmo tempo, não queria. Acho que acabei metendo os pés pelas mãos e atrolei você. Não sabia bem como agir, era tudo muito novo, diferente. Então, sim, estava mesmo flertando com você e foi difícil admitir isso para mim mesmo, mas acho que está na hora de dizer o que penso. É isso, quando a vi, me senti vivo de novo. Vi que podia voltar a sentir algo por alguém – confessou ele. – Me desculpe por ser tão direto, e, se a ofendi, não tive a intenção. Só não queria perder a oportunidade de demonstrar o que senti, o interesse pela mulher que me despertou para um novo sentimento e para a vida.

– Nossa! Direto mesmo – falei e respirei fundo. Victor sentia coisas muito parecidas com as que eu mesma vinha sentindo. – Você nem me conhece...

– Não é verdade – interrompeu-me ele. – Não foram muitos encontros, mas foi o suficiente para eu conhecê-la um pouco. Tive a oportunidade de ver seu comportamento com seus funcionários,

por exemplo, tratando-os com carinho, humanidade, respeito. Vi você com seu amigo, que imagino seja o mesmo que crê em destino, e vocês tinham uma boa sintonia. E, principalmente, eu a vi com meu filho, como o tratou, e percebi o amor em suas palavras, em tudo o que faz e diz. Você fez Gabriel feliz ontem, Yasmin, e o pai dele também. Tudo isso não é pouco, eu lhe asseguro. Às vezes convivemos uma vida inteira com várias pessoas, no trabalho, na vida pessoal, e nem sempre recebemos delas bons sentimentos, como os vi em você. Por isso, posso afirmar que você é uma mulher especial e que não estou errado sobre meus sentimentos e minhas impressões a seu respeito. E mais: eu gostaria de conhecê-la melhor. Você é o tipo de pessoa que desejo ter por perto, ao meu lado.

Eu estava impressionada com as palavras dele, uma pessoa que eu mal conhecia e que mal me conhecia, mas que parecia saber exatamente quem eu era, como se confiasse em mim. E eu também tinha a mesma impressão sobre ele, pois, mesmo achando que era casado, sabia que as intenções dele eram as melhores.

- Não sei o que dizer - falei, meio sem palavras. - Você também me pareceu uma ótima pessoa, mesmo achando que era casado e me paquerava. - Ele riu. - Mesmo assim, confiei em sua índole.

- Então, diga que também me quer por perto.

- É complicado. Talvez eu não seja a melhor pessoa para você ter um relacionamento agora.

- Mas podemos ser amigos, Yasmin. E, com o tempo, poderemos encontrar um caminho. Quem sabe seu amigo tenha razão e o destino nos queira... juntos - afirmou ele, e eu ri levemente.

- Talles sempre tem razão - reconheci. - Por instinto ou sabedoria, de uma forma ou de outra, meu amigo sempre tem razão.

- Já estou gostando dele - falou Victor, mais descontraído. - Quer dizer que você me aceita, eu e meu filho, em sua vida?

- Como amigos - falei, e ele respirou fundo, parecendo aliviado. Depois me olhou com carinho e segurou minha mão.

- Que bom. Já é alguma coisa.

Olhei para ele, mas tirei a mão com delicadeza e me servi de mais um bocado de torta, mudando de assunto.

- Como está Gabriel? Adorei conhecê-lo. Mas parecia cansado quando saiu da loja ontem. Ele está bem?

- Está ótimo, só estava cansado mesmo. Tínhamos chegado de viagem não fazia muito tempo e ele não sossegou enquanto não o levei para ver a sua calopsita.

- Você o ama muito.

- Mais do que tudo. Ele é a minha vida.

- E dá para ver que ele é louco por você, muito apegado.

- Mas agora ele tem uma nova amiga e, sabe, acho que se apaixonou à primeira vista por ela. Nós dois, eu acho. - Eu o olhei, sem jeito, desviando o olhar. Mas, no fundo, estava gostando muito.

- Seu cartão está sempre no bolso dele. E fala o tempo todo de você. Sinais claros de amor à primeira vista - disse, brincando comigo e sorrindo de forma sincera.

- Gostaria de vê-lo de novo. Ele e o pai dele. - Olhei mais uma vez nos olhos de Victor, mas agora com intensidade, sem desviar o olhar, e ele pareceu gostar, pois voltou a sorrir, mas de um jeito diferente, sensual.

- Ele vai adorar e o pai dele também. Se você aceitar, gostaria de levá-la a um passeio conosco amanhã. Vamos ao borboletário. Já faz um tempinho que queria levá-lo, mas estava aguardando as férias. Você aceita?

- Claro! Me dê o seu endereço, que passo em sua casa e vamos juntos de lá.

Depois disso a conversa ficou mais descontraída; o clima, mais leve. Ele preferia passar em minha casa para me pegar, mas, percebendo que eu só iria naquelas condições, cedeu.

Em seguida, mostrei rapidamente o bufê para ele, sem contar sobre sua história; ainda não era o momento. Depois apresentei algumas pessoas que trabalhavam comigo, e ele conheceu Cíntia, que ficou encantada com Victor. E, após nossa manhã agradável, ele foi embora, mas desta vez estávamos mais tranquilos, já que havíamos esclarecido os mal-entendidos e tínhamos também um encontro para o dia seguinte.

Não demorou muito, Cíntia correu para falar comigo.

– Minha amiga, que homem é esse? Lindo e gentil, um príncipe!

– Ele é um homem bonito mesmo. Além de uma ótima pessoa. Eu diria que é perfeito. Mas ainda estamos nos conhecendo.

– Se depender da química de vocês, vai dar certo. Vendo os dois juntos, parece que sai faísca.

– Não estamos nessa fase ainda, Cíntia. – Mas eu já admitia a possibilidade. – Estamos indo com calma. Por enquanto somos apenas amigos.

– Eu sei, minha querida. Só estou constatando o que vi. Mas você está certa, vá com calma. Com certeza, ele vai saber esperar.

Eu me sentia mais aliviada. Victor era mesmo a boa pessoa que eu havia pensado, e eu desejava sua companhia. Ainda não estava preparada para algo mais sério, mas a proposta de amizade dele e sua paciência me agradavam; ele me agradava. Eu precisava tentar.

• CAPÍTULO 28 •

MEDO DE SER FELIZ

*Eu sei e você sabe que a distância não existe
Que todo grande amor
Só é bem grande se for triste
Por isso, meu amor
Não tenha medo de sofrer
Que todos os caminhos me encaminham pra você.*

– Tom Jobim e Vinicius de Moraes,
“Eu não Existo sem Você”.

Contei sobre o meu encontro com Victor para Talles e Mel. Meu amigo quis saber como eu estava me sentindo, depois de tanto tempo sem me interessar por ninguém. Ele percebia que brotava em mim um novo sentimento por outra pessoa e queria saber se estava disposta a deixar o amor do passado para trás e construir uma nova história.

– Ainda não sei, Talles. Gosto dele, da companhia dele, da pessoa que ele é: pai amoroso, um homem atraente, atencioso e gentil, mas não sei ainda o que sinto de verdade. Quero conhecê-lo um

pouco mais primeiro, ver se consigo encarar sem medo esse sentimento, mas sei principalmente que preciso de tempo para isso.

Em outra ocasião, quando conversamos sobre Victor, Mel também expressou sua preocupação. Queria saber se eu ainda era assombrada pelas lembranças dolorosas do passado.

– Acho, sinceramente, que isso é o que mais me preocupa: o temor de não conseguir levar uma relação em frente por ter passado por algo tão trágico. O receio de amar novamente e não ser forte o bastante para encarar esse amor por medo de perdê-lo – falei, enquanto Mel me ouvia com atenção, deitada comigo na minha cama.

– Não pense assim, Yasmin. Pense que pode ser bom e que vai ser diferente. Você merece amar de novo e ser feliz.

– O problema é que sinto que Victor pode me fazer feliz, e tenho medo de ser feliz, de perdê-lo de alguma forma e não suportar. A felicidade me assusta.

– Você vai precisar enfrentar esses medos, e não existe uma fórmula mágica para isso. É o seu mundo interior e só você pode transformá-lo. Mas terá o meu apoio, você sabe.

– Sim, eu sei. O que seria de mim sem você, sem todos vocês? – falei e parei, depois de me lembrar de algo igualmente importante:

– Você pode me ajudar a escolher uma roupa para o passeio de amanhã? Com certeza vou precisar da sua ajuda.

– Claro, querida! – Rimos juntas e Mel se levantou da cama, abrindo meu *closet* e dizendo que precisávamos encontrar a roupa ideal para eu encantá-lo com um simples olhar. Depois, ficamos horas entretidas com roupas, sandálias, maquiagens, perfumes.

Na manhã seguinte, eu me levantei disposta e já comecei a me preparar para o encontro, avaliando a roupa escolhida por Mel. Como o passeio era ao ar livre e caminharíamos bastante, ela tinha

sugerido algo casual e confortável, como jeans e sandálias baixas. Complementou o traje com uma blusa clara e delicada, com detalhes em renda.

O tempo estava bom, o que me permitiu usar roupas mais leves; nada de agasalhos ou sapatos fechados. Eu me sentia bem e estranhamente bela – ou sensual, talvez. Havia muito tempo não ficava assim, diante do espelho, me produzindo para encontrar alguém. E, apesar da tensão, dos meus medos, estava animada para encontrar Victor.

Desci para o café da manhã e aproveitei a oportunidade para contar à mamãe a novidade: eu iria encontrar um amigo. Não entrei em detalhes; não queria alimentar expectativas, sobretudo por não estar certa de se levaria a relação adiante. Mamãe também não me perguntou nada, apenas disse que eu estava linda e me desejou um ótimo dia. Havia bastante tempo mamãe desejava que eu encontrasse um outro alguém, por isso sentia-se radiante com a ideia e torcia, ainda que em silêncio.

Seguindo o endereço que Victor havia me dado, não tive dificuldade em localizar sua casa, que não era longe de onde eu morava. Ficava em uma rua charmosa, com várias casinhas, parecendo uma vila. Acabei chegando cedo e estacionei meu carro diante da casa dele. Como o portão estava aberto, toquei a campainha e já entrei, atravessando um jardim. Minhas mãos suavam de nervoso.

– Bom dia! – disse Victor, ao abrir a porta para mim, com Gabriel abraçado à sua perna. Porém, ao me ver, soltou a perna do pai e abraçou a minha. – Desculpe – falou, sem jeito com a reação do filho. – Ele estava ansioso para ver você.

– Não tem problema. Eu também estava ansiosa para ver vocês – falei, me abaixando para falar com Gabriel.

– Oi, meu amor! Você está bem? – perguntei, dando um beijo em seu rosto. O garotinho me abraçou.

- Siiiiim! – disse Gabriel, feliz. – Você vai ver as borboletas com a gente? – perguntou, soltando-me de seu abraço.

- Claro. É para isso que estou aqui, e vamos nos divertir muito.

- Eba! – comemorou, com uma risadinha infantil.

- Vamos entrar? – convidou Victor. – Fique à vontade, Yasmin, e desculpe a bagunça. Ontem, eu e Gabriel estávamos numa missão espacial... – falou, referindo-se aos brinquedos espalhados pela sala.

- A missão foi bem-sucedida? – perguntei, já entrando na brincadeira.

- Sim, conquistamos o espaço – ele respondeu, com um sorriso lindo. – Mas foi demorada, e não deu tempo de arrumar a casa. Depois, Gabriel e eu dormimos, cansados, e só acordamos há pouco tempo. Bem, só vou terminar de colocar as coisas dele na bolsa e já saímos.

- Não se apresse, temos o dia todo.

Minutos depois, pegamos estrada e seguimos para o borboletário, que ficava a mais de trinta quilômetros dali. Fui no banco de trás com Gabriel, sentado na cadeirinha, e conversamos bastante. Ele queria principalmente saber de Romeu e também sobre nosso passeio. Gabriel era um amor de menino, calmo e educado como o pai.

Algum tempo depois, avistamos a fachada imponente do parque e entramos no borboletário. Nós dois segurando a mão de Gabriel, que fazia questão de segurar a mão do pai de um lado e a minha do outro. O garoto ficou maravilhado com o lugar logo na entrada, rindo o tempo todo. Assim que entramos, soltou nossas mãos para correr atrás das borboletas. Era um cenário espetacular, enfeitado pelo colorido das borboletas!

Aproveitamos para caminhar juntos e visitar o laboratório de criação de lagartas, que, depois da metamorfose, se transformariam em lindas borboletas. Havia mais de três mil delas ali! Victor explicava tudo com paciência para o filho, que escutava

atentamente o pai, curioso com tudo o que via. Visitamos quase todas as instalações do parque e nos divertimos muito. Depois almoçamos e ficamos sentados na grama, sob a sombra das árvores, com Gabriel dormindo no meu colo, enquanto conversávamos.

À certa altura, Victor comentou sobre a semelhança entre o circuito de obstáculos e o arvorismo oferecidos pelo parque com os exercícios que praticava no Exército.

- Então, você é militar? - perguntei, passando a mão em seu cabelo curtíssimo. Ele segurou minha mão, puxando-a para si.

- Tecnicamente, sim, já que faço parte do batalhão, mas não vou às ruas; sou interno, enfermeiro do hospital da polícia. E você? Por que florista?

- Nem sempre fui florista. Era bancária, formada em Administração, mas um dia resolvi mudar tudo e decidi trabalhar com flores, descobrindo também minha verdadeira vocação. Estou no ramo há alguns anos, e no ramo da alimentação há um pouco mais de tempo. Os estabelecimentos que você já conhece, a floricultura e o bufê, ficam nos fundos da minha casa...

- Então o casarão da rua de trás é seu? - interrompeu ele, surpreso.

- Sim, eu e minha mãe, minha irmã, meu cunhado e meus sobrinhos moramos lá já faz alguns anos.

Enquanto conversávamos, Gabriel acordou, parecendo incomodado com o calor.

- Acordou - disse Victor, olhando para ele, que esfregava os olhinhos e se espreguiçava em meu colo. - Quer ir para casa, filho?

- Quero - disse Gabriel.

- Parece que ele já decidiu - falou Victor, me olhando. - Vamos? Ou quer ficar mais um pouco?

- Vamos, sim, já está ficando tarde - eu disse, já começando a me levantar.

Quando chegamos à casa de Victor, ele me pediu que entrasse, pelo menos até Gabriel dormir. Eu aceitei, pois desejava ficar um pouco mais com eles.

Ao entrar em casa, Gabriel despertou de vez e quis brincar, por isso fiz companhia a ele, sentada no sofá. Ele foi logo pegando vários brinquedos, colocando-os ao redor e ligando a TV ao mesmo tempo.

- Se precisar ir, tudo bem, Yasmin - disse Victor, olhando-nos e sorrindo, ainda de pé.

- Posso ficar mais um pouco. Vou fazer companhia a ele, que continua eufórico por causa do passeio.

- Já, já ele se acalma e dorme - falou, sentando-se ao meu lado e observando o filho brincar. - Você leva jeito com criança. Ele não se acostuma com quase ninguém, e, com você, não houve problema, foi familiaridade imediata.

- Tenho dois sobrinhos quase adolescentes que moram comigo desde bebês, então aprendi um pouco. Bem, que bom que ele gostou de mim. Também gosto muito dele.

- Que bom, já que você vai ficar por perto; pelo menos, queremos isso - disse, parecendo incerto, mas não respondi e ele se dirigiu ao filho. - Que tal um banho agora, Gabriel?

- Não! Quero brincar com a Yasmin!

- Eu sabia que seria difícil levá-lo agora para um banho... Você se importa se eu for? Prometo que não demoro. Estou muito suado.

- Claro, pode ir. Fico com ele. - Victor me deu um beijo no rosto e se levantou do sofá, seguindo para o interior da casa.

Alguns minutos depois, retornou de roupa limpa, banho tomado e muito cheiroso; dava para sentir seu aroma delicioso a distância. Entrou na sala e olhou para o filho, que dormia em meu colo.

- Ele dormiu - disse, olhando em seguida para mim.

- É, estava muito cansado. Foi só relaxar e pegou no sono.

- Desculpe por estar me aproveitando de você, deixando que cuide dele sozinha - falou, pegando o filho no colo. Depois, saiu com Gabriel para o interior da casa, para o que parecia ser o quarto dele, e eu o segui.

- Não foi nada - eu disse, enquanto ele colocava Gabriel na cama. Lancei um olhar rápido pelo quarto, vendo que era muito bonito, arrumado, limpo e organizado.

Logo que colocou o filho na cama, ele voltou a me dar atenção, virando-se para mim. Quando o fez, ficamos muito perto um do outro. Ele ficou parado, olhando-me por um segundo, e fiquei sem reação; sem querer, olhei para Gabriel, que dormia.

- Ele não vai acordar agora, tem sono pesado - falou Victor, como se me dissesse que teríamos privacidade.

Victor segurou minha cintura, mas continuei sem ação, porque, mesmo indecisa sobre o que faríamos, queria muito os carinhos dele, queria saber o gosto do seu beijo; meu corpo inteiro pedia por isso. Desejava aquele contato físico, queria que ele me segurasse com firmeza e me beijasse com ardor, e foi o que ele fez, como se ouvisse meus pensamentos. E eu permiti; deixei seus lábios tocarem os meus, depois sua língua tocar a minha, dando-me sensações fortes logo de imediato. Coração acelerado, pele arrepiada, respiração ofegante, excitação. Aprofundando o beijo, ele me apertou em seus braços, mas, como eu já esperava, meus pensamentos voltaram no tempo e foram direto às minhas doces lembranças do passado. Num instante, eu já não estava mais ali, e sim pensando em Sam. Não achei justo com Victor e me retrai. Ele parou de me beijar, lentamente, ainda tocando meus lábios, até que o contato cessou.

- Desculpe - eu disse, olhando para Victor, que me encarava sem entender minha reação, já que eu parecia assustada.

- Você não gostou?

- Mais do que deveria.

- Fiz algo errado, então, fui rápido demais?

- Não, não é isso. Foi maravilhoso. Não é você, Victor, sou eu. - Eu me sentia triste, com vontade de chorar. Queria ir embora.

- Você está triste.

- Por isso queria que fôssemos amigos e desejava ir com calma. É uma longa história, que não lhe contei ainda.

- Quer falar sobre isso?

- Sinceramente, não. É bem provável que me deixasse ainda mais triste, e você não merece ver isso. Se não se importar, gostaria de ir embora. Preciso de um tempo para pensar em tudo o que aconteceu entre nós. Não quero magoar você, nem Gabriel, que parece estar se apegando. Então, preciso pensar, antes que eu estrague tudo - eu disse e fiz menção de sair, e ele me seguiu. Quando estava perto da porta, ele me segurou.

- Espere, não vá assim. Fale alguma coisa, senão vou ficar preocupado.

- Não se preocupe, é coisa minha.

- Posso te ligar ou aparecer?

- Me dê uns dias, está bem? Logo, logo as coisas vão se acalmar e a gente vai conversar, está bem? Pode fazer isso por mim?

- Tudo bem. - Ele continuou segurando meus braços, o rosto bem próximo ao meu. Depois, beijou minha face e me soltou, abrindo a porta para eu sair. - Vou esperar, respeitar seu tempo. - Fiz um carinho em seu rosto e parti, quase correndo, com o coração triste, sobretudo por deixar Victor daquele jeito, sem uma explicação, mas não tinha condições de dizer nada naquele momento; precisava ficar sozinha.

Saí levando as lembranças de Sam, muito vivas em minha mente, de todos os momentos que havíamos passado juntos. Lembrava-me dos nossos beijos, das vezes em que fizemos amor; via o seu sorriso, sentia sua pele em mim.

Fazia muito tempo que me condicionava a não pensar em meus sentimentos e já nem me lembrava de como era ser tocada por um homem. Mas ali, com Victor me beijando, e de uma forma tão intensa, todas as minhas lembranças haviam sido ativadas, as boas e as ruins, e aquilo me deu uma grande tristeza. Precisava de um tempo para mim, então fugi, como já sabia que aconteceria.

• CAPÍTULO 29 •

AINDA VEJO AQUELA MOÇA TRISTE

*Temos rotas a seguir
Podemos ir daqui pro mundo
Mas quero ficar porque
Quero mergulhar mais fundo
Só de me encontrar no seu olhar
Já muda tudo.*

– Seu Jorge, “Seu Olhar”.

O começo da semana foi angustiante. Não liguei para Victor, apesar da vontade que senti, nem ele me ligou, com certeza respeitando meu tempo. Queria falar com ele, queria muito, mas algo dentro de mim me impedia, talvez por receio de fazê-lo sofrer, já que sabia que meus fantasmas pessoais não me deixavam ser totalmente feliz. Sentia medo, medo de ser como antes, de me ver realizada e perder tudo. Não aguentaria passar por nada parecido de novo, por isso me retraía. Era como dona Isolda havia me falado certa vez, que é possível ser feliz depois que algo assim acontece,

ainda que não plenamente. Isso jamais havia saído de minha cabeça. Por certo, não estava pronta para ser feliz.

– Yasmin, você devia ser menos dura consigo mesma, minha amiga, permitir-se ser feliz – disse Talles, ao telefone, logo que liguei para ele, ao entrar na floricultura. – Sabe que isso é possível com ele, e ele também precisa disso, de uma nova chance no amor.

– Eu sei, Talles, mas ainda não consigo; só o que consigo é ficar um pouco distante, como se assim eu pudesse me manter segura da dor. E tem mais, a dor dele, tudo por que passou, também foi muito forte, e não quero que ele sofra. Por tudo isso, talvez seja melhor pensarmos um pouco. Somos duas pessoas marcadas pelo sofrimento, não podemos ignorar isso; não podemos ser as muletas um do outro. Precisamos de mais do que isso para que dê certo. Mas logo vamos conversar. Não sei onde essa conversa vai dar, mas vamos ter que passar por ela.

– Acho que vocês já são muito mais; vejo amor nisso, mas só vocês podem decidir. Bem... e quanto a você, como está aguentando a distância? Não está com saudade? E o beijo, como foi? Você ainda não me disse.

– Sinto muita saudade, e vou acabar cedendo. Quero saber como ele está e como Gabriel está também. Sinto falta dos dois, meu amigo. O beijo? Bem, o beijo... – Suspirei, e Talles apenas aguardou do outro lado da linha. – O beijo foi maravilhoso! Nunca pensei que fosse gostar tanto. Isso também é motivo para me manter longe. Se tivesse sido ruim, se eu não sentisse tanta saudade, se não soubesse que poderia se transformar em algo mais forte, acho que seria mais simples. Mas não é; sei que parece incoerente, porém a felicidade que sinto que ele pode me dar me assusta demais.

– Nossa! Que paradoxo o seu. E Mel, já falou com ela? O que ela pensa disso tudo?

– Sim, já conversei com Mel e ela me disse que, diante do trauma pelo qual passei, é normal ter medo de me relacionar. Mas que,

quando as ideias se organizarem dentro de mim, dando o tempo de que meus sentimentos mais profundos precisam, vou melhorar. Disse que vou saber o que fazer, no momento certo, e que com certeza não vai ser apenas uma decisão diante do trauma e por medo, mas uma decisão segura, que expresse de verdade o que eu desejo.

– Acho que ela tem razão. Ela sempre teve razão, Yasmin, e trouxe você de volta quando tudo parecia perdido. Então, acho melhor confiar nela e respeitar seu tempo, que as coisas vão melhorar.

– Só espero que esse meu tempo não seja muito longo. Victor não merece passar por isso; ele é um bom homem, Talles.

No final da semana, diferentemente do que pensava, estava ainda mais tensa, com muita vontade de falar com Victor, de ligar para ele. Já havia decidido fazer isso até o final do dia; queria ter notícias, dele e de Gabriel, mesmo que ainda não me sentisse pronta para decidir nada sobre nós.

Porém, ao contrário do que pensei, não foi preciso entrar em contato com ele, pois, perto da hora do almoço, Romeu começou a cantar e meu coração me avisava que Victor estava chegando. Do balcão da loja, olhei para a porta, no mesmo momento em que Victor passou por ela. Entrou e parou diante de mim, do outro lado do balcão, sem nada falar por um segundo, apenas me olhando. Eu também o olhei; estávamos com saudade, isso era claro. Depois de alguns segundos, ele me disse:

– Precisava ter notícias suas, Yasmin. Diga-me se está bem e vou embora. – Victor estava sério; não exibia o sorriso descontraído que sempre carregava no rosto, e percebi que pensava da mesma forma que eu, pois, mesmo respeitando meu tempo, ainda assim necessitava de notícias.

Romeu continuava cantando, porém mais baixo – um canto bonito, indefinido, mas agradável, e sempre o mesmo canto das

outras vezes, como um aviso da chegada de Victor.

– Também queria saber notícias suas e já ia ligar para você. Então, sua visita foi meio que transmissão de pensamento. – Ele sorriu, parecendo aliviado. – Vamos entrar um pouco? Aí conversamos e você me fala como você e Gabriel estão.

– Tudo bem, vamos, sim. – Eu saí de trás do balcão e puxei a mão dele para me seguir até o interior da loja, levando-o em direção à estufa.

– É bonito aqui – disse Victor, passando pelas centenas de flores da estufa.

– É meu cantinho especial – falei, chegando ao meu escritório e abrindo a porta de vidro para ele entrar. – Entre. Fique à vontade. – Ele pegou uma cadeira e se sentou diante da minha mesa. – E então, conte-me como está Gabriel.

– Sentindo sua falta. – Olhei triste para Victor. – Desculpe, não quero deixá-la triste; sei que sente com tudo isso, mas é verdade. Gabriel, mesmo em tão pouco tempo, já ama você, Yasmin. – Ele continuou falando, e eu deixei; não o interrompi. – As aulas dele começaram e ele está na fase de adaptação. Bem, sempre pergunta por você, quer saber quando vai voltar. Ele carrega seu cartão no bolso do uniforme da escola; não aceita que eu o tire de lá – disse e riu para si mesmo. – Falei para ele que você vai passar uns dias longe, mas que logo vai vê-lo...

– Pare, Victor, por favor – interrompi –, dói demais saber que ele sofre, porque é isso que me parece, e é justamente isso que quero evitar.

– Então, não fique longe – pediu, olhando-me de um modo profundo, como só ele sabia fazer.

– Estou tentando, meu querido, mais do que possa imaginar, mas é mais forte do que eu. Preciso estar certa sobre o que devo fazer, sobre meus sentimentos, para que vocês não sofram por minha

causa. Não é justo. A dor é minha, e não posso envolver você nisso.

– Victor ficou um pouco em silêncio, mas por fim acrescentou:

– Já faz alguns dias que quero lhe perguntar algo, Yasmin, mas tenho dúvida e não quero que sofra ainda mais do que vejo que já sofre.

– Pode perguntar. Se não souber ou não puder responder, serei sincera com você.

– Bem, a forma como você saiu da minha casa, tão abalada, não me pareceu normal. Era como se não pudesse ou não tivesse condições de assumir um compromisso. Para mim, também não é fácil, você sabe, mas parece que é ainda pior para você. Você não quis me contar o que aconteceu no passado, mas me disse que sua história também é triste. Tenho me lembrado de um fato, algo realmente triste, e gostaria de saber se isso tem a ver com você.

– Não estou entendendo, Victor. Seja mais específico – pedi.

– Há alguns anos, presenciei um fato que aconteceu a uma moça, algo muito triste, ocasião em que a ajudei a vestir o corpo do marido dela, morto. Essa moça estava destruída e sofreu imensamente por ela naquele momento – disse Victor, e minhas lágrimas começaram a descer pela face, fazendo-me voltar no tempo. Passei a me lembrar do rapaz que havia me ajudado a vestir Sam. Mas não conseguia me recordar de seu rosto, apenas de sua bondade e compaixão. E, vendo meu choro, meu desespero, ele soube que a moça da qual falava era mesmo eu. Então, puxou sua cadeira para mais perto e segurou minhas mãos, dando-me também um leve beijo nos lábios, molhando os dele com minhas lágrimas. Não rejeitei, e ele continuou a falar, relatando a parte dele na história, enxugando minhas lágrimas com uma das mãos.

– Aconteceu em Fortaleza. Eu morava lá na época; meus pais são do Ceará. Estava entrando para o hospital da polícia, mas ainda dava plantão no hospital municipal. Era você a moça, então – afirmou.

– Sim – eu disse, quase sem voz. – Desculpe, não o reconheci, Victor. Não via nada na minha frente naquele dia, era só tristeza. Não me lembro do seu rosto, só da sua compaixão, da bondade daquela pessoa que me ajudou num momento de dor.

– Eu também quase não a reconheci; você está muito diferente. É outra pessoa, eu diria. Mas, quando olho no fundo dos seus olhos, ainda vejo aquela moça triste. Passei uns dias tentando me lembrar de onde a conhecia; às vezes me pego sem conseguir parar de pensar em você, e, quando chorou em minha casa, quando saiu daquele jeito, lembrei-me da cena, que veio inteira em minha mente. Já faz muitos anos... – disse ele, parando por um segundo, depois continuou: – Mas parece que você ainda carrega aquela dor. E por isso não consegue seguir adiante.

– Não é por isso, Victor.

– E por que, então?

– Medo. Medo de ser feliz de novo. – Ele pareceu entender.

– E acha que não sinto o mesmo? Não é fácil para mim também. Sei que foi pior para você, e, sinceramente, gostaria muito de conhecer sua história, mas vejo que não tem condições de me dizer isso hoje. E não quero deixá-la ainda mais triste, fazendo-a reviver o momento. Você não esperava, foi uma surpresa, eu sei, o fato de que, de certa forma, eu conheça sua história. Mas gostaria que me falasse, pelo menos de você, de como se sente com relação a nós, se há alguma esperança. Será que podemos conversar depois?

– Claro. Eu preciso conversar com você, na verdade. Quero lhe contar essa história toda, mas não agora; preciso ficar um pouco sozinha, se não se importa.

– Posso ligar pra você?

– Eu ligarei, meu querido. Conversaremos no início da semana. Vou estar bastante ocupada neste final de semana com o casamento de Cíntia, que você conheceu no bufê. Mas, na segunda-

feira, podemos marcar um encontro na sua casa ou na minha, aí teremos uma boa conversa.

– Não fuja – ele disse, e me deu outro beijo nos lábios. – Sinto sua falta, e Gabriel também. Podemos dar um jeito nisso, acredite. E sinto muito, muito mesmo por você ter passado por tudo aquilo.

– Vou tentar. Obrigada. – E o puxei para um abraço. Estava triste, lembrando-me do passado e pensando em um futuro que não sabia se conseguiria aceitar. Victor me abraçou também, beijou meu rosto e depois saiu.

Fiquei olhando enquanto ele atravessava a estufa e deixava a loja. Senti vontade de chamá-lo e dizer que queria deixar o passado no passado, que não queria pensar em mais nada do que havia acontecido e desejava seguir com ele em busca de uma nova história. Mas sabia que não podia fazer isso, já que o passado ainda me assombrava, impedindo-me de ser feliz de novo. Por isso, eu o deixei partir.

Chorei um pouco, aguardando alguns instantes até me acalmar. Depois, segui para a loja, mas não fiquei lá; precisava ficar sozinha. Apenas avisei Jéssica de que iria para casa e saí.

Já em casa, depois que tomei um banho e mamãe me levou um chá, com a desculpa que dei de que estava com enxaqueca, fiquei deitada na cama e liguei para Talles. Assim que comecei a falar do que havia acontecido, ele quis me encontrar, mas eu disse ao meu amigo que queria apenas conversar por telefone mesmo, e que depois conversaríamos com mais calma pessoalmente. Ele entendeu.

Mas precisei de Mel ao meu lado. Minha irmã tinha acompanhado tudo de perto, conhecia em detalhes minha dor e precisava saber dela, até mesmo como profissional – o que achava daquilo, da coincidência de eu e Victor termos nos conhecido no passado e nos reencontrado no presente. De nossas histórias serem parecidas, envolvendo perdas, mas que, apesar das dores, sentíamos algo um

pelo outro e tínhamos esperança no futuro. Para Talles, tudo aquilo era destino – dois destinos que haviam se cruzado na dor e se reencontrado para viver em paz. Mas eu não era Talles e não acreditava realmente naquilo.

– Victor é o enfermeiro que a ajudou em Fortaleza?

– Sim – afirmei.

– Meu Deus, que loucura, que mundo pequeno! – disse Mel, quando contei sobre a coincidência. E, para que ela entendesse a dimensão dos fatos, tive que contar sobre a vida dele, a dor dele, que era semelhante à minha. Mas não entrei em detalhes, falei apenas de modo superficial.

– Pois é, e agora estamos de novo no mesmo lugar, mas com nossas histórias se cruzando. Fiquei muito nervosa quando ele me falou e voltei no tempo, lembrando-me da cena, mas não pude reagir, contar minha história para ele.

– Bom, se quiser ter alguma esperança de que podem ficar juntos um dia, ainda que seja como amigos, você vai ter que contar. Ele precisa saber dessa sua história, até mesmo para saber ao certo se pode segurar a barra, caso você fique triste com as lembranças, como foi o caso. Será que ele consegue entender isto? O tamanho do seu amor do passado, e que pode ser que nunca o esqueça, mesmo que venha a gostar de verdade dele?

– Não sei. Mas já estou ciente de que vamos ter que conversar sobre tudo isso.

– De qualquer forma, Yasmin, você não pode mais viver assim, assombrada pelas dores do passado. Claro, você não esperava que Victor tivesse participado disso; preferiria que fosse algo completamente diferente, distante daquele passado. Mas, infelizmente, não foi, e você, se gostar desse rapaz, vai ter que aprender a conviver com as lembranças e tudo o mais em torno de sua história. Victor me parece um ótimo rapaz, demonstrou amizade, compaixão, no passado e agora, e vejo que gosta de você,

caso contrário, não estaria mais por perto; já teria pulado fora desde a primeira dificuldade. Mas ele ficou e continua insistindo. Então, creio que ele goste mesmo de você, e sei que também não é indiferente a ele.

– Você tem razão, Mel, toda a razão.

Dormi um sono confuso naquela noite, cercado de muitas imagens do passado. Não era propriamente sonho, mas como se, mesmo dormindo, eu estivesse acordada, sem conseguir me desligar.

Na manhã seguinte, no sábado, acordei exausta, mas precisava dar um jeito de estar disposta. O casamento de Cíntia seria no domingo e, durante o sábado inteiro e a manhã de domingo, tanto os funcionários do bufê quanto da floricultura iriam trabalhar em função da festa e da cerimônia religiosa.

Sendo assim, tive a desculpa perfeita para ficar com minha mente ocupada durante um fim de semana inteiro, para tentar não pensar quase exclusivamente em Victor, embora soubesse que isso de nada adiantaria.

• CAPÍTULO 30 •

ACHO QUE AMO VOCÊ

*Amar é um deserto e seus temores
Vida que vai na sela dessas dores
Não sabe voltar, me dá teu calor
Vem me fazer feliz porque eu te amo
Você deságua em mim, e eu, oceano
Me esqueço que amar é quase uma dor.*

– Djavan, “Oceano”.

Como havia previsto, ainda que tenha tentado mudar o foco dos meus pensamentos, durante todo o final de semana, apesar de toda ocupação e emoção em decorrência do lindo casamento de Cíntia, Victor não saiu da minha cabeça. Havia decidido conversar com ele, contar minha história. Precisava explicar como me sentia e falar da necessidade que tinha de ter um tempo para colocar a cabeça no lugar.

Assim, na segunda-feira, cheguei um pouco mais animada na floricultura, já pensando em entrar em contato com ele no decorrer do dia, para que pudéssemos conversar.

Talles, que havia ficado distante de mim no final de semana, acompanhando Suzana em uma viagem de negócios, havia retornado e apareceu na loja ainda pela manhã.

- Depois que me contou por telefone a história toda, fiquei pensando em tudo isso, em como o encontro de vocês era coisa do destino - disse Talles, recostado ao balcão da floricultura. - Acredite, nada é por acaso. Você já parou para pensar em como a história de vocês é parecida? Em como tiveram que se encontrar no passado e agora também, depois que cada um teve que viver um grande amor e uma grande dor? Vocês precisam um do outro, Yasmin. Esse me parece ser o verdadeiro sentido de toda essa história. Talvez a grande história de amor de vocês seja esta, e não a do passado, porque esta é a que provavelmente vai trazer a paz de que precisam...

- Sabia que ia dizer isso, Talles - interrompi. - Impressionante como você crê de verdade em destino.

- Porque faz sentido - afirmou. - Você já devia ter percebido isso, diante de tudo o que aconteceu em sua vida.

- Não sou tão espiritualizada assim. Mas não posso negar a imensa coincidência de ter encontrado Victor em dois momentos tão diferentes da minha vida. E foi uma boa coincidência, já que ele foi bom para mim nessas duas ocasiões.

- "Coincidência"... - repetiu ele, balançando a cabeça e sorrindo.

Depois que Talles saiu da loja, antes do horário do almoço, eu estava decidida a ligar para Victor ou deixar um recado no seu celular. Porém, quando peguei o celular para fazer isso, ele tocou. Era um número desconhecido e, embora não costumasse atender a essas chamadas, acabei atendendo.

- Alô? - eu disse, parando diante da mesa de exposição no centro da loja.

- Dona Yasmin? - perguntou a voz feminina do outro lado da linha.

- Sim, pois não?

- Aqui é Mércia, coordenadora da escola de Gabriel. A senhora o conhece? Pode falar agora?

- Sim, claro - respondi, já nervosa, com o coração acelerado. Era estranho receber uma ligação sobre Gabriel; não esperava. - Conheço. Tudo bem com ele?

- Ele está bem, mas se machucou aqui na escola e chora muito.

- E o pai dele, Victor, não ligaram para ele? Como está Gabriel? Vou para aí já...

- Calma, senhora - disse a coordenadora, me interrompendo. Estava realmente nervosa, apavorada só com a possibilidade de Gabriel estar machucado. Sentia uma dor no peito, uma vontade de vê-lo, de colocá-lo no colo, de ter certeza de que estava bem. - Está tudo bem com Gabriel - repetiu ela, percebendo minha aflição.

- O que aconteceu com ele? Pode me explicar melhor? - perguntei, ansiosa.

- Ele caiu no parquinho e machucou superficialmente o queixo; sangrou um pouco, mas já parou. O fato é que ele está inquieto e chama pelo pai e por você. - Senti uma imensa vontade de chorar ao ouvir sobre a dor de Gabriel, e já estava correndo pela loja, pegando a bolsa e a chave do carro para ir ao encontro dele. - Já ligamos várias vezes para o pai e não conseguimos falar com ele. Encontramos seu telefone no bolso de Gabriel, um cartão seu, e ele pede que a chame.

- Por favor, me dê o endereço que já estou indo para aí. Não demoro, já estou de saída.

Depois que a coordenadora me deu o endereço da escola, não pensei em mais nada, só em encontrar logo Gabriel. Estava

preocupada com ele; me angustiava saber que estava sozinho em uma escola nova, machucado e sem o pai por perto.

Ao entrar no carro, olhei o endereço de novo, vendo que não era longe e que conhecia o lugar. Então, segui às pressas em direção à escola. Tentei me acalmar no caminho, já ligando também para Victor, mas ninguém atendia. Sem conseguir falar com ele, deixei uma mensagem de texto em seu celular, explicando mais ou menos a situação e dizendo que estava indo ao encontro de Gabriel.

Quando cheguei à escola, segui direto para a coordenação, pedindo que me levassem até o menino, e a coordenadora me levou até a sala de repouso, onde tentavam acalmá-lo.

Quando entrei na sala e vi Gabriel chorando, quase caí no choro também. Eu me aproximei dele, que estava em uma caminha, com várias pessoas ao redor dele. Ao me ver, logo estendeu os braços para mim e corri para abraçá-lo. Ele chorava muito e comecei a chorar também.

- Calma, Gabriel. Estou aqui, não chore mais, meu amor - disse, tentando libertá-lo do abraço, mas ele estava agarrado ao meu pescoço, apertando-me com força.

- Pra casa, Yasmin, quero ir pra casa - pediu Gabriel, desesperado. - Está doendo - falava, colocando a mãozinha no queixo e chorando. Não suportava ver a dor daquela criança; era torturante. Queria poder trocar de lugar com ele, mas só o que podia fazer era acalmá-lo.

- Eu sei, querido, que está doendo, mas vai passar, e logo levo você para casa. Mas deixa a titia ver seu machucado, meu amor? - pedi, e ele, mesmo chorando, me largou do abraço, só olhando para mim, as lágrimas descendo por sua face.

Nesse momento, olhei para ele com ternura, tentando parecer calma, e entendi o que Victor havia me falado quando disse que se apaixonara por ele no instante em que o olhara e o vira indefeso.

Ali, ao ver que Gabriel sofria, que sentia dor, percebendo que ele dependia de mim, meu coração se encheu de amor. Enxuguei as lágrimas dele com o lençol da cama e sorri, para tentar tranquilizá-lo, enquanto observava o corte em seu queixo, que ainda sangrava. Depois, olhei para a coordenadora.

– Acho melhor levá-lo ao hospital para ver esse corte. Tem problema se eu o levar? Vocês podem permitir? Ele confia em mim, e o pai dele pode demorar.

– Não é a norma da escola deixar que a criança saia sem a autorização do responsável, mas, no cadastro de Gabriel, seu nome consta na lista de pessoas conhecidas confiáveis. Então, dadas as circunstâncias, vou liberá-lo. Peço apenas que deixe seus dados, endereço para contato, e nos informe sobre a situação dele.

– Está bem – disse, já anotando tudo em uma página da minha agenda. Depois, rasguei a folha e a entreguei à coordenadora. Em seguida, voltei a falar com Gabriel: – Pronto, meu amor, você quer ir comigo agora? – perguntei, e ele balançou a cabeça afirmativamente, já abrindo os bracinhos para ir no colo.

Saí da escola carregando Gabriel nos braços. Coloquei-o no banco traseiro do veículo, tentando adaptar o cinto, já que não tinha cadeirinha. Ele já estava mais calmo, mas o ferimento ainda sangrava um pouco e a roupa dele estava toda manchada de sangue. Estava apavorada por vê-lo assim, mas tentei ficar calma; precisava deixá-lo tranquilo e seguir para o pronto-socorro infantil mais próximo.

Chegando lá, o pediatra em atendimento achou melhor suturar o ferimento, para que não abrisse mais. Não sabia detalhes sobre Gabriel, mas a escola me forneceu a ficha particular dele, e não constavam alergias a nenhuma medicação ou alimentação. O médico informou que então não teria problema, visto que a anestesia para a sutura seria local, e confiei nele. Segurei a mãozinha de Gabriel, que aceitou os cuidados do médico, mas só se

eu ficasse perto dele. Ele chorou com a picada da anestesia, mas foi muito corajoso, ficando o tempo todo em meu colo, com a cabecinha pousada em meu peito.

Quando fomos liberados, já mais aliviada e menos nervosa, depois de o médico me garantir que Gabriel ficaria bem, pude refletir sobre toda a situação. Antes, agira por instinto, tentando acalmá-lo; queria cuidar de seu ferimento, fazer passar sua dor. Mas, depois, já mais calma, comecei a pensar no que faria com ele. Victor não estava em casa, então resolvi levá-lo para a minha. No caminho, enviei uma mensagem para Victor, para que soubesse que estava indo para a minha casa e que o filho estava bem.

Quando cheguei em casa, tive que explicar tudo a mamãe, que logo tratou de conseguir uma roupa limpa de um dos meus sobrinhos para o Gabriel. A blusa ficou um pouco grande, mas ajudou. No início, Gabriel relutou em vestir a roupa, mas pedi que confiasse em mim; disse que seria melhor tirar a roupa suja de sangue para lavar e ele aceitou.

Depois, segui para meu quarto com ele, onde ficamos conversando um pouco. Gabriel olhava para a casa, curioso, dizendo que era bonita, e contei a ele um pouco sobre o lugar e sobre Romeu, distraíndo-o. Fiquei com Gabriel no colo quase o tempo todo, como se ele precisasse dessa proteção, e também senti isso, essa necessidade de protegê-lo.

Alimentado e mais calmo, Gabriel dormiu em meu colo, dizendo “eu te amo, Yasmin”, antes de pegar no sono. Emocionei-me com seu sentimento, tentando segurar as lágrimas; estava mesmo nervosa com tudo o que havia acontecido e mais emotiva que o normal. Olhando para ele, vendo-o dormir, percebi o quanto já o amava também. Mas senti, como já previa, um pavor imenso de que meu amor pudesse prejudicá-lo.

O amor era motivo de felicidade, mas a felicidade me assustava; não suportava a ideia da perda. E fiquei ali pensando, enquanto

olhava para ele. Mais calma, dei vazão aos meus sentimentos e me permiti chorar, mas era um choro de alívio ao ver Gabriel bem e saudável em meus braços.

Vendo que dormia profundamente, deixei Gabriel na cama e segui para a cozinha, para falar com mamãe, explicar melhor a situação.

– Como contei rapidamente, Gabriel é filho de Victor, aquele amigo com quem saí há uma semana – falei para ela, que me ouvia com atenção. – Hoje, a escola dele me ligou, dizendo que ele havia se machucado e que não tinham conseguido contato com o pai, mas que Gabriel pedia que ligassem para mim. Fiquei desesperada na hora. Gosto muito dos dois e quase não suportei ver Gabriel sentindo dor. Foi horrível, mamãe.

– Você gosta mesmo muito dele, filha. Seus sentimentos foram os de uma mãe. E não precisa se explicar tanto; entendo que tenha sido necessário trazer a criança para cá. Ele está bem agora. Vamos cuidar bem dele na ausência do pai.

– Obrigada, mamãe.

Não demorou muito, Victor chegou. Eu havia mandado uma mensagem para ele, dizendo que Gabriel estava bem e em minha casa, e que já havia se acalmado também. Ele estava nervoso quando o recebi na entrada de casa. Abraçou-me tenso e já foi logo pedindo para ver o filho.

– Quero vê-lo, Yasmin. Ele está calminho, está bem, está sentindo dor?

– Calma, Victor. Ele está bem, sim – falei, beijando seu rosto, depois que me liberou do abraço, e já peguei sua mão para que me seguisse ao encontro do filho, mas continuei falando enquanto andávamos: – Quando cheguei à escola, ele estava muito agitado, chorava muito, mas o acalmei. E me desculpe, mas tive que levá-lo ao pronto-socorro infantil, para ver o corte no queixo dele; estava

preocupada. Foi horrível vê-lo sentindo dor, mas já passou. Ele está bem e está dormindo agora – acrescentei, parando no corredor, no primeiro andar da casa, diante do meu quarto.

– Obrigado, Yasmin. Nem tenho palavras para agradecer sua dedicação e cuidado com meu filho. Eu estava trabalhando numa cirurgia longa e não podia atender ao celular.

– Não se preocupe, Victor, já está tudo bem – falei, segurando a maçaneta da porta do meu quarto e já a abrindo. – Olha ele ali. – E mostrei Gabriel dormindo tranquilamente em minha cama. Victor correu ao encontro do filho, sentando-se ao lado dele, na cama, e depois o abraçou. Nesse momento, Gabriel despertou, viu o pai e começou a sorrir.

– Papai, você veio me buscar? – falou Gabriel, esfregando os olhinhos, com sono.

– Vim, filho – disse Victor, olhando o menino com carinho e o abraçando com força, quase chorando. Nessa hora, vendo-o tão preocupado com Gabriel, vendo seu amor por ele, falei em pensamentos: “Acho que amo você, Victor”. Sentia em meu coração que o amava, e isso, apesar de maravilhoso, era assustador também.

Depois do abraço amoroso, Victor colocou Gabriel sentado no colo e observou o machucado.

– Ele levou pontos – falou, olhando para o curativo e depois para mim, que estava diante da porta observando os dois.

– Só dois pontos, para evitar que o corte se abra mais. E Gabriel foi muito corajoso, nem chorou.

– Sério, filho? E você está bem? – Ele queria ouvir do filho.

– Yasmin cuidou de mim, papai, e nem está mais doendo – falou, recostando a cabeça no peito do pai.

– Que bom. Yasmin foi muito boa para nós, filho, ela é uma boa amiga. Obrigado – disse Victor baixinho, olhando para mim, e em seguida voltou a falar com o filho: – O que você acha, então, de

convidar Yasmin para ir a nossa casa hoje, mais tarde? Quero fazer um jantar para ela, e você pode me ajudar.

- Eba! - falou Gabriel, concordando, mas estava sonolento, já quase dormindo no colo do pai. Victor se levantou com ele nos braços e perguntou para mim:

- Você aceita? Adoraríamos tê-la em casa hoje. Preciso lhe agradecer com mais calma.

- Claro. Estarei lá mais tarde - eu disse sorrindo, mais descontraída. Era bom ver que os dois já estavam bem.

Victor desceu as escadas com Gabriel nos braços e mamãe aguardava por nós na parte inferior da casa. Apresentei Victor à minha mãe, e ela falou com ele, antes de Victor deixar a residência.

- Ele é um doce de criança - disse minha mãe. - Que bom que está tudo bem com ele.

- Agradeço muito a hospitalidade de vocês. Sinto por estar conhecendo a senhora, dona Rosa, em uma circunstância como esta. Mas espero que tenhamos outras oportunidades.

- Não se preocupe com isso, filho. Com certeza, não faltarão oportunidades.

Os dois se despediram e acompanhei Victor até a saída da casa, que levava com ele Gabriel dormindo.

No portão, Victor se despediu de mim, beijando-me de leve nos lábios, e eu deixei. Combinamos o horário em que estaria com eles, beijei o rostinho de Gabriel, e Victor saiu.

• CAPÍTULO 31 •

O TEMPO E
A SAUDADE

*E por falar em saudade
Onde anda você
Onde andam os seus olhos
Que a gente não vê
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer.*

– Vinicius de Moraes e Hermano Silva,
“Onde Anda Você”.

Depois que Victor partiu, ainda conversei com minha mãe, que me deixou muito à vontade com relação aos meus sentimentos. Mamãe não costumava influenciar minhas escolhas, mas dizia o que pensava. Nesse caso, ela falou que gostara de Victor, mas pediu que eu escutasse meu coração, que tentasse me livrar dos meus medos para poder viver um novo amor.

Mel, que chegou logo em seguida, quis saber de todos os detalhes, e depois, como era de costume, quis me ajudar a me preparar para o encontro marcado.

Cheguei à casa de Victor por volta das dezenove horas. Como era um jantar feito especialmente para mim, resolvi caprichar um pouco mais no visual, colocando um vestido branco de alça, todo de renda.

Talvez porque lembrasse a minha terra, eu adorava renda, por isso costumava usar roupas desse material. Aproveitei para deixar de lado o tênis e as sandálias rasteiras, e os substituí por um sapato de salto. Com certeza, eu estava diferente, disposta a me arrumar para agradar Victor. Havia muito tempo não me sentia assim.

– Oi – disse Victor ao abrir a porta para mim, beijando-me a face e me olhando da cabeça aos pés. – Você está linda! – complementou. E Gabriel, que estava ao seu lado, já foi logo me abraçando pelas pernas.

– Yasmiiiiin! – disse ele, na sua voz aguda de criança, e eu me abaixei para abraçá-lo.

– Oi, meu amor. Você está melhor?

– Siiiiim – disse, e tocou seu queixo, mostrando-me o curativo. – E não está doendo. Vamos brincar? – falou, já me puxando para dentro de casa, onde havia vários brinquedos espalhados no tapete da sala. Victor só ficou olhando e rindo.

– Filho, acho melhor deixar a brincadeira para depois do jantar. Hoje é um jantar especial para a Yasmin, lembra?

– Lembro, mas você não quer brincar, Yasmin? – ele continuou insistindo.

– Sim. Podemos brincar um pouco, enquanto seu pai termina o jantar – falei e me sentei no sofá, perto dos brinquedos de Gabriel, que imediatamente começou a me mostrá-los.

– Desculpe – disse Victor, olhando-me com carinho. – O jantar está quase pronto. Com exceção da salada. Como você comeu só

salada no borboletário, não sabia exatamente do que gostava. Então, preparei um filé de frango com ervas e legumes. Mas, se não gostar, ainda dá tempo de preparar outra coisa.

– Frango está ótimo. Eu gosto, sim.

– Daqui uns minutinhos o jantar está pronto.

Enquanto Victor finalizava o jantar, fiquei brincando com Gabriel e me certifiquei de que ele estava bem mesmo. O dia tinha sido exaustivo e com certeza bastante estressante para ele. Não demorou muito, Victor nos chamou à mesa.

Jantamos tranquilamente, e Victor aproveitou o momento para falar dos pais, sobretudo do pai, que era pescador e morava na praia da Taíba, numa vila de pescadores do litoral cearense. Falou do esforço que seu pai havia feito para deixar Taíba, ir morar em Fortaleza e dar a Victor uma oportunidade melhor de estudos. Só depois de ver o filho encaminhado na profissão voltara para sua casa, na Taíba.

Segundo Victor, seu pai, embora gostasse do ofício de pescador e tivesse orgulho disso, não queria para ele o mesmo destino; queria que o filho escolhesse a profissão que desejava seguir. Falei também do meu pai, do seu amor pelo mar e pelas embarcações.

Após o jantar, Gabriel tentou resistir ao sono, mas, não aguentando mais, pois estava visivelmente cansado, acabou dormindo. Victor colocou-o na cama, retornando à sala em seguida.

– Ele vai dormir a noite toda agora. Provavelmente só vai acordar pela manhã – disse Victor, sentando-se ao meu lado no sofá.

– Deve ter sido difícil cuidar dele sozinho.

– Sim, mas cada momento ao lado dele é muito precioso para mim, e vale a pena todo o esforço. Queria poder ficar mais tempo com ele, mas é o melhor que posso fazer. Na verdade, já diminuí tudo o que podia da minha carga horária de trabalho para isso. Gabriel é muito sozinho, acho que sente falta de ter uma família

maior. Sente falta de uma mãe também, então preciso ficar o máximo de tempo possível com ele.

- Tenho certeza de que você dá o seu melhor. Gabriel é feliz, isso é visível, e o ama muito.

- Eu também o amo demais - disse ele, olhando-me com ternura. Depois, respirou fundo e voltou a falar. - E então, você está melhor? Fiquei preocupado com a forma como saiu daqui da última vez.

- Sim, e hoje, antes do acidente com Gabriel, já ia ligar para você, para conversarmos um pouco. Acho que está na hora de você conhecer a minha história, Victor.

- Tem certeza de que está pronta? Parece que isso a deixa muito triste, falar sobre o assunto...

- A ocasião em que nos vimos pela primeira vez - interrompi, tomando coragem e começando a contar a minha história -, naquele hospital em Fortaleza, foi o dia em que perdi o meu marido e, pouco tempo depois, o meu filho. - Respirei fundo e parei, já sentindo a mesma pressão no peito, o mesmo bolo na garganta, que tinha toda vez que tocava no assunto, relembrando minhas dores.

- Como aconteceu? - perguntou ele, me incentivando a falar.

- Conheci Sam ainda muito jovem e nos casamos em pouco tempo. Eu era muito feliz. Nós dois éramos muito felizes, na verdade, e nos amávamos muito. - Nesse momento, parei de falar, já afetada pela emoção, e meus olhos se encheram de lágrimas ao me lembrar de Sam.

- Se não quiser falar, entendo. Você sofre muito, Yasmin...

- Depois de alguns anos de casada - continuei -, engravidei. Estava com quase seis meses de gestação na ocasião em que perdi meu filho. - Minhas lágrimas começaram a descer pela face; não consegui mais segurá-las, e Victor me abraçou.

- Eu sinto muito, Yasmin. Não posso sequer cogitar o tamanho da dor de se perder um filho...

– Morávamos em Ipu, mas estávamos em Fortaleza na ocasião – continuei relatando, e Victor voltou a me dar atenção, olhando-me de frente. – Sam sofreu um enfarte, foi levado ao hospital ainda com vida, mas não resistiu. Eu pressenti isso, estava muito nervosa naquele dia. Aquele foi um dos piores dias da minha vida, e, no momento em que soube da morte de meu marido, comecei a passar mal, quase perdendo também meu filho. Foram dias terríveis os que se seguiram à morte de Sam. Eu estava arrasada, mas razoavelmente forte, porque tinha meu filho comigo. Porém, para completar minha tristeza, pouco tempo depois, já em Ipu, perdi meu bebê, e esse foi o outro pior dia da minha vida. Havia perdido os meus dois grandes amores, minha razão de viver.

Estava em pedaços por relembrar meu passado, por reviver aquela agonia. Minhas lágrimas não paravam de cair e percebi que Victor estava realmente preocupado. Não era nada fácil ter que relatar aquelas cenas; estava consumida pela dor, mas sentia que precisava fazer isso, sentia que tinha de continuar.

– Pare, Yasmin, é dor demais para ser revivida – disse ele, abraçando-me de novo. – Por favor, não continue, não precisa.

– Acho que preciso – eu disse, a voz rouca. – Preciso falar tudo agora, para não ter que reviver novamente em outro momento. Você precisa saber, Victor. – Parei de falar por alguns segundos. Permanecemos abraçados, e em seguida continuei: – Depois disso, nunca mais foi como antes; precisei mudar para sobreviver à dor, e precisei morrer também, por dentro, para superar a perda. Fiquei quatro meses em depressão, só conseguindo sair do buraco onde me encontrava quando minha irmã, Melissa, que é psicóloga, me ajudou. Ela se afastou do seu cotidiano por um tempo, com o apoio da nossa família, para viajar comigo. Mel queria que eu me distanciasse do lugar onde só havia lembranças e dor. Viajamos por um mês, e, nesse tempo, tive a companhia dela e do meu diário de

viagem, um caderno que Mel me deu para registrar meus sentimentos.

Parei de falar por alguns segundos, lembrando-me do passado. Em seguida, libertei Victor do abraço, e ele me olhou de frente, visivelmente penalizado com minha história.

– Sua irmã foi seu porto seguro, ao que parece.

– Sim, Mel me ajudou a caminhar por muito tempo. Não conseguia caminhar sozinha; estava destruída.

– Sinto muito, minha querida. Ninguém merece passar por tanta dor – disse ele, me olhando com carinho. Eu prossegui:

– Vivemos muitas emoções juntas, eu e Mel. Chorei na maior parte do tempo, e ela, uma fortaleza, enxugava minhas lágrimas com paciência. Não desistiu, nunca desistiu de mim, nem por um segundo. Quando eu tropeçava, Mel me levantava, colocando-me de novo em pé. Mas não foi só ela; todos me ajudaram, inclusive tive o apoio e a companhia daquele meu amigo da floricultura, Talles. Ele me mostrou São Paulo e me fez um convite para morar aqui. – Parei de falar mais uma vez, pensando naqueles que me amavam e que eu também amava. Respirei fundo e enxuguei minhas lágrimas, tentando recomeçar a falar.

– Estou ouvindo, continue.

– Larguei tudo em Fortaleza: trabalho, origens, passado, lembranças e vim para São Paulo há oito anos. Consegui comprar o casarão e viemos todos juntos, eu e minha família, sem dinheiro algum, mas cheios de esperança. Agarrei-me a essa esperança com unhas e dentes para tentar sobreviver. Alguns anos depois, trouxe também o bufê para cá, junto com alguns amigos, que estão comigo até hoje. Foram anos difíceis, em que trabalhei muito, incessantemente, para preencher o vazio dentro de mim, a ausência e a saudade. E, se não fosse pela minha família, minha irmã, principalmente, não teria resistido e teria me perdido em minha própria escuridão.

– Sua história é muito triste, ainda mais triste que a minha – falou Victor, voltando a me olhar, e havia lágrimas em seus olhos também. – Nem sei como consegui superar.

– Não superei, Victor, só tento continuar vivendo. Por isso, não sei se consigo prosseguir com nossa relação; não quero que essa dor seja sua também. Nunca encontrei ninguém que eu desejasse de verdade, depois de tudo o que aconteceu, mas aí você e Gabriel entraram em minha vida e eu fiquei confusa. Sentia-me segura em meu mundo, em minha redoma particular, e me sinto agora cheia de medos. Mas sinto também uma vontade louca de estar com você, de amá-lo como merece ser amado, sem fantasmas, mas não sei se consigo...

– Eu também desejo muito você, Yasmin, e a amo – disse ele, interrompendo-me, mas entendendo minhas palavras, meu desejo. Não me deu tempo para falar e já foi logo beijando minha boca com desejo. Correspondi de imediato. Eu o queria muito, então deixei que me beijasse, que me fizesse esquecer aquelas lembranças sombrias do passado. E ficamos assim, as bocas unidas, sentindo o gosto um do outro, misturado às nossas lágrimas. Sabia que Victor me queria, mas tinha dúvida de que não estivesse inteiro ali. Victor me beijava com saudade, e talvez sua saudade não fosse de mim; era como se relembrássemos nossas histórias. Mas, mesmo sentindo que não estávamos totalmente no presente, eu queria o amor dele, ainda que não fosse inteiramente por mim. Queria senti-lo, amá-lo, ainda que tivesse que deixá-lo. – Tem certeza? – perguntou ele, com os lábios nos meus, e parecia que lia meus pensamentos, sabia que não estávamos inteiros naquele momento, que havia dúvidas.

– Sim. – Ele me beijou mais uma vez, com ardor, por um longo tempo; estávamos cheios de desejo, não queríamos parar. Depois, olhou-me com carinho e, tentando se controlar, parou de me

beijar. – Mas não aqui – eu disse, sorrindo, tocando de leve seus lábios com os meus.

Nesse momento, Victor me deu a mão para acompanhá-lo, e eu o segui, saindo do sofá e caminhando em direção ao quarto dele. Entramos no quarto e ele fechou a porta, não me dando tempo para nada. Depois me levou até a cama, me beijando e começando a abrir meu vestido, sem parar de me beijar. Nada falei, apenas me deixei levar pelo momento, pelas sensações maravilhosas que sentia. Depois, ele me deitou com carinho na cama, ainda me beijando, e comecei a abrir a camisa dele.

Quando estávamos prontos um para o outro, completamente entregues aos carinhos e desejo que nos consumia, Victor me olhou com ternura, de uma maneira que só ele podia fazer, enxergando minha alma.

– Sou só seu agora, Yasmin – disse, sem tirar os olhos dos meus, com nossos corpos unidos, nossos rostos quase colados. – Estou inteiro aqui com você. – E me beijou carinhosamente, amando-me com intensidade, e só pude corresponder... aos beijos, aos toques, às carícias, sentindo seu corpo encaixado ao meu, sentindo seu amor. – Eu te amo – disse ele, quase em êxtase.

Naquele momento, fomos inteiramente um do outro, sem nossas lembranças, fantasmas, nossa dor. Éramos apenas nós ali, entregues ao amor e ao desejo que sentíamos.

Nós nos amamos pelo resto da noite. Quando acordei, com o dia começando a clarear e Victor ao meu lado, abraçado a mim, embora estivesse feliz pela noite maravilhosa que havíamos passado juntos, ainda estava repleta de lembranças, de dúvidas, principalmente por saber que o amava, mas tinha muito medo de ser feliz de novo.

Antes de Victor aparecer em minha vida, sentia-me segura e vivia com certa paz e alegria. Mas ali, vendo o amor dele e o meu próprio invadirem meu peito e minha alma, enchendo meu

coração do mais puro sentimento, comecei a me sentir sufocada. Não suportava a ideia de tamanha felicidade, depois de senti-lo em meus braços, os dois plenos de amor e desejo, fiquei apavorada e só o que consegui fazer foi fugir.

Olhei para Victor, que dormia tranquilo. Saí da cama, vesti a roupa com rapidez e procurei minha bolsa. Estava nervosa, assustada, com vontade de chorar, e não queria encará-lo, não queria deixá-lo triste. Bastava eu estar triste, não ele. Peguei meu caderninho de anotações dentro bolsa e escrevi um bilhete para ele.

Meu querido Victor,

Você me deu uma noite muito especial, e amei cada momento ao seu lado, amei ter você em meus braços. Mas tudo em você me mostra a felicidade que posso ter e da qual tenho medo.

Já sinto saudade, mas ainda preciso de um tempo – tempo para entender meus sentimentos e ter certeza de que posso fazer você feliz, assim como sei que você pode me fazer feliz.

Queria que fosse mais simples para mim, queria apenas seguir em frente, mas ainda não consigo.

Levo você em meu coração...

Com amor...

Um beijo,

Yasmin.

Deixei o bilhete ao lado da cama e olhei para Victor mais uma vez. Depois, beijei seu rosto e parti.

• CAPÍTULO 32 •

ADEUS

*Simplesmente aconteceu
Não tem mais você e eu
No jardim dos sonhos
No primeiro raio de luar
Simplesmente amanheceu
Tudo volta a ser só eu.*

– Ana Carolina e Chiara Civello,
“Simplesmente Aconteceu”.

Cheguei em casa e fui direto para o meu quarto, mas não voltei a dormir; era impossível. Sabia que Victor não merecia o que eu tinha feito, deixando-o sozinho depois da nossa primeira noite de amor.

Tomei um banho, troquei de roupa e depois fui para a cozinha. Não tomei café da manhã, apenas peguei uma fruta, beijei o rosto de minha mãe, que me olhou preocupada, e saí apressada, sem conversar, sem nada dizer sobre a noite que havia passado fora, sobretudo se estava bem. Minha mãe também nada perguntou,

embora soubesse que eu estava com Victor e que ele era o motivo do meu silêncio e da minha pressa.

Ao sair da cozinha, percebi seu olhar, que beirava a aflição. Ela sabia das minhas dores e dos meus medos, sabia que talvez eu não estivesse preparada para um novo relacionamento, por isso a preocupação. Mas eu não queria conversar, queria apenas ficar um pouco sozinha, então fui para a floricultura, antes mesmo do horário de expediente.

O dia começou e eu continuei me sentindo sufocada. Não liguei para Mel, não liguei para Talles, pois tudo o que desejava era ficar com meus pensamentos. Sinceramente, não sabia se me entenderiam, já que nem eu mesma estava me entendendo.

Já perto do horário do almoço, resolvi ir ao bufê. Não fui almoçar em casa, nem almocei no bufê; estava sem fome. Mas fiquei em uma das mesas no fundo da confeitaria, tomando um café. Não conseguia parar de pensar em Victor, e fiquei ali, mexendo o café frio. Por volta de uma hora da tarde, enquanto olhava a xícara quase intocada, Victor entrou na confeitaria. Avistou-me e seguiu na minha direção.

- Por que isto? - perguntou Victor, mostrando-me o bilhete que havia deixado para ele.

- Desculpe - foi só o que consegui dizer, e ele se sentou na cadeira ao lado da minha.

- Será que não foi tão bom para você como foi para mim? - perguntou.

- Não é nada disso, Victor. Foi maravilhoso...

- Então, não fuja, Yasmin. Vamos enfrentar isso juntos.

- Não é tão fácil, você viu o quanto ainda sinto.

- Também não é fácil para mim. Você não imagina como me senti quando acordei e vi que você não estava ao meu lado. Nunca me interessei por mulher nenhuma desde a morte de Isabela, e, quando a vi, meu mundo se iluminou de novo. Sabe, não foi fácil

aceitar esse sentimento, tentei rejeitar, fugir, do mesmo modo que você, mas estou tentando recomeçar. Você me libertou, mas me aprisionou também. Queria muito que fosse diferente – disse ele, e me senti muito triste vendo sua tristeza, vendo o quanto o faria sofrer se continuasse e percebendo ali que não era capaz de fazê-lo feliz.

– Eu me sinto aos pedaços, Victor, como se fosse um objeto com defeito, que funciona de vez em quando, mas que às vezes trava. Não acho que consiga fazer você feliz.

– Você já me faz feliz...

– Você não está feliz, meu querido. Vejo muita tristeza em você.

– Mas só porque você não permite que eu me aproxime. Não vou mentir para você: ontem, no começo, quando a gente estava se beijando e ainda não sabíamos se queríamos mesmo nos entregar um ao outro, eu me lembrei do meu passado. E, por um breve segundo, achei que não estivesse inteiro ali com você, mas foi só um breve segundo. Depois, percebi que não, que queria estar ali com você e só com você. E aí, quando acordei, feliz pela noite maravilhosa que havíamos passado juntos, você havia ido embora. Então, eu preciso saber, Yasmin.

– O quê?

– Você quer que eu me afaste de você, quer que eu não volte mais aqui, que desapareça da sua vida?

– Eu não sei, Victor.

– Isso é muito vago. Talvez você não goste de mim, talvez eu tenha me enganado.

– Mas eu gosto... e muito, muito mais do que deveria.

– Então, fique comigo, não me deixe ir embora.

– Você disse que me daria um tempo, que iríamos com calma.

– Mas não é mais tão fácil, principalmente por causa de Gabriel. Ele é muito pequeno e não entende isso de dar um tempo. Ele ama você agora e quer você por perto agora. Não posso deixar que meu

filho se magoe, Yasmin, preciso preservá-lo. Depois do episódio da escola, não posso deixá-la entrar e sair das nossas vidas assim. Vi que ele confia em você, que quer você junto dele, tanto quanto eu a quero junto a mim. Mas não posso esperar muito mais.

- Bom, parece que você já decidiu se afastar de mim.

- Por mais que eu saiba que essa é a coisa certa a fazer, principalmente pelo meu filho, ainda tenho esperança de que possamos ficar juntos. Não acho que foi em vão e penso de verdade que o que nos une é muito forte. O que aconteceu com a gente ontem, Yasmin, foi incrível, perfeito, e não acontece com todo mundo - ele disse, cheio de amor, e sorri de leve para ele, concordando. - Mas quero, sim, respeitar seu tempo, por isso gostaria de dizer uma coisa.

- Diga - pedi.

- É que recebi uma proposta para trabalhar no batalhão do Rio Grande do Norte. Já havia decidido não me apresentar e ficar aqui em São Paulo mesmo. Mas, depois de ontem, e se eu perceber que não há solução para nós, não faz sentido eu ficar aqui. E no Rio Grande do Norte estou mais próximo da minha família, talvez seja bom para mim e Gabriel.

- Você já decidiu ir?

- Tenho até o dia trinta deste mês para me apresentar. Portanto, vou esperar até esse dia para partir, e não falta muito. Vou aguardá-la até a hora do meu voo, que é o prazo-limite para minha apresentação lá. O voo para Natal sai às onze horas da manhã, e, caso não apareça, vou embora sem olhar para trás, e não pretendo mais voltar. Apresento-me no batalhão e depois só venho pegar minhas coisas aqui para morar de vez em Natal. Faço isso porque entendo muito bem a sua dor, por experiência própria. Nós dois perdemos pessoas que amávamos e não é fácil superar. Por isso, acho que preciso, sim, dar um tempo a você. Você tem razão, fui rápido demais, mas fui movido por amor, acredite. Sinto que você

precisa desse tempo, minha querida, e quero dá-lo a você. Não vou ligar, não vou mandar mensagem, não vou até a loja, vou ficar longe. Mas, se decidir que quer ficar comigo e Gabriel, fico aqui e vamos tentar.

– Obrigada, Victor. Isso é muito mais do que mereço. Você é maravilhoso, meu querido, e deve me achar uma maluca por tudo isso.

– Não. Adoro tudo em você, Yasmin, até as suas maluquices – ele disse, pegando minhas mãos, e eu sabia que era uma despedida. Victor havia achado uma forma bonita de dizer adeus. – Se isso a deixa mais conformada, não sou menos maluco do que você, pois sou o rei da bizarrice – falou e sorriu para mim, um riso leve, depois continuou: – Não é qualquer pessoa que leva flores toda semana para a mulher morta, uma flor para cada dia da semana; que conversa com ela e que às vezes pensa que ela está viva. Então, acho que ganhei de você nesse quesito. – Sorriu de novo. – Fique bem, Yasmin, e me prometa que vai se cuidar. Vou ficar com saudade, sabe disso, não sabe?

– Sei. – Sorri em resposta, mas um sorriso triste. – Eu também vou pensar muito em você, o tempo todo. – Senti que era isso que ele queria dizer, e me emocionei nesse momento, ficando com os olhos cheios de lágrimas.

– Não chore, porque assim não vou conseguir partir.

– Está bem, não vou chorar. Se cuida, querido – falei, e ele tocou meus lábios com os seus. Quase pedi que ficasse comigo, que não fosse embora, mas não o fiz. Mesmo sentindo que o amava, deixei que ele se fosse.

– Vou ficar esperando você – disse, levantando-se da cadeira. – Eu te amo. – Passou seus dedos em meus olhos molhados, beijou meus cabelos e partiu.

Eu não me levantei; estava estática, paralisada. Estava deixando-o partir sem nada fazer, deixando o meu amor ir embora.

Depois de um minuto, comecei a chorar. Coloquei os óculos escuros, cumprimentei os funcionários e saí.

Fui direto para casa, mas desta vez quis conversar com alguém e liguei para Mel.

– Preciso de você, minha irmã – disse, assim que Mel atendeu o celular.

– O que aconteceu, Yasmin?

– Eu o deixei partir, Mel. Não suportaria perdê-lo, então o deixei partir – eu disse, chorando.

– Onde a encontro?

– Estou em casa.

– Estou indo aí.

Conversar com Mel foi bom, ela sempre tinha as palavras certas. Depois de me ouvir, disse que eu precisava, sim, do tempo que Victor me dera. Falou que tinha sido muito bom da parte dele se afastar um pouco, e pediu que eu desse tempo a mim mesma, à minha mente. Mel achava que eu estava cansada, mas que logo encontraria as respostas e saberia o que fazer.

Talles acreditava sinceramente que isso era apenas o começo de uma nova história, não o fim.

– Se ele estiver no seu destino, acredite, Yasmin, os caminhos de vocês vão se cruzar de novo e será definitivo – disse Talles, absolutamente convicto. – Vai ser o começo da história de amor de vocês, mas na hora certa, sem amarras.

Eu não tinha como saber se seria assim e ainda não sabia o que fazer, mas aceitei o tempo que me fora dado; precisava dele.

• CAPÍTULO 33 •

SOU LOUCA POR VOCÊ

*Io sono qui
Come te
Con questa paura d'amare per
Due minuti, due ore o un'eternità.*

*["Estou aqui
Como você
Com este medo de amar por
Dois minutos, duas horas ou uma eternidade."]*

– Laura Pausini e Raf, “Due”.

Depois que deixei Victor ir embora, meu coração se despedaçou, e a saudade me corroía a todo instante. Mas sabia que precisava dar tempo ao tempo, não só por mim, mas por ele principalmente – tempo para ele saber se queria deixar tudo para trás, como fiz um dia, e recomeçar em um novo lugar. Precisava dar essa chance a Victor, e talvez fosse sua melhor chance.

Não foram dias fáceis; lembrava-me dos dois quase a todo minuto, da doçura de Gabriel, do seu riso de criança, que enchia o ambiente de alegria, e me lembrava também da noite de amor que eu e Victor tivemos. Naquela noite, algo inesperado aconteceu, já que conseguimos nos entregar plenamente um ao outro e perceber que nos amávamos, mesmo com tantas lembranças do passado. Sabíamos que o que nos unia era um sentimento muito forte.

Fiquei dispersa durante todo o resto da semana, sem conseguir me concentrar em nada, diferente do que vinha acontecendo há anos, entregando-me inteiramente ao trabalho, para não ter que pensar muito. Muitas vezes peguei o telefone para ligar para Victor, na intenção de pedir que ficasse, para que tentássemos seguir em frente juntos. Queria dizer, sobretudo, que o amava profundamente, mas nem isso eu conseguia fazer; então desistia, largando o celular antes mesmo de fazer a ligação.

Victor também não ligou, nem escreveu, nem apareceu, como me havia prometido. Na véspera do dia da viagem, eu já estava morrendo de saudade, mas sentia que não devia mais influenciar a vida dele, as decisões que tinha que tomar, principalmente por causa da felicidade do filho. Estava na hora de deixá-lo partir e de continuar sozinha, como havia sido nos últimos anos.

Mel e Talles também não queriam mais influenciar minhas decisões; achavam que eu encontraria uma resposta. Diziam que era o meu futuro que estava em jogo e que eu precisava fazer minhas escolhas, que só eu podia fazer isso. Apenas me ouviam, mas não opinavam, embora soubesse que eles torciam para que eu escolhesse pedir a Victor que ficasse em São Paulo.

Naquele mesmo dia, já à noite, recebi a visita de Talles em minha casa. Ele estava preocupado, sabia que eu precisava de uma força.

– Você deve me achar ridícula, com tantos medos e dúvidas – disse a Talles na mesa de jantar de minha casa, enquanto eu fazia

uma refeição leve, antes de ir para a cama.

- Não, Yasmin, você sabe que não. Acompanhei sua vida, e esses últimos anos não foram fáceis. Sei das suas dores, dos seus medos, que não são infundados. E sei também que está pensando mais nos dois do que em si mesma; quer que Victor tenha a chance de recomeçar, mas de outra forma, uma forma mais leve, talvez. Embora eu não compartilhe da mesma opinião, já que penso sinceramente que vocês estão destinados um ao outro, compreendo o que se passa em seu íntimo e não vou questionar, só oferecer meu apoio.

- Juro que não pensei que fosse doer tanto deixá-lo partir.

- É porque você o ama, e esse amor, que teme pelo sofrimento do outro, é um amor altruísta e um dos mais belos, porque é desinteressado.

- Algum conselho para essa amiga chorona? Sei que não quer opinar, mas você é muito sábio, querido, e gostaria de ouvir uma palavra sua, uma palavra para acalmar meu coração. - Talles então pegou minha mão, virando-se para mim, e puxou a cadeira em minha direção, para ficarmos de frente um para o outro.

- Sim, minha amiga querida, quero que faça algo que talvez a ajude, pois funciona comigo. Antes de dormir, apague as luzes, sente-se na cama, feche os olhos e respire fundo algumas vezes, para relaxar e deixar o ar passar livremente pelos seus pulmões. Deixe a mente descansar um pouco. Depois, peça ao Criador que acalme seu coração durante o sono e que, se possível, mande respostas. Quero que pense no que você gostaria de saber pela manhã, e, ao acordar, vai se sentir melhor e, talvez, saber qual o caminho a seguir.

- Obrigada, meu amigo. Eu te amo.

- Eu também te amo - disse, depois me abraçou e foi embora.

Mel estava ocupada com as reformas na sua nova casa, mas, mesmo assim, apareceu para me dar um beijo e dizer que apoiava

minhas decisões. Disse que estaria comigo fosse qual fosse minha escolha, que eu não estaria sozinha.

Mamãe me levou o seu chá delicioso em meu quarto, antes de eu dormir. Beijou-me o rosto, desejando boa-noite, e saiu, sem nada dizer.

Seguindo os conselhos de Talles, meditei um pouco antes de me deitar, pensando que queria me conformar com a decisão que tomaria e pedindo paz. Mas pedi, sobretudo, pela felicidade de Victor e Gabriel. Deitei-me na cama e dormi logo em seguida, deixando minha mente vagar em sonho.

Enquanto dormia, tive o mesmo sonho que já havia sonhado antes: eu encontrava Sam em uma praia, todo de branco e sob a luz de um lindo pôr do sol.

Com as sandálias na mão, caminhando pela areia, eu o via sentado próximo ao mar, e ele olhava para mim, sorrindo. Sam estava lindo e completamente em paz.

– Venha aqui, meu amor – chamou ele. – Vamos ver o pôr do sol juntos, pois preciso falar com você.

Aproximei-me dele, jogando as sandálias na areia e o abraçando em seguida pelas costas. Ele segurou minha mão, pedindo que eu me sentasse a seu lado, e eu fiz isso.

– Oi, meu querido – disse, passando a mão em seus cabelos, depois olhando em seus olhos. – Sinto saudade, Sam. – Abracei-o de novo, nós dois sentados na areia. – Você está bem?

– Sim, estou em paz, mas minha paz também depende da sua, por isso estou aqui, porque sinto que você busca respostas, respostas que acalmem o seu coração.

– E você tem essas respostas?

– Não, mas você as tem, Yasmin, e sabe disso, só está com medo.

– Talvez você tenha razão. O que eu faço?

– O que seu coração está pedindo... Mas antes quero perguntar uma coisa.

– O quê?

– Sei que sofreu muito quando parti, Yasmin, mas, se soubesse que isso iria acontecer, preferiria não ter me conhecido? Preferiria não ter vivido nosso amor, ainda que tenha sido por pouco tempo? Abriria mão dele, se soubesse?

– Nunca! – exclamei, reconhecendo que ele tinha razão, que era melhor ter vivido o amor, ainda que fosse por pouco tempo. – Viveria tudo de novo, para estar ao seu lado, ainda que por pouco tempo. Jamais abriria mão do nosso amor.

– Eis aí sua resposta, então. Você só precisa ter coragem de enfrentar e aceitar a felicidade que a espera. Viva essa nova história. Não deixe o amor morrer em sua vida. Seja feliz e o faça feliz. Sei que pode fazer isso. Você sente em seu coração que pode, só tem que ser forte. Viva esse amor, ainda que por um minuto. Um minuto de amor verdadeiro, mas plenamente vivido, sempre será uma eternidade. Não importa se vocês serão separados, como nós fomos um dia; não há como saber isso. Mas é possível viver de modo pleno esse amor, pelo tempo que for permitido; só faça esse tempo eterno. Você o ama, e isso é o que importa de verdade.

– Sim – confirmei, e ele sorriu de novo; estava feliz.

– Permita-se ser amada também. Não o deixe partir. – Sorri de volta, agradecendo.

Novamente, o sol iluminou Sam por inteiro e ele começou a desaparecer.

– Não vá embora, Sam...

– É preciso, meu amor. Mas serei sempre uma doce lembrança para você.

– Você vai ficar bem?

– Agora, tenho certeza de que sim – disse ele, e beijei seu rosto iluminado.

– Acho que preciso ir, então.

– Sim, eu sei, e precisa correr.

Levantei-me da areia, peguei as sandálias no chão e voltei a olhar para Sam.

– Sempre vou amar você – falei, me despedindo.

– Eu também. Agora, vá. Está na hora. – E eu comecei a correr sob a luz do sol.

Acordei ofegante e consultei o relógio. Era um sábado, já passava das oito horas, e sabia que precisava correr ao encontro do meu amor, antes que fosse tarde demais.

– O voo de Victor é o das onze horas. Ainda dá tempo – pensei alto, já animada com o que precisava fazer.

Levantei-me apressada da cama, escovei os dentes, tomei banho rapidamente e me vesti, já pegando o celular para ligar para Victor. Queria pedir que me esperasse, dizer que precisava falar com ele.

O aparelho dele estava desligado, então enviei uma mensagem, deixando também uma outra para Talles, que dizia: “Estou passando aí. Preciso da sua ajuda”. Depois, desci as escadas correndo e encontrei Mel na sala.

– Aonde você vai com tanta pressa, Yasmin? – perguntou ela, segurando minha mão quando passei pelo último degrau da escada.

– Tentar impedir que Victor viaje, antes que seja tarde – disse.

– Você está tremendo, minha irmã. Eu vou com você; posso?

– Sim, mas temos que pegar Talles. Eu gostaria que ele fosse também.

– Deixe que eu dirijo – disse ela. Joguei as chaves do carro em suas mãos e saímos apressadas.

Minutos depois, chegamos ao apartamento do meu amigo, que já me esperava com a porta aberta.

– Qual é a missão? – perguntou ele, bem-humorado, mas já sabendo a resposta.

– Cupido – eu disse rindo. – Preciso impedir Victor de viajar, me desculpar com ele e dizer que o amo.

– Então, precisamos correr – falou ele, olhando para dentro do apartamento, de onde ouvimos Suzana dizer algo.

– Esperem por mim! Eu também vou. – Rimos juntos.

Saímos todos correndo, descendo os vários lances de escada às pressas.

Na rua, entramos em meu carro, com Talles e Suzana no banco traseiro e Mel ao volante.

– Acelera, Melissa! Não podemos deixar nossa irmã perder esse amor – disse Talles.

– É pra já! – respondeu Mel, cantando os pneus no asfalto.

A vila onde Victor morava não era longe, mas o trânsito de sábado da cidade não ajudava muito, e o tempo estava passando.

Já eram quase dez horas quando Melissa estacionou na frente da casa dele. Saí do carro correndo, e todos me seguiram. Cheguei em frente ao portão e vi o carro dele na garagem, mas tudo estava trancado. Lembrei que Victor não costumava trancar o portão da frente. Toquei a campainha, e nada; ninguém respondeu, só silêncio. Chamamos pelo nome dele, mas também ninguém respondeu. “Com certeza, já saiu. Cheguei tarde”, falei para mim mesma.

Continuamos chamando, até que um vizinho ouviu o barulho e saiu de casa para falar comigo.

– Victor não está em casa – disse o homem. – Saiu em um táxi há poucos minutos com o filho, e levando malas. Acredito que foi para o aeroporto.

– Então, é para lá que vamos – disse Talles, agradecendo pela informação. Mel seguiu para dentro do carro, e eu fiquei meio paralisada, devido à tensão.

– Vamos, galera! O que estamos esperando? Precisamos parar um avião – disse Mel, vendo-me parada ali. Todos entramos correndo no carro.

Mel dirigiu o mais rápido possível para chegarmos logo ao aeroporto. Mas o tempo se esgotava, e eu não estava certa de que ainda encontraria Victor. Meu coração batia na boca, por medo de perdê-lo. Mas, depois de quase uma hora de correria no trânsito, com minha irmã enlouquecida na direção do veículo, enfim chegamos ao aeroporto, e ela parou em frente à área de embarque.

– Corram! – disse Mel, assim que parou o veículo. – Vou estacionar o carro e encontro vocês lá dentro.

Saí correndo pelo aeroporto, com Talles e Suzana atrás de mim. Não via nada na minha frente; só tinha o desejo de encontrar Victor na multidão.

Olhei ao redor enquanto corria, vendo que seria impossível encontrá-lo ali, com tanta gente passando. Então, decidi procurar o portão de embarque nacional, perguntando aos funcionários do aeroporto onde ficavam as pessoas que pegariam o voo das onze horas para Natal.

Depois de alguns minutos, localizei o portão e corri em sua direção, parando ofegante para falar com a atendente bem diante da entrada de embarque. Estava quase sem fala por causa da correria, por isso tive que respirar algumas vezes, antes de conseguir articular as palavras.

– Por fa-vor? – perguntei, arfante. – Onde estão os passageiros que vão para Natal?

– O voo para Natal já decolou, senhora – disse a atendente.

– Tem certeza? Não tem outros voos saindo para Natal?

– Nesse horário, não. Sinto muito – disse a moça, já dando atenção a outra pessoa.

– Chegamos muito tarde, amigos – falei, e Talles me abraçou.

– Você pode ligar para ele, Yasmin. Peça que desista de tudo. Tenho certeza de que ele fará isso. Victor também a ama.

– Não posso fazer isso, Talles. É a vida dele, o trabalho dele; não é tão simples assim. Ele assumiu um compromisso e já me deu tempo

demais. Não fui nada inteligente, o fato é esse. Eu o deixei partir e preciso aceitar as consequências dos meus atos. Vamos? Não temos mais nada a fazer aqui – pedi, sentindo meu coração afundar de tristeza.

Quando saímos do aeroporto, quis ir para a floricultura. Mel deixou Talles e Suzana no apartamento deles e depois me deixou em frente à loja, seguindo sozinha para casa.

Entrei na loja de cabeça baixa, triste por ter sido injusta com Victor, por tê-lo deixado esperando por tanto tempo. Não queria falar com ninguém; só segui para o interior da loja, sem dar sequer atenção à Lorena, que falava comigo.

– Yasmin, espera, tem...

– Agora não, Lorena, depois – disse, interrompendo-a, e entrei na estufa.

Mas, quando levantei a cabeça, meu coração acelerou de repente ao ver parado, no meio das flores, Victor, que me fitava com um olhar profundo. Olhava bem dentro dos meus olhos, como só ele sabia fazer, enxergando meus sentimentos, minha alma, que, naquele momento, era só saudade e a imagem do mais puro amor.

Fiquei surpresa com a presença dele ali, mas tão feliz e tão aliviada também, que comecei a chorar ao vê-lo diante de mim e perceber que não havia viajado. Corri ao encontro dele e me joguei em seus braços.

– Se soubesse que seria recebido assim, teria vindo antes – disse ele, abraçando-me com mais força e sorrindo, claramente aliviado também e cheio de saudade.

– Pensei que tivesse ido embora... – falei, soluçando, mas feliz por estar com Victor, por poder falar com ele e dizer o que sentia. – Fui ao seu encontro, no aeroporto, mas não consegui encontrá-lo. Pensei que já tinha partido.

– Não antes de falar com você, meu amor – disse ele, me libertando de seu abraço, mas não por completo. Depois, enxugou

as minhas lágrimas com uma das mãos e ficamos olhando um para o outro.

– Onde está Gabriel? E sua bagagem... – Não estava entendendo totalmente a situação, ainda estava confusa.

– Gabriel está com dona Rosa, foi ver Romeu – ele explicou. – As bagagens, Lorena as guardou para mim, acho que atrás do balcão – complementou, sorrindo, e continuou: – Eu quis esperá-la aqui, porque preciso muito falar com você uma última vez, Yasmin. Preciso dizer o que sinto por você antes de partir.

Victor dizia exatamente o que eu também pensava, pois desejava falar com ele sobre meus sentimentos, ainda que fosse pela última vez.

– Desculpe, Victor, eu não devia...

– Espere, me deixe falar. – Eu fiquei em silêncio. – Yasmin, eu também não sabia se estava pronto para amar de novo, não sabia se era capaz de fazer alguém feliz, porque estava infeliz. Mas eu estava errado, e isso ficou muito claro nesta semana sem você. Foi a pior semana da minha vida, acredite. Estava angustiado, ansioso; minha vida ficou um inferno sem você. Então, percebi o quanto a amava, o quanto você significa para mim, o quanto me faz feliz. Por isso, quero que me dê a chance de fazer você feliz também. Achava que não podia mais amar de novo, mas isso é uma mentira, uma mentira sem tamanho, porque a amo, desesperadamente; eu a amo de todo o meu coração...

– Eu só tive medo de ser feliz, Victor – interrompi. – Achava que não aguentaria se perdesse mais uma vez a pessoa que amo – falei, e Victor abriu mais os olhos, percebendo que eu declarava meu amor, e não me deixou continuar falando; beijou-me... com paixão, ali mesmo, cercados de flores. E, pela primeira vez em anos, eu me senti completamente em paz, amada, protegida e segura nos braços dele. – Eu amo você, Victor, amo muito você – eu disse, entre beijos.

- Diga de novo, para que eu tenha certeza de que não estou sonhando - pediu, com os lábios nos meus, sorrindo de leve.

- Eu te amo, eu te amo, eu te amo... Sou louca por você, Victor... - disse, repetidas vezes, parando de beijá-lo e olhando profundamente em seus olhos. - Um amigo me disse que não importa se vou viver esse amor por apenas um dia, um ano ou por toda a vida. O que importa de verdade é vivê-lo plenamente, pelo tempo que nos for permitido.

- Acho que fomos uns bobos, então... Não devíamos ter esperado tanto - disse ele, tocando meu rosto, segurando minha nuca, já quase me beijando mais uma vez.

- Não vamos esperar mais.

- Não, não vamos. - Ele me beijou com intensidade, por longos minutos. Depois, me levantou em seus braços, girando-me entre as flores. Nessa hora, Gabriel entrou correndo na estufa, abraçando-nos e dando gargalhadas, e nós nos abaixamos para falar com ele.

- Então vamos ficar, papai? - perguntou Gabriel.

- Sim, filho, vamos ficar. - Nós três nos abraçamos, felizes e aliviados.

Victor pegou Gabriel no colo, depois pediu a minha mão, entrelaçando nossos dedos, e sentimos que a partir dali estávamos juntos, decididos a tentar. Depois, olhou-me com olhos cheios de amor, e retribuí o olhar na mesma intensidade, para que tivesse certeza de que também o amava muito.

Estávamos prontos para recomeçar. Não sabíamos quanto tempo ficaríamos juntos, se um dia, um mês ou pela eternidade, mas estávamos seguros do sentimento que nos unia e dispostos a fazer de cada minuto desse amor um amor eterno.

• EPÍLOGO •

DOIS CORAÇÕES

*Sem me falar
li no seu olhar
você sempre esteve em mim, hoje eu sei
por uma razão maior
a vida nos juntou
para sempre unidos no infinito amor.*

– Jorge Vercilo e Jota Maranhão,
“Infinito Amor”.

Naquele mesmo dia, almoçamos todos juntos em minha casa, Victor, eu, Gabriel, mamãe, Talles, Suzana, Mel, Jorge, Ben e Theo, com mamãe animadíssima preparando o almoço, feliz com nossa casa cheia, repleta de amor e de vida.

Gabriel logo se entendeu com meus sobrinhos, e a maior preocupação dele naquele momento era saber se poderia levar Romeu para casa. Era gratificante ver Gabriel feliz, descontraído e sorrindo. E mais gratificante ainda era ver o pai dele radiante,

olhando-me a todo instante, cheio de desejo – e eu fazia questão de deixar claro que sentia o mesmo.

– Vocês deviam ir logo para casa – disse Mel, no meu ouvido. – O jeito como ele olha para você, Yasmin... Deviam resolver isso logo – continuou, abrindo um sorriso malicioso –, nos braços um do outro. – Apenas sorri para ela, concordando.

Depois do almoço, pedi a Jorge que levasse Victor e Gabriel para casa. Eu e Victor nos despedimos com beijos carinhosos e recatados, mas, por dentro, estávamos sedentos um do outro. Desejávamos muito ficar juntos, mas a sós. Decidi ir à casa dele um pouco mais tarde, pois precisava fazer algo antes, e Victor entendeu minhas necessidades, apenas deixando claro que estava com saudade.

– Não demore – disse ele, com os olhos nos meus, depois dos nossos beijos apaixonados diante da minha casa. – Preciso de você em meus braços – concluiu sorrindo, e eu sabia exatamente o que ele desejava, pois eu queria o mesmo. Nossos corações ansiavam por um reencontro, ansiavam por amar.

Quando todos se dispersaram, segui para meu quarto, abri a gaveta da cômoda e por um instante fiquei observando meu caderno, já velho e intocado há bastante tempo. Ele nunca havia saído dali, sempre como uma sombra, e percebi que era hora de dizer adeus.

Peguei o caderno em minhas mãos e o folheei, revendo as páginas manchadas pelas minhas lágrimas.

– Obrigada – eu disse, falando de novo com o caderno, como fizera anos antes. – Obrigada por ter me ajudado durante todos esses anos. Nunca vou esquecer-lo, mas sinto que precisamos nos despedir. Então, adeus, meu querido. – Eu sabia que não falava exatamente com o caderno, mas com Sam, agradecendo por nunca ter me abandonado, tal como me prometera.

Fechei o caderno e saí do quarto com ele na mão, à procura de Mel. Havia decidido que ela era a pessoa certa para ficar com ele.

– Tem certeza, Yasmin? Ninguém precisa saber dos seus sentimentos; você pode apenas guardá-lo.

– Sim, Mel, quero que o caderno fique com você. Se não quiser ler o que escrevi, só guarde-o para mim; acho que preciso me desligar dele. Talvez ele possa ajudá-la com algum cliente seu, você pode estudá-lo, se preferir. Bem, é seu. Só queria agradecer por ter me presenteado com ele anos atrás. Por ter me ajudado durante tanto tempo a caminhar e a me levantar quando caí. Sinto que já posso caminhar sozinha. Então, obrigada, minha irmã.

– Sim, você já pode, e isso me deixa muito feliz – disse Mel, me abraçando com lágrimas nos olhos, mas agora lágrimas de emoção pela minha melhora. Minha irmã estava alegre por eu ter encontrado as respostas de que precisava, decidindo enfrentar meus medos para tentar ser feliz de novo.

Depois da conversa com Mel, segui apressada para a casa de Victor; precisávamos muito ficar juntos. Estava louca de saudade dele, queria estar em seus braços.

– Amo você, Yasmin! – disse Victor, enquanto nos amávamos com paixão, cheios de desejo, saudade, e plenos de amor.

– Eu também amo você.

Aquela nossa primeira noite de amor, depois de quase termos nos perdido um do outro, foi muito especial. Dormimos bem juntinhos, abraçados de conchinha. E, na manhã seguinte, acordamos juntos; não fugi.

Algumas semanas depois, Mel se mudou para sua nova casa, e Victor e eu decidimos morar juntos. Ele e Gabriel se mudaram para o casarão, e Gabriel enfim conseguiu ter Romeu em sua casa.

Nas férias do meio do ano, fui conhecer os pais de Victor, na Taíba, mas antes quis passar em Ipu e levar flores para colocar no

túmulo de Sam e do nosso filho. Achei que nunca conseguiria fazer isso, mas, com o apoio de Victor, consegui. Era bom poder viver de uma forma mais leve.

Victor também continuou visitando o túmulo da esposa, mas não com a mesma frequência de antes, pois estava disposto a também levar a vida com mais leveza. E, quando ia ao cemitério, eu aproveitava para falar com dona Isolda, contar como estava a minha vida.

Juntos, como seria dali para a frente, eu e Victor decidimos que sempre visitaríamos nossos mortos com respeito, gratidão e amor, mas com nossos corações tranquilos, sem as dores do passado.

E, diante de um lindo nascer do sol em Taíba, olhando para o mar, apreciando o balé das jangadas na água, num clima de puro romantismo, fizemos juras de amor.

– É lindo este lugar – eu disse, admirando, abraçada a Victor, o dia claro e o mar azul, deixando a água tocar nossos pés descalços, enquanto Gabriel catava conchinhas na areia da praia.

– É, sim – respondeu Victor, beijando meu pescoço. – Sempre gostei do mar, especialmente deste lugar. Mas, agora, com você e Gabriel aqui comigo, tem sido ainda mais especial...

– Posso saber por quê? – interrompi.

– Porque você me faz muito feliz, Yasmin. Sabe, quando o meu coração encontrou o seu, eu me encontrei, meu amor, porque antes estava perdido, e o nosso amor me fez achar o caminho de volta. Eu a amo muito, nunca se esqueça disso.

– Não vou esquecer – eu disse, virando-me de frente para ele com um sorriso. – Mas não me importo se você ficar me lembrando disso o tempo todo.

– Quer dizer que você gosta de me ouvir confessar meu amor por você? – indagou, tocando meus lábios com os dele.

– Muito, gosto muito.

- Então, acho melhor satisfazer os desejos da mulher que amo. Eu te amo, Yasmin... hoje, amanhã, daqui a um mês, um ano... e para todo o sempre, eternamente - disse ele, beijando-me com paixão e me deixando toda arrepiada. Sorri em seus lábios.

- Eu também te amo... para sempre.

Depois da fase mais difícil da minha vida, nunca achei que pudesse me apaixonar de novo e amar tanto assim. Mas amei... amei perdidamente. E cada dia com Victor ao meu lado era vivido com intensidade, a cada dia um novo aprendizado. Estávamos aprendendo a buscar a felicidade mais uma vez... juntos.

Agora, pensando em tudo pelo que eu e Victor passamos, para chegarmos até aqui ainda com fé no amor e na vida, apesar de toda a dor que vivemos, não é difícil concluir que encontramos no nosso amor um caminho para a paz. Quando me lembro da primeira vez que nossos olhares se cruzaram, percebo que já sabíamos, naquele momento, que nossos corações haviam se reencontrado, porque sempre pertenceram um ao outro. E nesse breve momento, de apenas um olhar, sabíamos que nos amávamos e estávamos ligados para sempre. Porque, quando dois corações se encontram, é assim: eles apenas se reconhecem. E todos os caminhos sempre levarão a esse encontro.

FIM

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Editora Jangada. Obrigada pela oportunidade que me foi dada de fazer parte dessa família literária. Obrigada a toda a equipe, pelo carinho e profissionalismo, em especial aos senhores Ricardo e Adilson.

Aos meus queridos leitores, que tornam essa caminhada de escritora mais gratificante e mais belo esse meu caminho. Obrigada pelos lindos depoimentos sobre meu primeiro romance, SÓ O AMOR PODE CURAR. As palavras emocionantes de vocês são incentivos à minha inspiração. Sinceramente, obrigada!

Às minhas amadas irmãs, Iris e Eliene. Obrigada pelo apoio incondicional nessa bela, mas difícil carreira. Obrigada pela cumplicidade que nos cerca, por sua paciência e amizade.

Ao meu sempre amigo, Ariston, e sua filha, a querida Clarice. Obrigada por estar sempre presente em minha vida e por ler tudo o que escrevo. Obrigada pelo apoio e carinho.

Aos meus queridos amigos, Charles, Sâmia, Fátima, Rosiane, Felipe, Talles, Rodrigo, Raphael Isaac e Maria Eugênia. Obrigada pela amizade maravilhosa de vocês.

Aos meus amigos do escritório. Obrigada a todos pelo apoio e carinho, em especial Heber, Alfran, Danúbio, Josélia, Diana e Silvia.

Ao casal Amarildo e Dulcinea. Obrigada pelo apoio especial.

Ao meu sobrinho, Victor Hugo. Obrigada por ter emprestado seu lindo nome ao meu personagem. Obrigada também pelo apoio.

À minha família. Obrigada pelo amor que temos uns pelos outros, que torna nossa vida mais doce e feliz. Amo vocês.

E obrigada especialmente a Deus, por sempre estar ao meu lado, guiar os meus passos e me manter no caminho do bem e do amor.